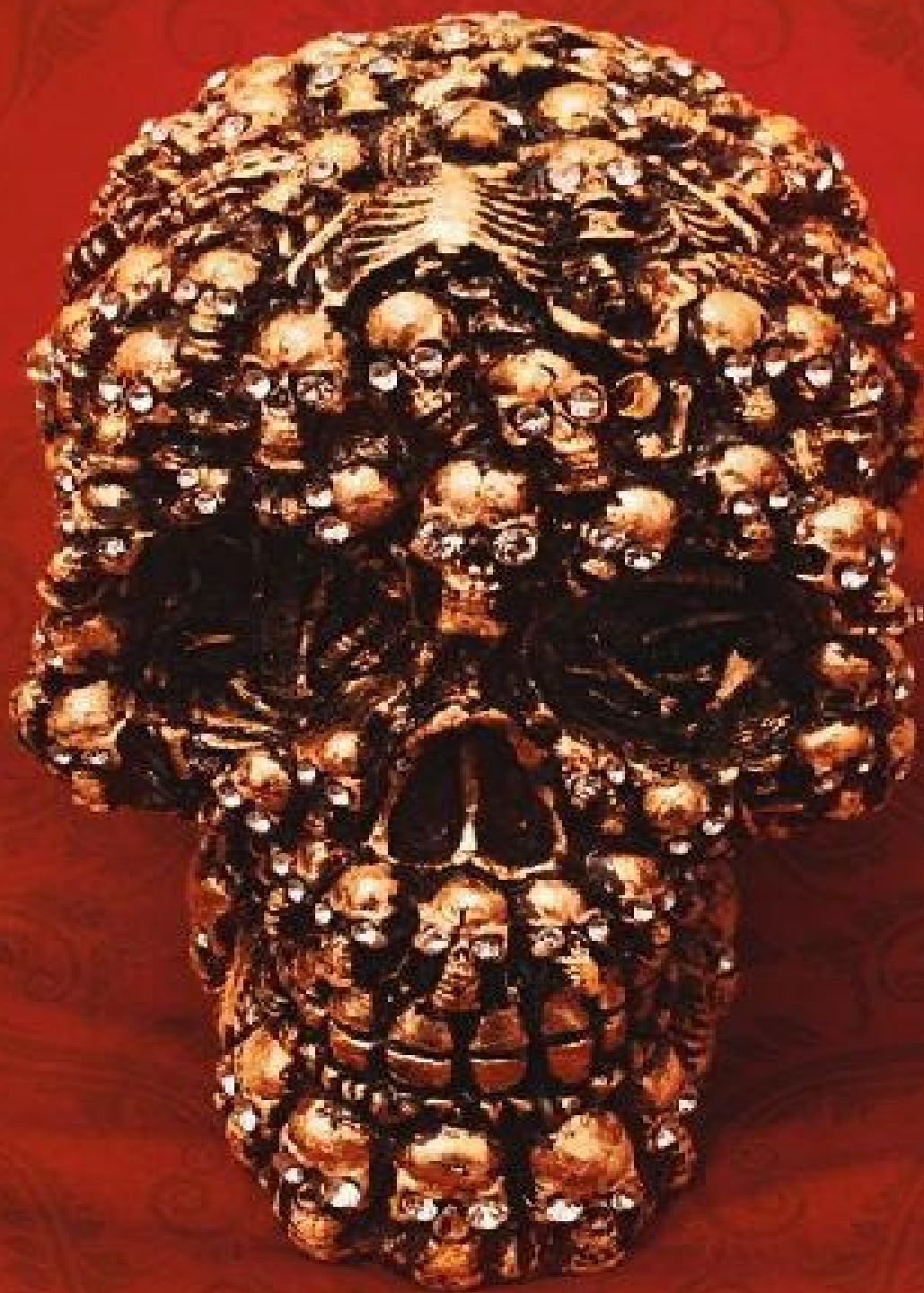




ALEXEY DODSWORTH

GLAMOUR



O amor é invencível nas batalhas.
Sófocles (496-405 a.C.)

Ato I
Tanathos

Faltavam vinte minutos para as dezesseis horas, quando uma voz ecoou nos alto-falantes do setor de embarque do aeroporto Santos Dumont, anunciando um atraso de meia hora no próximo voo da ponte aérea Rio-São Paulo. Leonor suspirou, remexeu com irritação o interior de sua abissal bolsa Louis Vuitton, voltou-se na direção de Nemy e resmungou o mantra de sempre:

“Só me faltava essa. A gente deveria ter usado meu avião particular.”

“Temos que ser discretas, minha criança. Você sabe disso”, respondeu Nemy.

Leonor nem tentou segurar a gargalhada e disse:

“Discretas? Olha só pra nós duas, queridinha! Uma velha careca acompanhada por uma drag queen! Não, Nemy. Seja lá qual for a impressão que a gente dê, ‘discretas’ decididamente não é um adjetivo aplicável.”

Nemy sorriu, abriu seu espelhinho de madrepérola, ofereceu-o a Leonor e disse:

“Eu acho você linda de qualquer jeito, minha criança. Mas, se você usasse sua peruca, pareceria menos estranha pra essa gente.”

“Se você tirasse a sua, idem, Nemy”, respondeu Leonor, quase rosnando.

Nemy não conseguiu conter a gargalhada de concordância e, com seu braço musculoso, envolveu Leonor. Ela estava magra e frágil, contudo ainda apresentava uma teimosa imponência em seu corpo, aquela rigidez usual que a tornava difícil de acolher. A repulsa de Leonor à fragilidade se mantinha ali, com sua marca indelével, mesmo na presença do câncer. Nemy massageou a musculatura tensa dos ombros de Leonor e disse:

“Seja lá como for, o ratinho branco serelepe que me persegue está farejando dinheiro, Leonor, não uma drag queen. Me desculpe por fazer você passar por esse desconforto.”

“Desconforto é o de menos, eu já estou acostumada”, respondeu Leonor, ajeitando a peruca loira em sua cabeça. “Meu medo é que você se atrase pro ensaio com as meninas.”

“O ensaio é à noite, minha criança. Ainda que o voo atrase, não há risco. Pare de se preocupar, apenas relaxe. Quer um chocolate? Vamos, não

faça essa cara, Leonor, pegue! Tem flor do sal, você adora!”

Mesmo irritada, Leonor resolveu aceitar o chocolate e parar de reclamar. Seu terapeuta tinha razão ao insistir que ela precisava aprender a não querer controlar tudo e a lidar com imprevistos de um modo mais relaxado. Não valia a pena desperdiçar seu curto tempo de vida com preocupações banais. Se as Iluminadas de Tanatheros fizessem um mau ensaio, isso dificilmente mudaria o resultado da performance. Ensaios costumavam ser redundantes para elas.

“Yeong-Seon aprendeu a tocar o saxofone?”, perguntou Leonor.

“Claro que sim. O que aquela menina não aprende?”

“Ela foi uma ótima aquisição. Vai me substituir bem.”

Nemy se virou para Leonor, fulminando a velha senhora com seus olhos sobrecarregados de rímel.

“Minha criança, você é insubstituível! Nunca, nunca mais repita um absurdo desses!”

“Nemy, agradeço a gentileza, mas eu não aprenderia a tocar saxofone em um ano, quanto mais em uma semana. Seon é espetacular.”

“Sim, ela é”, concordou Nemy, acariciando o duro e velho rosto de Leonor. “Mas ninguém pode substituir você, meu amor.”

Passaram o resto do tempo em silêncio e, nesse ínterim, Leonor enfiou mais morfina garganta adentro. Já havia ingerido três vezes a dose diária recomendada, mas estava pouco se lixando e nem Nemy fez menção de criticá-la. Com setenta e cinco anos e um angiosarcoma metastático terminal, a última coisa que Leonor precisava temer era uma overdose de analgésicos opiáceos. Se algo desse errado, mesmo assim daria certo e seria uma forma agradável de morrer.

No momento do embarque, Leonor se dirigiu para a fila preferencial com Nemy ao seu lado, segurando-a pelo braço. Mal entraram na fila, um senhor com algo em torno de sessenta anos se aproximou, franzindo as sobrancelhas para aquele casal improvável. Ele vestia uma camisa onde se lia “JAIRO VOLPI 2022” e se pôs a falar sem cerimônia, num tom de voz que garantisse a audição da fila inteira:

“A senhora eu entendo que esteja na fila preferencial, mas essa criatura aí do lado não tem nem quarenta anos!”, disse ele para Leonor, enquanto apontava para Nemy.

“Eu sou a acompanhante dela, minha criança”, disse Nemy, olhando

não para o homem, mas através dele, como se estivesse diante de algo feito de vidro.

“Não sou sua criança, sua bichona! Sou mais velho do que você! E eu estou falando com ela, não com você, ok?”

“Ora, mas que equívoco o meu!”, respondeu Nemy. “De fato, minhas crianças não votam em misóginos e homofóbicos viúvos da ditadura militar. Peço desculpas pela confusão.”

“Oh céus!”, resmungou Leonor, “Quando eu digo que é melhor usar o avião particular...”

“Acho que você deveria sair da fila preferencial, seu traveco. Sua amiga consegue andar muito bem sozinha”, disse o homem.

Nenhum dos outros passageiros esboçou reação que fosse, permanecendo entre concentrados em suas redes sociais e constrangidos pela cena. Um comportamento nada inesperado. Nemy já vira muita violência no mundo, sendo que a variante principal era, como usual, a inação diante de injustiças. Ela mesma já havia cometido este erro em um passado bem distante, mas ainda fresco em sua memória.

Havia também, é claro, a curiosidade que acompanha a inação. Com o canto do olho, Nemy percebeu que um adolescente os filmava enquanto o homem continuava a vociferar e a cuspir perdigotos. Antes que Nemy pudesse responder qualquer outra coisa que fosse, Leonor se voltou para o senhor e pediu, num quase sussurro:

“Me diga seu nome.”

“Rogério Dias de Oliveira”, respondeu o homem.

“Pois bem, Rogério Dias de Oliveira, preste atenção: acho que você deveria parar de nos incomodar. Também acho que você deveria ir pro banheiro, rasgar essa camisa ridícula, enfiar a cabeça na latrina e puxar a descarga várias vezes até o avião decolar. Tome fôlego de vez em quando, ok? Não quero que você se afogue.”

“Oh... Ok!”, respondeu o homem que, sem hesitar, saiu da fila e caminhou automaticamente na direção do banheiro, já rasgando a camisa.

“E VOTE NULO!”, gritou Leonor.

Nemy fez menção de que pretendia dizer algo, mas a amiga a interrompeu.

“Não brigue comigo! O idiota mereceu.”

“Eu não ia brigar, minha criança... Só ia dizer que a fila está andando,

preste atenção. Preciso de você concentrada.”

O comissário de bordo checou a carteira de identidade de Leonor Magalhães de Castro Andreotti, olhando para ela com a condescendência que costuma ser dedicada a pessoas com câncer. Era difícil para qualquer um comparar a imagem daquela senhora idosa, magra, de pele acinzentada, repleta de manchas roxas nos braços e peruca levemente desgrenhada na cabeça, com a Leonor na foto da carteira de identidade em toda a anterior exuberância de sua juba leonina dourada. Quem prestasse mais atenção, porém, se daria conta de que o câncer até podia ter levado embora a maior parte da beleza do corpo de Leonor, mas não sua altivez. A imponência orgulhosa estava ali, relampejando furiosa em seus olhos e ao menos isso permanecera intocado.

Dizem que o câncer é uma doença que nos faz mais humildes, mas tal fenômeno nem de longe se manifestara em Leonor. Ela estava, isso sim, mais indômita do que nunca e continuava a cheirar bem. Sempre soubera aplicar em si mesma a dose certa de Chanel Nº 5.

Na sequência, o comissário requisitou o documento de Nemy-Z. Leonor se adiantou, ofereceu a ele dois guardanapos de papel manchados com uma mescla de batom com chocolate e, então, declarou:

“Tome, esta é a carteira de identidade de minha amiga e esta é a passagem. O nome que está escrito aí é Maria da Silva. Está tudo certo, o senhor pode nos deixar passar.”

O comissário tomou os guardanapos sujos das mãos de Leonor, revirou-os como se estivesse lendo algo e respondeu, sorrindo:

“Bem vindas! Um bom voo para as senhoras!”

Uma vez dentro do avião, Nemy se voltou para Leonor e disse, segurando com ternura o queixo da amiga e amante:

“Entende quando eu digo que é impossível substituir você, minha criança?”

Leonor reagiu com um sorriso que quase ninguém além de Nemy teria o merecimento de testemunhar e disse:

“Desculpe, sei que ando amarga e sem paciência. São as dores. A morfina ajuda bastante, mas a cada dia eu percebo como o efeito fica mais fraco.”

“Minha criança, já falamos sobre isso tantas vezes...”, disse Nemy. “Não entendo por quê você não aceita minha ajuda.”

“Obrigada, mas esse tipo de ajuda eu não quero mesmo.”

“Leonor, pense bem”, insistiu Nemy, “nós poderíamos ter uma semana maravilhosa juntas. Poderíamos viajar, que tal? Sete dias de puro glamour em Veneza...”

“Glamour em Veneza, Nemy?”, interrompeu Leonor, segurando o riso amargo. “Francamente, você está pensando na Veneza de nossa época, mas aquilo ali já se foi! Acabou-se! Agora é só comida ruim, arte falsificada e turistas tirando uma selfie cafona atrás da outra!”

“Você está sendo injusta, minha criança. Veneza ainda é um escândalo, e é um ótimo lugar para se morrer. Poderíamos ficar na Giudecca, lá é mais tranquilo. Ou no Lido, que tal? Poderíamos alugar uma daquelas casas maravilhosas do Lido, longe do roteiro turístico...”

Leonor soltou um longo suspiro e passou a mexer no colar de pérolas, gesto clássico que traduzia sua crescente irritação, e respondeu:

“Nemy, a pós-modernidade é uma merda.”

“Lá vem você...”

“Não me interrompa, me escute! O mundo está em franca decadência. Lembra de quando tínhamos pratos de louça, talheres de prata e bobó de camarão servido nos voos da ponte aérea?”

“Lembro”, disse Nemy, rindo e girando os olhos. Já tinha ouvido esse mesmo argumento infinitas vezes.

“O que nos restou? O que nos restou?”, continuou Leonor, agitando as mãos. “Um saquinho de castanhas! Moles, ainda por cima! Não, não ria, Nemy! Eu estou falando sério! Não quero viajar pra canto algum, muito menos pra Veneza no outono! Prefiro morrer em casa, rodeada por meus gatos e minhas orquídeas!”

“Tudo bem, tudo bem. Em todo caso, já sabe, é só me pedir. Oh, veja, minha criança! Vê aquele garoto entrando?”, disse Nemy, apontando um adolescente que tinha acabado de embarcar. “O merdinha nos filmou. Já consigo imaginar o título do vídeo no YouTube. Algo como ‘traveca bate boca no aeroporto’.”

O rapaz passou pelo casal, evitando olhar para Nemy. Leonor o chamou, sorriu para ele e disse baixinho:

“Olá, menino. Apague o filme que fez da gente e tenha uma boa viagem.”

“Ok”, respondeu o garoto, sorrindo de volta enquanto deletava o

arquivo do celular.

Quinze minutos depois, o avião decolou. Muitos saquinhos de castanhas foram servidos aos passageiros.

Elas estavam, como sempre, moles.

2

Eram dezoito horas e quarenta e cinco minutos quando Diego Braga resolveu interromper o treino após a segunda série de oito arfantes repetições de cento e dez quilos no supino reto. Era uma vida de números a de Diego, uma vida que girava em torno de quantidade de repetições, de calorias, de gramas de proteína, percentual de massa muscular e centímetros do bíceps. Mas a dor de cabeça, que começara leve após o almoço, tinha se intensificado até um ponto em que mal lhe era possível se concentrar em suas meditações numerológicas.

“Minha cabeça tá explodindo, mano. Melhor parar por hoje”, disse ele para Ricardo, seu parceiro de treino.

“Porra, Di!”, queixou-se Ricardo. “Vai arregar por causa de uma dorzinha de cabeça, velho?”

“Não é uma ‘dorzinha’, porra! Tá doendo pra caralho!”

“Quem vai me ajudar no treino?”, choramingou Ricardo.

“Sei lá, mano! Fala com o Bruno ou com o Fábio!”

“Qual é, Di?! Aqueles dois frangos?”

“Isso mesmo Rick, aqueles dois frangos! Se é só pra te ajudar a fazer o movimento correto, qualquer um serve!”

“Qualquer um o caralho! Eles não aguentam meus pesos!”

“Nem tu aguenta, Ricardo! Taí o problema! Tu não quer que eu te ajude a só fazer o movimento, mano!”

“Como não?”

“Velho, tu mete uma porrada de peso, mais do que consegue carregar, e eu termino te ajudando demais na hora de levantar! Isso não adianta porra nenhuma, mano! Ponha um peso que tu consiga levantar sozinho, caralho!”, disse Diego, já se dirigindo para o vestiário e deixando Ricardo sem palavras.

Uma vez lá dentro, enquanto trocava de roupa, Diego foi abordado por Marcão, o homem das bombas, fornecedor favorito de esteroides na academia:

“E aí, mano? Tá precisando de oxandro?”

“Fala, Marcão! Nem tô, cara, mas valeu. Tô dando uma pausa e ciclando só com deca.”

“Porra, Di! Bomba de pobre?”

“Nem é, mano! Geral gosta de modinha, isso sim. Vê esse povo gastando o cu em ouro pra comprar GH? Essa porra só faz a pele ficar bonita. Nada é melhor que uma boa deca.”

“Bah! Falou o entendidão! Tá de boa, então.”

Ao terminar de ajeitar sua mochila, Diego deu um tapinha nas costas de Marcão e disse:

“Tô saltando, fera. A gente se bate amanhã.”

“Tenta acessar o grupo mais tarde. A galera marcou online pra ver o debate”, disse Marcão.

“Tamo junto! Tem debate presidencial hoje?”

“Tem sim, cara. Tô doido pra ver o Volpi enrabando todo mundo. Não vai ter pra ninguém.”

“Sei não, cara. Aquela tal de Carolina também manda bem”, disse Diego.

“Uma comunista de merda! Esquerdinha caviar!”, respondeu Marcão.

“Comunista? Ela é do PSDB...”

“E social democracia é o quê? Comunismo, porra! Tudo a mesma merda!”

“Pode ser, mano. Mas que ela já deu umas comidas de rabo no Volpi, deu. Eu mesmo já vi.”

“Di do céu, esqueci de comentar: falando em rabo, sabe quem tá como uma das assessoras do Volpi? A Vanessa, acredita? Um chegado meu que trabalha na campanha me disse que ela começa hoje!”

“Vanessa? Vanessa aquela bunduda daqui da academia? Ela tava mesmo sumida, nunca mais vi.”

“Cara, como uma puta gasta de cem reais conseguiu virar assessora do Volpi? Ela é burra pra caralho!”, disse Marcão.

“Será que o Volpi tá comendo?”

“Que nada, Di. Ela é bem gostosa, mas o Volpi é casado. E é evangélico.”

“Evangélica é a minha rola!”, disse Diego. “Aquele ali é o que precisar ser pra ganhar votos!”

“É, pode até ser, mas pelo menos não é corrupto, não é comunista e nem politicamente correto. Ele diz tudo o que pensa na cara!”, respondeu Marcão.

“É, dizer o que pensa ele diz mesmo”, concordou Diego. “Mano, o papo tá ótimo, mas vou indo. Tô com uma dor de cabeça zoadá.”

“Sério? Que merda! Vai lá, fera! Melhoras! Até mais tarde!”

Diego se despediu e saiu da academia, dando graças a Deus por morar a menos de quinhentos metros dali. A dor na cabeça era tão intensa que ele duvidava ser capaz de dirigir. No caminho, parou numa mercearia e comprou um quilo de caquis bem maduros, pois sabia que Rosana iria gostar. Desde que descobrira estar grávida, sua mulher passara a ter os tão famosos “desejos” e se tornara uma devoradora de caquis.

Ele, por sua vez, estava sem fome alguma. Já fazia um tempo que se sentia sem apetite, mas comia por pura reposição de combustível e sustentação da tão adorada massa muscular. Ao chegar em casa, porém, Diego foi surpreendido por uma mesa posta, cuja louça festiva prometia um lauto jantar à luz de velas. Se dependesse dele, tomaria um shake de cinquenta gramas de proteína e iria pra cama. Mas sua mulher tinha outros planos, pelo visto. Rosana estava sorridente e seu sorriso só aumentou ao ver os caquis.

“Di, que delícia! Obrigada, amorzão!”, disse ela estalando um beijo na boca do marido.

“Não sei como você gosta dessa fruta. Não tem gosto de nada”, disse ele.

“Tá brincando? Não tem fruta melhor! Tá tudo bem? Que cara é essa?”

“Dor de cabeça. Dói tanto, que vejo tudo borrado.”

“Você deveria ir no médico, é essa dor o tempo todo agora!”

Diego fez de conta que não ouviu, atirou a mochila numa poltrona e desabou sobre o sofá.

“Por que isso?”, perguntou Diego, apontando pra mesa finamente arrumada.

“Pra comemorar”, disse Rosana, enquanto fazia uma massagem de leve nas têmporas do marido. “Assim melhora?”

“Melhora um pouco”, mentiu ele, retirando as mãos dela. “Mas eu preciso tomar um banho quente, estou fedendo.”

Rosana disfarçava, mas estava preocupada de verdade. Nos últimos dois meses, Diego se queixava de enxaqueca dia sim, dia não. E hoje em especial ele parecia distraído, até mesmo um pouco tonto. Rosana o deteve, quando ele tentou escapar para o banheiro.

“Você não vai perguntar o motivo da comemoração?”

“Ah, sim”, respondeu Diego, como se recordasse algo que lhe tinha sido dito há dias, e não há apenas alguns segundos. “Vamos comemorar o quê?”

“É um menino!”, disse ela. “Fui ao médico hoje à tarde!”

Desde que seu marido entrara pela porta naquela noite, esta era a primeira vez que Rosana testemunhava um sorriso genuíno em seu rosto. Diego sorria com os olhos.

“Como assim? Já dá pra ver? Você mal entrou na décima segunda semana! Achei que só desse pra ver na décima terceira!”

“A médica disse que geralmente precisa de mais tempo mesmo, mas que, no meu caso, dá pra ver o pinto do menino. Ela não tem dúvidas.”

“Aha! Herdou o cacetão do pai!”, riu Diego, e Rosana o acompanhou.

Fazia bem um mês que ela não via o marido feliz. O cotidiano deles havia sido invadido por um mau humor constante e queixas de mal estar mais da parte dele do que dela. Para Rosana, parecia até que os dissabores da gravidez afetavam Diego e não ela. Naquele momento, era um alívio ver o marido rindo, ainda que o motivo da alegria fosse uma boa dose de orgulho machista graças ao pinto de um bebê. Qualquer riso, enfim, era melhor do que nada.

3

Às vinte horas e vinte minutos, hora exata em que Diego comemorava a genitália do filho, Vanessa Costa subiu as escadas da estação de metrô Trianon-Masp, saltando de dois em dois degraus e rindo sozinha. As alterações bioquímicas cumpriam o milagre prometido e Vanessa seria capaz de sair distribuindo abraços aleatórios pela Avenida Paulista, não fosse sua promessa de agir com a maior discrição possível. Sabia que precisava segurar a própria onda, ainda que seu desejo lhe tentasse a estampar a própria felicidade em um outdoor.

As cinco instruções de Nemy-Z martelavam em sua mente, e Vanessa

não decepçionaria a benfeitora. Um: aproveite a alegria, pois ela será imensa. Dois: controle a alegria, caso contrário ela controlará você e porá tudo a perder. Três: seja discreta e, caso algo dê errado, você não conhece nenhuma das Iluminadas de Tanatheros, *principalmente* Seon. Quatro: Vanessa, você tem sete dias. Nem mais, nem menos. Cinco: sua mente tentará iludi-la, fazendo-a crer que o efeito vai durar pra sempre, mas isso não é verdade.

“Não se deixe enganar, minha criança. Por mais que pareça, o glamour não vai durar”, disse Nemy há três dias, olhando Vanessa no fundo de seus olhos até então encovados.

A contagem regressiva já havia começado e os efeitos do dia terceiro eram espantosos. Se o dia segundo já havia sido espetacular, com o espelho oferecendo como reflexo uma beleza que Vanessa não lembrava de já ter possuído, o dia terceiro era como uma viagem incessante de cocaína. Há quanto tempo não se sentia tão repleta de vida? Fazendo um esforço de memória, Vanessa conseguiu lembrar de uma época sem cansaço, um tempo de pura e contagiante felicidade, quando viajou pelas praias do Nordeste com seus pais. Ela tinha, então, dezessete anos, a idade em que ingenuamente acreditamos nos “para sempre”. O mal da eternidade é que ela passa rápido.

“*Carpe diem*”, disse Nemy há três dias, enquanto Vanessa – entre tosses, espasmos e uma dor alucinante - bebia seu pequeno milagre. “Sei que é um clichê depois daquele filme dos Poetas Mortos, mas uma coisa que aprendi sobre clichês é que eles são profundamente reais. Aproveite os dias, minha criança, pois a partir de agora você tem sete.”

Seis.

Cinco.

E, amanhã, Vanessa teria apenas quatro.

“Vou fazer valer. Vou fazer valer e o mundo vai lembrar pra sempre de Vanessa Costa”, pensou ela, sentindo ondas elétricas subirem e descerem por sua coluna. Não estivesse viajando tanto nos efeitos eufóricos de sua própria bioquímica, Vanessa teria percebido aquele cheiro familiar muito antes de o médico se aproximar.

“Vanessa?!”, chamou uma voz assustada atrás dela. Ela se voltou e, por três segundos, ficou paralisada sem saber como reagir. Considerou fugir correndo, considerou mentir e dizer que não era ela. Ao invés disso, Vanessa apenas respondeu:

“Oh! Oi, doutor Adriano! Que susto que o senhor me deu!”

“Vanessa? Vanessa Costa?!”, ele repetiu, com os olhos tão arregalados que pareciam prestes a cair das órbitas.

“Tudo bem com o senhor?”, disse ela, oferecendo um sorriso amarelo de dentes perfeitos. Perfeitos até demais.

Adriano apertou a mão de Vanessa sem conseguir disfarçar o próprio espanto, escrutinando a moça de alto a baixo. Quase gaguejando, ele perguntou:

“Mas como... Você está ótima, Vanessa! Eu mal te reconheci! É você de verdade?! O que aconteceu?”

“Bem... Eu melhorei!”, disse ela, fazendo menção de que estava apressada e seguiria caminho. Mas Adriano Ribas, médico do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, pôs as duas mãos nos ombros de Vanessa com firmeza e sustentou a conversa:

“Eu estou vendo! Mas melhorou como? Meu Deus! O que você fez?”

Era preciso muito cuidado nesse momento. Um passo em falso estimulando pela empolgação, e Vanessa poria tudo a perder.

“Tratamentos alternativos, cogumelos do sol e uma dieta experimental. Mas meu terapeuta holístico me disse que meu caso é uma exceção”, respondeu ela. Apesar de sempre ter sido uma ótima mentirosa, Vanessa sabia que essa seria uma história bem difícil de engolir.

“Cogumelos do s... Vanessa, desculpe, não é possível! A gente se viu mês passado, você estava pesando uns quarenta quilos, mal conseguia andar! Achei que você estivesse fazendo quimioterapia!”

“É como eu disse, eu melhorei. Sem quimio. Estou me alimentando direitinho agora.”

“Eu nunca vi uma coisa dessas em meus dez anos de medicina! Meu Deus, Vanessa, você está incrível! Tem sentido dores?”

“Não, nenhuma...”

“Se isso é uma remissão espontânea, é a mais fantástica que eu já vi. Quando foi a sua última ressonância magnética?”

“Mês passado, foi aquela que o senhor viu lá no consultório.”

“Eu preciso fazer novos exames em você, urgentemente! Consigo te encaixar numa ressonância de última hora. Quando você pode ir ao ICESP? Amanhã tá bom?”

“Hmm... Na verdade, essa semana tá meio complicada pra mim... Quinta-feira que vem, pode ser?”

“Quinta-feira está ótimo. Algum problema se for às 7h30? Sei que é cedo, mas eu conseguiria numa boa te encaixar nesse horário. Mas posso tentar out...”

“Esse horário tá ótimo”, interrompeu Vanessa. “Bom ver o senhor, doutor Adriano.”

“Nossa... puxa! Estou muito feliz por você, Vanessa! De verdade!”

Despediram-se com um abraço. Os novos e crescentes sentidos aguçados de Vanessa eram capazes de perceber o tremor no corpo de Adriano. Um tremor imperceptível aos sentidos normais, mas que pareciam um terremoto ao toque dela. Havia também uma mescla de cheiros, um incenso mestiço de medo com tesão a se exalar do médico. O tesão era compreensível, ainda que ele se segurasse bem, mas as razões do temor ela não saberia decifrar. Faltava a Vanessa o conhecimento de psicologia básica que lhe permitisse entender quão apavorantes os milagres podem ser para os adoradores da razão.

Após caminhar duzentos metros e se certificar que Adriano não a seguia, Vanessa ligou para Yeong-Seon. A enfermeira atendeu antes que a primeira chamada terminasse de soar.

“Pode falar, Vanessa.”

“Você tá muito ocupada, Seon?”

“Fale.”

“Seon, deu merda! O doutor Adriano me viu. Não tive como me esconder, ele me viu antes que eu o visse e me abordou!”

“Você me citou?”

“Não! Claro que não! Não falei nem de você, nem da Nemy!”

“Hm. Bom. Sem problema, então.”

“Só isso? Não pode dar merda?”

“Não. Você não falou de mim. Está tudo bem.”

“Ele pediu que eu fosse no hospital fazer uma ressonância magnética. Acho que quer checar se meus tumores sumiram.”

“Quando?”

“Marquei pra próxima quinta. Fiz certo, né?”

“Sim. Até lá, você já estará morta.”

“Porra! Precisa falar assim, Seon?”

“Mas é a verdade.”

“Você nem quer saber como estou me sentindo? Precisa ser tão fria?”

“Eu sei como você está sentindo, Vanessa”, respondeu Seon com sua voz monocórdica. “Mas pode falar, se quiser.”

“Eu estou tão linda! Estou maravilhosa! Se ontem eu já me sentia incrível, hoje é como se eu pudesse, sei lá, sair voando! E eu tenho sentido... sentido umas coisas vindas das pessoas! Uns cheiros, sei lá... O cheiro do tesão das pessoas, o cheiro da fome, o cheiro das doenças. Doutor Adriano passou a feder a medo quando me viu, não entendi o porquê.”

“A reação de Adriano é normal.”

“Normal? Ele estava com medo de mim, Seon! Como isso pode ser normal? Ele não deveria sentir só tesão?”

“Ele sabe que você estava doente.”

“E daí?”

“Daí que ele viu você agora. Pessoas sentem medo do que não entendem. No lugar dele, você também sentiria medo.”

“É, faz sentido. Seon... Eu estou... estou me sentindo tão incrível! Nunca me senti tão viva!”

“Eu sei. É assim que funciona. Hoje à noite, siga o script. À risca, ok?”

“Ok, pode deixar, Seon.”

“Até mais, Vanessa.”

“Até mais.”

Após desligar o celular, Vanessa continuou a caminhar até chegar ao prédio da TV Gazeta. Entrou no café do Reserva Cultural e pediu um espresso e um croissant de amêndoas. Pensou melhor e pediu três croissants. Havia chegado um pouco adiantada e, por isso, foi com alguma surpresa que sentiu o odor corporal do motorista de Jairo Volpi se destacando dentre os cheiros das mais de trinta pessoas presentes no restaurante naquele momento. Vanessa esticou a cabeça e viu o senhor sentado numa mesinha afastada, lendo um jornal. Ela estava a cinco metros dele, mas conseguia ler não apenas os títulos das manchetes, como também os respectivos textos. Sua visão estava incrível, a realidade se descortinava para Vanessa como uma foto na qual o editor tivesse aumentado tanto o contraste quanto o brilho e a definição. Era como se alguém tivesse aplicado um filtro especial de Instagram em seus olhos. A página principal anunciava:

VOLPI DISPARA E ALCANÇA 51% DAS INTENÇÕES DE VOTO.

O texto esmiuçava a manchete, detalhando o fenômeno do candidato de um partido nanico que começara com menos de dez por cento das intenções de voto e agora ameaçava ser eleito presidente do Brasil ainda no primeiro turno. Ainda que o jornal em questão fosse descaradamente conservador e famoso por não apenas fornecer notícias, mas por tentar criá-las através de pesquisas de duvidosa idoneidade, qualquer pessoa poderia constatar o quanto Volpi se tornara o inesperado favorito dessas eleições. Seu discurso apelava para o medo, a mais básica das emoções humanas. Ele era carismático e se valia de um comportamento agressivo, de piadas politicamente incorretas e de uma disposição para desrespeitar qualquer um que fosse, como forma de amear cabos eleitorais entusiasmados e gratuitos, sobretudo entre homens jovens. Era como Donald Trump, só que bonito. A seu favor, pesava também o fato de ser muito bem casado e dominar como ninguém a retórica evangélica.

É relevante apontar, contudo, que seus próprios rivais haviam contribuído bastante para tornar Volpi famoso, processando-o e dando importância a cada tolice que ele dizia. Volpi queria atenção e o mundo a dava, dançando direitinho a música que ele punha para tocar. Não era difícil entender os mecanismos psicológicos primitivos por detrás do “fenômeno Volpi”, mas o jornal que Vanessa conseguia ler com sua recentemente amplificada visão oferecia outra perspectiva. A edição preferia contar a história de um homem honesto, sincero, um baluarte contra o esquerdismo e contra a “ditadura do politicamente correto”. A retórica, tão própria da década de 10, não mostrava sinais de que arrefeceria na década de 20.

Ainda segundo o jornal, Volpi era conhecido por sua tolerância zero contra a corrupção e só se tornara mais admirável desde que testemunhara contra seu próprio irmão, Mário, após este ser pego aceitando propina. O raciocínio era simples: se era capaz de mandar membros da família para a cadeia, o que Jairo Volpi faria com os demais corruptos ao chegar ao cargo máximo da República?

O que quase ninguém sabia é que havia sido tudo armado. Uma estratégia poderosa da família Volpi, capaz de se sacrificar um dos seus para alavancar a carreira de Jairo. A família Volpi era em si mesma a materialização dos anseios primitivos por uma divindade vingativa. A República Federativa do Brasil girava em círculos com sua memória curta, oferecendo terreno fértil para candidatos escandalosos vicejarem, com as

bênçãos do povo.

Vanessa era uma das pouquíssimas a saber da verdade, desde que seduzira Jairo Volpi e o levava para a cama, deixando-o mais apaixonado do que um menino espinhento de quatorze anos após levar sua primeira chupada.

Tudo isso, anteontem. Uma experiência que Vanessa jamais acreditaria ser capaz de viver, considerando que há apenas alguns dias ela tinha metástases em oito cantos diferentes do corpo e seu sangue havia começado a coagular, causando trombozes aleatórias em várias de suas veias. Não foi preciso pensar muito para responder “sim” ao que Yeong-Seon e Nemy-Z lhe propuseram. Elas cumpriram sua parte, e Vanessa cumpriria a dela.

Até porque, Vanessa odiara Jairo Volpi desde o primeiro momento em que o viu falando na TV, anos atrás. Esta seria uma tarefa a ser cumprida com prazer. Nada do que Vanessa já não tivesse feito antes. Estava acostumada a se deitar e a dizer palavras doces para os homens por um pagamento muito menor do que o que Nemy e Seon lhe ofereceram. Deitara-se com homens agradáveis ao longo de sua vida, é verdade, mas acostumara-se bem com os asquerosos, os repugnantes, os desprezíveis. Jairo Volpi não seria apenas mais um, seria o último, seria a cereja do bolo na vida de Vanessa Costa. Seria sua performance mais elaborada, com implicações tão amplas que ela o cumpriria com aquele prazer especial que o ódio oferece quando diante da perspectiva da destruição.

Um largo sorriso se abriu no rosto de pele perfeita de Vanessa enquanto ela caminhava resoluta na direção do motorista. Homens e mulheres no restaurante olharam para ela com uma mescla de desejo com inveja. Vanessa conseguia sentir as emoções das pessoas, transmitidas através das moléculas de odor liberadas por seus corpos. O mundo, após o glamour oferecido em forma de gotas, havia desabrochado em cores, sons e cheiros que levavam Vanessa a pensar em sua vida pregressa como uma pálida sombra de sua vida atual. Dela se irradiava uma química capaz de levar qualquer Papa heterossexual a abdicar de suas obrigações no Vaticano. E Vanessa sabia disso.

Jairo Volpi, pobre coitado, nunca teve a menor chance.

“A gente não vai chegar na hora nunca! Eu avisei!”, vociferava Leonor.

Nemy só suspirava e fazia trancinhas na própria peruca ruiva. O trânsito paulistano estava, como sempre, terrível. Leonor não deu trégua, reclamando de cinco em cinco minutos do fato de Nemy ter optado por não usar o serviço privado de helicóptero. Nemy, por sua vez, se valia de sua paciência infinita e passou o trajeto inteiro fazendo massagem nas mãos encarquilhadas de Leonor, cuja pele estava fina, seca e quebradiça.

“Olha só essas mãos”, disse Leonor. “Parece que eu tenho um pergaminho amassado de uma tumba egípcia cobrindo os meus ossos...”

“Você sabe que, pra mim, você está mais linda do que nunca, minha criança”, respondeu Nemy.

“Sei. Especialmente agora, imagino.”

“Sim, Leonor. Especialmente agora.”

“Você é bizarra!”, disse Leonor, obtendo de Nemy um sorriso e um sinal de concordância feito com a cabeça.

O trajeto entre o Aeroporto de Congonhas e o apartamento na Vila Olímpia demorou espetaculares duas horas e meia. Chegaram mais atrasadas do que a própria Nemy havia originalmente imaginado.

“Boa noite, madames”, disse o motorista para as passageiras.

“Boa noite, meu querido. Quero que você fique feliz”, disse Leonor.

“Distribuindo presentes agora, minha criança?”, perguntou Nemy, com um sorriso, enquanto caminhavam na direção da portaria.

“Ele mereceu. Ele foi um doce, não foi? É tão raro encontrar gente polida hoje em dia... Pena que minha ordem não vá durar muito. A cada dia, dura menos”, respondeu Leonor.

“Quanto tempo, em média?”

“Da última vez que pude medir, algo em torno de meia hora.”

“Meia hora de felicidade irresistível nos dias de hoje é um luxo, minha criança. Venha, segure meu braço, não quero que você caia.”

Entraram no prédio luxuoso, guardado por duas portarias. Logo na primeira, o porteiro as interpelou com as más notícias:

“Dona Leonor, seja bem vinda. Dona, seu sobrinho esteve aqui hoje de novo e aprontou a maior confusão. Queria de todo jeito que a gente deixasse ele entrar.”

“E claro que você não permitiu, não é mesmo, Alfredo?”, disse

Leonor.

“Não! Claro que não, dona! Mas ele estava... bem, estava alterado...”

“Drogado. Ele estava drogado. Pode ser claro, Alfredo, detesto que dourem a pílula comigo. Eu estou velha, mas não estou esclerosada.”

“Bem, é isso...”, continuou Alfredo, “...e ele fez um escândalo porque a gente não deixou ele entrar. Chutou bastante o portão. O síndico chegou a chamar a polícia, mas ele desistiu e foi embora.”

“Obrigada, Alfredo. Sinto muito que ele tenha incomodado vocês. Da próxima vez, pode chamar a polícia você mesmo. Não tenha medo de me chatear, porque isso não chateia. É o certo a se fazer. Quero esse rapaz longe daqui.”

“Tudo bem, dona Leonor.”

Nemy e Leonor passaram pela segunda portaria, cuja porta só se abria após a checagem das cinco digitais da mão direita de Leonor.

“Eu poderia dar um jeito definitivo nesse menino”, sussurrou Nemy, mas Leonor fez um veemente “não” com a cabeça.

“Eu sei lidar com ele”, respondeu Leonor.

Em seguida, o casal entrou no elevador privado e subiram até a cobertura no décimo sétimo andar do edifício. Ao adentrarem o apartamento finamente decorado de branco, azul celeste e prata, depararam-se com Yeong-Seon sentada no sofá. Um saxofone jazia ao seu lado, no tapete. Os gatos dispararam a cantar seu coro felino, ao reconhecerem o cheiro de Leonor, sua humana de estimação.

“Boa noite, querida!”, disseram Nemy e Leonor, em uníssono.

“Vocês demoraram”, respondeu Seon.

“O voo atrasou, e o tráfego está um horror”, queixou-se Leonor. “Não quero mais fazer essas viagens, não vale a pena.”

“Foi por uma boa causa”, interrompeu Nemy.

“O troféu é bonito?”, perguntou Seon.

“Apesar dos detalhes em ouro, eu até que achei bonito. Leonor achou cafona”, disse Nemy.

“Detesto dourado. E só me deram essa merda porque estou morrendo”, disse Leonor, mostrando a estatueta onde se lia “Leonor Andreotti, Magna Opera 2022”. “Eu poderia ter recebido o prêmio de melhor cantora de ópera há décadas. Não foi a voz que me deu isso, foi o câncer terminal. Isso aí nada mais é do que um prêmio para a minha metástase!”

“Não seja tão dramática, minha criança”, disse Nemy. “O Magna Opera só existe desde 2018, não ‘há décadas’. Você é a quarta pessoa a levar o prêmio. E seu discurso foi inspirador para os cantores novatos. Fizemos bem em ir.”

“Bonito”, disse Seon, enquanto girava o troféu em suas mãos. “Mas não entendo.”

“Não entende o quê, Seon?”, perguntou Leonor.

“Você poderia tê-los obrigado a lhe dar o prêmio desde o primeiro ano.”

“Não seria a mesma coisa, minha criança”, respondeu Nemy com um sorriso condescendente.

“Por que não?”

“O importante é o reconhecimento espontâneo de seu talento, Seon, não o prêmio em si. Entende?”, perguntou Leonor.

“Na verdade, não. O reconhecimento passa. Os prêmios ficam”, respondeu Seon.

“Bem, é um ponto de vista a ser respeitado”, disse, rindo, Nemy.

“Acho que nunca vou entender autistas superdotados”, disse Leonor após se atirar ao sofá, rodeando-se por quatro de seus dez gatos. Então, perguntou: “Mas, afinal, alguma novidade, Seon?”

“Já sabe de seu sobrinho?”, perguntou Seon.

“Daquele merda? Já sei”, respondeu Leonor. “Algo mais?”

“Vanessa ligou cinco minutos antes de vocês chegarem”, continuou Seon. “Cruzou por acidente com o doutor Adriano na Avenida Paulista.”

“Que merda!”, praguejou Leonor.

“Você foi comprometida, Seon?”, perguntou Nemy.

“Não. Vanessa se livrou dele. Não tocou no meu nome, nem no seu.”

“Menos mal”, disse Nemy. “A última coisa de que precisamos agora é de alguém fazendo exames de sangue em Vanessa. Ou, até pior, desconfiando de que você é a nossa recrutadora infiltrada no Instituto do Câncer.”

“Esse troféu é mesmo bonito”, disse Seon em seu modo randômico de saltar de um assunto para outro, sem lógica perceptível. Ela girava a estatueta e admirava seus detalhes. “Eu ia gostar de ganhar um troféu assim.”

“Pode ficar com ele, se quiser”, declarou Leonor.

“Posso mesmo?”, perguntou Seon, no que parecia ser a tentativa de um sorriso.

“Sim, pode. Claro que pode. Eu não tenho hábitos egípcios antigos, querida, não vou ser enterrada com meus gatos e com meus objetos preciosos”, disse Leonor. “Além disso, eu pra quem eu deixaria isso? Pro bosta do meu sobrinho? Ele venderia pra comprar crack. Não, querida. Pode ficar!”

“Mas seu nome está escrito aqui”, comentou Seon, algo incomodada. “Não é Yeong-Seon aqui na placa, é Leonor.”

“Ora, ora, minha criança, pode mandar apagar e escrever seu nome por cima”, sugeriu Nemy.

“Fica como prêmio por seu excelente trabalho conosco”, disse Leonor.

“Obrigada! Vocês têm certeza que não vai fazer falta?”

“Oh, minha criança, é um favor que você me faz. Não gostamos de ouro aqui em casa...”, respondeu Nemy.

Era sempre difícil saber o que Seon estava sentindo enquanto girava a estatueta nas mãos. Ela admirava o objeto como quem vê detalhes que os outros são incapazes de enxergar. Nemy, contudo, lia Seon perfeitamente, graças ao cheiro distintivo de alegria que dela se exalava. Nesse ponto, assim como em alguns outros, as pessoas com dupla excepcionalidade não são tão diferentes das pessoas “normais”. Todo mundo se alegra com pequenos presentes.

“Será que Cassandra ficaria mais feliz se ganhasse um prêmio também?”, perguntou Seon.

“Por que, Seon? Você viu Cassie hoje?”, perguntou Leonor.

“Sim, ela chegou há duas horas e está no quarto de hóspedes, chorando.”

Nemy se levantou da poltrona e disse:

“Bem que eu estava tendo a impressão de sentir o cheiro dela...”

“Vá lá ver como essa menina está, Nemy! Pobrezinha...”

Antes que Leonor terminasse a frase, Nemy já havia cruzado o longo corredor que dava para a escada. Subiu rapidamente até o segundo andar da cobertura, passou pelo orquidário e abriu a porta do quarto sem se preocupar em bater antes. Lá estava ela: Cassandra Johnson, sua filha adotiva, em prantos e abraçada aos travesseiros. Nemy se adiantou, sentou-se na cama e se pôs a acariciar os fartos cabelos azuis de Cassie.

“Cassie? Cassie, meu amor, o que foi?”

“Ah, mãe... Acho que a gente não vai conseguir salvar as crianças...”, disse Cassie com uma voz cujo som lembrava o de bolhas d’água estourando. Era o catarro. Nemy sentia o cheiro da coriza misturada com o azul de metileno dos cabelos de Cassie, como se estivesse nadando em uma piscina de meleca colorida.

“Pssssiu... Calma, minha criança, calma! Faltam ainda dois meses pro acidente, não faltam? Você nos deu a data exata! Temos tanto tempo ainda!”, confortou Nemy.

“Mas a gente já fez tantos shows... E eu não consigo encontrar um Salvador... E eu estou cansada, não aguento mais... E eu...”, disse Cassie, levantando da cama.

“Cassie, pare já com essa agonia! Nós já encontramos Salvadores em menos tempo do que isso. Você nos deu Vanessa faltando menos de um mês para o primeiro turno das eleições!”

Cassie voltou a se sentar e permaneceu abraçada a Nemy, deixando-se acariciar pelas mãos da drag-mãe adotiva. Aquilo confortava, é claro que confortava, mas resolver? Não resolvia. Cassie não parava de ser atormentada por pesadelos horríveis com a mesma visão desde a primeira vez em que ela se manifestou, há cinco meses.

Em sua visão, um ônibus capotava com dezenas de crianças em seu interior e despencava em um precipício, matando a todos. Cassie, como ocorria desde que seus poderes se manifestaram na puberdade, tinha acesso a alguns detalhes significativos. Dia, mês e ano do acidente, por exemplo. Ao menos disso ela dispunha na profecia do ônibus, e já era bastante coisa! Algumas minúcias importantes, todavia, ainda lhe escapavam, como o número e nome da empresa do ônibus, informações que permitiriam precisar exatamente a que horas e onde o desastre ocorreria.

Tudo o que Cassandra até o momento conseguia fornecer era o que vira através dos olhos do motorista: um jornal cuja manchete ostentava a notícia de Jairo Volpi viajando para passar o natal no Rio de Janeiro, antes da posse presidencial. O cabeçalho informava a data: 23 de dezembro de 2022. A visão, ocorrida sempre a partir do ponto de vista do motorista, se encerrava no minuto em que ele sofria um ataque cardíaco e capotava o ônibus.

* * *

Nemy, Leonor e Cassandra atuavam juntas há anos em sua missão de mudar o futuro, contando não apenas com as habilidades de cada uma, mas sobretudo com um tanto de sorte. Às vezes, os detalhes se revelavam em sua inteireza e Cassie conseguia saber de tudo sobre um evento futuro, desde a primeira visão. Em sua larga maioria, entretanto, as visões demandavam paciente exercício investigativo. À medida que o dia do evento profetizado se aproximava, Cassie tinha visões cada vez mais intensas e, com um pouco de concentração, era capaz de enxergar a cena a partir dos olhos das várias testemunhas. Assim, se uma pessoa fosse assassinada, Cassie poderia experimentar o crime tanto pelos olhos do assassino quanto dos da vítima. Intercalando sua mente entre as dos distintos personagens, ela colecionava detalhes que jamais se revelariam a partir de um único olhar.

Nenhuma das três fazia ideia de por quê Cassie via alguns eventos e ignorava outros. Catástrofes horríveis ocorreram sem aviso prévio desde que seus poderes se manifestaram quando ela nem tinha mudado de sexo e ainda era um menino afeminado que vivia na zona leste de Londres. Em contrapartida, desgraças de menor intensidade se desvelavam aos sentidos paranormais de Cassandra Johnson, sem pista de por quê algumas coisas mereciam ser previstas em detrimento de outras. Nemy era a que oferecia a hipótese mais pragmática para a seletividade das visões da filha:

“Cassie, você tem acesso ao que pode ser mudado. Ou, acho eu, ao que *precisa* ser mudado. Mesmo que o evento pareça algo banal quando comparado a outra coisa mais terrível, talvez o mundo viesse a se tornar um lugar muito pior se não o impedíssemos. As coisas que nos parecem pequenas talvez sejam graves num contexto cósmico.”

“Mas não é justo... Tantas coisas ruins acontecem e a gente só consegue impedir algumas”, queixava-se Cassie.

“Minha criança, eu parei de querer salvar o mundo faz um bom tempo. Agora, só reduzo danos. A vida não é justa”, respondia Nemy.

Perguntas não faltavam. As respostas, contudo, eram quase sempre incompletas, insatisfatórias. Algo, ao menos, elas tinham aprendido rápido: as coisas que Cassandra via não poderiam ser totalmente impedidas. Não era apenas uma questão de interromper o evento, posto que isso seria impossível. Em todas as vezes que tentaram impedir os acontecimentos, deram com os burros n'água. Não. O evento ocorreria de qualquer maneira, o futuro insistia em acontecer. Tudo o que elas podiam fazer era uma troca de vítimas, mas

alguém sempre tinha que morrer. Este era um imperativo categórico universal cuja natureza filosófica talvez nem Immanuel Kant conseguisse explicar. Como, por exemplo, quando o Dalai Lama levou um tiro, em 2020. O tiro aconteceu, mas, ao invés de atingir o rosto de Sua Santidade, conforme visto por Cassie, atingiu seu ombro esquerdo. O agente implantado por elas na cena do atentado, contudo, levava um tiro no meio da cara.

Essa era outra razão para o sofrimento de Cassie: ela não achava que estava melhorando as coisas ao fazer com que uma pessoa fosse morta em lugar de outra. Nemy, por sua vez, não tinha conflitos éticos quanto a isso e, pragmática, não se furtava a buscar agentes capazes de alterar o curso dos acontecimentos.

Afinal, se alguém tinha que morrer num acidente ou assassinato e este era o imperativo metafísico ininteligível, por quê não escolher quem já iria morrer de qualquer jeito pelas mãos tortuosas e implacáveis da mãe natureza?

Dia após dia, quanto mais próximo o acontecimento profetizado se tornava, piores e mais realistas eram as visões de Cassie. Sem aviso prévio, as cenas explodiam num turbilhão caleidoscópico na mente da jovem, deixando-a angustiada e insone. A única forma de interromper as visões era encontrar alguém capaz de subornar o destino com um sacrifício voluntário. E, para encontrar tal pessoa, Cassie também se revelava peça fundamental.

Nemy já havia viajado muito pelo mundo e vivido mais do que o suficiente para acumular conhecimentos que a capacitavam a entender a mecânica por trás dos poderes de sua filha adotiva. Cassie era uma paranormal clássica, sensível à rede que une todas as coisas vivas na existência. Ela era como uma aranha no centro de uma teia. Uma vez que todas as pessoas conhecem alguém que conhece alguém que conhece alguém, era questão de tempo até Cassie se aproximar de uma pessoa que tivesse algum contato, por indireto que fosse, com um indivíduo capaz de alterar um pouco os rumos das profecias. Um Salvador.

Além disso, Nemy sabia que os poderes de Cassie se alimentavam de descargas emocionais. Que melhor recurso para colocar Cassie no centro de uma teia de emoções contínuas do que uma banda de música pop que cantava músicas de divas eternas?

Eram elas: as Iluminadas de Tanatheros.

* * *

Nemy ninou Cassie até que ela adormecesse em seu colo. Decidiu que ensaiar seria algo impensável, dado o farrapo emocional em que se encontrava sua filha adotiva.

Seon chegou a sugerir que Leonor usasse a voz em Cassie para que ela se sentisse feliz e pudesse ensaiar, mas isso era apenas Seon sendo Seon, e Nemy jamais permitiria tal coisa.

(Embora, sejamos honestos, ela bem tivesse cogitado.)

O ensaio não era indispensável. Poderiam repassar as músicas uma ou duas vezes antes da apresentação, como estratégia de aquecimento vocal. Seon, por sua vez, não precisaria de ensaio algum. Jamais precisava. Seu domínio do saxofone faria Kenny G se sentir humilhado.

Ao voltar para a sala, Nemy encontrou Seon adormecida no sofá e agarrada ao seu troféu. Leonor já vestia camisola e tomava um chá de mirra.

“Como estão as dores?”, perguntou Nemy.

“Sob controle”, respondeu Leonor. “Vou me deitar. Você vem?”

“Minha criança, eu posso até me deitar ao seu lado, mas você sabe que...”

“Sei, sei, já sei!”, interrompeu Leonor, agitando as mãos. “Pode deixar, é esquisito dormir ao lado de alguém que não dorme, nunca consegui me acostumar. Bem, mande um beijo pras minhas orquídeas.”

“As beijarei uma por uma. Boa noite, minha linda, linda criança!”

“Boa noite, Nemy...”

Despediram-se com um abraço e Nemy voltou para o andar de cima, valendo-se de passos leves para não acordar Cassie, e se deteve no orquidário. Não foi preciso procurar muito até encontrar um exemplar de *Dendrobium nobile*, também conhecida como “orquídea olho de boneca”. Era um exemplar magnífico, com quase um metro de altura, a oferecer flores numa vaidosa e entusiasmada profusão.

Como quase todos os seres no mundo, a planta estava morrendo. Começara a morrer desde que nascera, e nisso não era diferente de uma mosca, de um tigre siberiano, de uma orca ou de qualquer pessoa. A degeneração, porém, não era algo fácil de perceber. A sutileza do processo faria com que a planta ainda estivesse ali, após vários seres humanos já terem morrido. Não, ninguém seria capaz de ver a morte tomando conta da orquídea, segundo após segundo. Mas, como quase sempre ocorre na vida,

quem não dispõe de uma qualidade a percebe facilmente fora de si. Assim se dava com Nemy, para quem todas as coisas se revelavam um pouco mais mortas, dia após dia. Sempre um pouco mais mortas, num fluxo transbordante de incalculável beleza.

Leonor, por exemplo, teria pouco mais de dois meses. O cheiro nunca mentia, mesmo quando ocultado por doses generosas de Chanel Nº 5.

Nemy se sentou diante da planta, admirando seus detalhes: a cor de suas flores, a forma das pétalas. Tocou-a, apreciando sua textura. Aspirou seu cheiro, deixando-se inundar pelo odor da vida que se esvaía um segundo após o outro, a vida que se debatia contra seu próprio destino e retirava do mundo o que pudesse, como tentativa de atrasar o inevitável. Sem ciência de seu próprio desespero, a planta extraía sais minerais da terra, sugava a água que lhe havia sido oferecida. Aguardava pelo retorno do Sol, que lhe concederia a necessária luz.

“Toda a vida é um monstro faminto”, pensou Nemy. “Toda a vida devora o mundo para continuar a existir, fomentando em si mesma a ilusão da eternidade, até que um dia o mundo vence.”

Com um rápido gesto, Nemy arrancou uma das flores. Desconectada da matriz, a decrepitude natural das coisas seria acelerada e a flor feneceria durante a noite.

Ao longo das seis horas subsequentes, enquanto a cidade de São Paulo não fazia jus à sua fama e dormia, Nemy permaneceu sentada, absolutamente imóvel e sem piscar diante da orquídea, admirando a decadência gradual de suas pétalas. Meditando em torno de sua desidratação. Admirando o colapso da mitose. Testemunhando a morte da flor. Sentindo uma inveja que não cabia em seu peito inundado por lágrimas que se derramavam de seus olhos, como cascatas de luz.

5

Mesmo com todo o romantismo da meia-luz fornecida pelas velas finamente decoradas, o jantar havia sido um desastre e, ainda que tivesse ciência da irracionalidade de sua emoção, Rosana se culpava. Teria usado pouco tempero? Desde que ficara grávida, suas exigências em relação a sabores mudara. Diego já havia reclamado em momentos anteriores, acusando-a de estar fazendo uma comida sem gosto. Mas, naquela noite em

específico, ele insistia em dizer que a comida estava ótima e que a súbita vontade de vomitar não tinha a ver com o que Rosana havia cozinhado.

Era difícil, para ela, acreditar. Seria difícil pra qualquer um. Afinal, se uma pessoa corre para o banheiro e passa dez minutos vomitando após engolir a primeira garfada de comida, por mais autoconfiante que seja o cozinheiro, ele há de pensar que algo de bastante errado havia na refeição.

Diego estava amarelo e com olheiras profundas. Rosana ofereceu um chá de boldo, mas ele se recusou a tomar.

“Tem mais dipirona aí?”, perguntou ele.

“Querido, você tomou um grama e meio há menos de uma hora. Isso é dose pra derrubar leão. Não é melhor esperar fazer efeito?”

“Me dá a dipirona, porra...”, grunhiu ele.

Rosana ficou chocada com a grosseria, mas achou melhor não reclamar. Diego era um homem quase sempre gentil e costumava tratá-la com muito afeto. Aquele comportamento incomum era fruto da dor de cabeça, só podia ser. E talvez ele de fato precisasse de mais dipirona, por conta de seus cento e dezessete quilos de pura massa muscular. Sem dizer uma palavra, Rosana foi até o quarto e trouxe mais analgésico para o marido.

“Desculpe. É a dor, dói demais”, disse Diego.

“Eu sei, amor. Não se preocupe.”

“Que cheiro esquisito”, disse ele. “Tem alguma coisa queimando?”

“Aqui em casa, não. Não estou sentindo nada.”

“Cheiro horrível de queimado...”, disse Diego.

“Estranho. Deve estar vindo da rua”, disse Rosana.

Sentaram-se no sofá e, após alguns minutos em silêncio vendo a TV, Rosana se deitou e apoiou a cabeça no colo dele. Em dias normais, Diego faria o cafuné de sempre na cabeça da mulher, mas já estava mais do que na cara para Rosana que aquele não era um dia normal. Estático ele estava, estático ficou, mesmo quando Rosana deu beijinhos em sua perna e pressionou seu pau com a nuca.

Na TV ligada que apenas Rosana assistia, os candidatos à presidência da República se dedicavam à tentativa de mútua destruição, sem se furtar ao exercício de uma retórica esmerada em distorcer os fatos. Ninguém ali era santo, mas, dentre eles, o mestre absoluto da manipulação verbal era Jairo Volpi. Ele era tão bom no jogo de cena que até Rosana, que não o suportava, se percebia fascinada com seu discurso.

O discurso do candidato Volpi seguia um roteiro fácil de entender e difícil de resistir. Era um script pautado em demonização persistente de seus adversários, principalmente os de esquerda, ou seja, quase todos. E até quem se posicionasse como sendo de direita era acusado por Volpi de “criptoesquerdismo”. Rosana não era nenhuma analista política, mas sua formação em psicologia havia sido minimamente boa para lhe permitir saber quando alguém se valia de jogos para seduzir os outros. Volpi, nesse sentido, não tinha pudores de apelar para falsas analogias e outras falácias variadas cuja apelação bailava em torno de um mesmo núcleo: o medo.

“O Brasil está virando uma Venezuela!”, insistia ele. “Os gays querem ter mais direitos que os outros com essa proposta de criminalização da homofobia!”, gritava. “Eu não sou homofóbico, até tenho gays em minha equipe!”, mentia. “Feminismo é a mesma coisa que machismo!”, comparava. “Quem defende aborto é hipócrita, porque está vivo e não foi abortado!”, argumentava. Saraivada de palmas vindas da plateia. “A maioria penal tem que ser rebaixada para quatorze anos!”, propunha. “Esquerdistas são ladrões que aparelham a coisa pública!”, denunciava. “O Ministério da Educação faz doutrinação marxista na cabeça das crianças!”, martelava. Rosana não conseguiu deixar de rir, considerando o quão direitista era o governo atual, e pensou em voz alta:

“Mas que idiota! Ensino infantil é atribuição das Secretarias Municipais de Educação, tem a ver com as prefeituras, não com o Governo Federal!”

“Hein?”, perguntou Diego.

“Tá acordado? Pensei que tivesse dormido”, disse Rosana.

“Cochilei um pouco.”

“Você melhorou, Di?”

“Um pouco...”

Rosana achou que era um bom momento para atacar de novo e voltou a distribuir pequenas chupadas ao longo da coxa esquerda de Diego, ao mesmo tempo em que dava suaves gemidos e empurrava a nuca de encontro ao pau do marido.

O apresentador anunciou um intervalo e a câmera focalizou os candidatos se reunindo com suas equipes. Por alguns segundos, Rosana chegou a se distrair, ao ver alguém familiar no meio da equipe de Volpi: uma mulher loira, alta e bonita. Achou a moça parecida com Vanessa, uma

piriguite da academia de Diego. Rosana implicara com ela no passado, mas depois teve pena ao descobrir que Vanessa estava às voltas com algum tipo de câncer. Que a moça na TV era parecida, era, apesar de ser bem mais bonita e também mais alta. Não que isso importasse naquele momento dedicado a endurecer o pau de Diego.

“Hmm”, gemeu ele.

“Tá gostando, meu tesão?”

“Hm.”

Rosana virou a cabeça e ficou de cara pro pau de Diego. Afundou o rosto nos shorts dele, dando cafungadas e passando a boca em movimentos sinuosos ao longo da virilha. Percebeu que algo se estufava, mas não muito. Sentiu a umidade brotando dos shorts, mas o cheiro não batia com o que ela esperava. Pior: o cheiro não tinha nada a ver. Ao se dar conta de que Diego simplesmente tinha se mijado inteiro, Rosana se levantou com um solavanco e gritou:

“Jesus Cristo! Di, que porra é essa?”

Mas Diego não ouvia. Diego dormia, enquanto gotas de sangue vivo pingavam de seu nariz.

6

“Isso no seu nariz é sangue misturado com purpurina?”, perguntou um dos câmeras para Vanessa, ao perceber um sutil corrimento vermelho mais brilhante do que o normal a sair da narina esquerda da moça.

“Oh!”, respondeu Vanessa, “O ar condicionado faz isso comigo. Resseca meu nariz!”

“Tome meu lenço”, ofereceu o câmara.

“Obrigada!”, respondeu Vanessa.

O debate havia encerrado e a equipe de Volpi se reuniu para trocar ideias sobre sua performance. O candidato suava bicas, dada a veemência emocional no palco. Estava satisfeitíssimo, em especial após ter feito piadas sobre a candidata Carolina, acusando-a de hipocrisia por frequentar salões de beleza caros em São Paulo. “Esquerdinha caviar”, adjetivou Volpi à exaustão. Nem ele acreditava no argumento, mas o que importava era a funcionalidade.

“E aí, como me saí?”, perguntou Volpi.

“Detonou, como sempre!”, respondeu Carlos, um dos assessores mais

antigos de Volpi. “Deixou a galera zonha!”

“Carolina ficou sem resposta umas três ou quatro vezes”, disse Daniel, um novato na equipe.

“Bem, mas mesmo que ela quisesse responder, não poderia. Eu já estava na tréplica”, disse Volpi.

“Ah, mas dava pra ver que ela não tinha resposta! Tava de boca aberta!”, disse Daniel. “O senhor botou pra quebrar, presidente!”

“Não puxe tanto meu saco, rapaz”, respondeu Volpi oferecendo ao mesmo tempo um sorriso amistoso e um olhar que passava bem a mensagem: conheço seu tipinho.

“Não tô brincando, não! Eu acho mesmo que ela ficou zonzinha!”, insistiu Daniel.

“Bobagem. A candidata Carolina não se sentiu intimidada. Ela ficou apenas zangada com seu discurso. Em alguns momentos, sentiu raiva de si mesma por sentir tesão por você”, disse Vanessa, praticamente pensando alto enquanto limpava o sangue do nariz e bebia um copo d’água. O sétimo em menos de meia hora. “Tem comida aqui? Tô varada de fome!”

O pequeno grupo ficou num pasmo silêncio por poucos segundos que pareceram minutos. Carlos e Daniel ainda não tinham entendido direito o porquê da súbita inserção daquela moça no time da campanha. Ela era gostosa, isso era fato inegável, mas todos sabiam que Volpi era muito bem casado. À parte o fato de também saberem que ele pulava o muro de vez em quando, era igualmente sabido que discrição extrema era uma sua virtude. Jairo Volpi jamais colocaria uma mulher na equipe só por estar transando com ela.

O constrangimento foi quebrado quando Daniel, o novato, estourou numa gargalhada e disse:

“Carolina com tesão no chefe? Moça, tu pirou!”

Vanessa não sentiu vontade de responder. Continuou a beber seu copo d’água, enquanto escrutinava Daniel. Ele fedia a insegurança. Uma ansiedade tão palpável que ela quase sentia como se pudesse agarrar o cheiro do medo dele com suas próprias mãos.

“Pior que eu também percebi algo assim”, disse Volpi. “Não sei explicar como, mas às vezes me dá a impressão de que aquela moça tem uma quedinha por mim.”

“Quedinha? Está mais pra um desabamento!”, respondeu Vanessa. “Mas nem se anime, a restrição moral e a raiva que ela sente são bem maiores

que o tesão.”

“O que é isso, Vanessa? O chefe é casado!”, disse Carlos com a mesma veemência com que foi ignorado.

“Como você sabe de tudo isso?”, perguntou Volpi, sem conseguir tirar os olhos da assessora.

“Tenho um bom faro pra essas coisas”, respondeu Vanessa, para em seguida dar as costas e seguir na direção da mesa de salgadinhos. Comeu um atrás do outro, sem fazer questão de parecer elegante.

“Que mulher esquisita!”, disse Carlos. “De onde você cavou ela, Jairo?”

“Conheci Vanessa anteontem. Fomos apresentados por um amigo em comum, que a recomendou como um gênio da análise política”, respondeu Volpi.

“E você acha que ela é?”

“Acho.”

* * *

Era mentira, da primeira à última palavra. Mas Volpi não via razões para contar a verdade: Vanessa Costa entrara em sua vida como um furacão irresistível, e saiu varrendo tudo. Simplesmente enfiara o pé no elevador da garagem do Brasília Shopping e já entrou se apresentando com a língua devidamente enfiada na orelha de Jairo Volpi. Ele, apesar da surpresa algo chocante, não oferecera resistência. Não conseguiria, nem se quisesse. Havia algo em Vanessa, algo difícil de definir, que o fazia ter a mais poderosa ereção de sua vida.

A moça queria trabalho. Apesar de ter protagonizado uma investida nada convencional e moralmente duvidosa, Volpi considerou aceitá-la no time em caráter de teste. A questão passava longe do fato de Vanessa ser politicamente competente, embora ela estivesse bem longe de ser burra. Um homem experiente como Volpi sabia o quão perigoso era trabalhar ao lado de amantes, sobretudo quando as ideias mais vendidas giravam em torno de família, tradição e resgate de valores morais. Mas lhe era impossível resistir à viciante sobrecarga de energia que sentia ao beijar Vanessa. O lance não era nem propriamente a trepada, embora isso fosse ótimo. O mistério que fazia Volpi querê-la sempre perto de si era o beijo. Um beijo de gosto metálico,

como se Volpi estivesse lambendo uma pilha, mas a sensação posterior era de uma energia invencível. Pensar nisso o fez ter nova ereção que estava ficando bem difícil de esconder da equipe, principalmente de Daniel, que não tirava o olho.

* * *

“É a química”, disse Vanessa no pós-sexo daquela mesma noite, depois que ela e Volpi despistaram o restante do time. Fingiram uma despedida e se encontraram novamente em uma rua pouco movimentada em Jabaquara, onde havia uma casinha simples, limpa e discreta que Volpi mantinha há anos quando queria variar do bom e velho sexo doméstico. Muitas prostitutas viram aquela casa, mas apenas Vanessa quebrara a cama ao gozar. Volpi estava impressionado. Como uma mulher podia ser tão forte? Ela havia arrancado um pedaço da cama!

“Quero mais”, disse Vanessa, pegando no pau de Volpi.

“Acho que eu preciso de um tempo...”, disse ele.

“Menos do que você imagina, tesão”, ela disse e, em seguida, afogou-o mais uma vez naquele delicioso e irresistível boquete elétrico. Volpi sentiu seu pênis voltar à vida quase que imediatamente. Não achava que isso fosse possível num homem de sua idade.

O que Volpi não tinha ainda percebido é que, quanto mais beijava Vanessa, de mais beijos precisava. De muitos, muitos mais beijos. Era a química, Vanessa falava a verdade. Era a química. Quando ele se desse conta, já seria tarde demais.

7

Cassie acordou se sentindo melhor. Dormira a noite toda e, dessa vez, a visão recorrente do ônibus despencando numa ribanceira não tinha se manifestado. Uma pausa bem vinda na sucessão de suas tão tormentosas noites passadas. Com a cabeça no lugar, talvez ela conseguisse acessar a visão a partir da perspectiva de outra testemunha. Um mínimo de controle e calma para deslocar sua consciência de uma testemunha para outra era tudo o que ela precisava.

Saiu do quarto se espreguiçando e passou pelo orquidário. Lá estava

Nemy perfeitamente maquiada, em sua usual meditação diante de uma flor já meio seca.

“Isso aí que você faz me dá arrepios, é meio... meio...”, disse Cassie.

Nemy se virou sorrindo e perguntou:

“Meio macabro, você quer dizer?”

Cassie fez que sim com a cabeça.

“Você só acha mórbido porque nasceu numa cultura que lida mal com a morte, minha criança. Mas a morte é linda.”

“Se você diz...”

“Não vai me dar um beijo de bom dia? Você cheira a sono bom.”

“Bom dia, mamãe”, disse Cassie, inclinando-se e beijando a testa de Nemy.

“A visão se repetiu, minha filha?”

“Não. Nada.”

“Ótimo. Prefiro quando seus sentidos psíquicos se manifestam em condições controladas. Talvez essa pausa ajude você a identificar um Salvador esta noite.”

“O que sua intuição diz?”

Nemy se levantou e vagueou seu olhar pelo horizonte cinza da cidade, aspirando com vontade o ar carregado de partículas poluentes – e, nela, impotentes - de chumbo. Voltou-se para Cassie, acariciando o rosto da filha adotiva, e respondeu:

“Que estamos perto, minha criança, bem perto.”

“Você é muito otimista, mãe.”

“Otimista?”, riu Nemy. “Mas nem se eu me esforçasse! Eu sou apenas paciente. Nem sempre fui, sabe? Um dia eu conto.”

Cassie pegou a flor quase murcha que jazia em cima da mesa e sentiu seu odor, que lhe lembrava um cemitério. Nemy tomou a filha pela mão e, juntas, desceram as escadas para que Cassie tomasse seu café.

“Falando em paciência, você vai mesmo dar uma entrevista praquele garoto do caderno de cultura?”, perguntou Cassie.

“Sim. Marquei com ele daqui a pouquinho. Vamos conversar uns vinte minutos, se muito.”

“Ele vem aqui?”

“Não. Hoje tem visita da imobiliária pra ver o apartamento. Eu e o repórter vamos nos encontrar num café charmosíssimo no Shopping

Higienópolis. Vem comigo? Seria bom pra Leonor passear um pouco. Você poderia levá-la à livraria.”

Cassie caminhou pelo orquidário, acariciando algumas plantas e, pelo semblante franzido, dava a impressão de não ter gostado muito da ideia. Ela disse:

“Eu não entendo você, mãe. Você fala em ser discreta, fala da importância de se esconder e dá uma entrevista pra um dos maiores jornais do país. De verdade, eu não entendo você!”

Nemy riu.

“Eu sei que parece não fazer sentido, minha criança. Mas se exhibir também é uma forma de se ocultar, principalmente quando você expõe o que quer em situações controladas.”

“Mas aquela gente...”

“Aquela gente nunca vai me reconhecer como drag queen, minha criança. Nem se eu colocasse o meu rosto num outdoor.”

“Pois eu aposto que aquela turma da Areté vai saber quem você é assim que lhe puser os olhos em cima.”

“A Areté não me preocupa, Cassie. Eles aceitaram o meu ‘não’ como resposta desde a segunda vez que tentaram nos recrutar. Não somos ameaça pra eles. Eles sabem que somos boas pessoas.”

“Mas...”

“Também não me preocupo com a Talamasca ou com os Rosacruz, muito menos com a Maçonaria ou com a Igreja Católica. Eles não querem me prejudicar, Cassie. Só acham que me ter ao lado seria uma boa aquisição. Esses grupinhos secretos só querem poder e, contanto que eu não os ameace, não vão nos perturbar.”

“Então quem...?”

“Offenbach.”

“Fala sério?!”, riu Cassie. “Aquele velho decrepito que me abordou em Nice, anos atrás? É dele que você tem medo?”

Nemy parou no último degrau da escada e olhou para Cassie com uma expressão sinistra.

“Eu não tenho medo por mim, Cassandra. Eu tenho medo que ele faça algo a você ou a Leonor, como forma de tentar me atingir. Ele encontrou você e se aproveitou de um momento de distração da nossa parte”

“Mãe, não viaja! Offenbach é um velho caindo aos pedaços! Ele não

fez nada comigo, só me deu um cartão de visita! Quantos anos ele tem? Oitenta?”

“Oitenta e dois”, respondeu Nemy. “Oitenta e dois anos e, por isso mesmo, ele está desesperado. Eu já vi muita coisa nessa vida, minha criança. É das pessoas desesperadas que mais precisamos ter medo.”

“Não tenho medo daquele velho. Ele me dá pena!”

Nemy segurou o rosto de Cassie com as duas mãos, fixando seu olhar no dela.

“Cassandra, preste atenção no que estou dizendo: não subestime Offenbach. Nunca, nunca subestime pessoas desesperadas. Elas não têm nada a perder e são capazes de coisas que você nem imagina.”

“Mas...”

“Não me interrompa, me escute. A esperança amolece as pessoas, deixa-as inertes. Já o desespero? O desespero faz um rato velho como Offenbach se tornar um leão. Não há nada mais libertador e forte do que o desespero, minha filha.”

Cassie queria argumentar de algum modo, mas lhe faltavam palavras. Ela costumava levar a sério os conselhos de Nemy, seria tolice não considerar o que alguém tão experiente pensa. O medo em relação a Offenbach, contudo, não parecia justificável de forma alguma. Ainda assim, mesmo acostumada a matraquear, Cassie respondeu a todo aquele discurso com um simples “Ok, mamãe.”

“Vocês vão ficar aí em pé a manhã toda? Não vêm tomar café?”, chamou Leonor, já vestida com a elegância que lhe era usual. Ela estava sentada diante da mesa de café da manhã, cuja composição finamente adornada exibia uma coleção de utensílios gregos brancos com detalhe em prata.

“Ora, ora, acordamos gregas hoje?”, disse Nemy, exibindo um sorriso satisfeito. Era de praxe: quando se sentia bem, Leonor decorava as refeições com motivos internacionais e fazia o melhor café que qualquer ser humano poderia experimentar neste mundo trágico. “*Efkaristó*, Leonor!”, continuou Nemy, lançando um beijo no ar.

“*Parakaló*, querida! Deu saudade de Mykonos”, respondeu Leonor, servindo três xícaras com um café preto, licoroso e profundamente cheiroso.

“Nem lembrava dessas xícaras”, disse Cassie, examinando a louça.

“Poderíamos, sem nenhum grande esforço, resolver essa saudade...”,

disse Nemy enquanto se servia, sendo prontamente atingida no rosto por um guardanapo branco atirado por Leonor.

“Nem comece”, respondeu Leonor. “Eu sinto saudades da Mykonos de 1964, não da de hoje em dia.”

“Era tão diferente assim?”, perguntou Cassie, mastigando uma torrada com geleia de mirtilo selvagem.

“Praticamente outro planeta”, disse Leonor. “O mundo que me agradava se foi, Cassie. Morreu. O mau gosto venceu. Lamento por sua geração.”

“Está tudo morrendo e mudando o tempo inteiro”, disse Nemy. “Você se cansa muito fácil, Leonor. Os tempos antigos sempre parecem melhores, mas isso não é verdade. É só a memória pregando uma peça.”

“Nemy, me diga uma coisa, uma só coisa que tenhamos hoje em dia que seja melhor do que antigamente”, disse Leonor naquele tom desafiador que também era clássico em dias sem dores oncológicas.

“Penicilina”, respondeu Nemy, enquanto erguia a xícara de porcelana emoldurada com prata verdadeira, seu dedo mindinho ereto como convinha ao personagem de boa e orgulhosa bicha louca que ela havia erigido para si.

“A penicilina existia em 1964, nem me venha com essa!”, riu Leonor.

“Viagra. Internet, lentes de contato de realidade aumentada...”, continuou Nemy.

“Imunoterapia. Nanotecnologia contra o câncer”, disparou Cassie. “Essas coisas não existiam em 1964, mamãe. Sem essas coisas, você já teria morrido. O angiosarcoma...”

Leonor agitou as mãos com impaciência e disse:

“Ok, ok, não está mais aqui quem falou. Esqueçam.” Então se virou para Cassie e perguntou: “Você teve uma boa noite de sono, meu amorzinho?”

“Sim. Nenhuma visão. Dormi direto oito horas. Eu não sabia mais como era dormir tão bem. Foi mesmo um alívio!”

“Que bom, meu amor”, disse Leonor, beijando a testa da filha adotiva.

“Ela nem precisou dos remédios pra dormir que Seon trouxe”, disse Nemy.

Cassie se tocou do que parecia estar faltando e perguntou:

“Falando nela, cadê a Seon? Ela não dormiu aqui?”

“Ah, ela acordou cedo, bem cedo. Já tomou café e foi embora. Ela

tem meio plantão hoje, lá no hospital”, respondeu Leonor.

“No ICESP?”, perguntou Cassie. “Mas o show...”

“Exato, no ICESP. Seon sai do hospital às cinco da tarde e encontra vocês no teatro”, disse Leonor. “Ela deixou o saxofone aqui e pediu que vocês o levassem.”

“Você gostaria de assistir ao nosso show, meu amor?”, perguntou Nemy, só por educação. Já antecipava a resposta.

“Oh, não me leve a mal, Nemy, mas acho melhor não”, respondeu Leonor. “Gente demais, não suporto. Vou ficar aqui com os gatinhos.”

“Ok. Só me prometa que não vai deixar Eduardo subir”, pediu Nemy.

“Você sabe muito bem que não quero contato com meu sobrinho.”

“Por que ele está enchendo o saco, afinal? Você não depositou a mesada?”

“Claro que dei a mesada do Eduardo, Nemy. É transferência automática, eu nem preciso me preocupar com isso. Ele já deve ter gasto tudo com drogas e quer mais dinheiro.”

“Ok. Mas eu sei que lá no fundo você tem coração mole. Sinto pena dele, mas não quero esse moço aqui na minha ausência.”

“Então estou melhor que você, porque eu não quero Eduardo aqui nem na sua ausência, nem na sua presença”, disse Leonor, tomando a segunda xícara de café. Voltou-se então para Cassie, cujo olhar fixo e vazio não parecia um bom sinal. “Cassie, algum problema? Que cara é es...”

“Calor do caralho! Esses moleques não calam a boca!”, disse Cassie, com uma voz que parecia saída de um filme de terror de baixo orçamento.

“Cassie...?”, insistiu Leonor.

Nemy se levantou e correu para perto da filha, sem, contudo, tocá-la.

“Psssss... não a chame, Leonor...”, sussurrou Nemy. “É uma visão!”

“Oh...”, balbuciou Leonor, prontamente acionando o gravador do celular.

“Bando de filhinhos da puta”, continuou Cassie. “Matraquinhas do caralho...”

Posicionada ao lado de Cassie, Nemy sabia que aquela era uma oportunidade e tanto, era o momento ideal. Os surtos paranormais de sua filha costumavam ocorrer durante a madrugada, enquanto ela dormia, e, por isso, eram difíceis de orientar. Até Leonor ser acordada, a visão já teria passado. Pior ainda quando as manifestações aconteciam no meio da rua, ou

em circunstâncias nas quais outras pessoas estavam presentes. Ali, no café da manhã, com Cassandra já desperta e Leonor presente, talvez fosse possível assumir algum controle.

“Leonor, vamos aproveitar!”, pediu Nemy, baixinho. “Comande!”

“Cassie...”, sussurrou Leonor. “Cassie, minha filha, eu quero que você se desloque para outra pessoa no ônibus. Eu quero que você veja o cenário por outros olhos...”

“Eu consigo ver daqui! O jornal diz 23 de dezembro de 2022 e o motorista está feliz porque Jairo Volpi venceu as eleições presidenciais”, disse Cassandra, com uma voz infantil. “O Volpi é foda! Caçador de esquerdopatas!”, continuou.

“Me diga seu nome”, ordenou Leonor. “Quem é você e qual a sua idade?”

“Bruninho. Oito anos”, respondeu a voz infantil através de Cassandra. “Meus pais sempre dizem que o Volpi é fodástico!”

“Bruninho, me responda: pra onde vocês vão?”

“Tamos indo pro encontro da comunidade, ué!”

“Leonor, ele é uma criança!”, disse Nemy. “Seja mais específica!”

Leonor limpou a testa com um guardanapo de seda de trinta euros. Estava suando aos borbotões. Então, disse:

“Não me deixe nervosa! Fui pega de surpresa! Cass... Bruninho! Bruninho, eu preciso que você me diga o nome do lugar...”

“O motorista tá passando mal! Ele caiu! Pega ele! Pega ele!”, gritou a voz através de Cassandra.

“Bruninho!”, gritou Leonor, “Bruninho, me diga o nome do lugar pra onde vocês vão!”

“Aaaaah”, gritou Cassandra, pondo as duas mãos na frente do rosto. Em seguida, puxou a toalha e fez a louça grega voar da mesa para os ares, distribuindo café, torradas, suco de laranja, presunto e geleia de mirtilo por toda a sala.

“Ótimo. Agora a louça faz jus à origem”, disse Nemy com um longo suspiro e tomando um gole de café.

Ele se limitou a bater um milk-shake suplementar com leite de soja e garantiu uma pequena parte de sua overdose diária de proteínas.

“Você não deveria trabalhar hoje. Tá na cara que tá doente”, disse Rosana.

“Tá falando isso só por causa de ontem”, argumentou Diego. “O sangue no nariz foi ressecamento, Rosana. Já tive isso antes.”

“Diego, você se urinou dormindo.”

“Dá pra mudar de assunto, por favor?”

“Não tem porquê ter vergonha, meu lindo, não foi sua culpa”, contemporizou Rosana. “Mas isso não é normal, percebe? Você precisa contar pra um médico!”

“Pare com isso, é só stress! Não quero médico me enchendo o saco com um monte de exame que o plano de saúde vai enrolar pra caralho pra marcar!”, respondeu Diego, quase agressivo. “E eu tenho mesmo que ir. Tem um monte de visita marcada e eu tô quase fechando a venda do apartamento de uma ricaça na Vila Olímpia. Se eu vender, ganho cinco por cento.”

“E qual é o valor do apartamento?”

“Quatro milhões e quinhentos mil reais.”

Rosana arregalou os olhos, soltou um altíssimo assovio e disse:

“Isso significa que você pode ganhar...”

Diego levou algumas dezenas de constrangedores segundos para conseguir calcular a quantia correspondente a cinco por cento. Rosana não o interrompeu.

“Vinte e cinco mil reais”, ele disse.

“Di, na verdade são duzentos e cinquenta mil reais...”

“É, eu sei. Eu disse errado.”

“Com duzentos e cinquenta mil reais, a gente pode quitar o financiamento de uma vez!”, disse Rosana, quase aos berros. A estridência da voz dela começava a irritar Diego.

“É, a gente pode. Ainda sobra um troco.”

“Isso é maravilhoso, lindão!”, disse ela, abraçando-o, mas Diego retesou o corpo. Ele sentia dores não verbalizadas. Rosana percebeu, pela expressão no rosto do marido, que ele estava se controlando.

“Mas, mesmo assim... não dá pra adiar, Di? Eu tô preocupada com você.”

“Rô, o lance envolve uma coroa rica pra caralho. Se eu não for, a

imobiliária vai mandar o Jonas. Eles tão pouco se fodendo pra quem vende, contanto que venda. E aquele viadinho tá doido pra me passar a perna. O filho da puta nem conseguiu disfarçar o olho grande quando me chamaram.”

“Só te peço que marque um médico o mais rápido possível, Di. Isso não pode continuar.”

“Tudo bem, tá certo...”

“Promete?”

“Prometo, já disse.”

Beijaram-se com a rapidez pragmática dos casais de muitos anos e se despediram. Assim que saiu pela porta, Diego se pôs a massagear a cabeça compulsivamente e percebeu que estava mancando da perna esquerda. Uma vez na garagem, permaneceu alguns segundos diante do carro enquanto sua mente ricocheteava entre decisões possíveis. Com um suspiro, deu a volta e saiu do prédio.

“Dia sem carro hoje, seu Diego?”, perguntou o porteiro.

“Soube que o trânsito tá uma merda”, mentiu. “Vou de metrô.”

“É isso aí!”

Uma opção viável seria ir de metrô até um ponto e, de lá, pegar um táxi até a Vila Olímpia. Diego entrou na estação Praça da Árvore e tomou a linha azul, não se dando conta de que havia pego o sentido errado e se dirigia para a estação Jabaquara. Só percebeu o equívoco quando chegou na estação terminal e ouviu a ordem para que os passageiros desembarcassem. Pela primeira vez em muito tempo, Diego considerou que faria bem em marcar um clínico geral. Sua cabeça girava, a dor não passava. Sentia uma fraqueza estranha na perna esquerda e seu ótimo senso de orientação tinha ido pro espaço.

“Merda!”, praguejou. “Merda, merda!”

Diego se pôs a aguardar que o novo trem saísse, dessa vez na direção correta. Tivesse se virado de costas, teria visto Vanessa descendo as escadas para também pegar o metrô. Ela vinha diretamente da casinha secreta para peripécias sexuais de Jairo Volpi. Vanessa dormira lá a noite toda. Volpi, por sua vez, saíra ao fim da terceira trepada, de volta ao lar doce lar onde reinava ao lado de sua linda mulher evangélica.

Vanessa teve sorte de Diego não vê-la. Mesmo tendo percebido o cheiro dele enquanto ainda estava no alto da escada, ele a veria caso se virasse. Vanessa, então, correu para uma escada mais distante e acessou o

metrô a partir de outro vagão. Ela poderia ter esperado o próximo trem, mas foi fisgada pela curiosidade ao perceber que havia conseguido “travar” o próprio olfato no cheiro particular de Diego. Vanessa já tinha malhado várias vezes nos mesmos horários que ele e, embora mal trocassem cumprimentos, ela conhecia bem seu cheiro. Isso era mesmo interessante. Vanessa não lembrava de perceber a assinatura olfativa de Diego, mas, agora que a sentia, lhe parecia algo que ela sempre conhecera. Algo que sempre esteve em suas lembranças como uma das muitas coisas inúteis que qualquer um mantém na memória. Como o nome dele, por exemplo.

Eram quatro vagões de distância, mas Vanessa continuava a farejar Diego, conectada a ele como a âncora de um navio se atrela ao fundo do mar. Ela conseguia discernir o específico cheiro de Diego como um gota no oceano de odores alheios. Percebia o que ele sentia, suas preocupações, seus afetos. Seus medos. Vanessa percebia tudo e nada ao mesmo tempo, já que não havia uma tradução em palavras. Era uma onda de sensações que seu cérebro traduzia em imagens:

Um filho.

Expectativa de ganhar uma grana.

Sua esposa. Chata. Adorável.

Um filho.

Ficar grande e forte. Muito grande, muito forte.

Macho alfa. Macho alfa.

Um filho.

Um filho.

E, num discreto espaço entre tudo isso, outra coisa. Uma coisa sombria e horrível que parecia familiar a Vanessa, fazendo-a estremecer.

Subitamente, Vanessa caminhou resoluta na direção da porta que conectava os vagões. Chegou a atravessar a primeira porta, abrindo-a com apenas uma mão, como se fosse algo feito de papel. Os vagões estavam cheios de pessoinhas frágeis fedendo a cansaço, medo e insegurança, pessoas que reclamavam na medida em que Vanessa passava por elas sem pedir licença, empurrando-as. Atravessou a segunda porta, mas, ao chegar ao último vagão que a separava de Diego, ficou estática no meio do caminho, dando-se conta de que, infelizmente, não seria boa ideia abordá-lo.

(Um filho!)

“Por que a vida é uma bosta?”, perguntou ela em voz alta, chamando

a atenção de um monge budista que usava uma característica túnica laranja.

“A vida é só a vida, minha amiga”, disse ele, com um sorriso amistoso.

Vanessa o olhou de alto a baixo, como se não entendesse o que estava vendo. Sentia suas percepções alteradas, as pessoas se moviam em câmera lenta e irradiavam aquela constante mescla de tesão e medo em relação a ela. Mas não o monge. O monge irradiava um cheiro agradável, um perfume de sincera compaixão. Um dos poucos cheiros bons daquele metrô inteiro. Era bom sentir algo assim naquele momento triste.

Vanessa sentou-se ao lado do monge, aspirou seu perfume e ofereceu um sorriso sem vida (mas de dentes cada vez mais perfeitos e brancos).

“O problema é que às vezes a vida é bem perversa”, disse ela.

“As coisas têm estado meio sem sentido pra você?”, perguntou o monge.

“Oh, não. Longe disso, bem longe disso. Minha vida já foi vazia, sabe?”, respondeu Vanessa, olhando fixo para a janela do trem que exibia a passagem rápida de uma estação para a outra. Seus olhos tinham o brilho das feras, e o monge podia jurar que havia algo literalmente brilhando ali dentro.

“Mas agora tudo faz sentido. Agora eu tenho uma missão”, concluiu Vanessa.

Ela queria contar pra Diego, contar sobre a coisa escura que ele trazia dentro de si. Mas Nemy havia sido bastante clara sobre evitar exposição desnecessária. Se chamasse a atenção, isso poderia atrapalhar os planos. Além do mais, considerando a pungência do cheiro, não adiantaria nada advertir Diego. O que havia dentro dele já se espalhara demais, estava além de qualquer tratamento.

Vanessa seguiu em silêncio até a estação Santa Cruz e o monge budista achou que seria prudente não insistir na conversa com a moça. Algo nela, algo inexplicável e antigo ressoava na parte reptiliana do cérebro do monge, fazendo com que seu senso de autopreservação fosse maior do que sua tão bem treinada piedade.

* * *

Os pensamentos de Diego vagavam entre a alegria de saber que teria um menino, a expectativa de ganhar dinheiro suficiente para quitar o

financiamento do apartamento, os cálculos de quanta proteína faltava para ele fazer jus à sua dieta hipertrófica e uma (bem sufocada) preocupação com seu próprio estado de saúde. Cada um desses pensamentos e sentimentos tinha uma tradução química bastante específica que somente alguém com a dádiva de Vanessa seria capaz de identificar.

Diego saltou na estação Paraíso e fez uma baldeação para a linha verde, pegando o sentido Vila Madalena e saltando na estação Consolação. De lá, pegou um táxi e foi direto para o edifício de alto padrão na Vila Olímpia. Chegou ao seu destino apenas dois minutos antes do casal de novos ricos que pretendia comprar o apartamento da cantora de ópera aposentada e milionária, Leonor Andreotti.

O advogado de Leonor esperava pelo corretor e pelo casal na sala de visitas da portaria. Era um rapaz jovem de traços orientais, com algo em torno de trinta anos e trajava um terno risca de giz impecável.

“Bom dia! Senhor e senhora DeLucca? Meu nome é Paulo, sou o advogado da senhora Andreotti”, disse ele, oferecendo um cartão de visitas onde se lia “Paulo Muraoka advocacia”.

“Ai, sabe que já adorei tudo?”, disse a senhora DeLucca, metendo a mão nos cristais negros do luxuoso lustre da sala de visitas comunal. “Se a portaria já é assim, imagine o apartamento! Isso é italiano?”, perguntou, referindo-se ao lustre.

“Desculpe, eu não saberia dizer”, respondeu Paulo, com um sorriso constrangido.

“Ah, eu tenho quase certeza!”, disse a mulher. “Nós somos ítalo-brasileiros, sabe? *Italobrasiliani*”, riu, afetada. “Viajamos todos os verões pra Itália! Aposto que esse escândalo de lustre é veneziano!”

“Acho que os venezianos são mais coloridos...”, comentou Diego, tentando se fazer visível.

Conseguiu.

“E o senhor é...?”, perguntou a senhora DeLucca, com fingido interesse.

“Diego, da corretora. Minha lua de mel foi em Veneza. Adorei os lustres, mas lembro que eram todos bem coloridos. Não lembro de nenhum preto. Ou são coloridos, ou têm um tom de rosa muito suave.”

O senhor DeLucca sorria, simpático. Sua mulher, contudo, mantinha o nariz torto. Diego fez uma anotação mental: “concordar sempre com o

cliente, mesmo que ele diga que uma parede branca é vermelha”.

“Tenho certeza de que os senhores vão adorar o apartamento”, disse Paulo, aliviando o clima. “Só peço desculpas porque vamos ter que esperar cinco minutinhos. Dona Leonor atrasou um pouco, mas já está liberando tudo pra visita dos senhores.”

“Pensei que a gente fosse conhecer a famosa cantora de ópera!”, comentou o homem.

“Ah... Bem, desculpe, mas dona Leonor tem uma idade muito avançada e, além disso, sempre foi uma mulher meio fechada...”, disse o advogado.

“Eu, hein!”, disparou a senhora DeLucca. “Um desperdício morar num apartamento tão grande e não receber pessoas.”

O advogado se sentia aliviado por não precisar apresentar aquele casal à sua cliente. Ele cuidava dos interesses de Leonor há apenas três anos, mas já a conhecia bem. Se soubesse quem iria comprar seu lindo apartamento, Leonor teria convulsões. Ela sempre repugnara a pobreza dos que só têm dinheiro.

“Querida...”, disse o senhor DeLucca, pigarreando com algum constrangimento. Ela nem sequer o ouviu e continuou:

“São quantos apartamentos por andar?”

“Apenas um, é como mostrei pra senhora no e-mail”, respondeu Diego, insistindo em fazer valer sua presença. “O elevador abre pra uma sala privativa, e só quem tem a digital cadastrada pode abrir a porta.”

“Que luxo!”, exclamou a mulher. “E a bailarina vai vender um apartamento tão maravilhoso por quê?”

“Na verdade, ela era cantora de ópera...”, explicou Paulo.

“*Whatever*”, disse a mulher. “Por que ela quer se desfazer desse luxo?”

Paulo sabia a resposta, mas o pudor profissional o impediria de responder. Uma mentira rápida e elaborada estava prestes a sair de sua boca de advogado, quando foi atravessado pela resposta de uma voz inesperada. Uma voz com um forte sotaque britânico:

“Leonor está morrendo. Tem câncer terminal e pouco tempo de vida.”

O grupo ficou mudo, não tanto pela verdade chocante, mas pela personagem que a contava: uma mulher extremamente alta e de cabelos azuis, que Diego identificou no ato como sendo, conforme mais tarde comentou

com Rosana, “uma possível travesti”. Uma travesti lindíssima, mas o gogó entregava tudo, além do tamanho das mãos. Era Cassie, cuja súbita chegada ninguém havia percebido.

“Leonor não tem filhos... biológicos... Ela vai doar o dinheiro do apartamento pra caridade. Quer fazer isso enquanto está viva, pois tem medo que um sobrinho drogado pleiteie o direito à herança.”

Cassie sorria enquanto falava. A oportunidade para uma pequena sinceridade cruel era boa demais para ser desperdiçada, e ela estava com muita vontade de agredir alguém que merecesse. O casal deslumbrado parecia uma ótima vítima para sua sinceridade constrangedora.

“Olá, Cassandra”, disse Paulo, estendendo a mão para cumprimentá-la e aproveitando para tentar mudar de assunto. “Essa é Cassandra Johnson, protegida da senhora Andreotti.”

“Protegida?”, perguntou a senhora DeLucca.

“Filha adotiva”, respondeu Cassie, oferecendo de propósito a versão mais grossa de sua voz.

A senhora DeLucca riu. Cassie achou aquela mulher mais ridícula do que parecia ao primeiro olhar.

“Não entendo. Se você é *mesmo* filho adotivo dela, por que ela não deixa o apartamento ou o dinheiro pra você?”

Cassie a olhou de soslaio e disse:

“Eu sou *filha*, minha senhora, não *filho*. E mamãe vai doar o dinheiro porque eu não preciso dele. Tenham um bom dia”, e, dizendo-o, caminhou na direção da portaria para pegar a correspondência antes de encontrar com Nemy e Leonor na garagem.

Ao passar pelo grupo, Cassie esbarrou por acidente em Diego e o rápido contato entre as peles de ambos plantou uma semente. Ela chegou a perceber uma pequena luz de esclarecimento irrompendo num ágil caleidoscópio dentro de si, mas foi só por um instante.

(Um filho.

Proteína.

Rosana.

Dinheiro.

E uma coisa escura.)

Um segundo depois, fosse qual fosse a visão, não estava mais ali. Fora-se, deixando em Cassie apenas uma sutil dor de cabeça.

“Qual a intensidade de sua dor de estômago?”, perguntou Yeong-Seon ao seu décimo paciente na triagem. Era ela uma moça jovem, sardenta, com uma mecha vermelha nos cabelos curtos e pretos. O monitor do hospital anunciava os números dos próximos pacientes, enquanto eles aguardavam sentados no corredor externo. Havia os ainda inteiros, isentos de sequelas aparentes. E havia os profundamente lesionados, em cadeiras de rodas ou exibindo o vazio de seus membros amputados. Nenhum deles, contudo, fascinava mais Seon do que o homem sem rosto. O homem sem rosto tinha um tubo de plástico a lhe entrar pelo que no passado havia sido uma boca.

“Agora está melhorzinha, acho que nota cinco. Ontem, era oito”, respondeu a moça, interrompendo a admiração contemplativa de Seon.

“Suba na balança, por favor”, pediu Seon.

Enquanto fazia suas anotações, o ouvido absoluto de Seon invadia as conversas alheias, sendo capaz de discernir palavra por palavra daquele burburinho que seria amorfo para qualquer outro. “Tem que ter fé em Jesus”, insistia um. “Sei lá, eu vi na internet, diz que cura mesmo, mas os médicos não admitem, não querem perder clientes”, denunciava outro. “Minha vizinha me disse que câncer é ressentimento guardado, acho que eu fiquei rancorosa depois que seu pai fez aquilo comigo”, desabafava outra. “Acho que perdi três quilos”, disse a voz mais próxima.

“Quatro quilos. Na consulta passada, você tinha sessenta e quatro. Agora, tem sessenta.”

“E isso é normal?”, perguntou a moça.

“Pra quem tem câncer de estômago? Sim”, respondeu Seon.

O rosto da moça, que já não estava muito alegre, afundou-se em uma sombra sinistra bastante familiar a todos naquele andar. Sua pressão foi medida e ela foi enviada para aguardar pela consulta de oncologia cirúrgica. Aquele era um dia bom, e a moça não esperaria mais do que trinta minutos.

“Você precisa aprender a ter mais jeito com as pessoas, Seon”, disse baixinho outra enfermeira.

“Ela me perguntou, e eu respondi a verdade. Temos que responder a verdade”, disse Seon.

“Não estou pedindo que você minta. É o jeito como você diz,

entende?”

“Não.”

“Você é uma ótima enfermeira. Talvez a melhor que eu já vi, Seon. Aposto que entende mais de medicina do que muitos médicos aqui dentro...”

“Eu sei.”

“...mas você precisa aprender a ter mais jeito com as pessoas! Foram três reclamações, só este mês!”

Seon deu de ombros. As pessoas eram complicadas, contraditórias. Nas duas semanas e meia em que se dedicou a aprender o ofício da enfermagem, Seon lera o código normativo de conduta ética e registrara o livro inteiro com sua memória fotográfica. Lembrava perfeitamente do imperativo: jamais esconder a verdade de um paciente. Entretanto, apesar de ter realizado procedimentos heroicos ao longo dos últimos dois anos e cair nas graças do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, apesar de ser um consenso que ninguém jamais tinha visto uma enfermeira tão competente quanto ela, ainda assim não havia um só mês em que um paciente não se queixasse – aos prantos – de algo que Seon havia dito.

Isso era delicado, embora não ameaçasse seu emprego. Além do mais, Seon tinha quase certeza de que a sensibilidade exagerada se justificava pelas alterações químicas causadas pelos variados tipos de câncer. Ela podia apostar seu novo troféu nisso. Seon já tinha testemunhado essa anormalidade emocional na própria Leonor que, geralmente tão durona, às vezes chorava escondida em sua cama repleta de gatos. Seon pensava nessa cena com fascinada curiosidade. Leonor não chorava ao lado de Nemy, muito menos ao lado de Cassie, mas se derramava em prantos e abraçada aos gatos, quando pensava que ninguém poderia ouvi-la. Mas Seon a tudo escutava. Tudo. Não conseguiria impedir, nem se quisesse.

Um novo paciente chegou, retirando Seon de suas meditações. Era um senhor de pele escura numa cadeira de rodas e, pelo que informava sua ficha, aquele era o dia em que ele completava exatos cinquenta e seis anos. Seon achou que seria uma ótima oportunidade para mostrar que sabia ser simpática e disse, oferecendo seu sorriso mais bem estudado:

“Parabéns!”

“Pelo quê?”, perguntou o homem, franzindo as sobrancelhas.

“Por seu aniversário.”

“Humpf”, bufou o homem. “Minha filha, não sei de que planeta você

veio, mas não existe nada pra comemorar quando se tem um câncer metastático de próstata.”

A outra enfermeira balançou a cabeça em reprovação enquanto tirava a pressão do paciente. Seon sustentava o congelamento de seu sorriso milimetricamente copiado das mocinhas das novelas das oito, mas em seu íntimo pensava no quanto as pessoas são loucas. Completamente loucas.

O celular de Seon vibrou. Ela o sacou com discrição do bolso e leu a mensagem enviada por Vanessa:

“Encomenda chegou.”

Seon se levantou, avisou que iria ao banheiro, trancou-se no reservado e continuou a conversa:

“Já testou?”, perguntou Seon por mensagem de texto.

“Sim!!! Transmite e grava muito bem! Impressionante!”, respondeu Vanessa.

“Confortável nos olhos?”

“Parece que não estou usando nada! Melhor do que qualquer lente de contato que já usei na vida!”

“Guarde com cuidado. Vai ser quase impossível arranjar outro par de última hora”, pediu Seon.

Isso era uma meia-verdade. Não havia nada no mundo que Nemy e Leonor não providenciassem, se quisessem e precisassem. Do passaporte falso de Cassie ao diploma falsificado de enfermagem de Seon. Das lentes de contato espãs de Vanessa aos tratamentos de ponta que mantinham Leonor de pé, passando por tudo o que o dinheiro pudesse comprar... e tantas outras coisas que ele poderia, ao menos, alugar.

Havia, claro, as coisas que o dinheiro não daria conta. Mas o que o dinheiro não resolvesse, a voz de Leonor obteria, ainda que por um curto espaço de tempo.

“Gravo hoje?”, perguntou Vanessa.

“Não. Você sabe que não.”

“Pensei em testar. Além disso, meus olhos já estão mudando de cor, as pessoas vão terminar notando...”

“Pode usar pra disfarçar a cor, mas não grave nada ainda”, respondeu Seon. “Siga o plano do jeito que Nemy instruiu. Ele ainda não vai fazer tudo o que você mandar. Tem que ser no sétimo dia, na exata hora combinada. A gente tem que sincronizar com a hora do debate na TV.”

“Ok.”

“Até lá, vicie ele”, escreveu Seon.

“Ok. Uma última coisa...”

“Rápido. Estou trabalhando.”

“Os cheiros estão mais fortes. E eu estou vendo cores em torno das pessoas.”

“É assim que funciona”, escreveu Seon.

“Eu estou me sentindo maravilhosa, feliz como nunca antes na minha vida”, digitou Vanessa.

“Eu sei. Vou indo.”

“Obrigada...”

Seon enfiou o celular no bolso e voltou correndo para o posto de atendimento. Ela não perderia o homem sem rosto por nada neste mundo. Se pudesse, o levaria para casa e cuidaria pessoalmente dele até o derradeiro fim. Para Seon não havia, em todo aquele tedioso andar, ninguém mais lindo do que o homem sem rosto.

10

Era uma reunião atrás da outra, um desfile de rostos sem nomes, um bando de puxa-sacos. Tudo o que Volpi normalmente adoraria, mas não naquele dia. Faltava pouco para o almoço, mas ele já se sentia sem energia. Pôs a mão na testa, tentando avaliar se estava com febre, mas nada percebeu de diferente. Decidiu tomar uma xícara de café, a sexta naquela manhã.

“Tudo bem, Jairo? Você tá pálido!”, disse Carlos, o assessor.

“Não é nada de mais, Carlos, obrigado. Um pouco de fome, só”, respondeu Volpi. Era mentira. Tinha acordado bem, mas, na medida em que o dia avançava, percebeu-se mais e mais debilitado, como se não tivesse se alimentado o suficiente. O que também não era verdade, afinal ele tivera um lauto café da manhã ao lado do governador de São Paulo, que apoiava sua campanha.

“Estamos almoçando tarde, né?”, disse Carlos. “Quer comer alguma coisa agora?”

“Não dá, temos aquele almoço com os pastores. Falta quanto tempo?”

“Uma hora e meia. Dá pra comer um sanduíche, só pra forrar o estômago. Você tomou café demais, Jairo. Vai te fazer mal”, disse Carlos.

Volpi sorriu e fez que sim com a cabeça. Era bom ter um assessor como Carlos. Gente zelosa de verdade era rara e os anos haviam confirmado o genuíno afeto de Carlos por Volpi. No reino da política, é maravilhoso ter amigos. Contudo, ainda que certo da fidelidade de Carlos, Volpi jamais, nem em dez encarnações, verbalizaria para ele a razão de sua fraqueza angustiante:

Vanessa.

Volpi se sentia tonto e fraco. O ar condicionado lhe incomodava como jamais incomodara, porém nada disso impedia seu pau de estar bem duro por dentro das calças. Volpi não tirava a noite anterior da cabeça. Seus lábios ainda guardavam aquela sensação levemente elétrica que se impregnara desde os primeiros beijos trocados com a nova assessora. Volpi sentia a angústia de um vazio, mas a vacuidade decididamente não era estomacal.

“Acho que você tá certo”, mentiu Volpi. “Você pode pedir um sanduíche misto pra mim e uma vitamina de banana?”

“Claro! Tem uma lanchonete legal no aplicativo...”

“Não, não, eu gosto do misto que servem naquele bar aqui em frente, sabe qual é?”

“Sei sim. Mas eles não estão no aplicativo.”

“Não tem problema. Vai lá comprar pra mim, pode ser?”

“Com certeza, é pra já!”, respondeu Carlos.

Assim que Carlos saiu pela porta do escritório, Volpi sacou o celular alternativo e ligou para Vanessa. Ela atendeu no segundo toque.

“Que surpresa...”, disse ela, com voz rouca. Era mentira, não havia surpresa alguma. As reações de Volpi eram parte do que Nemy lhe disse que aconteceria.

“Não tiro você da cabeça”, disse Volpi.

“De qual das duas?”, riu Vanessa.

“Você é uma safada...”

“Safadeza é o que eu vou fazer com você da próxima vez, gato.”

“Ah, é?”, disse Volpi. Seu pau doía, de tão duro. “E quando vai ser a próxima vez?”

“Você quem diz. O ocupado é você...”

“Pode ser hoje à tarde?”

“À tarde?! Hmmm que tarado... Mas você não tinha reunião com os

pastores?”

“Tenho. Eu quis dizer depois da reunião.”

Vanessa riu.

“Essas reuniões costumam durar a tarde inteira, gato.”

“Vou dizer pra eles que tenho que sair às cinco.”

Vanessa conseguia captar sutis alterações na voz de Volpi. Eram pequenas tremulações que passariam despercebidas por qualquer outra pessoa, mas seus sentidos estavam mais aguçados do que nunca. Ela via, ouvia, cheirava e sentia coisas acessíveis a poucas pessoas neste tempo e mundo. Havia, também, a percepção de si mesma, completamente outra. Vanessa se sentia como uma predadora, uma leoa passeando por um campo repleto de filhotes de cervo. Ela queria comer carne, beber vinho. Queria trepar, meter, foder. Treparia com o primeiro que lhe desse vontade, mas sabia que não poderia. Não queria ferir inocentes.

“Tudo isso é vontade de me ver?”, perguntou Vanessa. “Por mim tudo bem... Só de falar com você, já estou com meus dedos na bucetinha...”

“...sério...?”, murmurou Volpi, engolindo em seco.

“Com a mão na bucetinha pensando nesse cacetão gostoso me comendo.”

Volpi sentia o pau latejar. Se continuassem essa conversa, ele teria que se trancar no banheiro e se masturbar.

“A gente pode... pode, sei lá... se encontrar antes da reunião...”

“Não vai dar tempo, gato. É daqui a pouco.”

“É...”, disse ele, enfraquecido, “...é daqui a pouco.”

“E eu não quero ir praquela casinha. Lá tem vizinhos. Me leva num motel. Num motel fora da cidade.”

“Num motel? Mas eu não posso... Eu teria que apresentar minha identidade...”, disse Volpi.

“Que pena...”, lamentou Vanessa. “Eu queria ficar com você num lugar que eu pudesse gemer e gritar bem alto. Quando você mete em mim, eu tenho vontade de gritar que nem uma cachorra...”

Volpi achou que fosse gozar nas calças.

“A gente dá um jeito”, ele disse. “Mas eu quero que a gente se veja ainda hoje.”

“Me liga quando acabar a reunião”, pediu ela.

“Não olhe pra outro homem! Espere por mim!”

“Ah, querido, com isso você não precisa se preocupar”, disse Vanessa, girando a caixinha com as lentes de contato que recebera pelo correio. “Hoje em dia, só tenho olhos pra você...”

11

O jornalista e a drag queen se encontraram num café tranquilo e charmoso no Shopping Higienópolis. Nemy estava, como sempre, “montada” da cabeça aos pés, vestida como se prestes a se apresentar em um espetáculo, chamando a atenção de todos os presentes. Alguns a reconheciam, outros apenas a achavam bizarra. Considerando que a melhor maneira de esconder uma coisa é exibir bastante outra que desvie a atenção, Nemy estava sendo muito bem sucedida.

“A incrível Nemy-Z! Uau, você é mais bonita ao vivo do que por fotos!”, disparou Rodrigo Moreira, repórter do suplemento cultural de um famoso jornal, logo após cumprimentar Nemy.

“Gentileza sua, minha criança”, disse Nemy, sorrindo e estudando o jornalista da cabeça aos pés. Rodrigo era jovem, algo em torno de trinta anos, roupas e penteado da moda, tatuagem estilosa e colorida no antebraço esquerdo. Aliança na mão direita, indicativa de noivado. Usava um perfume gostoso de laranja com notas de algumas outras essências que Nemy considerou algo familiar, mas não deu muita atenção.

Sentaram-se em torno a uma mesinha mais afastada, próxima a uma pequena fonte. A garçonete se aproximou para anotar os pedidos.

“Pra mim, um café e uma coxinha sem catupiry”, pediu Rodrigo. Virando-se para Nemy, perguntou: “Posso oferecer um café? Um chocolate? Ou alguma outra coisa?”

“Uma água com gás está ótimo, obrigada.”

Os olhos de Rodrigo brilhavam de fascínio. Cada movimento de Nemy parecia ter sido previamente ensaiado. Ainda assim, não parecia algo artificial, embora ele tivesse a consciência de estar diante de uma artista viciada em performance. Pensou: “será que ela sustenta esses maneirismos dentro de casa, quando ninguém está olhando?”. Perguntou, entretanto, outra coisa:

“Veio sozinha? Você costuma estar sempre acompanhada por Leonor Andreotti e por outra cantora, uma moça jovem, inglesa e de cabelos azuis.

Sua filha, pelo que sei.”

“Exato. Minha filha, Cassandra Johnson”, respondeu Nemy. “Elas estão por perto, foram passear no shopping.”

“Muita gente fica surpresa quando descobre que você tem uma filha.”

“A entrevista já começou?”, perguntou Nemy, rindo.

“Por mim, sim”, respondeu Rodrigo, sorrindo de volta. “Estou usando lentes de contato especiais pra filmar tudo. Você se importa?”

“De forma alguma, querido. Elas são bem práticas, não é mesmo? Mas, sobre minha filha, a maternidade nunca esteve em meus planos. Nunca pensei que eu seria uma boa mãe, nem quando eu estava mais para pai”, riu Nemy. “Adotei Cassie quando ela tinha treze anos.”

“E ela já se chamava Cassandra?”

“Bem, pelo tom de sua voz, imagino que você já tenha investigado e já saiba que não”, disse Nemy, com um sorriso irônico. “Não, ela mudou de nome depois.”

“Ela é uma mulher transgênera, então?”

“Pois é, Rodrigo. Esse costuma ser o nome que se dá a casos assim.”

A garçonete chegou, trazendo o café e a coxinha de Rodrigo, assim como a água de Nemy.

“Obrigada, minha criança”, disse Nemy. E, voltando-se para Rodrigo, continuou: “Cassandra foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida nos últimos anos.”

“Como você lida com as críticas que dizem que o fato de você ser LGBT foi algo que afetou o desenvolvimento do garoto, fazendo-o virar Cassandra?”

“Coisa de conservadores. Uma tolice!”, respondeu Nemy, bebendo um gole d’água. “Veja bem, Cassie teve consciência de si mesma como mulher desde que se entende por gente. Jamais houve um ‘garoto’, mas uma menina presa no corpo errado. Eu não a adotei e a transformei. Eu a acolhi por ela ser quem era. Ela precisava de mim. Ou, melhor dizendo, nós precisávamos uma da outra. Meu filho morreu num acidente, assim como a mãe de Cassie. Encaixe perfeito de órfãos.”

“Outra surpresa! Não sabia que você já teve um filho biológico.”

“Isso faz muito tempo”, respondeu Nemy, bebendo a água.

“Então, sobre Cassandra: não houve mesmo uma influência?”

“Não, ela já chegou toda estranha em minha vida”, riu Nemy, fazendo

Rodrigo rir também. “Mas me diga você, Rodrigo: e se tivesse havido? As pessoas criam seus filhos para que sejam heterossexuais. Logo, não vejo problema em educar alguém para ser gay... ou transgênero. Se as coisas funcionassem assim, se tudo fosse uma questão de escolha consciente e, veja bem, não acho que seja, por quê nossas escolhas seriam menos legítimas do que as suas?”

“Na verdade, eu sou gay”, disse Rodrigo, mostrando a aliança. “Meu noivo é seu fã tanto quanto eu.”

“Sério? Que estranho...”, disse Nemy, franzindo o rosto. “Eu geralmente percebo no ato, sinto cheiro de gay à distância.”

“Pois é, é sério.”

“Então você provavelmente me entende, minha criança. Alguém induziu você a isso?”

“Não. Acho que eu sempre soube que gostava de rapazes desde meus oito anos.”

“Pois então, Rodrigo, veja você que com Cassie tudo foi ainda mais sério. Ela se sabia uma menina aprisionada no corpo de um menino desde que ganhou o primeiro caminhão de brinquedo e o atirou pela janela, clamando pela Barbie.”

Ambos riram.

“Mas Cassie gosta de mulheres, não é mesmo?”, perguntou Rodrigo.

“Sim. Identidade de gênero não tem necessariamente a ver com preferência sexual, embora a maioria das pessoas confunda uma coisa com a outra”, disse Nemy. Bebeu um gole d’água e disse, com um sorriso amistoso: “Mas essa entrevista é sobre mim ou sobre minha filha? Se quiser, posso agendar uma entrevista com Cassie pra você.”

“Oh não, não, eu quero entrevistar você!”, respondeu Rodrigo, agitando as mãos. “Só que eu quero focar no lado humano de Nemy, entende? A vida comum. Falar da Nemy por trás da máscara.”

“Em geral, os repórteres só me perguntam sobre espetáculos e divas inspiradoras. Ou sobre maquiagem. Já dei uma entrevista todinha sobre isso, acredita?”

“Esse é um lance curioso”, disse Rodrigo. “Ninguém nunca viu você sem maquiagem.”

“E daí? É como eu me visto. Alguém já viu você sem roupa, balançando o pinto no meio da rua?”

Rodrigo riu. Nemy nem sequer precisava pensar pra responder, ela era mesmo tiro, porrada e bomba.

“Não é a mesma coisa”, disse ele.

“Por que não? Esclareça-me, estou curiosa.”

“As pessoas sabem quem eu sou, não preciso tirar a roupa pra isso. Uma das críticas que as drags costumam lançar contra você, é que você estaria mais para uma transexual, pois nunca se ‘desmonta’.”

“Quem disse que eu nunca me desmonto? Elas é que não veem!”

“Já chegaram a acusar você de ser uma *faux queen*, de ser biologicamente mulher.”

Nemy gargalhou tão alto que todos os presentes no café olharam na direção deles.

“Duas coisas, meu caro: eu não sou biologicamente mulher. E esse termo horroroso, *faux queen*, pode anotar aí e dizer que fui eu quem disse, esse termo é horroroso, é preconceituoso. Não concordo com a ideia de que uma drag queen tem de ser um homem que se monta. Drag é um estilo, entende? Drag é tudo o que é superlativo: mais cabelo, mais volume, mais brilho. Mais vida, mais tudo. Mais glamour. Lembra da Elke Maravilha?”

“Quem não lembra dela?”

“Pois é. Elke Maravilha era a perfeita drag queen, e era mulher.”

Rodrigo riu e fez uma anotação onde se lia “foto da Elke”. Seria uma excelente ideia usar isso na reportagem. Tomou mais um gole de café e continuou:

“A outra crítica, mais geral, acusa você de não ser diferente de uma muçulmana vestida com uma burka da cabeça aos pés. Sua identidade é protegida, ninguém sabe seu nome verdadeiro.”

Rodrigo viu a sobrancelha esquerda de Nemy se erguer discretamente, ao mesmo tempo em que ela bebia outro gole d’água. Havia tocado num ponto sensível? Ele podia apostar que sim. O ato de ocultar a boca com um objeto era, conforme Rodrigo havia aprendido num curso sobre linguagem gestual, o anúncio de uma mentira. Ou o constrangimento de quem não sabe o que dizer.

“O conceito de ‘nome verdadeiro’ é uma tolice. Qual é seu nome verdadeiro? Rodrigo? Só porque seus pais o deram a você? Então o ‘sexo verdadeiro’ de Cassandra é o masculino porque a biologia se equivocou, dando a ela um pênis?”

“Você está tentando me enrolar”, disse Rodrigo, rindo.

“Oh não, não, minha criança, a analogia é absolutamente válida!”, respondeu Nemy, arregalando os olhos. “É fato que existe um universo que nos precede, construído *para* nós, e não *por* nós. Mas, quando se chega a uma certa idade, temos a chance de construir nossa própria vida. Isso é o que eu faço com a minha.”

Rodrigo se remexeu na cadeira. Era evidente que Nemy estava se valendo de um discurso pós-modernista para confundi-lo e até seduzi-lo. Tática clássica usada em debates para angariar a simpatia de homossexuais. Não fosse bem treinado, Rodrigo talvez tivesse caído nisso.

“Um tanto contraditório isso. Se você acredita nessa ideia de ‘construção’, como se explica o fato de Cassandra saber que era uma menina desde tão cedo? Ou de eu me saber gay? Você nega uma base biológica para essas particularidades?”

“Oh não, não me entenda mal!”, respondeu Nemy, desmunhecando de forma tão afetada que Rodrigo não deixava de notar certa artificialidade cansada. Nemy, então, continuou: “Pra mim este é um falso dilema, sabe? Essa divisão entre natureza e cultura. A cultura se desenvolve sobre uma base biológica. A biologia, por sua vez, se modifica por construções culturais, fazendo com que algumas pessoas vicejem mais do que outras e possam, assim, transmitir suas características adiante.”

“Você é uma pessoa muito inteligente, muito culta. Elke Maravilha teria adorado conhecer Nemy-Z”, disse Rodrigo.

“Obrigada, minha criança. Isso, pra mim, é um grande elogio.”

“Em outros aspectos, você seria uma excelente política. Está escorregando que nem um sabonete”, disse Rodrigo, sorrindo.

“Lá vem você”, disse Nemy, gargalhando.

“Falo sério! O ponto é: vivemos em um país que proíbe ocultação de identidade, mas ninguém sabe quem você é, só conhecem a personagem que você construiu. No mundo real, as coisas não funcionam assim. Ninguém sabe seu nome verdadeiro...”

“Eu já disse que meu nome verdadeiro é Nemy-Z. O nome que me foi dado é que é o nome falso.”

“Falo do nome civil, Nemy. Por exemplo: qual é a sua formação? Onde você nasceu? Sua conta bancária, por exemplo, foi criada com um RG, um CPF... Qual é o nome que consta nesses documentos?”

O sorriso desapareceu do rosto de Nemy. O rapaz era persistente e isso a fazia ter sentimentos mistos. Era inevitável admirá-lo, mas, ao mesmo tempo, ele a irritava. Ela respondeu:

“Eu garanto a você que quem tem que saber meu nome civil, sabe muito bem.”

“As autoridades sabem?”

“São elas quem tem que saber, não é mesmo? E o gerente de minha conta.”

“Em qual banco você tem conta?”

“Em qual banco... Mas qual a relevância disso, Rodrigo?”

“Soube que os pagamentos por seus shows são feitos na conta de sua namorada e empresária. Na conta de Leonor Andreotti. Você tem *mesmo* uma conta de banco, Nemy?”

Nemy não respondeu. Permaneceu parada, encarando Rodrigo fixamente.

“Ora, vamos lá... Você não vai me dizer quem Nemy-Z era antes de se tornar Nemy-Z?”, insistiu Rodrigo.

“Honestamente, minha criança? Estou desapontada. Achei que a entrevista seria sobre Nemy-Z. Sobre meu trabalho com as Iluminadas de Tanatheros”, respondeu Nemy, enquanto digitava uma mensagem de texto no celular:

“Problemas”, escreveu, e enviou para Leonor.

“E é uma entrevista sobre Nemy-Z!”, defendeu-se ele. “Eu quero abordar o seu processo de se tornar quem você hoje é.”

“E você por acaso publicaria qualquer coisa que eu dissesse?”

Rodrigo sorriu, fez outra anotação no bloquinho e disse:

“Eu checaria as afirmações, claro.”

“Bom jornalista, bom jornalista. Já estava perdendo as esperanças em relação a vocês. A maioria dos de seu ofício, hoje em dia, apenas publica coisas. Não checa. Os jornais parecem coletâneas de ficção.”

“E já foi diferente, por acaso?”, perguntou Rodrigo, rindo.

“Acredite, minha criança, já”, respondeu Nemy, não mais simpática como antes.

“Então eu sou das antigas, porque eu checo tudo. Sempre.”

“E deve ter feito uma boa pesquisa antes de vir aqui hoje, imagino.”

“Alguma, mas é difícil encontrar algo de substancial quando o assunto

é Nemy-Z”, disse ele, estendendo uma foto em branco e preto que mostrava um homem de óculos escuros trajando um terno branco de linho no desembarque de um navio. “Esse cara, por exemplo... Não posso deixar de notar uma semelhança curiosa com você. Mesmo com a maquiagem carregada que você usa, mesmo com os grandes óculos escuros do cara da foto, dá pra olhar e dizer ‘cara de um, focinho do outro’. Seria um parente? Você pode me falar sobre esse cara saindo desse navio em 1960?”

Nemy olhou para a foto por cinco silenciosos segundos, com uma expressão nula. Então, encarou Rodrigo e perguntou, de chofre:

“Quem lhe deu esse perfume?”

“Perfume?”

“Sim. A base é de mirra, não é? Uma base bem discreta, quase não dá pra discernir, graças às notas fortes de laranja e de limão. Muito bem feito, esse perfume danadinho que esconde bem seu cheiro natural, minha criança. Adorei. Onde posso comprar um?”

Cassie entrou pela porta do café, seguida por Leonor que carregava uma sacola com algo em torno de cinco livros. Nemy suspirou. Leonor não teria tempo de ler tudo aquilo. Do jeito que seu câncer evoluía, ela morreria antes do fim do mais curto dos livros.

“Qual é o problema?”, perguntou Leonor e, então, olhou para a foto sobre a mesa. “Mas que merda é essa?!”, disse, voltando-se para Nemy.

Rodrigo se levantou, esticou a mão para Cassie e disse “prazer, sou o Rodrigo, admiro muito o trabalho de vocês”, mas ela o ignorou, deixando-o com o gesto solto no ar.

“Leonor, pode fazer a gentileza?”, pediu Nemy.

“Você suspeita que...?”, perguntou Leonor.

“Sim”, respondeu Nemy, enquanto tomava o último gole de água. “Esconderam ele com mirra.”

Rodrigo voltava o olhar para uma e depois para outra, sem entender bem o que estava acontecendo. Leonor sorriu para ele, mas não havia nada de amistoso em sua expressão. Ela, então, perguntou:

“Responda a verdade: você trabalha para Offenbach?”

“Sim”, disse Rodrigo, sem nem sequer piscar.

“Quanto ele te pagou?”, perguntou Leonor.

“Cinquenta mil reais de entrada e mais cinquenta mil se eu apresentasse alguma prova que comprovasse a suspeita dele”, respondeu

Rodrigo.

Nemy suspirou, irritada, e disse:

“Que decadência... Eu valho tão pouco assim?”

“O que eu faço? Mando esse garoto se atirar no Tietê?”, perguntou Leonor furiosa como nunca, dirigindo-se a Nemy.

“Mãe!”, disse Cassie. “Mãe, o que é isso?! Não!”

“Como assim?!”, perguntou Rodrigo, começando a suar e dando três passos para trás.

“Não se mova, mocinho. Fique aí mesmo onde está”, disse Leonor, e Rodrigo congelou no ato.

“Não precisa chegar a tanto”, respondeu Nemy. “Faça ele esquecer da entrevista e pronto.”

Leonor fez um veemente “não” com a cabeça e disse:

“Só vai funcionar por meia hora, não esqueça que eu não sou mais a mesma. E se ele lembrar de tudo, depois? Mais funcional mandar que ele se atire do alto do Terraço Itália.”

“Mãe!!!”, interrompeu Cassie, quase gritando.

“Não”, respondeu Nemy. “Ele não é um mau rapaz, só quer o dinheiro. Além disso, ele ama e é amado. Eu respeito isso.”

“O que você quer que eu faça, então?”, perguntou Leonor.

“Faça como fizemos da última vez com aquele outro enxerido, em 1998”, respondeu Nemy. Se ele lembrar, vai ficar em dúvida.”

Rodrigo estava pálido, sem entender o que estava acontecendo. Suava de nervoso, sentindo como se algo o invadissem pela nuca. Ele queria proteger a nuca com as mãos, mas seu corpo não o obedecia. Leonor se voltou novamente para ele e disse:

“Rodrigo, escute bem...”

“Não! Por favor, eu não sei o que você está fazendo, mas por fav...”, pediu ele.

“Rodrigo, eu quero que você apague a gravação. Em seguida, saia daqui, vá para o meio da praça da alimentação e vomite tudo o que comeu no café da manhã. Por fim, desmaie. Quando você acordar, vai lembrar da entrevista como se fosse um sonho. Você nunca nos encontrou. Passou mal, desmaiou, perdeu a entrevista. Suas lembranças são um sonho, Rodrigo. Suas lembranças são um sonho.”

“Posso pelo menos terminar a minha coxinha?”, perguntou ele.

“Não. Sem a coxinha, vai ser menos coisa pra vomitar. Vá agora e se dê por contente, você não sabe a sorte que deu”, respondeu Leonor.

Rodrigo apagou a gravação de suas lentes de contato diante do trio, despediu-se com um sorriso, disse “eu estou contente” e saiu pela porta.

“A parte da coxinha foi maldade”, disse Nemy.

“Eu disse que essa entrevista seria péssima ideia!”, comentou Cassie.

“Bem...”, disse Leonor, “...pelo visto a conta ficou pra gente, Nemy.”

* * *

Leonor pagou a coxinha, o café e a água com seu cartão *black* de crédito ilimitado, deu o braço esquerdo para Nemy, o direito para Cassie e saíram do café. Andavam mesmo distraídas. Nos velhos tempos, Nemy jamais ignoraria o olhar lupino da garçonete. Tampouco deixaria de notar o cheiro de ganância que dela se irradiava por trás do perfume de mirra, uma ganância justificada pelos cinquenta mil reais que seriam transferidos para sua conta naquele mesmo dia quente.

12

Num dia que anunciava um verão que tinha pressa, o forte ar condicionado do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo era um alívio para o doutor Adriano. Ele tinha chegado uma hora antes do normal e passou pela equipe dando um “bom dia” rápido e incomum para a personalidade afetuosa dele. Mal conseguira dormir na noite passada, pensando no encontro casual que tivera com Vanessa nas imediações do Trianon-Masp.

Sentou-se diante do computador e o ligou. Então, acionou o sistema interno de busca por ordem alfabética e digitou “Vanessa Costa”, encontrando seis homônimas. Descartou quatro pela idade e verificou as fotos das outras duas. Olhou várias vezes, ampliou as fotos e começou a roer as unhas.

“Mas que merda, não é possível...”, disse, acionando a enfermagem pela chamada. Em menos de um minuto, Seon entrou na sala e cumprimentou o colega médico:

“Bom dia, Adriano.”

“Seon! Bom dia, querida! Escute, desculpe tirar você de seu trabalho,

mas tem uma coisa me deixando muito preocupado.”

“Pode dizer.”

“Você lembra de Vanessa Costa?”

“Hm?”

“Uma loira, Seon. Encaminharam essa moça pra gente, mas ela era inoperável. Ia começar as sessões de quimio aqui no ICESP.”

“Hm. Mais ou menos”, disse Seon, fazendo um esforço imenso para conseguir mentir. Sua expressão facial não era, ela bem sabia, lá muito distinta da de quem está com prisão de ventre.

“Ah, fala sério, não tem como você não lembrar, Seon! Lembro que vocês ficaram próximas! Ela perguntava por você, lembrava de seu nome! O caso do câncer de ovário metastático na moça soropositiva, lembra? Não havia o que fazer. Pelo que lembro, ela era prostituta.”

“Na verdade, a ficha dela informava ‘autônoma’”, corrigiu Seon.

“Então você lembrou? Ela mesma! Só sei que ela era prostituta porque depois ela mesma me disse.”

“Ah. Ok.”

“Pois então... Cadê a ficha dela, Seon? Sumiu do sistema!”

“Você tem que perguntar pro pessoal da informática, Adriano.”

“Eu vou fazer isso. Só queria falar contigo antes, porque... bem, você vai achar que eu tô ficando doido...”

“Não vou. Pode falar.”

“Acredita que passou pela minha cabeça que eu tivesse sonhado que Vanessa existiu? Ainda mais depois de não encontrar a ficha dela no sistema!”

“Só por isso?”

“Não, não, me deixe explicar. Eu ontem vi uma coisa que, se me contassem, eu responderia que era mentira ou fantasia.”

“Hm.”

“Seon, eu encontrei Vanessa na Avenida Paulista! Ela não estava na cadeira de rodas, estava andando! E não só andando, ela estava quase... porra, quase saltitando! Estava forte, com ótima aparência! Estava linda!”

“Isso é mesmo uma coisa diferente”, disse Seon.

“Difer...? Seon, isso não é ‘diferente’, isso é a porra de um milagre!”

“Eu não acredito na existência de Deus, Adriano.”

“Não, eu não quis dizer literalmente, como um milagre dos santos, ou algo assim!”, respondeu ele. “Eu quis dizer que algo de muito excepcional aconteceu!”

“Por definição, ‘milagre’ não é apenas ‘algo de muito excepcional’, Adriano. Você já deve ter lido David Hume, ele explica que os milag...”

“Esqueça o milagre, Seon, sério, por favor, esqueça. O que importa é que agora descobri que a ficha de Vanessa foi apagada, como se ela nunca tivesse passado por aqui. Isso é muito, muito esquisito”, disse ele, em seguida ficando estático e olhando para a parede por cinco segundos, para então perguntar: “Seon, você lembra qual foi o posto em que Vanessa fez o teste de HIV?”

“...não lembro...”

“Tô na dúvida se foi no da Vila Mariana ou se foi em outro...”

“Não lembro mesmo”, mentiu Seon. Fios de suor escorriam por sua testa.

Adriano sentou ereto na cadeira, com determinação renovada, e abriu a tela do Google.

“Pois é, nem eu”, disse. “Mas não tem problema, eu entro em contato com todos.”

* * *

Seon não estava tão preocupada, já que faltavam poucos dias para a missão de Vanessa ser cumprida. Adriano poderia ser um problema sério, não fosse ele um médico tão ocupado, tão requisitado. Dentro de quarenta minutos, quando ele tivesse que começar a atender os pacientes, terminaria se distraindo. Ainda assim, era preciso avisar Vanessa. Reforçar o pedido de cautela no que diz respeito a qualquer referência a Nemy-Z ou ao seu próprio nome. A última coisa que as Iluminadas de Tanatheros precisavam era do comprometimento do providencial papel de Seon como enfermeira no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. Seria uma lástima perder essa mina de ouro de Salvador.

Quem mais poderia agir como agente das Iluminadas, além de um paciente terminal oncológico? Quem mais poderia fazer o impensável, senão os libertados da procrastinação bovina pela certeza absoluta da morte?

Mudar o futuro, afinal, exigia quem estivesse disposto a morrer por ele. E há melhor dádiva para alguém do que oferecer a perspectiva de uma morte que não seja coisa vã, como geralmente o é a vida?

13

“Vida” é uma palavra extremamente enigmática. Nem mesmo os cientistas em seu douto saber são capazes de apresentar uma definição que possa cobri-la de maneira satisfatória. Defini-la seria uma contradição terminológica. “Definir”, conforme dissera Nemy a Vanessa logo no primeiro dia, significa literalmente “dar fim”. Definir a vida seria, portanto, evocar a morte.

Na medida em que sentia as dores horrendas se esvaírem nos primeiros minutos após o “sim”, dias atrás, Vanessa bem que tentou entender o que Nemy lhe explicara, mas estava cansada demais para tamanha complexidade filosófica.

A verdade é que Vanessa nunca fora uma moça muito inteligente. Nem muito burra, vale dizer. A falta de oportunidade para o estudo havia se unido a uma luta precoce pela sobrevivência material que, por sua vez, culminara na forma mais eficiente de arrecadar dinheiro quando se tem uma

aparência tão bem fornida pela natureza: a prostituição. O que a cultura lhe negara, a natureza lhe daria, e Vanessa ganhou muito dinheiro por um bom tempo. Dinheiro honesto, dinheiro limpo, e ela se sentia em geral ótima, apenas eventualmente aviltada. Houve também maus momentos, é preciso admitir isso. Quando descobriam o que ela fazia, a julgavam. Vanessa até podia não ser lá muito inteligente, mas, cabe repetir, não era nada burra. Ela sabia que, como reza um ditado antigo, a diferença entre uma prostituta e muitas mulheres “direitas” é que a prostituta é profundamente honesta em relação ao que tem a oferecer e ao preço que cobra.

E, agora, Vanessa sabia que poderia cobrar *bem caro*.

Após nove anos de intensa atividade profissional, começaram os sintomas estranhos. A bem da verdade, os sintomas começaram no oitavo ano, mas Vanessa levou mais um para tomar a atitude de procurar um médico. Após um teste rápido num posto de saúde da Vila Mariana, recebera a notícia chocante: era soropositiva. Mais alguns exames, e outra novidade horrorosa se desvelara: tinha câncer no ovário.

Vanessa passou seis meses evitando tratamento, por orientação de um pastor de uma igreja de seu bairro, que a convencera de que as doenças eram decorrentes de seu estilo de vida. Fazia sentido. Se Deus enviara pragas ao Egito, por que não AIDS e um câncer de ovário a uma prostituta? O problema desse tipo de discurso é que, a despeito de sua aparência lógica, não havia sobrevivido à súbita iluminação de Vanessa. Ela, agora, sabia. Inesperadamente, Vanessa sabia de coisas que jamais se imaginara capaz de saber.

Agora sabia, por exemplo, que nenhuma das doenças tinha a ver com “estilo de vida”. Ela pegara o vírus HIV com um namorado, não com os clientes. Fazia sentido, pois, com os clientes, ela sempre usara camisinha. Quanto ao câncer de ovário, decididamente não se tratava de praga divina, a não ser que se considere “genes ruins” como a maldição de um Deus estranho que age de forma implacável com quem apenas tentou sobreviver no mundo horrível que Ele mesmo criou em Sua infinita sede de tortura.

Se o HIV fora pior socialmente do que em termos de sintomas físicos, o câncer foi o exato oposto e concedera a Vanessa a atenção piedosa que ela nunca teve. O problema, com o câncer, eram os sintomas. Horríveis. Vanessa queria que algo a matasse rápido e só não tentou suicídio porque não tinha ideia de como poderia agir de forma rápida e eficiente. Com a matrícula no

ICESP e os opiáceos, as coisas melhoraram. Por toda essa atenção e dedicação competente, Vanessa se sentia mal ao esconder a verdade do doutor Adriano.

Mas o ICESP também tinha colocado Seon no caminho de Vanessa. Para quem pareceu à primeira vista ser apenas uma enfermeira competente, apesar de esquisita e ateia, Seon terminou se revelando a razão para que Vanessa reforçasse sua crença em Deus.

Foi Seon, afinal, quem a apresentou a Nemy-Z. E, com Nemy-Z, veio o que Vanessa chamava de Milagre com M maiúsculo: a fórmula misteriosa que suas benfeitoras chamavam de “glamour”.

No primeiro dia, logo após ingerir o glamour, fez-se a luz: as dores sumiram e, após poucas horas, Vanessa se levantou da cama e conseguiu tomar banho sozinha.

No segundo dia, Vanessa despertou com a sensação de que tinha dormido uma maravilhosa noite de sono após uma aventura cansativa. Sua pele estava fresca e a parte branca de seus olhos havia revertido a coloração amarela, sintomática da metástase no fígado. Vanessa voltou a sentir o sabor das coisas, e sua língua fazia seu corpo se eriçar em arrepios na medida em que ela devorava quantidades exorbitantes de comida. Em poucas horas, lá estava Vanessa cumprindo sua parte no pacto, atacando Jairo Volpi no elevador com sua mais poderosa arma: o sexo.

No terceiro dia, os cabelos de Vanessa estavam não apenas loiros como eram antes de adoecer, mas dourados em uma tonalidade que ela só lembrava de ter adquirido num verão apaixonado de sua adolescência. O azul de seus olhos cintilava como nunca, e ela percebeu que sua visão havia se tornado mais nítida. O olfato se tornara intenso, a ponto de ela sentir não apenas o cheiro do perfume das pessoas, mas o cheiro por detrás dos perfumes. Tudo era pungente, invasivo e bom. O cheiro do suor era bom. O cheiro da merda era bom. Era tudo, sem dúvida, o perfume da vida se desvelando em toda sua intensidade, fazendo Vanessa se perguntar como era possível que aquilo tudo tivesse se mantido escondido dela até aquele momento.

No quarto dia, Vanessa se deu conta de que não estava apenas mais bonita do que nunca, mas também mais inteligente do que jamais imaginara poder ser. Seu raciocínio havia se acelerado de tal forma, que ela entrou em uma livraria após seu segundo almoço e, enquanto esperava pela chamada de

Volpi, se pôs a ler tudo o que encontrava, a uma velocidade estonteante. Vanessa pegava o núcleo central das ideias, absorvia o essencial, e suas sinapses energizadas realizavam conexões que lhe proporcionavam conclusões acertadas. Em apenas duas horas, Vanessa já havia assimilado o fundamental de seis livros aleatórios, sendo capaz de perceber conexões jamais pensadas entre eles. Se Vanessa pudesse conversar com os autores, nem eles entenderiam que tipo de relação poderia haver entre a dieta mediterrânea e a colonização espacial.

O que é a vida?

O que é a vida?

Vanessa queria descobrir, para entender melhor o excedente que trazia em si própria. Conectando a informação de um livro de física do ensino médio com um romance de Machado de Assis e a obra de um cara chamado Darwin que viajou em um navio cujo nome evocava a raça de um cachorro, Vanessa chegou a uma conclusão satisfatória. Soube que, ainda que não lhe fosse possível “definir” a vida, ela poderia se sustentar sobre quatro fundamentos necessários: capacidade de auto-replicação; encapsulamento celular do ambiente; crescimento derivado da absorção de matéria e energia; capacidade de se adaptar ao ambiente, transformando-se no processo.

Vanessa sorriu. Ela era, toda ela, inteirinha ela, pura vida. Sorriu e consumiu seu sexto chocolate. “Crescimento derivado da absorção de matéria e energia”, repetiu para si mesma.

(Tivesse tido a ideia de se medir, Vanessa descobriria que havia crescido quatro centímetros em quatro dias. O excedente da vida precisava de espaço, afinal.)

O celular vibrou, anunciando a chegada de uma mensagem de texto. Era Volpi. Eram apenas três e meia da tarde, mas ele já havia dispensado os pastores.

“Preciso de você...”, dizia ele.

“Eu que preciso de você metendo em mim”, respondeu ela.

“Olhe pra porta, Vanessa.”

Vanessa olhou pra entrada da livraria, e lá estava Jairo Volpi fazendo uma cara de cachorrinho esfomeado. Ela sorriu e caminhou elegantemente na direção dele, que, pelo visto, havia abandonado qualquer pudor no que tange à necessidade de discrição. Volpi correu na direção dela, atirou-se aos braços de Vanessa e passou a cheirar seus cabelos, sua orelha, seu pescoço, enquanto

implorava:

“Me beija, Vanessa, me beija...”

“Mas aqui, garotão?”

“Aqui mesmo, aqui mesmo, que se foda todo mundo.”

Vanessa fez o que ele pediu, passeando sua língua por todo o interior da boca de Volpi. Suas papilas detalharam o café da manhã do amante. O iogurte de morango. O sanduíche misto, a vitamina de banana. A acidez estomacal. A salada verde, o filé à *bourguignon*. A taxa de açúcar no limite. O cálice de vinho. Vanessa não sabia o que era uma uva *shiraz*, mas o gosto era exatamente aquele. O sorvete de manjerição com calda de frutas vermelhas. A pasta de dente mentolada. O beijo da mulher no dia anterior. O gosto de sua própria vagina. O colesterol levemente elevado.

Em troca de toda aquela informação, Volpi era atingido por pequenas descargas elétricas. Descargas quase imperceptíveis que não geravam o incômodo dos choques, mas que faziam com que ele se sentisse mais uma vez cheio de vida. Seu corpo tremia, e a ereção que ele sentia permitiria que seu pau fosse usado como suporte para uma toalha. A livraria inteira olhava para o casal e, ele bem sabia, vários o tinham reconhecido.

“Que se foda”, pensou ele, mal se dando conta de que não tinha apenas pensado, mas quase gritado. “Foda-se! Foda-se tudo isso!”

“Vai me fazer gozar gostoso?”, perguntou Vanessa, suspendendo os beijos e acariciando o rosto de Volpi. Havia uma luz em torno dele, uma luz avermelhada que soltava pequenos raios, e tudo se revelava a Vanessa como muito, muito lindo. A luz dele era cheia de ódio, mas o ódio também era vida e a vida era linda.

“Vou. O que você quiser. Eu quero te chupar toda.”

“Então vamos!”, respondeu ela. “Só queria pedir uma coisinha antes...”

“O que você quiser. Quer uma joia? Um diamante? Quer? Eu dou.”

“Hmmm... pode ser, mas depois. Eu agora só queria comprar comida pra viagem. Dois milk-shakes e dois sanduíches de frango. Estou, sabe, morrendo de fome...”

“Não precisa de dois, eu acabei de almoçar.”

“Eu como a sua parte”, disse Vanessa. “Você faz o que quiser comigo, mas eu *preciso* de dois milk-shakes e de dois sanduíches de frango.”

Eis que a luz se fez para Vanessa:

A vida era isso. A vida era sentir fome.
E tomar milk-shakes.

14

Anoitecia, mas Diego não sentia a mais vaga vontade de comer e não havia comido nada de substancial ao longo do dia. Bem que ele tentou, por volta das duas tarde, engolir um sanduíche, mas desistiu ao constatar que a combinação de pão com recheio de manteiga e presunto não tinha gosto algum e lhe embrulhava o estômago. Felizmente, sempre havia os suplementos proteicos, os quais Diego ingeria como se fossem medicamentos. A composição importava, não o sabor, além do fato de ser líquido e mais fácil de engolir do que algo sólido.

Diego entrou em uma loja, decidido a comprar um perfume para Rosana. Seria legal lhe dar um presentinho, por toda a sua paciência para com ele nos últimos dias. Para comemorar a venda do apartamento da ricaça da Vila Olímpia, Diego havia decidido comprar o perfume favorito de sua mulher, mesmo sabendo que ela ralharia com ele devido ao preço. Tomou um dos provadores da vitrine em suas mãos e borrifou a fragrância em um dos papezinhos disponíveis, balançando-o no ar para se fingir de expert e, então, aspirou-o. Franziu as sobrancelhas e repetiu o gesto que só lhe confirmou a primeira impressão:

Cheiro de nada.

Como um perfume tão caro poderia não cheirar a coisa alguma?

“Oi, tudo bem?”, disse Diego a uma vendedora. “Pode me tirar uma dúvida?”

“Claro”, disse ela, sorrindo de volta. “No que posso ajudar o senhor?”

“Este provador...”, disse Diego, estendendo o frasco de perfume para a moça. “Ele tem este perfume que tá aqui no rótulo?”

“Sim, isso mesmo.”

“Mas isso não tem cheiro de nada, moça! É água pura!”

Intrigada, a moça pediu licença e tomou o perfume das mãos de Diego. Após borrifar um pouco do frasco em outro papel, aspirou o cheiro e olhou para Diego com uma expressão de curiosidade.

“Pra mim, parece bem normal...”

“Você tá me chamando de mentiroso?”, perguntou Diego, sentindo o

rubor lhe subindo à face. A vendedora deu um passo para trás, assustada.

“Não, senhor, de forma alguma! O senhor gostaria de experimentar outros perfumes?”

A cabeça de Diego doía e ele suava bicas em decorrência do calor que, aparentemente, apenas ele sentia.

“Não, tudo bem... tudo bem, vou levar essa porra mesmo.”

“Mas se o senhor não gostou, temos outros perf...”

“Eu já disse que tudo bem, ok? Eu quero esse!”

A vendedora, com o corpo ainda encolhido, devolveu o frasco a Diego, orientando-o a passar no caixa e pagar. No momento do pagamento, outro problema: Diego tinha esquecido a senha do cartão de crédito. Era a segunda vez que digitava o código, e lia o resultado na maquininha: “senha incorreta”.

“A gente pode passar de novo, mas na terceira senha incorreta o cartão é bloqueado”, advertiu a moça do caixa.

“Foda-se essa merda! Vou pagar em dinheiro mesmo!”

A vontade era de atirar o frasco de perfume na cara da moça do caixa, mas Diego se segurou. Era, afinal, o perfume de Rosana. Rosana iria adorar o perfume. Rosana ficaria cheirosa para ele. Rosana, Rosana. Com aquele cheiro de nada, lhe daria um beijo com gosto de nada e o envolveria em seus braços, fazendo-o sentir.

Sentir nada.

Diego evaporava pouco a pouco, como um perfume cujo proprietário havia esquecido destampado. O perfume escapava e o frasco ficava a cada dia mais repleto do mais profundo e pungente *nada*.

15

Era época de horário de verão. O Sol se punha tarde, desenhando no céu uma explosão de trinta e sete tons de vermelho e laranja em detalhada nitidez aos olhos fascinados de Vanessa. Ela cavalgava o pau de Volpi, alternando entre estocadas violentas e movimentos lentos, fazendo uma espécie de mágica vaginal que impedia Volpi de gozar rápido.

“Meu Deus! Meu Deus!”, gemia ele, debaixo dela. “Como você... ahhh... como você consegue fazer isso?”

Volpi gemia, às vezes gritava e se contorcia debaixo de Vanessa.

Gritava palavrões, declarações de amor e promessas de submissão eterna. Vanessa, por sua vez, nem vagamente prestava atenção, de tão extasiada que estava. O prazer que sentia era intraduzível em palavras, até porque seria um problema se ela falasse sobre isso naquele momento. Não se tratava de um prazer fornecido pelo pau de Volpi, mas pelas cores crepusculares que se desenhavam na varanda daquele quarto principesco de motel. Ela mirava o gradual enegrecimento do vermelho do céu, envolvida pela epifania que ribombava em sua mente:

Tudo é vivo.

Tudo.

Nada nunca, jamais morre. A morte não existe, é uma falha na percepção. Afinal, viver é isso: consumir até onde for possível e mudar de estado para ser consumido, fornecendo matéria para todos os seres ao redor. Vanessa jamais morreria. Agora se sabia eterna, cada uma de suas moléculas fabricada na fornalha nuclear existente no coração do Sol. O mesmo Sol que se despedia diante dela, como um monstro a lhe lembrar: *tudo brota de mim e volta para mim.*

Ignis natura renovatur integra, ecoou a voz do Sol dentro de Vanessa, falando na língua antiga que ela jamais aprendera, mas que agora lhe era acessível graças ao poder do glamour: *a natureza inteira se renova pelo fogo.*

“Ai, puta que pariu! Que buceta gostosa!”, tremulava a voz do homem submisso ao avatar do Sol.

Hidrogênio, hélio, lítio, berílio. Vanessa, o avatar, cavalgava e dava beijos elétricos em Volpi, sem ele se dar conta de que, enquanto se beijavam, as luzes do quarto oscilavam. Boro, carbono, nitrogênio, oxigênio. A tabela periódica dos elementos não saía da cabeça de Vanessa, desde que ela a lera há algumas horas. Flúor, neônio, fome. Sódio, magnésio, alumínio, fome.

Fome.

“Preciso do outro milk-shake”, disparou Vanessa, interrompendo a cavalgada.

“O quê?! Mas... agora?”

Sem pestanejar, Vanessa saiu de cima de Volpi, cujo pau duríssimo continuou na posição em que estava, fazendo um ângulo perpendicular com sua barriga. Se passou pela cabeça de Volpi reclamar, ele não o fez, de tão encantando que ficou com seu próprio órgão genital em tão vigoroso endurecimento. Vanessa pegou o milk-shake de chocolate e, sem pedir

licença, o derramou inteiro do peito ao pênis de Volpi.

E, então, caiu de boca.

“Ahhh... ahhh! Porra! Porra!”, gritava ele.

“Tá gostoso, tesão?”, perguntou ela.

“Ahhhh...!”

Vanessa passeou a língua pelo corpo de Volpi. Ela sorvia cada gota do milk-shake, e era uma língua tão dura que a Volpi parecia feita de pedra incandescente. Vanessa o lambia do peito ao saco e então cursava o caminho ascendente, fazendo-o tremer como se estivesse tendo uma leve convulsão. Subitamente, Vanessa se deteve na região entre o saco e o ânus e permaneceu ali, passeando com sua língua-britadeira. Subitamente – e sem suavidade alguma – Vanessa pegou os tornozelos de Volpi e os ergueu no ar, como se ele fosse uma criança. Ao perceber o que ela pretendia fazer, Volpi tentou se libertar, mas percebeu que não conseguiria.

“Mas o que... Me solte!”, protestou Volpi.

“Shhhhhh!”

“Não, não faça isso! Vanessa, pare! Não faç... ahhh... ahhh! AAAAHH!”

* * *

Três horas se passaram.

Volpi urrava e gemia, contorcendo-se inteiro enquanto o avatar do Sol enfiava um terceiro dedo levemente elétrico em seu ânus e chupava seus mamilos. O Sol já havia ido para o outro lado do mundo, mas não havia problema. Seu novo avatar estava carregado o suficiente para fazer aquilo durar por horas a fio, se quisesse.

Horas a fio terra.

“Ahhhh... que delícia, o que você está fazendo comigo?”

“Tá gostoso, tá?”, perguntou o avatar, usando a voz de Vanessa.

“Tá sim... ahhh...”

“Você agora é minha putinha? Minha vagabunda?”, perguntou a entidade.

“Sou sim! Sou sim!”

“Então diga o nome de sua mestra.”

“Vanessa! Minha mestra é Vanessa!”

“Muito bem, minha criança...”, disse ela, rosnando como um filhote de dragão.

O corpo de Vanessa se levantou, deixando seu pequeno brinquedo humano languidamente deitado na cama, com uma expressão aparvalhada.

“Por que parou? Volte...”, pediu Volpi, com a voz fina de um menino.

“Não, minha criança. Por hoje chega”, disse o avatar, usando a voz de Vanessa. O corpo dela estava de pé em cima da cama, olhando Volpi do alto. “Eu já gozei dez vezes e você, três. Vamos guardar um pouco pra próxima.”

“Eu nunca gozei assim...”, disse ele, num quase sussurro. “Quando a gente vai se ver de novo?”

“Amanhã você tem duas entrevistas”, respondeu Vanessa. Ela respirava profunda e lentamente, na medida em que, pouco a pouco, o dragão voltava a dormir em seu âmago. “Mas depois de amanhã eu quero que você cancele tudo. Depois de amanhã você é só da sua mestra. Agora vamos, lamba meus pés!”

Volpi engatinhou com um olhar súplice na direção de Vanessa. Sempre quisera uma mulher como ela e, agora que tinha encontrado uma, jamais a deixaria.

Quanto ao resto do mundo, Volpi agora via as coisas nas devidas proporções, entendia que nada tinha tanta importância. O poder político com seus joguetes e acordos era uma piada se comparado ao verdadeiro poder que ele ora experimentava com Vanessa. O apreço por humilhar, o gosto por diminuir finalmente havia encontrado o canal sincero de escoamento: Volpi dava aos outros o que queria para si, mas ninguém jamais entendera isso. Quanto mais ele mandava, mais as pessoas o obedeciam. Um infinito rebanho de burros que não entendia nada. Ninguém entendia nada!

Vanessa era diferente! Vanessa compreendia! Ela sim, sabia o que era dominar.

Volpi se pôs a lamber os pés da amante.

“Tão quentes... seus pés são tão quentes, meu amor, parecem fogo!”, disse ele.

“*Tudo se renova pelo fogo*”, Vanessa rugiu baixinho, em resposta.

Volpi não entendeu e não se importou. Tudo o que lhe importava era Vanessa, tão imperiosa que até parecia ter crescido. Volpi não lembrava dos pés dela serem tão grandes, nem de seus seios serem tão fartos ou seus olhos tão... luminosos. Na meia-luz daquele quarto de motel, os olhos de Vanessa

faziam lembrar dois sóis resplandecentes que atraíam o querer de Volpi com uma força gravitacional da qual ele não planejava escapar. Nem agora, nem nunca. Por que deveria? Ele e Vanessa, juntos, a tudo conquistariam. Volpi sorriu, sentindo-se renovado.

Renovado pelo fogo.

16

Seon tentou ligar para Vanessa mais uma vez, mas não obteve resposta. Faltava uma hora para o início do show das Iluminadas de Tanatheros, e Seon não queria passar tanto tempo sem checar o estado de Vanessa, pois bem sabia o quanto as coisas ficavam mais intensas e difíceis de controlar na medida em que os dias se passavam para aquele que, tendo tomado o glamour, tornava-se o Salvador.

Seon encontrou Nemy e Cassie no camarim da casa de shows. Checou o celular pela quinta vez em menos de vinte minutos, apenas para constatar que a mensagem enviada para Vanessa ainda constava como “não visualizada”.

“Algum problema, minha criança?”, perguntou Nemy. “Você não para de checar esse aparelho.”

“É Vanessa”, Seon respondeu. “Ela não responde.”

“Quando você mandou mensagem pra ela, Seon?”, perguntou Cassie.

“Dezenove minutos e trinta e quatro segundos atrás.”

Nemy balançou a cabeça e sorriu, tirando o celular das mãos de Seon e disse:

“Ora, vamos, minha criança! Ela apenas não viu a mensagem ainda. Vamos, veja seu saxofone ali no sofá. Tente se distrair, treine um pouco antes do show.”

“Não preciso. Já sei tocar isso perfeitamente”, respondeu Seon.

“Eu sei que você sabe”, replicou Nemy. “Toque por tocar, querida. Toque por tocar.”

“Não faz sentido. Por que eu faria alguma coisa sem necessidade?”

Cassie deu um longo suspiro, pegou o saxofone e o entregou a Seon.

“Toque pra mim, ok? Eu gosto de ouvir você tocar, isso me relaxa.”

Seon tomou o objeto em suas mãos e disse:

“Sendo assim, faz sentido. Que música você quer que eu toque?”

“Posso dar uma sugestão?”, perguntou Nemy, recebendo como resposta um aceno positivo de Cassie. “Toque a primeira do show, Seon. Toque *An All Time High*, de Rita Coolidge.”

* * *

Diego chegou em casa às nove e meia da noite, com a pior enxaqueca de sua vida. Chegava a sentir os lábios formigarem, e a pálpebra esquerda estava mais caída que a direita. O cheiro de queimado o havia perseguido ao longo do dia, ficando ora mais intenso, ora mais suave. Naquele momento, o cheiro estava tão forte, que Diego achou impossível ser só imaginação.

“Tem alguma merda queimando”, disse ele.

Após um barulho de descarga, Rosana saiu do banheiro e seu sorriso meio que desmaiou ao ver a cara do marido.

“Ah, você já chegou? Tentei te ligar pra ver como foi tudo”, disse ela.

“A bateria dessa porra descarregou.”

Após atirar o celular sobre o sofá, Diego se deixou cair na poltrona com as duas mãos pressionando a cabeça.

“Me traz a porra da dipirona, Rosana.”

Rosana achou melhor não dizer nada. Não naquele momento. Limitou-se a levar um copo d’água com dois gramas de dipirona para o marido. Mas a primeira coisa que ela faria, amanhã, seria ligar para a sogra e contar o que estava acontecendo. Alguém precisava urgentemente ajudá-la a convencer Diego a ir a um médico.

“Tome, querido, beba com calma”, ela pediu.

Diego bebeu tudo, embora sem acatar a sugestão de Rosana. Metade do conteúdo do copo caiu sobre a poltrona.

“Porra!”, grunhiu ele.

“Não tem problema nenhum, relaxe, é só água.”

“Como ffoi seu dxia?”, perguntou ele, mexendo apenas a metade direita dos lábios. Rosana percebeu e arregalou os olhos.

“Di... Diego... Uma parte da sua boca tá meio estranha...”

“Extranh com?”

Ela se sentou ao lado dele, pegando o queixo do marido com uma das mãos. Ele recuou, instintivamente.

“Dói quando eu toco?”, perguntou Rosana.

“Pra cralho! Txira a mãn!”

“Mas Diego...”

“Não me enchhh!”, gritou ele. “Não me enchhh, cralho! Que porra! Trabalheei o dxia todo e voxê fica vendo o que nãm existx!”

Rosana estava em prantos.

“Diego! Pelo amor de Deus, Diego! O lado esquerdo do seu rosto está totalmente diferente do direito!”

“Voxê é malhuca! Eu vendxi o apartmentcho, xabia? Vendxi xim! E comprei um perfum pra voxê!”

“Perfume? Diego, pelo amor de Deus, vamos no médico agora!”

Sangue tinha começado a escorrer do nariz de Diego. E não era pouco. Rosana arregalou os olhos, correu para o telefone e se pôs a discar pra alguém.

“O q voxê tá fazenu?!”, perguntou Diego, estendendo o presente na direção de Rosana. “Comprei perfum!”

“Tô ligando pra sua mãe e pro seu irmão! A gente precisa ir pro hospital agora, Di! Pelo amor de Deus!”

“Nãããm!”, gritou ele, arrancando o telefone das mãos dela.

“Diego, a gente precisa ir! Seu nariz está jorrando sangue!”

“Nãm vô!”

“Vai sim, nem que seja amarrado!”, gritou Rosana, que sacou o celular do bolso.

Os olhos vermelhos de Diego se arregalaram em seu rosto parcialmente paralisado. O sangue pingava farto de suas narinas. Rosana não gritou e levou dois segundos para entender o que estava acontecendo, ao perceber que voava pela sala, arremessada por um poderoso tapa de Diego.

* * *

A casa de shows estava lotada de gente ansiosa por ver as Iluminadas de Tanatheros. A banda, composta pelas cantoras Nemy-Z e Cassandra Johnson, contava também com algumas musicistas um tanto nômade, com exceção da descendente de coreanos, Yeong-Seon, cuja performance já valeria um espetáculo solo. Corria à boca miúda o boato de que não havia instrumento no planeta Terra que Yeong-Seon não conseguisse aprender a

tocar em um espaço de tempo ridículo.

O fato é que, desde que se anunciaram no Brasil pela primeira vez há dois anos, as Iluminadas de Tanatheros fizeram sucesso imediato tanto pelo talento inequívoco de Seon quanto pelas vozes absolutas e miméticas de Nemy e Cassandra, capazes que eram de ir do barítono ao *soprano ultra leggero*.

As cortinas se abriram, o jogo de luz começou sua dança estroboscópica e a plateia veio abaixo quando Nemy e Cassandra entraram de mãos dadas, seguidas pelo restante da banda. Mãe e filha trocaram um olhar cúmplice e um sorriso, enquanto Seon iniciava seu solo de sax. Nemy moveu rapidamente as mãos, passando uma mensagem em linguagem de Libras para Cassie:

“Relaxe, absorva a energia psíquica da plateia e, enquanto canta, deixe sua mente guiar você até um Salvador.”

“Vou tentar”, respondeu Cassie, num discreto sussurro.

Segurando o microfone como se feito de vidro fosse, Cassandra iniciou sua canção, que bem poderia ser de ninar, de tão doce que era:

*All I wanted was a sweet distraction for an hour or two,
Had no intention to do the things we've done...*

* * *

“Amor... mdixculpe... Eu não txinha a intenxaum... juro q não txinha!”, Diego balbuciava, enquanto tentava abraçar Rosana. Ela, contudo, tentou empurrá-lo para longe de si, rasgando a camisa dele no processo. Rosana correu para perto do quarto e mal conseguia ouvir os insistentes pedidos de desculpa do marido. Estava apavorada, sentindo o alto relevo da marca do tapa de Diego no lado esquerdo de seu rosto. O tapa pulsava como uma maligna tatuagem instantânea. O que Rosana não conseguia entender é por quê não havia dor. Jamais levara um tapa na cara em seus trinta e cinco anos de vida e mal desconfiava do quanto sofreria, tão logo sua adrenalina baixasse.

Rosana poderia estar triste. Poderia estar indignada, até mesmo furiosa. Nenhuma dessas emoções, porém, transparecia em seu rosto naquele momento. Uma expressão assustada era tudo o que Rosana tinha para

oferecer, enquanto admirava a marca da mão de Diego tão bem definida no branco-paulistano de sua pele. Isso e a profusão de espinhas no peito e nas costas do marido.

“Olha só pra isso!”, gritou Rosana, apontando para o torso desnudo de Diego, “Você ainda tá tomando essas merdas de bomba?”.

“Mas o q...?”, balbuciou Diego, examinando a si mesmo, “Amor, ixo não tem importância, não tem! Deixa eu ver xeu roxxxto... Ai, meu Deus... Tá doenu muito? Me dixc...”.

“Como assim não tem importância?! Tá na cara que são essas merdas que tu toma, Diego! Tu fica tomando bomba sem parar, olha só pra essa pele! É isso o que tem te deixado tão agressivo! Fazendo coisas de maluco!”

“Nãm ttt-tem nada a ver... Gggggg-geral toma e nãm ttttt-tem nada...”, disse Diego.

“Bem, você tem! Vamos no médico agora!”

“Pppppp-para de gritar, pppppp-porra! Já pedi dixelpas, nãm pppppp-precisa ficar gggggg-gritando, eu ttttt-tô com dor de cabexa!”, disse Diego, massageando as têmporas.

Rosana deu dois passos para trás.

“Diego, olha pra mim. Eu não estou gritando”, disse ela.

“Está XIM! Gggggg-ritando que nem uma PPPPPP-PUTA! Você nãm xabe a prexão que eu tttt-tô paxando naquela PPPPP-PORRA de ixcritório e fica aqui mmmm-me prexionando! PPPPPP-ORRA! PPPPP-PUTA!”

Rosana deu outro passo para trás e podia jurar que o branco dos olhos de Diego havia instantaneamente passado para uma tonalidade de vermelho mais intensa do que a marca do tapa que havia recebido.

“Diego, eu estou falando baixo. Quem está gritando é você. Fique calmo, por favor, você está me assustando.”

“Arvxdddd!”

“Di? Di, pelo amor de Deus! Eu vou chamar os vizinhos, você precisa de ajuda!”

“XXXERO DE QUEMADO! XERO DE QUEMXJSHEU! PPPP-PUTA! PPPPPP-UTA! DREFUR!”

Diego saltou sobre Rosana e ambos desabaram no chão, embolados um ao outro exatamente como na primeira vez, embora, evidentemente, não com o mesmo romance.

* * *

Tirar os olhos de Cassie não era uma opção. Além da voz perfeitamente feminina que encantava, havia também seus movimentos. Cada pequeno gesto exercia tamanho efeito hipnótico que até mesmo Nemy precisava se esforçar para não se distrair. Qualquer um que olhasse Cassie naquele momento poderia jurar que seus cabelos azuis tinham vida própria, esvoaçando ao vento de um jeito que nada tinha de caótico. Em Cassandra, cada detalhe externo era total ordenação, perfeito contraste para o que se passava em seu interior caótico e conectado ao sofrimento do mundo.

O silêncio absoluto havia recaído sobre a plateia. Ninguém ousava fazer ruídos, por menor que fossem. Não, não poderia haver ruídos, pois seria uma afronta poluir a perfeição da voz de Cassie enquanto ela dava nova vida à música de Rita Coolidge:

*Funny how it always goes with love, when you don't look, you find.
But then we're two of a kind, we move as one!*

* * *

Diego e Rosana rolavam pelo chão da sala, movendo-se como se fossem um só ser. Ela gritava “pare!”, ele urrava “afxfumejudxeskd!” e algo que parecia ser “socorsfoos!”. Ambos choravam. Rosana, grávida de três meses, tentava proteger a barriga enquanto Diego se agarrava a ela com a força descompensada de quem tenta se salvar de uma ameaça. Ele não fazia ideia do quanto estava machucando a mulher. Diego convulsionava, dando chutes a esmo. Seus olhos giravam e espuma saía do canto de sua boca.

Após muito esforço, Rosana conseguiu se desvencilhar e correu para o quarto, onde se trancou. Estava arranhada, socada e mordida em várias partes do corpo, embora nada lhe doesse. Iria doer, com certeza iria, mas no momento a dor era a última de suas preocupações. Pegou o telefone, discou 192 e não levou tanto tempo até que alguém atendesse e Rosana implorasse:

“Pelo amor de Deus, eu preciso de ajuda, meu marido está tendo um ataque!”

“Que tipo de ataque? O que está acontecendo?”, perguntou a voz

anódina do outro lado da linha.

“Ele está convulsionando! Mandem uma ambulância, por favor!”

“Onde vocês moram?”

“ROSANFFFUXSSI!!!”, urrava Diego do outro lado da porta.

“Perto da Praça da Árvore! Por favor...”

“Senhora, eu preciso do seu endereço completo. A ambulância chega em vinte minutos, tente ficar calma.”

“Vinte minutos?! Mas isso é muito tempo!”

“Senhora, me dê seu endereço, faremos o possível. O tráfego está pior do que nunca.”

“ALLTIMEHIGHXZZZWKJR!”, urrou Diego, fazendo Rosana gritar.

* * *

Nemy sorria, satisfeita. Ela conhecia aquele olhar em Cassie, o olhar de quem tinha feito um contato. O show cumpria seu papel, mesmerizando a plateia e permitindo que Cassie absorvesse a energia psíquica das mais de mil pessoas ali presentes. Com este novo Salvador, as Iluminadas de Tanatheros teriam material com o qual trabalhar. Nemy percebeu, pelo sutil tremor nas pálpebras de Cassie, o quanto lhe era forçoso permanecer de pé. Com um sinal antecipadamente combinado, Cassie abaixou o microfone no exato momento em que Nemy ergueu o seu e cantou em poderoso contralto:

We're an all time high! We'll change all that's gone before!

Doing so much more than falling in love...

* * *

As forças enfim abandonaram Diego e seu corpo desabou ao chão, desmaiado. Rosana abriu a porta do quarto e disparou em prantos na direção do marido. Checou sua respiração. Vivo. Viu o sangue que saía do nariz de Diego. Desespero. Checou o relógio. Quinze minutos demorariam a passar, mas nada havia a ser feito além de esperar. Diego ardia em febre, sua temperatura estava mais alta do que nunca, mas Rosana sabia que só lhe restava ficar calma. Ficar calma e esperar.

* * *

Com o canto do olho, Nemy viu que Cassandra continuava a dançar e, ainda que seus movimentos fossem lentos, era possível imaginar o tamanho do esforço de lidar com tamanha conexão psíquica. Mesmo assim, ela dançava e estava linda de morrer. Discretamente, entre um movimento e outro, aproveitando-se do gestual aparentemente aleatório, Cassandra transmitiu uma mensagem para Nemy, usando Libras:

“Consegui um contato. Diego Braga. Um homem muito, muito forte. E muito doente, também.”

Tudo isso foi transmitido discretamente, sem jamais interromper a performance, enquanto Yeong-Seon fazia maravilhas com o saxofone e Nemy continuava a canção:

*On an all time high, we'll take on the world and wait.
So hold on tight, let the flight begin.*

* * *

“Diego? Diego, meu amor, segure firme minha mão! Já vai passar, estamos chegando!”, disse Rosana ao perceber que os olhos do marido se abriam. Estavam dentro da ambulância e a caminho do pronto socorro.

“O q contxeu?”, perguntou Diego. Seu rosto estava parcialmente paralisado e a metade esquerda dos lábios estava caída, com saliva escorrendo sem cessar. Rosana chorava. Ela não era médica, mas lembrava bem de como seu tio Marcos ficara após um AVC.

“A gente ainda não sabe, querido. Não fale, fique calmo.”

“O senhor está sentindo dor?”, perguntou um paramédico. “Não precisa falar, apenas acene se sim ou não.”

Diego ofereceu um convicto “sim”.

“Mais morfina?”, perguntou a enfermeira ao paramédico. Mas, antes mesmo que ele pudesse responder, Diego os interrompeu:

“Nãm qqgro durmí.”

* * *

*I don't want to waste a waking moment. I don't want to sleep.
I'm in so strong and so deep, and so are you.*

Cassandra, não sem algum esforço, fazia seus truques de voz e dava suporte à performance de Nemy. O público não conseguia tirar os olhos do trio, sobretudo quando Cassandra fazia aqueles truques sensuais com os cabelos ou nos momentos dos solos de saxofone de Yeong-Seon.

*In my time I've said these words before, but now I realize
my heart was telling me lies, for you they're true.
We're an all time high!*

A canção terminou e a plateia veio abaixo. Muitos choravam, emocionados com a interpretação feita pelas Iluminadas de Tanatheros para a canção de Rita Coolidge. Uma grande parte do público, por sua juventude, desconhecia a música original e pensava estar diante de algo inteiramente novo. As Iluminadas de Tanatheros eram lindas e incríveis. Eram puro e absoluto glamour.

17

No hospital, as notícias estavam longe de serem boas.

A ressonância magnética mostra uma infiltração difusa no cérebro de seu marido. É necessário fazer uma biópsia para confirmar o que é”, disse o doutor Lazzeri para o trio composto pela esposa, a mãe e o irmão de Diego.

Rosana olhou para as paredes ao redor. Pareciam não ser muito sólidas. Talvez aquilo tudo fosse um pesadelo muito realista do qual ela acordaria a qualquer momento. Mas Rosana era uma psicóloga inteligente demais para ignorar os próprios sintomas de negação.

A mãe de Diego chorava convulsivamente, amparada pelo outro filho. Bruno era a versão light do marido de Rosana. Era como Diego seria se não tivesse passado dez anos da vida tomando hormônios esteroides e fazendo musculação. Aos olhos de Rosana, Bruno até parecia mais bonito. Ela nunca

entendera a obsessão do marido pelo crescimento muscular, uma obsessão sempre insatisfeita com os resultados e de gosto duvidoso para a maioria das mulheres. Era piada corrente entre as amigas de Rosana que quem gosta de homem muito musculoso são outros homens muito musculosos. Mas ela nunca contara essa piada a Diego. Ele se ofenderia.

“Como ele está?”, perguntou Bruno.

“No momento, bem. Está consciente, foi medicado. Vocês podem visitá-lo agora, se quiserem”, respondeu o doutor Lazzeri.

“Qual a gravidade disso?”, perguntou Rosana.

“Não temos como saber sem fazer a biópsia”, respondeu o médico. “Mas não vai demorar muito pra sabermos a resposta.”

“Eu quero ver meu filho agora”, disse a mãe de Diego. “Vamos entrar. Vamos, Rosana.”

A senhora se levantou com alguma dificuldade, amparada pelo filho Bruno e ajudada por Rosana.

“Dona Santinha, vá na frente com Bruninho. Eu vou daqui a pouco, ok? Preciso ir no banheiro”, mentiu Rosana.

Assim que se viu sozinha com o médico, Rosana desligou do modo “esposa de Diego”, entrou no modo “psicóloga especialista em luto” e falou com o corpo quase colado ao do médico:

“Escute, não precisa esconder nada de mim. É um tumor, não é?”

“É um tumor, mas não podemos afirmar nada antes de...”

“Eu sei, eu sei que vocês não podem fazer nenhuma afirmação”, interrompeu Rosana. “Quero saber o que lhe parece.”

Doutor Lazzeri olhou para os lados, constrangido. A ética médica o mandava dizer a verdade, mas também era bastante clara no tocante a dizer a verdade *diagnosticada*, não “achismos”. Entretanto, os traços distintivos estavam todos lá: enxaquecas violentas, sangramento nasal, convulsões, alterações de personalidade, surtos de demência. E, agora, uma ressonância magnética cujos resultados, de tão raros que eram, ele só tinha visto em livros.

“Parece um glioblastoma multiforme”, respondeu. “Os sintomas batem, mas a ressonância mostra uma infiltração esquisita, não muito comum em casos assim.”

“O quanto isso é ruim?”, perguntou Rosana.

“Bastante.”

“Se for um glioblastoma, qual o tempo médio de sobrevida?”

“Veja, aí já entramos no terreno do excesso de suposições. Eu já nem me sinto bem ao chutar, dizendo que é um glioblastoma. Como eu vou falar em tempo médio de sobrevida, se nem sei do que se trata?”

“Mas...”

“Escute, falando sério, não sofra por antecipação. Você está grávida, precisa relaxar. O resultado da biópsia sai rápido e daí podemos discutir opções.”

Rosana estava prestes a responder alguma grosseria ao médico, mas então se deu conta do quão familiar era tudo aquilo, só que invertido: ela no lugar do doutor Lazzeri, no papel de psicóloga especialista em luto. Negacionismo e agressividade eram dois irmãozinhos que andavam de mãos dadas.

“Cuide de uma coisa por vez”, pediu o médico. “Seu marido está acordado, está consciente e perguntou por você mais de uma vez. Por que não vai visitá-lo?”

Rosana acatou a sugestão e entrou no quarto particular. A aparência de Diego estava boa, muito melhor do que antes, mas o lado esquerdo do rosto permanecia levemente caído.

“Você fez bem... em insistir pelo... plano de saúde mais caro”, disse Diego, com um sorriso e a fala arrastada. “Me livrou de ficar... num quarto coletivo.”

“Bom dia, meu amor”, disse Rosana, beijando o rosto do marido. “Como você tá se sentindo?”

“Meio estranho. Fazia tempo que... eu não sabia o que era... não ter dor de cabeça”, disse ele, franzindo o semblante enquanto olhava para ela. “Que marca roxa é essa no seu rosto, Rosana?”, perguntou.

Um silêncio constrangedor se fez. A mãe e o irmão de Diego se entreolhavam.

“Na confusão de socorrer você, eu caí”, disse Rosana. “Mas tá tudo bem, só um pouco sensível ao toque. O médico me passou analgésicos.”

“Você caiu... e a marca roxa na sua cara... tem o formato de uma mão?”

“Diego...”, tentou argumentar Rosana, afastando-se da cama.

“Diga a verdade. Eu te bati, não foi?”

“Meu filho, deixa isso pra lá...”, pediu a mãe.

“Bati ou não bati?”, insistiu Diego.

“Bateu, Diego. Bateu, ok?”, respondeu Rosana. “Mas você não estava em seu juízo, não era você ali. Não foi sua culpa.”

Os olhos de Diego se encheram de lágrimas. Rosana sentou ao lado dele e se pôs a acariciar sua cabeça.

“O que eu tenho?”

“Os médicos ainda não sabem”, disse o irmão, Bruno. “Estão fazendo exames.”

“Não há de ser nada grave!”, disse a mãe. “Vou rezar todos os dias pra Nossa Senhora da Saúde, você vai sair dessa, você vai ver!”

18

“Não é tão ruim”, disse Leonor, bebendo uma taça de Brunello di Montalcino.

“Como assim não é ruim, minha criança?”, perguntou Nemy. “Ficou claro, ontem, que Offenbach está nos caçando.”

“Eu estava falando do vinho, Nemy. Já bebi melhores, mas este não é tão ruim.”

As Iluminadas de Tanatheros estavam reunidas no apartamento de Leonor, um dia após o show. Havia muito o que deliberar sobre o futuro acidente de ônibus revelado em visão para Cassie, sobre as últimas tratativas pertinentes ao caso Volpi e, agora, um problema a mais: Offenbach investigando as Iluminadas de Tanatheros.

“Nós precisamos nos mudar”, disse Nemy.

“A venda do apartamento foi fechada. Não me importo se sairmos antes do pretendido. Poderíamos ir pra Ilha Bela”, disse Leonor.

“Me refiro a mudar de identidade, esta foi comprometida”, disse Nemy. Vou sentir saudade, Nemy-Z e as Iluminadas são uma experiência divertida.”

“Não entendo”, disse Seon. “Se os shows das Iluminadas são uma forma de colocar Cassandra no centro de um turbilhão emocional e ativar seus poderes, de que forma vamos conseguir encontrar futuros Salvadores?”

“Isso não é um problema”, respondeu Cassie. “Há outras maneiras de absorver a energia psíquica de aglomerados humanos.”

“Eu poderia ressurgir como um ás do futebol”, disse Nemy, após

pensar um pouco. “Cassie mudaria o penteado, a cor dos cabelos, as roupas e faria o papel de minha linda e formal esposa.”

“Mas, até lá, o que a gente faz se Offenbach mandar alguém?”, perguntou Cassie.

“Até lá, Cassie, não quero você sozinha de jeito nenhum”, disse Leonor. “Os agentes de Offenbach não podem ferir a mim ou a Nemy, e Seon é mestre em todas as lutas corporais do planeta.”

“Eu não sou tão frágil assim!”, protestou Cassie.

“Suas habilidades são as únicas que não servem pra autodefesa”, insistiu Nemy. “Leonor está certa. Até podermos mudar de identidade, você não fica sozinha.”

Cassie torceu o nariz, bebeu meia taça de vinho de uma só vez, apontou para Leonor e disse:

“Qual é, Nemy? Mamãe está doente! Os comandos dela mal duram meia hora! Como ela vai se defender? A gente deveria se mandar hoje!”

“Cassie...”, disse Leonor, com um olhar sinistro, “...se algum agente de Offenbach tiver a ousadia se aproximar de mim, eu o farei esquecer de como se respira. Eu não preciso que o efeito de meus poderes dure mais do que alguns poucos minutos...”

“Mas... e se você estiver dormindo?”, protestou Cassie.

“Por isso, acho melhor ficarmos todas juntas”, disse Nemy. “Eu não durmo nunca.”

“Próximo ponto: agora que o contato foi feito, o que está exatamente faltando? O que temos e o que não temos?”, perguntou Leonor.

“Temos nome e sobrenome do possível Salvador”, respondeu Nemy. “E isso é ótimo sinal.

“Não sei, não”, interrompeu Cassie. “Quantas pessoas chamadas ‘Diego Braga’ existem no Brasil? Eu queria ter pego algum detalhe mais específico, mas ele estava muito confuso e eu só consegui acessar o nome do cara.”

“Restrinja as opções”, disse Seon. “A pergunta correta é: ‘quantos Diego Braga com câncer terminal existem no Brasil?’. Devem ser poucos. Nada que uma busca usando o sistema integrado de saúde não resolva.”

“Mesmo que ele use um hospital particular?”, perguntou Cassie.

“Sim”, respondeu Seon. “Os dados estatísticos são continuamente partilhados. Eu vou descobrir quem é Diego em menos de quarenta e oito

horas. Na pior das hipóteses, vou levar uma semana.”

“Não fiquem tão otimistas, meninas”, comentou Leonor.

“Se Cassie conseguiu ter acesso a um agente capaz de mudar o rumo dos acontecimentos, é porque está ao nosso alcance fazer isso. Não precisamos de otimismo, só temos que ter paciência”, disse Nemy.

“Mas ele pode não topa”, disse Leonor, se servindo de outra dose. “Tudo depende da escolha dele.”

“No final, quando percebem a morte chegando, todos topam, minha criança”, respondeu Nemy. “É da natureza humana querer dar algum sentido à própria vida quando se dá conta de que ela está no fim.”

“Quem não vai querer ser eternizado como um homem que salvou mais de trinta crianças?”, disse Cassie.

“Nunca entendi isso”, interrompeu Seon. “Você não poderia obrigar o Salvador a cumprir a tarefa?”

Leonor sorriu, admirada como a mente de Seon era pragmática e livre de restrições morais complicadoras. Então, respondeu:

“O efeito de minha voz, atualmente, só dura meia hora. Nos bons e velhos tempos, durava três dias. Lembra, Nemy?”

“Como esquecer?”, respondeu Nemy, rindo. “Aprontamos muito!”

“Nem quero imaginar o que isso significa...”, comentou Cassie.

“E ainda tem outro detalhe, Seon”, continuou Leonor. Minha voz não tem efeito algum sobre quem bebe o glamour. Eu poderia forçar o tal Diego a beber a fórmula, mas não a cumprir a tarefa. Ele estaria fora de meu controle tão logo tomasse a fórmula. Ele tem que *querer fazer*.”

“Interessante”, disse Seon. “Do que o glamour é feito, afinal?”

“Bem, isso é informação confidencial”, respondeu Leonor, trocando um rápido olhar com Nemy.

“Informação confidencial pra mim, que sou novata?”, perguntou Seon.

“Nem eu sei do que esse troço é feito, Seon...”, disse Cassie.

“Não saber as protegerá”, disse Nemy.

“Mas Leonor sabe”, disse Seon.

“Segredinho que irá comigo para a tumba”, comentou Leonor, sorrindo e bebendo mais um gole de vinho.

Cassie olhou para a mãe com um ar de reprovação e disse:

“Não gosto quando você faz piadas sobre morte. E você não deveria

estar moderando na bebida?”

Leonor se voltou para Cassie, acariciou seu rosto perfeitamente feminino e respondeu:

“Minha linda, eu estou morrendo. O que eu deveria fazer, chorar? O câncer é o playground de Deus, Cassie, e eu não vou deixar que ele se divirta sozinho. Não vejo razão pra restringir meus prazeres neste momento.”

“Meninas, meninas, minhas lindas crianças, vamos manter o foco”, pediu Nemy. “Os próximos passos são: Seon, você vai descobrir onde este tal de Diego Braga está internado. Cassie, eu, você e Leonor vamos aproveitar que você está carregada das emoções do público de ontem e tentar uma sessão de clarividência hoje à noite. Vamos tentar obter mais detalhes sobre o ônibus.”

“E quanto a Vanessa?”, perguntou Seon.

“O que tem ela? Ela respondeu sua mensagem, não respondeu?”, perguntou Cassie.

“Sim. Já era quase meia-noite, mas ela respondeu. O sétimo dia é amanhã. Ela não verá Volpi hoje.”

“Então está tudo se encaminhando às mil maravilhas”, disse Nemy. “Volpi vai ter uma crise de abstinência que fará ansiedade por cocaína parecer desejo de comer um chocolate. Amanhã, estará totalmente submisso a Vanessa.”

“Alguma orientação final?”, perguntou Seon.

Leonor ergueu a taça de vinho na altura dos olhos, olhando através dela e admirando como sua sala ficaria bonita se fosse toda vermelha. Numa próxima vida, quem sabe?

“Oh, querida...”, respondeu Leonor, “...apenas diga a Vanessa que se divirta, afinal é o último dia dela. E o último dia é o dia livre, quero que ela aproveite como preferir. Mas, por favor, peça que, amanhã, ela capriche na criatividade. Faz tempo que eu não vejo um bom e tradicional escândalo sexual.”

19

Quando Nemy-Z e Yeong-Seon apresentaram a Vanessa o milagre do glamour, ela custou a dormir pensando sobre como aproveitaria o seu último dia de vida. Vanessa havia feito planos. Havia pensado em se divertir como

uma louca, varando a noite em alguma boate e pegando todos os homens que lhe dessem vontade. Ela não precisaria se esforçar nesse sentido. Estava linda como nunca, e o cheiro que dela se desprendia causava sérias fissuras no autocontrole alheio.

Dinheiro para fazer o que quisesse, Vanessa tinha. Nemy havia lhe dado uma quantidade exorbitante de grana para que ela gastasse como bem entendesse, mas Vanessa se limitou a depositar tudo na conta da mãe. Nunca se deram bem, Vanessa e a mãe, mas ela achou que era o certo a ser feito.

Apesar de um mundo de possibilidades se descortinar naquele último dia em que a vida tomaria a específica forma de Vanessa Costa, apesar de tudo o que ela poderia fazer, Vanessa se deu conta de que só desejava permanecer sentada na areia da praia em Guarujá, olhando as pessoas e sendo acariciada pelo Sol.

A cena, que poderia ser encarada como melancólica por quem soubesse que Vanessa morreria em vinte e quatro horas, não poderia estar mais repleta de felicidade. Não se tratava da alegria empolgada de quem conquista algo, mas sim de um sentimento de profunda satisfação de Vanessa para com sua própria existência. Ela existira como um ser humano, como uma entidade consciente e racional, e agora entendia a preciosidade de tal experiência.

Vanessa havia desligado o telefone, conforme Seon a instruía, de modo a se tornar inacessível para Volpi. Vanessa sentia genuína compaixão por ele, mas sabia que precisava cumprir sua tarefa para, assim, destruí-lo e salvar a vida dele. Salvar a vida dele e garantir um mundo futuro menos pior.

* * *

Quando Volpi convidara Carlos para o papel de assessor, Carlos ficara lisonjeado, mas não de todo surpreso. Eram amigos há décadas, e Volpi precisava de alguém de confiança que o ajudasse no ambicioso empreendimento que era concorrer à presidência da República. Carlos sabia que haveria problemas. Sabia que teria de agir como um solucionador de crises, afinal Volpi era um criador de casos. Carlos antecipara eventuais processos judiciais, até mesmo algum eventual escândalo familiar, mas firmara um pacto muito claro com Volpi: haja o que houver, amantes não. De jeito nenhum. Amantes estavam fora de cogitação. A coligação que apoiava

Volpi era conservadora e não perdoaria que o “candidato da família tradicional brasileira” fosse pego pulando a cerca. Dentre as múltiplas funções de Carlos, ele acumulara a de alcoviteiro de uma ou outra prostituta, a fim de ajudar Volpi a sair da rotina. Até então, o arranjo funcionara a contento. Até hoje, tudo correria bem.

Tudo mudara tão rápido... Agora, Carlos estava desesperado.

Eram duas e meia da tarde quando Carlos entrou no apart hotel em que Volpi se enfiara logo cedo. O assessor encontrou seu chefe e amigo encolhido em posição fetal, trêmulo, de cuecas e encharcado em suor.

“Minha Nossa Senhora!”, disse Carlos.

“Você viu Vanessa hoje?”, perguntou Volpi. Sua voz, um fiapo.

“Me Deus, Jairo! Isso é alguma droga que você tomou?”, perguntou Carlos.

“Você viu Vanessa hoje, porra?”

“Não, não vi. Cara, você faltou à reunião hoje cedo, furou o almoço com o bispo. Jairo, você sabe que o bispo é um aliado importante...”

“Ache ela”, disse Volpi. “Eu ligo pra ela e cai sempre na porra da caixa postal.”

“Jairo, pelo amor de Deus, por que você está assim? Helena me ligou, sabia?”

“Helena...?”

Carlos arregalou os olhos e se pôs a andar pelo quarto, aleatoriamente.

“Sim, Jairo, Helena! Sua mulher, cara! Lembra que você tem uma mulher? Ela me ligou preocupada, disse que você anda esquisito, disse que você age como se ela não existisse! Ela me perguntou se você tem uma amante!”

As palavras de Carlos pareceram ter alcançado algum aspecto esquecido nos recônditos da mente de Volpi, pois ele se esgueirou para a cabeceira da cama, se sentou e perguntou, enquanto passava um lenço na testa encharcada:

“E o que você disse?”

“Que não, né?! Eu disse que não! Mas eu tô começando a achar que ela tem razão. Que merda tá acontecendo, Jairo? Tu tá comendo aquela garota, a tal da Vanessa? Vocês tão usando droga? Por que você tá desse jeito?”

“Eu só preciso que você encontre ela”, disse Volpi.

“Jairo, escute aqui... olha, eu agradeço de verdade o convite que você me fez. Eu tô aqui contigo, mano. Tô do teu lado nessa batalha porque acredito que você é o próximo presidente desse país. Mas se eu sou teu homem de confiança, você não pode continuar a esconder coisas de mim.”

“Não tô escondendo nada”, disse Volpi.

Carlos foi até a sala e voltou com uma pasta. Abriu-a e atirou três folhas sobre a cama de Volpi. Em cada uma delas, Vanessa – em sua versão anterior, um tanto pálida e gasta - aparecia como veio ao mundo, expondo em detalhes a vagina e o ânus.

“Como não? Vai dizer que você não sabia que essa mina, essa tal Vanessa, é uma puta?!”

“O quê...?!”, disse Volpi, olhando para as fotos. “Essa... essa não pode ser Vanessa, é só uma mulher parecida com ela!”

“Como não?! Jairo, olha aqui, olha o nome! Olha o anúncio: ‘V-a-n-e-s-s-a. Gatinha do bumbum guloso para homens e casais’. Olha o telefone que aparece no anúncio! É o telefone dela, Jairo! Jairo, você faz ideia do que vai acontecer se alguém se tocar quem é sua nova assessora? Sabe quem vai tomar no cu? Não vai ser ela! Vai ser você!”

“Preciso falar com ela.”

“Já liguei! Já morri de ligar, o telefone está fora de área. Essa mina tem que dar explicações, mas ela não pode continuar como sua assessora, Jairo! O que a bancada evangélica vai dizer?”

“Jesus... Lembre de Jesus...”

“Mas o que tem Jesus a ver com isso, pelo amor de Deus?!”

“Jesus defendeu Maria Madalena. Vanessa não é mais prostituta.”

“E você acha que essa gente vai ligar pra esse lado da Bíblia?!”, disse Carlos, andando sem parar de um lado para o outro do quarto. “Ainda mais se ela ainda for prostituta! Você tá comendo ela, Jairo? Tá comendo? Você tem que me contar! Eu não posso ajudar se você ficar de segredinho comigo! Jesus Cristo!”

“Ninguém precisa saber. A gente pode ser discreto”, disse Volpi.

“Eu sabia! Sabia! Porra cara, tanta puta no mundo e você me coloca uma pra trabalhar na equipe? Onde você tá com a cabeça, meu amigo? E o nosso combinado?”

“Ela não precisa ficar na equipe, mas eu preciso dela.”

“Por que você tá assim? Ela tá te dando drogas? Não posso acreditar

nisso! Vocês tão tomando drogas, cara?!”

“Não! Drogas não, eu juro!”

“Menos mal”, disse Carlos, checando o celular. “Taí, liguei de novo. Caixa postal. Vou mandar uma mensagem pedindo pra ela ligar urgente.”

“Faça isso”, pediu Volpi. “Me consegue um remédio pra dormir, Carlinhos.”

“E as reuniões, cara?”

“Não consigo. Hoje não consigo. Desmarque tudo. Preciso dormir. Amanhã vou estar melhor.”

“Espero que sim! Tem debate em outro canal amanhã à noite!”

“Tudo bem. Me consegue o remédio?”

“Ok, Jairo. Volto já.”

20

Era um quarto impecavelmente branco, repleto de móveis brancos e sem quadros, num prédio imenso e branco em Berlim. Nada era melhor para a concentração de Offenbach do que a alvura absoluta.

“Bom dia, senhor Offenbach”, disse a secretária. Ela estava vestida em seu uniforme branco de trabalho e usava um coque de tamanha perfeição que nem mesmo um simples fio estava fora do lugar.

“Bom dia, senhorita Furtwängler. Alguma novidade do Brasil?”

“Sim, ao que tudo indica as suas suspeitas procediam, senhor Offenbach.”

“O jornalista confirmou, senhorita Furtwängler?”

“Não, senhor Offenbach. O jornalista disse que passou mal, desmaiou e perdeu o encontro com a artista performática que atende pelo nome de Nemy-Z.”

“Então não entendo como minhas suspeitas seriam confirmadas, minha cara senhorita Furtwängler.”

“Na verdade, senhor Offenbach, eu tomei a liberdade de contratar outro agente.”

“Ah, sim?”

“Sim, senhor Offenbach. Levando em conta as suas suspeitas de que a tal Nemy-Z anda acompanhada por uma paranormal com poderes de dominação mental, achei que seria prudente plantarmos um agente extra.

Alguém que nem o jornalista soubesse que estava no cenário: a moça que servia o café. Uma moça... latina.”

“A senhorita é muito engenhosa, senhorita Furtwängler.”

“Sim, eu sou, senhor Offenbach. Pois bem, o relato da garçonete latina é, no mínimo, curioso. Ela diz que o jornalista e Nemy-Z se encontravam sentados conversando, quando então a expressão de Nemy-Z ficou, vejamos, palavras dela: ‘algo sombria’. Em seguida, adentraram o recinto uma idosa calva e uma pessoa que a moça descreveu como ‘uma travesti imensa, linda, de cabelos azuis’. Creio que ela está se referindo ao outro paranormal, Elliot Johnson.”

“Não seja indelicada, senhorita Furtwängler. Trata-se de uma moça transgênera, e seu nome agora é Cassandra.”

“Que seja. Continuando, senhor Offenbach: segundo a garçonete latina do terceiro mundo, a moça calva disse algo que deixou nosso jornalista apavorado. Em seguida, ele saiu do café, vomitou na praça da alimentação e desmaiou. Quando nosso agente voltou a si, me ligou e disse que perdeu o encontro. Estamos falando de um rapaz honesto, um descendente de europeus do Norte. Até quis devolver o dinheiro.”

“E a senhorita aceitou, senhorita Furtwängler?”

“Não, claro que não, senhor Offenbach. Insisti para que o rapaz tentasse novamente, mas ele não quis. Estava apavorado. Disse que teve um pesadelo horrível.”

“A senhorita Andreotti é mesmo uma entidade formidável.”

“Perdão?”

“Leonor Andreotti, a idosa calva. Outra paranormal. Tentei cooptá-la nos anos sessenta. Poderíamos ter governado o mundo juntos... Ela era linda. Com nosso dinheiro e aquela voz, nós poderíamos ter governado o mundo como reis. Consegue conceber, senhorita Furtwängler?”

“Imagino perfeitamente, senhor Offenbach.”

“Mas ela era mesmo linda, sabe? De uma forma estonteante. Eu era jovem, tolo e impetuoso. Ninguém me dizia não. Tentei agarrá-la, senhorita Furtwängler. Ela me deixava louco.”

“E o que aconteceu, senhor Offenbach?”

“Eu estou me sentando no resultado, senhorita Furtwängler”, disse Offenbach, dando um tapa na lateral da cadeira de rodas.

“Oh!”

“Eu sabia que estavam todos juntos. Essa gente se encontra com uma facilidade... Se protegem mutuamente.”

“O que devo fazer, senhor Offenbach?”

“Por enquanto, nada, senhorita Furtwängler.”

“Nada?”

“Sim, nada. Temos que esperar a senhorita Andreotti morrer. Ela é extremamente perigosa. Sei por experiência própria, senhorita Furtwängler.”

“Eu poderia providenciar a rápida eliminação da senhorita Andreotti, senhor Offenbach.”

“Absolutamente não, senhorita Furtwängler. Seria uma ação tola e indigna de sua inteligência. Estou falando de um trio composto por uma paranormal vidente, uma dominadora mental e... bem, por Nemy-Z. Se articularmos um plano para assassinar a senhorita Andreotti, temo que a senhorita Johnson o preverá em detalhes. Quando estiverem prestes a realizar o plano, nossos assassinos se depararão com a senhorita Andreotti, que, furiosa, os forçará a algo terrível e deveras humilhante, como praticar coito anal passivo com cavalos de raça.”

“Compreendo, senhor Offenbach. O senhor tem toda razão.”

“A senhorita Andreotti está morrendo, segundo sei, e isso não demorará. Angiosarcoma. Hm. Já deveria ter morrido. Com aquele dinheiro todo, ela deve estar pagando por drogas que nem sequer foram anunciadas no mercado. Ainda assim, duvido que dure. Angiosarcoma é um câncer notável, sabe, senhorita Furtwängler? É da nobreza oncológica.”

“Muito interessante, senhor Offenbach.”

“O problema é que, se ela tem pouco tempo de vida, eu também não creio que terei de ver muitas primaveras. Mas, talvez, possamos apressar o jogo. Há duas coisas que eu quero que faça para mim, senhorita Furtwängler.”

“O quê, senhor Offenbach?”

“Traga-me um relatório com todos os paranormais que dispomos em nosso quadro de apadrinhados. Quero apenas os mais fortes, os alfa-0.”

“Sobraram poucos, senhor Offenbach. A maioria dos que restaram é de categorias inferiores.”

“Não importa, senhorita Furtwängler. Quero os alfa-0 que restaram. Temos algum telepata?”

“Dispomos de três. Dois deles não são mentalmente muito sãos, devo

adverti-lo, senhor Offenbach. O terceiro é estável, mas é ainda jovem...”

“Traga-os a mim, senhorita Furtwängler. Está na hora de cobrarmos os favores que fizemos.”

“Certamente, senhor Offenbach. E qual seria a outra coisa?”

“Outra coisa, senhorita Furtwängler?”

“Sim, o senhor disse que queria que eu fizesse duas coisas, senhor Offenbach.”

“Oh, sim. Sim. Dispa-se para mim, senhorita Furtwängler. Dispa-se, dê-me sua calcinha para que eu a cheire e masturbe-se diante de mim, por favor.”

“Imagino que ganharei um bônus por isso, senhor Offenbach.”

“É só dizer o valor, senhorita Furtwängler.”

“Mais alguma coisa, senhor Offenbach?”

“Sim, senhorita Furtwängler. Ofenda-me enquanto cheiro suas calcinhas. Eu adoro ouvi-la relacionar o meu nome a coisas imundas.”

“Certamente, senhor Offenbach, seu velho podre e fedorento.”

“Oh, senhorita Furtwängler...”

21

A despeito das drogas lícitas e ilícitas obtidas por Carlos, Volpi não havia melhorado e se resumia, após vinte e quatro horas sem Vanessa, a um arremedo de gente. Havia recusado intervenção médica e chorava como um bebê, clamando pela amante. Carlos cogitou pedir ajuda a Helena, esposa de Volpi, para uma intervenção médica forçada, mas ela própria recusou, temendo o escândalo e as consequências disso na mídia, justo na reta final da campanha.

Após muito discutirem e Volpi demitir e readmitir Carlos três vezes no calor do momento, por fim o candidato concordou em receber um médico particular, discreto, ali mesmo no apart hotel. Carlos, então, saiu às dez e meia da manhã para buscar um clínico geral.

O que Carlos ignorava é que a concórdia de Volpi tinha uma razão de ser. Vanessa havia enviado uma mensagem de texto para Volpi, pedindo que ele se livrasse de Carlos. Ato contínuo, assim que o assessor saiu do apart hotel, Jairo Volpi fez o mesmo, impulsionado pela motivação que lhe dava novo gás: trepar com Vanessa.

“Venha pra mim, meu tesão”, disse Vanessa ao celular. “Pegue um táxi, não dirija, você está fraquinho. Vou te passar o endereço do hotel por mensagem de texto.”

“Tô indo!”, respondeu Volpi, já sentindo um princípio de ereção.

* * *

As Iluminadas de Tanatheros se reuniram no apartamento de Leonor. Cassie lixava as unhas, entediada, enquanto assistia à Netflix. Nemy e Seon checavam os últimos ajustes no notebook. Leonor emergiu da cozinha, trazendo uma garrafa de Dom Perignon e disse:

“Para a nossa comemoração!”

“Francamente, mamãe”, disse Cassie. “Não vejo razão pra comemorar a desgraça alheia.”

“Desgraça? Estamos salvando a vida dele, Cassandra...”

“Se é que ele não vai se matar depois”, respondeu Cassie.

“Minha criança, o que ele vai fazer consigo mesmo já é toda uma outra história”, interrompeu Nemy. “O que não podemos permitir é que ele seja assassinado e vire um mártir da extrema-direita.”

“Estamos evitando o mal maior, querida”, disse Leonor. “Isso por si já é motivo de comemoração. Não seja rabugenta, este papel é meu.”

“Está tudo pronto”, anunciou Seon.

“Quantas câmeras?”, perguntou Nemy.

“Duas”, respondeu Seon. “As lentes de contato especiais de Vanessa vão me dar as cenas a partir da visão dela. Há também outra câmera posicionada de forma a transmitir os dois.”

“A câmera é discreta, imagino”, disse Leonor.

“Praticamente invisível. É minúscula”, respondeu Seon.

“Vocês sabem que, quando forem investigar quem fez o upload do vídeo pro YouTube, dá pra rastrear o nosso endereço IP, né?”, perguntou Cassie.

“Não neste caso. Estou usando um falsificador de IP bastante sofisticado. Se rastrearem, descobrirão que, seja lá quem postou o vídeo, fez isso a partir de Brasov, na Romênia”, respondeu Seon.

“Você já sabia fazer isso, Seon?”, perguntou Cassie

“Aprendi ontem. Vamos testar?”, disse Seon, acionando as câmeras.

Duas telas surgiram no notebook. Em uma, era possível ver o interior do quarto do motel a partir da perspectiva de Vanessa. As câmeras de lente de contato especiais agiam como filmadoras e registravam tudo. A outra tela mostrava um cenário fixo: a imensa cama onde Vanessa e Volpi transariam loucamente. Vanessa apareceu na segunda tela, ao mesmo tempo em que seus olhos filmavam a área onde se encontrava a outra câmera.

“Olá”, disse Vanessa, “estou nítida?”

“Perfeitamente nítida”, respondeu Nemy. “Como você está se sentindo, minha criança? Pra mim, você parece fantástica.”

“É difícil de explicar. Nos últimos dias eu me senti cheia de energia. Achei que estaria explodindo, hoje. Mas eu estou sentindo apenas... é difícil de explicar, sabe?”

“Sentindo paz”, disse Nemy. “Seria isso?”

“Sim, acho que ‘paz’ é a palavra certa. Pensei que, em meu último dia de vida, eu ia querer cair na balada, ou algo assim. Mas eu só quis contemplar o mundo.”

“Sem tristezas ou arrependimentos?”, perguntou Leonor.

“Sem tristezas ou arrependimentos”, respondeu Vanessa, olhando com uma expressão curiosa para Leonor. Então, disse: “Soube que a senhora também tem câncer, dona Leonor.”

“Tenho sim, Vanessa. Lido com ele há quatro anos, mas agora ele está vencendo a batalha.”

“A quimio não fez efeito?”, perguntou Vanessa.

“Oh, eu que decidi não me submeter a isso novamente. Faz um ano que não faço quimioterapia. Meus cabelos, desde então, não cresceram mais.”

“E como você conseguiu se manter viva sem a quimio?”

“A melhor imunoterapia experimental que o dinheiro pode comprar. Me deu mais um ano e alguns meses de vida.”

“Você ficou triste, com raiva ou algo assim? Eu fiquei puta da vida quando soube que ia morrer.”

“Oh não, querida! De forma alguma! O câncer, na verdade, foi um grande presente para mim!”

“Presente? Mas...”

“Veja, Vanessa, cada caso é um caso. No meu, que já vivi mais de setenta anos, é sem dúvida um presente. Eu posso organizar as coisas de forma a não deixar nenhuma pendência que dê trabalho aos outros. Posso

aproveitar melhor meu tempo ao lado de Nemy e Cassie. Eu posso me despedir. Dentre as alternativas possíveis para uma pessoa de minha idade, encaro o câncer como um presente. Eu não gostaria de ter um AVC, ou um ataque cardíaco e cair morta num dia em que bati boca com Cassie por conta de alguma bobagem, como pôr o lixo na rua. Já pensou, morrer de repente e deixar seus entes queridos com o sabor amargo de não terem se despedido direito e ainda por cima terem brigado com você por algum motivo idiota?”

“No meu caso, eu ainda sou muito jovem.”

“De fato, no seu caso você tinha toda razão para se sentir triste ou furiosa. Mas isso já passou, não é mesmo?”

“Oh, sim! Estou em paz, me sinto ótima, tudo faz sentido. Você pretende tomar o glamour no fim?”

“Não, de forma alguma. Eu tive glamour demais em minha vida, sabe? Ninguém vai me tirar a experiência de me sentir degenerar.”

“A que horas é o debate?”, interrompeu Cassie. Odiava ouvir sua mãe falar da própria morte com tamanha banalidade.

“Às cinco da tarde”, respondeu Seon. “Daqui a pouco.”

“Você é tão eficiente, Seon!”, disse Leonor. “Acho que vou encomendar seus serviços para dar um jeito no Eduardo!”

“Ele esteve aqui de novo?”, perguntou Cassie.

“Encheu o saco do porteiro a manhã inteira...”, disse Leonor.

“Eu poderia envenená-lo, se você quiser”, disse Seon, fazendo Cassie arregalar os olhos.

“Não”, respondeu Leonor. “Ele é sangue de meu sangue, e eu respeito isso.”

Seon balançou a cabeça, como sempre fazia quando constatava o quanto as pessoas conseguiam ser pouco pragmáticas.

22

Carlos, Daniel e a equipe estavam em polvorosa desde que Carlos retornara ao apart hotel e não encontrara Volpi. Faltavam poucas horas para o penúltimo debate dos candidatos à presidência da República e o candidato com mais chances de vencer havia simplesmente desaparecido.

Carlos ligou para o celular de Volpi, limitando-se a ouvir a voz da secretária eletrônica. Tentou o celular de Vanessa e obteve o mesmo

resultado. Jogou o aparelho dentro da pasta, tomado por uma vontade imensa de socar alguém.

“Fodeu!”

“Calma, Carlos!”, pediu Daniel. “Volpi não é maluco, ele vai aparecer.”

“Duvido.”

“Mas o que tá pegando, afinal?”

“Daniel, faz o seguinte: chama o bispo Machado aqui. Chama Helena também. A gente precisa encontrar uma desculpa muito boa pra justificar a ausência do Jairo no debate de hoje.”

“E que desculpa vai ser essa?”

“Uma epifania espiritual.”

“O que é isso?”

“Deus falou com Volpi e o orientou sobre como ele deve conduzir o Brasil. Volpi e Helena entraram em retiro espiritual.”

“Fala sério!”

“Estou falando sério. A emissora vai odiar, mas as pessoas vão adorar. Vá buscar Helena e o pastor Machado agora! A gente tem que gravar um depoimento dos dois.”

* * *

“O senhor é o Jairo Volpi, né?”, perguntou o taxista.

“Hã?”

“O senhor não é o Volpi?”

“Ah, sou sim. Sou eu, sim.”

“Que legal! Minha mulher nem vai acreditar! Somos seus eleitores!”

“É mesmo? Que bom”, respondeu Jairo, olhando pela janela e checando o relógio.

“Eu tenho certeza que o senhor vai ser o próximo presidente do Brasil!”

“Escuta... tem como ir mais rápido, ou cortar caminho?”

“Deixa eu ver aqui no GPS... Ah, tem sim! Dá pra pegar um caminho um pouco mais longo, mas com tráfego menor.”

“Faça isso então, obrigado.”

“Hoje tem debate, né?”

“Hã?”

“Debate com os outros candidatos.”

“Ah... Sim, tem sim.”

“O senhor vai comer eles vivos!”

Volpi nada respondeu. A voz do motorista soava como um zumbido incômodo e intermitente que vinha de algum lugar distante e agredia seus ouvidos. Estava preocupado em encontrar Vanessa o mais rápido possível, e as coisas que o motorista lhe dizia soavam como lembranças confusas e longínquas de um filme velho. Debate? Candidatos? Volpi responderia “sim” a tudo, contanto que isso fizesse o motorista se concentrar no trânsito e chegar o mais rápido que pudesse.

Viajaram por mais quinze minutos, sendo que o motorista volta e meia checava Volpi pelo espelhinho.

“Quer que diminua mais a temperatura? O senhor está suando.”

“Hã?”

“O ar condicionado. O senhor quer mais forte?”

“Ah... sim, sim, pode ser. Tanto faz.”

Após mais cinco minutos, finalmente chegaram ao motel onde Vanessa aguardava Volpi.

“Pode parar aqui, eu vou entrar andando”, disse Volpi.

“Aqui, candidato? Mas estamos no meio da estrada.”

“Eu já cheguei.”

“Tem certeza? Aqui não tem nada, só aquele motel.”

“É ali mesmo. Pode parar. Pare! Pare!”

“Ah... Ok, ok. Quer que eu deixe o senhor lá dentro?”

“Pode ser. Sim. Quer dizer, não. Melhor não.”

“São cento e vinte e cinco reais, mas como o senhor é meu candidato eu vou te dar um desc...”

Volpi atirou todas as notas de cem que tinha em sua carteira na direção do motorista e correu, sem nem sequer olhar enquanto atravessava a rua, na direção do Motel Luxxx.

* * *

“Ele chegou, está subindo”, disse Vanessa para a câmera oculta nas flores sobre a mesa diante da cama.

Seon digitou uma mensagem que aparecia flutuando no ar diante dos olhos de Vanessa, graças às lentes de contato especiais:

“Perfeito. Agora é com você. Vou desligar o áudio, pra não haver risco de vazamento dos sons daqui para dentro do seu quarto.”

“Tudo bem”, respondeu Vanessa, sorrindo.

“Antes de tudo”, interrompeu Nemy. “Vanessa, eu quero que você saiba, eu quero que você tenha em mente o quão importante é a sua existência no mundo. Por sua causa, por conta do que você vai fazer agora, o futuro será melhor do que seria.”

“Obrigada”, disse Vanessa. “Eu gosto de pensar que estou fazendo a diferença.”

“Nós é que agradecemos, minha criança. Agora vai e arrasa. Dê ao mundo o espetáculo de que ele precisa.”

Vanessa sorriu e Seon desligou o áudio. A transmissão seria apenas unilateral, a partir daquele momento.

“Você consegue mesmo hackear as emissoras e transmitir seu vídeo em todas elas?”, perguntou Cassie.

“Consigo”, respondeu Seon.

“Não acredito que você aprendeu a fazer isso!”

“Aprendi, mas levou quatro dias. Deu trabalho.”

* * *

Mal se deparou com a porta aberta, Volpi entrou correndo e se atirando sobre Vanessa, enchendo-a de beijos.

“Meu Deus, meu Deus, onde você estava? Nunca mais faça isso, nunca mais faça isso...”

“Olá, Jairo”, disse Vanessa, pegando no pênis de Volpi. “Vejo que já está em ponto de bala.”

“Eu estava desesperado...”

“Você tem sido um mau menino, Jairo. Você tem sido um mau menino, não é mesmo?”

“Não... Sim, sim! Eu fui um mau menino! Você vai me castigar?”

“Vou. Tome. Vista esta calcinha.”

“Hã?”

“É a minha calcinha. Eu usei ela ontem o dia todo. Está suada. Meu

suor. Sinta.”

Volpi aspirou profundamente o cheiro da roupa íntima de Vanessa e girou os olhos de satisfação. Já conseguia sentir a eletricidade voltar a fluir de seu cóccix para a nuca. Era como uma corrente que subia, esquentando o interior de seu crânio, para então descer e desencadear aquela ereção que ele jamais, em toda sua vida antes de conhecer Vanessa, experimentara.

“Esse cheiro... Meu Deus, esse cheiro...”

“Vista agora. Quero que você se vista de mim.”

Volpi tirou a roupa toda e vestiu a calcinha. Vanessa foi até uma cadeira, retirou um pacote de dentro da bolsa e exibiu seu conteúdo sobre a cama: uma cinta liga com um pênis negro de silicone com algo em torno de 22 cm X 6 cm.

“Quem é minha putinha?”

“Sou eu! Sou eu!”, respondeu Volpi, implorando com uma voz afeminada.

* * *

“Aff, fala sério que eu vou ter que ver isso!”, disse Cassie.

“Você não precisa ver, minha criança”, respondeu Nemy. “Sei o quanto isso lhe desagrada. Por que você não vai assistir a um filme, uma série...?”

“Pois é isso mesmo o que eu vou fazer”, respondeu Cassie. Virou-se para Seon e disse: “Não sei como você consegue ver isso sem se enojar.”

“Nada me dá nojo. É só uma cena de sexo”, disse Seon.

“E que cena!”, comentou Leonor. “Essa menina é boa mesmo, hein?”

“Quando vocês vão começar a transmitir?”, perguntou Cassie.

“Cinco minutos depois que o debate começar”, respondeu Nemy. “Ou seja, dentro de meia hora.”

“Aff!”, grunhiu Cassie, pegando um monte de jujubas e se retirando para o andar de cima.

* * *

Pontualmente às cinco horas da tarde, os participantes já estavam reunidos na emissora que transmitiria o penúltimo debate entre os candidatos

à presidência da República. Um burburinho se fazia ouvir no ambiente graças às últimas notícias que tinham caído como uma bomba dentro do estúdio.

“Vamos ter que atrasar um pouco”, disse a produção para a apresentadora.

“Eu não consigo acreditar que isso seja verdade!”, respondeu, baixinho, a apresentadora. “Isso é uma puta de uma sacanagem! O cara vai a todas as emissoras menos importantes e, justo hoje, resolve ter uma visão divina? Vai se foder!”

“Uma merda mesmo. A expectativa era de cinquenta pontos de Ibope.”

“Bem, sobrou pra mim dar as más notícias. Carolina vai adorar e vai se lambuzar com a falta dele.”

“Você vota no Volpi?”, perguntou a produtora.

“Eu? Eu não! Meu candidato não tem chance, mas vou votar de coração. Mas o Volpi vai ganhar de qualquer jeito, né?”

“Acho que sim. Eu voto no Volpi. Pena que não veio, queria tirar uma foto com ele e dona Helena. Olha, o chefe deu sinal pra começar.”

“Bem, lá vamos nós então.”

* * *

Dois dos melhores amigos de Diego se juntaram a ele no quarto do hospital, para assistirem juntos ao debate político. O quarto era confortável, mas era pequeno e não havia espaço para todos. Rosana estava sentada na única poltrona disponível e os outros rapazes estavam sentados no chão. Nem Diego e nem Rosana eram eleitores de Volpi, mas eram os únicos que rejeitavam as ideias do candidato e preferiam não se estressar com os amigos por causa disso.

“É hoje que o pau come!”, disse Douglas.

“Vai ter churrasco de esquerdopata!”, riu Marcão.

“Tem outros candidatos de direita, não?”, perguntou Rosana.

“Que nada! Tudo esquerdista! O único de direita ali é o Volpi”, respondeu Douglas.

“Há controvérsias...”, disse Rosana.

“Silêncio, começou! Começou!”, pediu Marcão.

Permaneceram todos calados quando a vinheta especial que anunciava

o debate presidencial 2022 surgiu na tela. A câmera da emissora mostrava, em plano de conjunto, todos os candidatos e a mediadora posicionada no centro.

“Ué? Cadê o Volpi?”, perguntou Marcão.

“Psssh!”, reclamou Douglas. “Cala a boca, vamos ouvir!”

A câmera saiu do plano de conjunto, focalizando o rosto da apresentadora Luciana Andrade em plano fechado. Luciana sorria, mas não conseguia disfarçar muito bem a cara de profundo desagrado.

“A emissora lamenta informar que, de última hora, o candidato Jairo Volpi, da coligação ‘Brasil em Cristo’, anunciou que não participará do debate esta tarde.”

“O quê?! Não pode ser!”, exclamou Marcão.

“Pssssh!!!”, reclamou Douglas.

“Em nota oficial, o bispo Machado informa que o candidato Volpi foi tomado pela graça do Espírito Santo e se recolheu em oração junto à sua esposa Helena, num retiro espiritual para, assim, se inspirar no que diz respeito aos rumos que deverá seguir após ser eleito presidente do Brasil.”

“Que palhaçada é essa?”, disse Rosana.

“É mesmo muito estranho”, comentou Diego.

“Que nada! Pensem! Faz todo sentido!”, disse Douglas. “A vitória de Volpi está praticamente garantida! E ele é um ungido de Deus! Oh glória!”

“Não gostei!”, disse Marcão. “Essa era a hora de meter no cu desses esquerdopatas! Em nome de Jesus!”

Rosana revirou os olhos, mas nada disse.

* * *

Precisamente às dezessete horas e dezoito minutos, momento no qual Jairo Volpi experimentava uma profunda penetração anal, Seon acionou uma senha em seu notebook, suspendendo a transmissão de todas as emissoras brasileiras de TV aberta. Não contente, interrompeu também o sinal dos canais da Netflix e, no lugar dos programas, passou a transmitir as cenas transcorridas no interior do quarto 213 do Motel Luxxx.

Diante de milhões de brasileiros que assistiam à TV e à Netflix naquele momento, desvelou-se a imagem de Jairo Volpi de quatro, atuando como passivo na relação sexual com uma mulher de quase dois metros de

altura que o puxava pelos cabelos, dava fortes estocadas em Volpi e gritava com uma voz assustadora:

“Qual o nome da minha vagabunda?”

Os olhos de Volpi giravam, como se ele estivesse delirando. Seu corpo estremecia e ele mantinha os lábios – que sorriam de plena satisfação – entreabertos, enquanto dizia:

“Volpi... Jairo Volpi é a sua vagabunda...”

A bem da verdade, a maioria dos telespectadores não entendeu direito o que via por quase um minuto, o que, aliás, é perfeitamente compreensível quando nos deparamos com algo demasiado absurdo. Parte dos que entendiam estar diante de uma cena pornográfica tentavam mudar o canal, mas Volpi estava dando a bunda com vigor em todos eles.

Num quarto do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, Diego Braga e sua mulher, Rosana, consideraram a possibilidade de um engano. Alguém devia ter conectado a TV do hospital a um canal pornô. Não reconheceram nem Volpi e nem Vanessa, cuja nova estatura a tornava, de fato, difícil de identificar.

Difícil, mas não impossível. A alguns metros daquele mesmo quarto, na sala de espera repleta de pacientes que gritavam e riam da cena que lhes era apresentada, o médico Adriano Ribas levou apenas cinco segundos para identificar sua antiga paciente, Vanessa Costa, como a parte ativa daquele coito.

“Meu Deus! Vanessa?!”, disse Adriano, encostando seu corpo na parede para não cair.

Um dos amigos de Diego Braga, ao entender do que se tratava aquela cena, chorou. O outro se limitava a repetir, com as mãos na cabeça: “Mas que viadagem é essa? Mas que viadagem é essa?”.

Os últimos a entenderem o que estava acontecendo foram os próprios participantes do debate. A emissora levou quase sete minutos para se dar conta de que havia sido substituída por um filme pornô de inversão de papéis. Sete minutos foi tempo mais que suficiente para que Volpi atingisse o orgasmo uma vez mais, sem nem mesmo tocar em seu próprio pênis. Quando a apresentadora recebeu um sinal para interromper as atividades e tanto ela quanto os participantes viram o que estava sendo transmitido, depararam-se com Volpi lambendo um crucifixo enorme que Vanessa lhe oferecera. Ele gemia e arfava enquanto ela prometia, com aquela voz demoníaca que parecia

ter brotado do filme “O Exorcista”:

“Adivinha o que eu vou enfiar dentro de você agora, seu danadinho?”

As emissoras cortaram seus sinais de transmissão, mas nada haveria de impedir Yeong-Seon de realizar a parte que lhe cabia na missão de salvar a vida de Jairo Volpi.

Após quinze minutos de peripécias nunca dantes imaginadas por grande parte da população tradicional brasileira, Nemy avisou Seon:

“Falta um minuto. A hora é essa.”

Seon enviou o sinal combinado para as lentes de Vanessa:

“Sessenta segundos para sete dias.”

Vanessa interrompeu a transa e disse:

“Sorria para a câmera, minha putinha!”

Volpi pareceu não compreender a orientação. Vanessa repetiu:

“Candidato Jairo Volpi, você está sendo filmado.”

“Hã?”, reagiu ele. “Quê?”

Vanessa podia sentir o glamour atingindo seu ponto máximo. Era como se centenas de sinos soassem ao longe, mas, a cada segundo, ficavam cada vez mais altos, e ela conseguia ouvir um coro como o de centenas de anjos ecoando em sua mente. As cores ao redor se tornaram mais vivas, e uma alegria indizível explodiu como fogos de artifício em seu peito. Fogo vivo. *Ignis natura renovatur integra*. Hora de retornar ao todo.

“Você me filmou?!”, gritou Volpi.

“Sim, queridinho. O Brasil inteiro viu você sendo comido bem gostoso...”

“Desgraçada!”, gritou Volpi, estapeando Vanessa no momento exato em que se completavam sete dias após ela ter ingerido o glamour.

A quilômetros de distância dali, Leonor soltou um gritinho de satisfação. Se fosse ensaiado, não teria saído mais perfeito, pois, na hora em que Vanessa recebeu o tapa, o glamour atingiu seu apogeu e o corpo dela desabou sem vida, sem dor e sem sofrimento sobre a cama do quarto 213 do Motel Luxxx.

Ato 2
Eros

23

Pouco mais de uma dúzia de jornais se espalhavam sobre a mesa do apartamento de Leonor, no dia seguinte. **ELEIÇÃO ENTRA PARA OS ANAIS**, anunciava um jornal satírico do Rio de Janeiro. **HIPOCRISIA DE VOLPI EXPOSTA. A DRAMÁTICA QUEDA DE UM ÍDOLO DE OURO COM PÉS DE BARRO**, reverberava uma publicação de esquerda, explorando ao máximo as vezes em que Volpi julgara as pessoas por sua orientação sexual, as vezes em que incensara a si mesmo como um homem conservador e de moral antiga. O jornal de maior circulação de São Paulo estampava, em sua primeira página: **DEBATE SABOTADO. VOLPI CALUNIADO**. A matéria, de forma nada surpreendente, discorria sobre sabotadores da campanha se valendo de hackers e de um sócia do candidato Jairo Volpi para humilhá-lo publicamente.

“Isso pode ser um problema”, disse Cassie. “A extrema-direita pode muito bem explorar a teoria conspiratória de que não era Volpi, mas um sócia.”

“*Poderia* ser um problema, minha criança”, corrigiu Nemy. “Até poderia, mas essa tentativa de acobertamento não vai vingar. Lembre que existe um cadáver no local, lembre que existe polícia envolvida. Volpi é suspeito de assassinato.”

“Ele vai ser preso?”, perguntou Seon.

“Não será condenado”, respondeu Leonor. “Não há o menor vestígio de agressão ao corpo de Vanessa. A perícia concluirá que ela não morreu por causa do tapa que recebeu. Para todos os efeitos, ela morreu por falência múltipla dos órgãos decorrente do câncer terminal.”

“Ela voltou ao estado anterior, então? Para onde vai a matéria que ela acumulou no corpo ao longo de uma semana?”, perguntou Seon.

“Sai tudo como água e luz”, explicou Nemy. Diante do olhar incrédulo de Seon, Nemy insistiu: “Falo sério, minha criança! A matéria excedente sai como água e luz pelos buracos do corpo, ao longo de uns dez minutos.”

“Fascinante, não sabia. Estou com vocês há tanto tempo, e nunca passou pela minha cabeça o que poderia acontecer no fim...”, disse Seon, com um quase sorriso. “Mas ainda não entendo por quê tanto trabalho. Seria muito mais prático impedir o assassinato do presidente.”

“Essa sua mente fantástica trabalha em prol da eficiência, minha querida”, disse Leonor. “Mas as relações humanas são mais complexas, mais tortuosas. Seria, de fato, mais fácil impedir o assassinato de Volpi por um doido de esquerda depois que ele fosse eleito.”

“Vanessa poderia se jogar na frente dele e levar o tiro”, argumentou Seon.

“Aí que está: o problema era o tiro, não a morte de Volpi. Não era o assassinato dele que nos importava, mas a tentativa em si.”, disse Nemy.

“Ainda não entendi, e não sou burra”, respondeu Seon.

Leonor se serviu de mais champagne e explicou:

“A sequência de acontecimentos após o atentado contra o presidente Volpi levaria a direita raivosa brasileira a reagir, com o aval do povo. Ele seria transformado em mártir e, mesmo que não fosse morto, a tentativa de assassinato seria a desculpa perfeita para uma série de ações terríveis. As decisões da bancada evangélica fariam o Irã parecer a Holanda, se comparado ao Brasil futuro.”

“Isso eu entendi.”

“Se apenas impedíssemos o assassinato, isso não mudaria as reações extremistas que Volpi e sua base tomariam, colocando as liberdades individuais em perigo”, explicou Leonor. “Ao expô-lo ao tipo de zombaria que ele mesmo estimulou, impedimos que se torne presidente. Não se

tornando presidente, não sofrerá tentativa de assassinato.”

“E o mundo se tornará um lugar melhor”, disse Seon. “Entendi.”

“Melhor?”, disse Nemy. “Não exatamente, minha criança. Digamos que será apenas menos pior.”

“Bem, agora que Volpi não será mais presidente e nem assassinado por um revoltado, tornando-se um mártir da direita raivosa, podemos nos concentrar em nossa próxima missão: o ônibus escolar”, disse Cassie. “Alguma novidade sobre o tal Diego Braga?”

“Sim”, disse Seon. “Um paciente com esse nome deu entrada há poucos dias no pronto socorro de um hospital particular não tão distante do ICESP. Grande massa no cérebro. A biópsia não está pronta, mas a suspeita é de um glioblastoma multiforme com infiltração esparsa.”

“Uau!”, exclamou Leonor. “Uau, esse aí me superou!”

“E você tem como entrar em contato com ele, Seon?”, perguntou Cassie.

“Sim. Na verdade, já me adiantei e furei a fila do sistema do Instituto do Câncer. Assim que a biópsia confirmar a suspeita, ele será transferido e ficará sob meus cuidados.”

“E quando vamos oferecer o glamour a ele?”, perguntou Cassie.

“Oh, minha criança, vamos fazer como sempre”, respondeu Nemy. “Vamos oferecer nossa pequena mágica assim que ele sair da negação e entender que vai, sem sombra de dúvida, morrer.”

24

“A menina está na sala de espera, senhor Offenbach.”

“Muito bem, senhorita Furtwängler. Qual a idade dela mesmo?”

“Nove anos, senhor Offenbach. É uma garota síria, refugiada. Os pais morreram, então ela foi para um orfanato em Berlim. É uma das poucas paranormais alfa-0 que nenhum de nossos grupos rivais conseguiu colocar as mãos.”

“E quanto aos outros, senhorita Furtwängler?”

“Todos doidos, senhor Offenbach. Incontroláveis e perigosos.”

“Pois bem. Como se chama a criança e quais os talentos que a tornaram uma escolha viável, senhorita Furtwängler?”

“O nome dela é Zayn, senhor Offenbach. Ela é capaz de induzir

sonhos e, desconfiamos, tem grande potencial como telepata dominadora. Não chega a ser uma Leonor, mas tem futuro.”

“Fascinante, senhorita Furtwängler. Faça-a entrar, por obséquio.”

“Mais alguma coisa, senhor Offenbach?”

“Sim, senhorita Furtwängler. Por favor, antes de ir, venha até minha sala e sente-se sobre minha cara por alguns minutos.”

“Imagino, então, que posso comprar aquele colar de safiras que tanto me agradou, senhor Offenbach?”

“Certamente, senhorita Furtwängler.”

“Muito bem, senhor Offenbach. Farei Zayn entrar.”

“Obrigado, senhorita Furtwängler.”

Após alguns minutos, uma criança morena de olhos imensos adentrou o escritório. Ao contrário do que se poderia imaginar de uma menina refugiada e órfã, Zayn não parecia nada tímida ou retraída. Entrou e se sentou na larga poltrona em frente à mesa de Offenbach e o estudou com curiosidade.

“O senhor é aleijado?”, perguntou Zayn.

“A expressão mais educada é ‘paraplégico’, pequena Zayn. Sim, eu sou paraplégico.”

“O que aconteceu?”

“Uma mulher muito má fez isso comigo.”

“Sinto muito”, disse Zayn. “Ela foi pra cadeia?”

“Não, e por isso preciso de sua ajuda, pequena Zayn. Ela faz parte de um grupo de mulheres muito, muito más.”

“O senhor quer que eu mande pesadelos pra ela? Eu fazia isso quando as outras meninas do orfanato implicavam comigo.”

“Eu sei. Soube que uma delas se matou.”

“Sim. A Claire. Ela era muito má comigo. Um dia me cortou, sabe?”

“Isso não é uma boa coisa. Amigos não deveriam cortar uns aos outros. Vocês estavam juntas no mesmo orfanato, Claire deveria ter sido sua amiga.”

“Mas ela não foi.”

“Sim, ela não foi. E você deu sonhos ruins a ela. Mas não é isso o que eu quero. Eu na verdade preciso que você envie sonhos lindos, todos os dias, para a mesma pessoa. Preciso também que você bloqueie os sonhos ruins dela.”

“A senhorita Furtwängler me disse que se eu fizer tudo direitinho o senhor vai me adotar.”

“Perfeitamente, pequena Zayn. Perfeitamente.”

“Eu quero ajudar.”

“Do que você precisa para fazer alguém sonhar o que você quer, pequena Zayn?”

“Não muito. Eu só preciso pensar na pessoa. Uma foto ajuda.”

“Oh, tudo muito fácil, tudo muito simples!”, sorriu Offenbach. “Eu e você vamos nos dar muito bem, pequena Zayn. Vamos nos dar, sem sombra de dúvida, muito, muito bem.”

25

Uma semana se passou desde o escândalo sexual envolvendo Volpi e Vanessa. As consequências correram conforme o esperado, e nem foi preciso fazer nova pesquisa eleitoral para constatar a queda nas intenções de voto no candidato da coligação “Brasil em Cristo”, já que o próprio Volpi anunciou a desistência de sua candidatura. O novo possível vencedor estava longe de fazer jus ao cargo de presidente do Brasil, mas ao menos não arrastava consigo uma militância raivosa e apaixonada, nem de direita, nem de esquerda. Era um candidato tão insípido quanto insípidas seriam suas ações ao longo dos próximos quatro anos. Para Nemy, nada disso importava. O país que cuidasse de si. Ela tinha coisas mais importantes com o que se preocupar, como um ônibus capotando em um lugar ainda não identificado na antevéspera do próximo natal.

“Onde está Cassie?”, perguntou Leonor, enquanto tomava café.

“Dormindo”, respondeu Nemy.

“Muito estranho...”, disse Leonor.

“O que é estranho, minha criança?”

“Há alguns dias, tenho notado que Cassie tem dormido muito bem. Isso não é bem do feitio dela. Ela quase sempre tem visões horríveis... pesadelos...”

“Talvez o mundo apenas tenha se tornado um lugar melhor sem a ameaça de Volpi presidente ou de Volpi assassinado.”

“Talvez”, assentiu Leonor. “Mas faz tempo que Cassie não dá sinal sobre o acidente com o ônibus. Será que o que fizemos com Volpi alterou o

futuro de tal forma que nem o acidente vai mais acontecer?”

“É cedo pra responder a isso”, disse Nemy. “Mas talvez você tenha razão.”

Cassie apareceu no pé da escada, bocejando.

“Olha só quem apareceu! Estávamos falando de você”, disse Leonor.

“Ih, mães, dormi como uma pedra. Tem café aí?”

“Acabei de fazer”, respondeu Nemy. “Café com ginseng.”

“Adoro!”, disse Cassie, servindo-se de uma xícara.

“As visões pararam, querida?”, perguntou Leonor.

“Deram uma pausa”, respondeu Cassie. “Melhor pra mim, que durmo bem.”

“Deveríamos tentar uma visão induzida mais tarde. Checar o acidente de ônibus, ver se algo mudou”, disse Leonor.

“Por mim, tudo bem”, disse Cassie, pegando uma torrada.

“Caso as coisas tenham mudado, deixamos o pobre rapaz morrer em paz”, disse Nemy.

“Com um glioblastoma? Ah, querida, você está pedindo demais”, disse Leonor.

“Há remédios para minorar o sofrimento dele”, disse Nemy.

“Glioblastomas causam demência, Nemy”, disse Leonor. “Não há remédio que amenize a dor de sentir que sua mente se evapora. A única coisa capaz de aliviar o sofrimento dele seria o glamour.”

“Você quer que eu ofereça o glamour a Diego Braga, mesmo se não precisarmos de sua ajuda? Se fizermos isso, Leonor, por que não oferecer o glamour para todos os pacientes oncológicos do Instituto do Câncer? Daí acendemos logo uma seta luminosa sobre nossas cabeças.”

“Nem pensei em sugerir isso, Nemy. Estou apenas dizendo que não haverá paz na morte de Diego Braga. A única coisa que a ciência pode oferecer para ele é um coma induzido.”

“Mas já está confirmado que é um glioblastoma?”, perguntou Cassie.

“Seon nos mostrou a ressonância”, respondeu Leonor, mastigando uma nêspera. “O que mais aquilo haveria de ser?”

biópsia tinha acabado de sair. O doutor Adriano Ribas estava reunido com o paciente e sua mulher em uma sala no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, para onde Diego havia sido transferido. Ainda que público, o ICESP era mais preparado para lidar com cânceres daquela cepa do que os hospitais particulares aos quais o plano de saúde de Diego permitia acesso. Diego estava sentado em uma cadeira de rodas, pois sua perna esquerda começara a falhar e ele se sentia bastante cansado.

“A biópsia e a ressonância foram claras. O que você tem se chama *gliomatosis cerebri*. A ocorrência é extremamente rara. Seu caso é o segundo que eu vejo em cinco anos”, disse Adriano.

“E o que pode ter causado isso?”, perguntou Rosana. “Diego não fuma, não bebe.”

“Mas tomo bomba”, disse Diego.

“Não se sabe o que causa a *gliomatosis*. Improvável que tenham sido os hormônios esteroides”, respondeu o médico. “Não há como dizer com certeza.”

“E isso é melhor ou pior do que o glioblastoma, doutor?”, perguntou Diego.

“É pior, Diego.”

Rosana estava chocada com sua própria incapacidade de chorar. Havia gasto tudo nos últimos dias, sozinha no quarto, com a porta trancada. Não queria desabar na frente do marido. Não podia desabar na frente dele. Pelo marido e pelo bebê que carregava dentro de si, Rosana decidira que seria forte.

“Quais são as opções, doutor?”, perguntou Rosana.

“Infelizmente, não muitas. Cirurgia não é uma alternativa, pois a infiltração está bastante espalhada. O nervo ótico esquerdo está seriamente comprometido.”

“E quimioterapia? Quimioterapia funciona, no caso dele?”, perguntou Rosana.

“Gostaria de dizer que sim, mas a prática demonstra que, em casos do tipo, a quimio não adianta nada e apenas traz mais sofrimento por conta dos efeitos colaterais. Radioterapia tem algum efeito, mas é limitado. Podemos tentar imunoterapia.”

Ficaram todos mudos por quase meio minuto. Rosana e Diego estavam de mãos dadas, mas evitavam se olhar. Rosana não queria olhar pra

ele, não naquele momento, pois temia desabar. Adriano, enfim, resolveu quebrar o silêncio e perguntou:

“Existe algo que você queira me perguntar, Diego? Estou aqui pra tentar responder suas dúvidas.”

“Quanto tempo de vida eu tenho?”

“Diego, por favor...”, disse Rosana.

“Rosana, me deixe saber!”, disse Diego, com lágrimas nos olhos. “Eu quero saber! Eu tenho o direito, não tenho?”

“Diego, as coisas não são bem assim”, respondeu Adriano. “O que se sabe é a média do tempo de vida que uma pessoa com aquele específico tipo de câncer tem, mas isso tem mero valor estatístico.”

“Você não tem como dizer nem mais ou menos quanto tempo eu tenho?”

“Diego, quando se diz que as pessoas que têm um tipo de câncer “x”, por exemplo, têm sobrevida média de um ano, isso significa que várias pessoas viveram cinco anos, outras viveram apenas três meses. Tirando a média de todas, temos um ano. Entende?”

“Sei, sei. Qual a média no meu caso?”

“É principalmente importante que você entenda que cada organismo é único e reage de modo muito diferente aos tratamentos, e...”

“Qual o tempo médio no meu caso, porra?!”, gritou Diego.

“Diego, se acalme!”, pediu Rosana.

“Ok, desculpe, desculpe”, disse Diego, “mas eu quero saber quanto tempo mais ou menos eu tenho! Eu quero saber se vou ver meu filho nascer, porra!”

“Quatro meses”, respondeu Adriano, cessando a enrolação estatística. “A média em casos como o seu é de quatro meses, mas insisto em dizer que cada organismo é único.”

“Quatro m...? Porra!”, praguejou Diego. “Mas assim eu não vou ver meu filho nascer!”

“Eu aposto que vai”, disse Adriano. “A medicina tem avançado muito, Diego. Eu vou fazer de tudo pra que você possa pegar seu filho nos braços.”

Adriano Ribas quis ser médico desde que se entendia por gente. Fazendo uma avaliação retroativa, sua escolha poderia ser compreendida por um episódio específico de sua infância, quando, da noite para o dia, as visitas de fim de semana ao vô Ernesto deixaram de acontecer. “Vô Ernesto está doente”, dizia a mãe de Adriano e, naquela época, o máximo de “doença” que ele conseguia imaginar era uma gripe com febre alta. Adriano não ficara preocupado, embora lhe frustrasse a ausência de seu avô favorito, que não se furtava a passar o dia jogando *Starcraft* com ele.

Dois fins de semana passaram, passara o terceiro, um mês se fora e nada do vô Ernesto. “Está doente”, repetia a mãe. Adriano só tinha então seis anos, mas já tinha intuições suficientemente boas e lhe parecia que sua mãe também estava doente com aqueles olhos sempre vermelhos, o nariz escorrendo, o passo arrastado pela casa, a quantidade de pílulas que tomava antes de dormir. Ninguém dizia ao pequeno Adriano qual era, exatamente, a doença do vô Ernesto, até porque ele não perguntava.

Um dia, como cedo ou mais tarde seria fatal, Adriano veio a conhecer a realidade do CA. Os adultos sussurravam entre si, sua mãe falava sobre “o problema do pai” e, vez ou outra, o pequeno Adriano ouvia aquelas duas letras ditas como quem soletra: C. A.

“Mamãe às vezes soletra as coisas pra eu não entender”, dissera o pequeno Adriano aos seus colegas.

“O que é soletra?”, perguntara seu melhor amiguinho, Lucas.

“É quando um adulto diz as coisas separando as letras pra gente não entender. A mãe às vezes diz que nossa vizinha do 1001 é uma P-U-T-A e que não quer o pai falando com ela sozinho.”

“O que é P-U-T-A?”

“P-U-T-A é puta... hahaha”, explicara o pequeno Adriano. “Mas o que é C-A?”

“CE?”

“Não, Lucas! Não, seu burro! CE é C-E! C-A é CA! Mas eu não conheço nenhuma doença que se chame CA!”

“Procura na internet, ora!”, aconselhara o pequeno Lucas.

E fora o que o pequeno Adriano decidira fazer. Suas tentativas iniciais tiveram resultado frustrante. Ao digitar CA na internet, o garoto deu de cara com “C&A modas” e outros negócios e serviços cuja sigla era CA. Fez-se a luz, e o pequeno Adriano digitou *CA doenssa*, mas, naquela época, o

principal site de buscas da internet não era tão desenvolvido a ponto de corrigir erros gramaticais automaticamente, e o resultado fora nulo. Certo de que havia feito algo de errado, Adriano tentara todas as formas de escrever a palavra “doença” e, após *doenca*, *doenza* e *doensa*, eis que os mistérios do cedilha foram desvelados e ele terminou logrando êxito em sua primeira grande empreitada investigativa.

A mãe de Adriano havia instalado um filtro infantil no computador, um filtro cuja especificidade tinha por objetivo proteger os olhos do filho contra o conhecimento antecipado da realidade do sexo. Nem lhe passara pela cabeça que o garoto pudesse ter acesso a coisas mais chocantes do que uma vagina e um pênis. Tampouco lhe passara pela cabeça que o pequeno Adriano um dia fosse tentar descobrir o que era “CA doença”. Ela também desconhecia o fato de que seu filho soubesse procurar por imagens.

O primeiro contato do pequeno Adriano com a realidade da morte ocorrera na internet dos anos 90 do século XX. E ela, a morte, se desvelara a ele em toda sua mais grotesca decadência de centenas de fotos detalhando o pior do CA.

Duas coisas ocorreram naquele dia: o pequeno Adriano chorara trancado no quarto até dormir, esgotado. E a semente de um médico surgira, uma semente determinada a descobrir uma cura para o C-A.

* * *

Muitos anos se passaram, a ciência evoluiu bastante e, se adoecesse nos dias atuais, o vô Ernesto teria consideráveis chances de cura. Com os anos, o entendimento de Adriano a respeito do câncer (ele passara a odiar o criptológico “CA”) também evoluiu de modo a que ele entendesse que não existe uma “cura” para esse problema, uma vez que “câncer” é o nome dado a mais de trezentos tipos distintos de doença. Algumas mais graves, outras nem tanto.

Algumas modalidades de câncer, entretanto, ainda estavam muito além do entendimento e tratamento pela moderna medicina. Glioblastomas e *gliomatosis* eram casos assim, embora o agora adulto Adriano tivesse mantido ao menos duas características de sua versão infantil: a obsessão por tentar resolver problemas e o alto nível de frustração ao se perceber impotente.

Frustração e impotência, aliás, era o que Adriano mais sentia nos últimos tempos, considerando as raridades incompreensíveis com as quais ele havia travado contato. Havia a *gliomatosis* de Diego, mas também havia o estranho caso de Vanessa Costa. Nada, em nenhum lugar do mundo, seria capaz de explicar como era possível que a autópsia de Vanessa indicasse aquelas metástases tão desenvolvidas e espalhadas por seu corpo. Como era possível que uma pessoa com tantas trombozes e com uma embolia pulmonar gravíssima, extremamente debilitada pela ação do vírus HIV, tivesse sido vista por ele há apenas alguns dias, feliz e saudável caminhando por São Paulo? Como era possível que o corpo decrépito que ele vira ser autopsiado fosse o da mesma mulher que ficara internacionalmente famosa por destruir a carreira de Jairo Volpi em uma escandalosa performance sexual?

Eram coisas inexplicáveis demais para o apreço de Adriano por respostas, mas agora ele tinha a raridade da doença de Diego com que se preocupar.

Em suas perspectivas otimistas, Adriano imaginava que Diego poderia sobreviver até o filho completar algo em torno de quatro meses de vida. Nas perspectivas pessimistas, Diego morreria logo após o parto de Rosana. Havia, contudo, otimismo naquele pessimismo. Adriano constataria, ao longo dos anos, o quanto a sobrevida de pacientes de alto risco aumenta quando há um objetivo de grande peso emocional envolvido. Há dois anos, Adriano testemunhara uma mulher sobreviver por um ano a um câncer que a mataria em dois meses, por estar obcecada com o resultado de um processo judicial. Ela queria ver a justiça ser feita, e não morreria antes disso. Faleceu dois dias após a sentença que lhe fora positiva.

Diego, nos dias atuais, poderia usufruir do melhor que a medicina tinha a oferecer, dos melhores médicos e das mais excepcionais enfermeiras. Yeong-Seon, pelo que Adriano constatava, havia se afeiçoado especialmente a Diego, ministrando-lhe cuidados e lhe dedicando horas muito acima de suas obrigações profissionais. Adriano adorava Seon. Em diversas situações do tipo, com tantos fatores de apoio, Adriano testemunhara uma sobrevida excepcional.

O caso de Diego, infelizmente, pouco a pouco se revelou bastante diferente.

No início de dezembro, pouco mais de um mês e meio após o diagnóstico, o quadro de Diego havia sofrido uma evolução rumo a

perspectivas nada encorajadoras. Ele havia ficado completamente cego do olho esquerdo. O lado esquerdo de seu rosto estava paralisado e a fala, comprometida. Diego só conseguia ficar deitado, pois, caso se sentasse, enjoava e vomitava. A radioterapia não havia surtido efeito algum e Diego tinha ao menos uma convulsão a cada dois dias. Havia súbita perda de consciência e traços distintivos de demência.

Ao que tudo indicava, Rosana estaria sozinha na sala de parto.

Após se certificar que o turno noturno do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo estava em um dia especialmente agitado e todos se ocupavam com uma quantidade maior do que o normal de emergências, Yeong-Seon foi até o quarto de Diego Braga e encontrou Rosana sentada ao lado dele.

“Como você está, Diego?”, perguntou Seon.

“Ach q pior q ontx”, respondeu Diego, com dificuldade.

“A consciência vem e vai e ele às vezes não me reconhece”, disse Rosana, olhando pro chão.

“Entendo”, disse Seon, enquanto digitava algo no celular.

“Eu acho que vou indo, Diego, preciso dormir um pouco”, disse Rosana, obtendo como resposta um aceno positivo do marido. “Eu ficaria aqui, sabe? Mas, no meu estado, tenho medo que as noites mal dormidas prejudiquem o bebê.”

“Podji ir, meu amô”, disse ele.

“Você tem conseguido dormir, Rosana? Sabe que não pode tomar soníferos”, disse Seon.

“Na verdade, eu fico tão, mas tão esgotada, que caio no sono de sapatos e tudo assim que deito na cama.”

“Isso é bom”, disse Seon com sua usual tentativa de sorriso que não passava de uma sutil inclinação ascendente do lado esquerdo da boca. “Mas eu vou te pedir que espere só um pouquinho mais. Preciso conversar com vocês dois e não posso fazer isso sozinha.”

“O que é? Ai meu Deus...”

“Tenha calma, Rosana. Não é nada de ruim. Quero apresentar vocês a duas pessoas que talvez tenham algo interessante a oferecer.”

* * *

Assim que receberam a mensagem de Seon, as demais Iluminadas de Tanatheros saíram do Franz Café da Vila Madalena e se dirigiram ao Instituto do Câncer. Chegaram em menos de quinze minutos. Leonor, caminhando mal, mas ainda imponente, abria alas aos gritos, para que todos pudessem ouvi-la:

“Boa noite, senhoras e senhores! Esqueçam que nos viram!”. Andava mais uns passos e gritava de novo: “Boa noite! Sejam educados uns com os outros e esqueçam que nos viram! Obrigada, querida! Hmmm, adorei o seu chapéu!”

Entraram no Instituto do Câncer e foram direto para a fila que daria acesso aos apartamentos dos internados. A fila estava enorme, mas as Iluminadas a furaram sem dificuldade após Leonor pedir:

“Não se movam por dez segundos, por favor. Ah, e esqueçam que nos viram.”

Entraram no elevador, diante de uma ascensorista estupefata que jamais vira uma drag queen entrar montada no Instituto do Câncer.

“Olá, minha criança. Sexto andar, por favor”, pediu Nemy.

“Hã?”, respondeu a moça, estática.

“Leonor, quer fazer a caridade?”, pediu Nemy.

“Gire sua graciosa chave e nos leve ao sexto andar”, ordenou. “Assim que sairmos, esqueça que nos viu e volte ao térreo para buscar aquela gente sofrida. Obrigada.”

Subiram.

“Você está muda, Cassie”, disse Nemy, enquanto o elevador subia.

“Só não sei se estamos fazendo a coisa certa. Nunca mais tive as visões com o ônibus.”

“Nenhuma visão?”, perguntou Leonor.

“Não. Só sonhos estranhos.”

“Estranhos como, minha criança?”, perguntou Nemy. “Ruins?”

“Ao contrário, sonhos bons. Não estou acostumada. Sonhos coloridos, realistas, com cheiros bons. Mas não deixa de ser um pouco perturbador.”

“Perturbador por quê?”, perguntou Leonor.

“Porque neles eu sou uma menina de verdade”, respondeu Cassie.

“Que tolice, minha criança. Você é uma menina de verdade”, disse Nemy, beijando o rosto de Cassie.

“Você me entendeu, mãe. Não é a mesma coisa. As pessoas sacam.”

“As pessoas são tolas, meu amor. Se você fosse biologicamente mulher, eles encontrariam outra desculpa para provocá-la”, disse Leonor. “Pronto, chegamos.”

Saíram do elevador. Leonor se pôs a cantarolar e, sempre que encontrava alguém, dizia: “Olá, boa noite! Esqueça que nos viu!”. O grupo

caminhou até o quarto indicado por Seon e nele entrou sem bater, dando de cara com a enfermeira infiltrada, uma mulher grávida que parecia esgotada e um homem muito forte, inchado, cujo lado esquerdo do rosto não se movia.

“Boa noite, minhas lindas crianças!”, disse Nemy, oferecendo um largo sorriso e ajeitando a peruca platinada em sua cabeça.

“Bo... quem são vocês?!”, perguntou Rosana, olhando pasma para o trio improvável.

Uma idosa magra e completamente careca, repleta de joias, como quem vai a um baile.

Uma moça linda, mas alta demais para não ser assustadora, de cabelos azuis.

Uma drag queen igualmente alta, com camadas de maquiagem tão densas que a faziam parecer uma estátua de bronze, usando uma peruca prateada que deveria pesar, no mínimo, um quilo e meio.

“Elas são as pessoas de quem te falei”, disse Seon. “Elas têm algo a oferecer a você e ao Diego.”

“Voxê é a travextchi q eu encontrei no prédi da dona Leonôô”, disse Diego, apontando para Cassie.

“Eu vou embora, não tenho que ouvir esse tipo de coisa!”, disse Cassie.

“Calma, minha criança. Tenha calma”, pediu Nemy, segurando Cassie pela mão. “Você conhece esse homem ao vivo? Você conhece Diego Braga?”

“Mas quê?!”, exclamou Rosana, interrompendo Nemy.

“Rosana. Seu nome é Rosana, Seon já nos falou muito sobre você. Meu nome é Nemy-Z. Esta senhora luxuosa e sedutoramente calva é minha esposa, Leonor Andreotti. E esta linda e exótica menina é nossa filha, Cassandra Johnson. Nós somos as Iluminadas de Tanatheros.”

Rosana permanecia sentada, olhos arregalados diante do trio. Sua mente dava giros, fascinada com a familiaridade que sentia.

“Vocês não são um conjunto pop cover?”

“Oh, você nos conhece, que lindo!”, disse Nemy, com afetação. “Somos isso, queridinha, mas também somos outra coisa. E, pelo visto, nossa filha conhece seu marido.”

“É difícil dizer com certeza, mas acho que era ele sim... o corretor de imóveis que acompanhou o casal que comprou nosso apartamento”, disse Cassie.

“Era eu... eu lembrrr de voxê”, respondeu Diego.

“Talvez por isso você tenha conseguido um contato naquela noite”, disse Nemy para Cassie. “Você cruzou com um potencial Salvador!”

“Coincidência”, disse Seon.

“Estou começando a suspeitar que isso não existe”, disse Nemy. “Mas vamos lá, vamos dirimir as dúvidas de nossos amigos. Leonor, quer fazer a gentileza?”

“Claro”, disse Leonor, retirando um pequeno frasco de dentro da bolsa e se aproximando de um vaso de flores murchas ao lado da cama de Diego. “Lindas flores. Você as deu pra ele?”

“Não, foi a mãe dele, mas o quê...?”

“Seon, por favor, tranque a porta”, pediu Nemy, sendo prontamente atendida.

“São miosótis, lindas miosótis”, disse Leonor, sorrindo e acariciando as flores murchas. “As flores têm um significado que a maioria das pessoas desconhece, o que é mesmo uma pena. Deveria ser tema de aula no ensino fundamental, sabe? Sua sogra, por exemplo, talvez ignore, mas as miosótis têm uma simbologia muito bonita, elas representam a memória. Não é a toa que, em inglês, chamam-se *Forget-Me-Not*.”

Leonor ergueu o frasco na frente do rosto de Rosana, exibindo seu conteúdo. Dentro do pequeno recipiente de vidro transparente, havia um líquido que parecia algum tipo de *glitter* em tons de vermelho. Leonor abriu o frasco e depositou uma gota do conteúdo no vaso de miosótis.

“Cuidado pra não derrubar o vidro inteiro, mãe”, pediu Cassie.

“Não se preocupe, querida.”

A gota caiu no vaso e, por alguns segundos, nada ocorreu. Rosana franzia as sobrancelhas diante daquela cena bizarra, olhava para Seon com uma expressão de estranhamento e olhava de novo para o vaso. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nenhum som saiu, morrendo na mera intenção da fala, quando as flores retornaram instantaneamente à sua exuberância de uma semana atrás. Não se limitaram, entretanto, ao rejuvenescimento. As miosótis cresceram, atingindo o dobro do tamanho e começaram a se multiplicar em dezenas de novas flores, saltando do vaso como se fossem pipoca a estourar por todo o quarto de Diego, numa chuva de pétalas vivas e brilhantes.

A maioria das pessoas teria gritado diante de tal cena, e Leonor já

estava de prontidão para impedir que Rosana fizesse isso, mas não precisou fazer nada. Rosana Braga, grávida de cinco meses, apenas sorria. Sempre, em toda sua vida, quisera testemunhar um milagre.

* * *

“O que eu não entendo é por quê *eu* tenho que fazer essa escolha”, disse Rosana, retirando imensas pétalas de miosótis de seus cabelos.

“Nós geralmente pedimos que os doentes decidam, e apenas eles”, respondeu Nemy. “Mas o caso de seu marido vai exigir sua cumplicidade, minha criança. A consciência de Diego vem e vai. Seon nos disse que ele às vezes está bem, mas que, na maioria das vezes, manifesta sinais de demência. Confere?”

“Sim, é isso mesmo”, respondeu Rosana, olhando constrangida para Diego, que prestava atenção a tudo com seu único olho bom arregalado.

“Digamos que eu ofereça a opção do glamour a ele, e ele responda que precisa pensar. O que, aliás, seria perfeitamente compreensível. Só que, no quadro em que ele se encontra, ele pode dizer que ‘vai pensar’ e entrar em coma cinco minutos depois. Ou ficar demente e não voltar ao normal. Por isso, precisamos que, caso isso ocorra, você tome a decisão por ele.”

“E por que ele diria não a algo tão maravilhoso, em nome de Deus?”, perguntou Rosana.

“Eu num intendji direittt...”, balbuciou Diego.

“Rosana, as coisas não são tão simples”, disse Leonor. “Ele se levantará desta cama no mesmo dia em que tomar o glamour e sairá por aquela porta, caminhando sem amparo. Ele não vai apenas melhorar, ele vai ficar muito melhor do que jamais foi. Só que, no sétimo dia, sem nenhuma dúvida, ele morrerá. Não haverá dor, não haverá sofrimento. O cérebro dele apenas desligará.”

“E se ele decidir tomar o glamour, só pode fazê-lo no dia dezesesseis de dezembro. Existe a tarefa que precisa ser cumprida sete dias depois, em troca do glamour”, disse Seon.

“Sim, a tarefa”, confirmou Nemy.

“Que seria o quê? Salvar dezenas de crianças de um acidente de ônibus?”

“Isso mesmo, Rosana”, respondeu Seon. “Um acidente que vai

ocorrer no dia vinte e três de dezembro.”

Rosana olhava para uma das flores em sua mão, como se ela não fosse de verdade. Retirou uma de suas pétalas e levou um susto quando o espaço vazio foi substituído por outra pétala que cresceu instantaneamente.

“Existem várias coisas que não entendo”, disse Rosana. “Na verdade, eu acho que devo ter dormido e estou sonhando.”

“Não está”, respondeu Leonor. “Pergunte o que quiser.”

“Faltam muitos dias pro dia dezesseis de dezembro, que é quando vocês querem que Diego tome esse troço. E se ele... se Diego...”

“Morrer antes?”, perguntou Seon.

“Num quero morrê...”

“Sim, isso. Se vocês sabem que o acidente vai acontecer, por que não impedem o ônibus de sair? Por que Diego e não outro? Por que tem que ser ele? Do que é feito o glamour?”

“Não fazemos ideia de porquê tem que ser Diego, e não outro. Seguimos apenas o que minhas visões mostram. E se ele foi identificado como um Salvador, é porquê não vai morrer antes do dia vinte e três”, respondeu Cassie, saindo das sombras do quarto com uma expressão severa. “Se a existência dele me foi revelada, é porque ele estará vivo e poderá realizar a missão.”

“Mas então isso significa que meu marido pode viver até o bebê nascer, ano que vem.”

“Isso eu não sei responder”, disse Cassie. “Não controlo direito as visões, não tenho como saber com certeza. Mas sim, pode ser que ele viva até o bebê nascer.”

“Só que, se ele tomar o glamour, segundo vocês, ele com certeza vai morrer em sete dias.”

“Num vô, eu vô vivê...”

“Exatamente, Rosana”, disse Seon. “Nem um dia a mais, nem um dia a menos. Tomando o glamour, ele morrerá após sete dias de excelente saúde física e mental.”

“Do que é feito esse negócio?”, insistiu Rosana.

“Isso nós não podemos contar, minha criança”, respondeu Nemy.

“A coisa que ele mais quer no mundo é ver o filho nascer”, disse Rosana, segurando firme a mão de Diego.

“Eu quero! Muito!”, disse ele.

“Eu sei disso”, respondeu Seon. “Mas olhe para ele. Você acha que ele vai conseguir?”

“Não fale dele como se ele não estivesse aqui, por favor, Seon!”, pediu Rosana. “Hoje é cinco de dezembro e, segundo essa moça, ele vai estar vivo no dia dezesesseis.”

“Sim, mas e no dia trinta e um? E no fim de janeiro? Falta muito ainda pra você ter o bebê, minha criança”, disse Nemy. Então, ela olhou para Diego e disse: “É altamente improvável que você sobreviva até o parto de sua esposa e os médicos sabem disso.”

“Improvável, mas não impossível”, comentou Rosana.

“Sim. Improvável, mas não impossível”, confirmou Nemy.

“Tente ver as coisas sob outra perspectiva”, pediu Leonor. “Se não tomar o glamour, seu marido pode ou não ver o filho nascer. Que diferença isso fará para o bebê? Se Diego tomar o glamour, ele com certeza não verá a criança. Mas salvará dezenas de outras.”

“E ficará conhecido para sempre como um herói”, disse Cassie. “Seu filho não lembrará do pai, mesmo que Diego sobreviva para pegá-lo em seus braços. Mas, se vocês concordarem em realizar a missão, o filho de vocês saberá que o pai foi um herói que salvou dezenas de crianças.”

“E vocês também oferecem dinheiro, é isso?”

“O dinheiro independe de vocês concordarem ou não com a missão”, respondeu Nemy. “É uma doação para garantir a educação de seu filho.”

“Quanto?”

“Um milhão de francos suíços”, respondeu Leonor.

“Um mil... o quê?!”, quase gritou Rosana. “E vocês vão me dar isso, mesmo que a gente diga não?!”

“Sim. Na verdade, o dinheiro já está depositado nessa conta na Suíça”, disse Leonor, entregando um cartão a Rosana. “Está em seu nome, aqui estão as senhas, você pode gerir esses recursos do jeito que preferir.”

“Eu tenho outra pergunta”, disse Rosana, olhos esbugalhados diante do papel com as senhas bancárias.

“Pode fazê-la, minha criança”, disse Nemy.

“Sem querer ser indelicada, mas por que *a senhora* não toma o glamour?”, perguntou Rosana para Leonor. “A senhora também tem câncer, não tem?”

Leonor sorriu e respondeu:

“Tenho. Sim, eu tenho. Só que, veja só, eu não apareço como Salvadora em nenhuma das visões de Cassie. Do contrário, eu até tomaria a fórmula. Não vejo razão para tomar o glamour sem precisar. Além disso, eu tive a experiência do êxtase ao longo de toda a minha vida, querida. Está na hora de experimentar um pouco de decrepitude.”

“Que loucura!”, disse Rosana.

“Soa como loucura?”, riu Leonor. “Sim, eu sei que soa, e entendo você. Mas também é uma forma de proteger as pessoas. Eu lembro de mim em meu apogeu. Eu posso ficar muito perigosa, se estiver... entusiasmada.”

Rosana ficou alguns segundos parada, olhando para a flor que persistia em não ser destruída em suas mãos, apesar dos esforços de Rosana em despetalá-la. Olhou para Nemy, Leonor, Seon e Cassie com uma expressão de puro desalento e disse:

“Nós precisamos pensar. Eu e meu marido precisamos pensar”, então se voltou para Diego e viu que ele tinha desmaiado novamente.

“Claro que precisam, minha criança”, disse Nemy. “E você precisa esperar que Diego acorde para repetir tudo a ele. É provável que ele não lembre de nossa conversa.”

“E se ele não acreditar em mim?”

“Fale com Seon e ela nos chamará, então voltaremos aqui com o glamour e mais flores quase mortas”, respondeu Leonor.

“E se eu contar pra alguém?”

“Oh, você não faria isso, faria?”, disse Leonor, com uma expressão sinistra. “E, mesmo que fizesse, quem acreditaria em você?”

“As flores...”

“Estarão mortas e secas em dez minutos”, disse Nemy. “Eu dei uma dose concentrada de glamour para elas. O que Diego tomará é uma gota de glamour diluída em cem mililitros de vinho, e isso garante os sete dias.”

“Nem mais, nem menos”, disse Rosana.

“Nem mais, nem menos”, confirmou Nemy. “Vamos embora, minhas crianças? Seon, desculpe deixar você com tanta coisa pra limpar.”

“Não tem problema”, disse Seon. “Podem ir, nos vemos amanhã.”

As Iluminadas de Tanatheros deixaram o quarto e se foram, deixando Seon a faxinar flores temporariamente indestrutíveis e Rosana, grávida, na solidão de seu mais novo, maravilhoso e terrível segredo.

Amanhecia em Berlim. Zayn já havia tomado um lauto café da manhã e brincava em seu novo e imenso quarto transbordante de bonecas, quando ouviu o ruído da cadeira de rodas de seu novo vovô-papai.

“Bom diiiiia, vovô-pai!”

“Bom dia, pequena Zayn”, respondeu Offenbach. “A senhorita Furtwängler me disse que você tem se comportado direitinho.”

“Sim, sim! A comida é uma delícia e a senhorita Furtwängler é legal! Ela é minha nova mamãe?”

“Oh, temo que não, pequena Zayn. A senhorita Furtwängler não é um tipo muito... maternal. Mas, se você quiser uma mamãe, podemos comprar uma pra você.”

“Ela vai poder brincar comigo?”

“Vai sim, claro que vai. Por que não?”

“Oba!”

“Mas eu preciso que você continue me ajudando contra as mulheres más, pequena Zayn.”

“Claro, vovô-pai! Eu fiz tudo direitinho do jeito que você mandou.”

“Muitos sonhos bonitos para a jovem Cassandra, hein?”

“Mas não entendo. Se ela é uma moça má, por que eu tenho que dar sonhos bonitos pra ela? Eu poderia fazer ela sonhar com as coisas que ela tem medo.”

“Ah, sim? E do que ela tem medo, pequena Zayn?”

“De acordar menino de novo. Da mãe dela aparecer como uma aranha enorme e cheia de olhos e cheia de patas e cheia de pintos, prendendo ela numa teia.”

“Isso é muito interessante, pequena Zayn. Poderemos usar um dia. Mas, por enquanto, mantenha os sonhos bons, ok? Com o que você faz a jovem Cassandra sonhar?”

“Que ela é uma menina linda num mundo onde só existem meninas lindas. Um mundo sem pintos.”

“Muito bem, continue dando a ela este lindo mundo castrado. Mas eu quero que você insira algo bem discretamente nos sonhos de Cassandra.”

“O quê, vovô-pai?”

“Uma visão, pequena Zayn. Quero que você insira uma visão e um

chamado.”

30

Cassandra Johnson dormia. Dormia e sonhava seu sonho bom de um mundo onde todas eram princesas da Disney e não havia homens, apenas princesas e animais falantes, todos do sexo feminino. Em seu sonho bom, Cassandra era uma espécie de Branca de Neve capaz de se comunicar com os pequenos animais, e conversava com as passarinhas no café da manhã.

“Bom dia, voadoras! Está um lindo dia, não é mesmo?”

“Sim, sim, princesa Cassandra! Um dia lindo de sol de primavera!”, diziam em coro as passarinhas. “E, neste dia lindo de sol de primavera, a princesa Cassandra é a mais bela dentre todas, com seus cabelos azuis da coooooor do céu!”

“Oh, voadoras, vocês são tão gentis! Hihhi!”, disse Cassandra, servindo chá. “Alguém quer chá? É chá de alpiste, mas também temos geleia de minhocas e torrada de insetos gordos, saborosos!”

“Cassandra é uma princesa boa! Nós adoramos Cassandra! Ela é uma princesa linda e uma MENINA DE VERDAAAAADE!”

Às vezes, durante os sonhos, Cassie tinha a impressão de haver mais alguém em seu castelo. Alguém que não poderia ser nem a rainha Leonor e nem a princesa Seon, pois elas tinham seus próprios castelos nas redondezas. Nemy não estava no Reino da Grande V, pois Nemy tinha um pinto e gostava dele, e o Reino da Grande V não era para pintos. Mas Cassie quase conseguia ouvir o barulho de passos nos corredores de seu castelo. Corredores que deveriam estar vazios.

“Tem alguém aí?”, perguntou Cassie, levantando-se e indo para o corredor.

Zayn, que estava atrás da porta, correu para se esconder. Ela não deveria ser detectada, mas Cassandra era mesmo uma moça resistente e conseguia sentir a presença intrusa em seu mundo. Não seria um problema tão grande encontrar esconderijos. Zayn poderia criar quantos ambientes se fizessem necessários naquele castelo e, assim, fugir de Cassandra por quanto tempo desejasse.

“Pode aparecer, eu não vou machucar você!”, disse Cassie. “A não ser, claro, que você seja um homem. Se você for, sugiro que fuja, fuja

correndo para longe daqui! Homens não são bem vindos no Reino da Grande V!”

Zayn criou um porão dentro do quarto, antes que Cassandra nele entrasse. Então, criou um quarto dentro do porão, uma sala dentro do quarto e um sótão na sala. Subiu para o sótão e criou uma varanda, onde então se sentou e passou a comer amoras oníricas. Demoraria para Cassandra alcançá-la e, assim, Zayn teria tempo para elaborar a visão do jeitinho que seu vô-pai Offenbach encomendara.

Cassie seguiu o que lhe parecia um cheiro de perfume infantil. Era um cheiro com um rastro psíquico sutil, mas familiar. Cassie conseguia sentir um cheiro de guerra com algumas pitadas de desespero e morte. Havia também notas de orfanato naquele perfume, notas que Cassie conhecia bem. Quem sente cheiro de orfanato uma vez, nunca mais esquece. Abriu a porta do quarto e se deparou com um porão. Abriu o porão e entrou em outro quarto, encontrando uma porta que levava a uma enorme sala. Seu castelo era tão, mas tão grande, que nem mesmo Cassie sabia quantos quartos havia nele. Uma vez na sala, Cassie se deparou com uma escada que dava para um sótão. Ao subir e erguer a porta, Cassie sorriu maravilhada ao constatar que, dentro do sótão, havia uma praia inteira. Parecia Copacabana.

Cassie adentrou o sótão-praia e percebeu que usava um biquíni cavadíssimo, perfeitamente justo em seu maravilhoso corpo sem pinto. As pessoas se divertiam, corriam, jogavam frescobol e riam. Havia homens ali, e isso deixou Cassie incomodada.

“El?”, chamou uma voz masculina atrás dela.

Cassie se virou e deu de cara com uma visão teoricamente impossível.

“Elliot, sou eu, Kenny!”, chamou a figura idêntica ao seu irmão gêmeo falecido.

“Kenny?! Kenneth?? Não é possível!”

“Desculpe entrar no Reino da Grande V com meu pinto, sei que você jogou o seu fora.”

“Mas como... como...? Isso é um sonho, né?”

“Venha ao Rio de Janeiro, Elliot! Você precisa descobrir que a mãe não morreu num acidente! Nemy-Z e Leonor escondem a verdade de você! Venha conhecer a verdade!”

A praia começou a perder suas cores, desbotando gradualmente. Kenny perdeu nitidez, tornando-se quase transparente.

“Venha para o Rio de Janeiro, El. Venha para o Rio de Janeiro...”

“Meu nome é Cassandra!”, gritou ela. “Cassandra!”

“Rio de Janeiro, Cassandra. Venha rápido. Não conte pra Nemy. Não conte pra Leonor. Não conte pra ninguém. Mamãe não morreu num acidente...”

A praia desapareceu, levando Kenny consigo e deixando Cassandra mais uma vez em seu solitário Reino da Grande V.

31

“Cassie, você está muito quieta hoje. Alguma coisa errada?”, perguntou Leonor na mesa de café da manhã.

“Não, mamãe, tá tudo bem.”

“Dormiu direito, minha criança?”, perguntou Nemy.

“Sim, mãe.”

“Nada de visões, então?”, perguntou Nemy, servindo chá de mirra para Leonor.

“Se eu tivesse tido uma, teria contado.”

“Não seja grosseira, Cassie”, disse Leonor, tomando o chá.

“Desculpe.”

“Estou preocupada”, disse Seon, checando seu celular.

“Com o quê, minha criança?”, perguntou Nemy.

“Hoje já é 10 de dezembro, e Diego piora a cada dia. Ele vem e vai, e atualmente mais vai do que vem. Ele ou Rosana têm que decidir se ele toma o glamour no dia 16 de dezembro. E nós nem sabemos ainda qual o trajeto desse ônibus.”

“Não sabemos nem se o acidente ainda vai acontecer”, disse Cassie. “Eu nunca mais vi nada. Pode ser que tudo tenha mudado depois que impedimos a eleição de Volpi.”

“Pode ser”, concordou Leonor. “Falando nisso, alguém sabe como ele ficou?”

“Eu acompanho as notícias e monitoro tudo”, disse Seon. “Volpi foi internado numa clínica para recuperação de viciados.”

“É sério, isso?”, perguntou Cassie, cuspingo farelos de torrada.

“Sim”, continuou Seon. “Ele tem sintomas de alguém com abstinência de cocaína. Tiveram que amarrá-lo, pois, segundo o relatório médico, ele

continuamente enfia objetos cilíndricos aleatórios no ânus e chora, chamando por Vanessa. Sua mulher pediu o divórcio.”

“Compreensível que tenha pedido”, disse Nemy. “No fim, Jairo Volpi foi vítima dos preconceitos e da moral que ele mesmo semeou com tanto esmero. Justiça poética.”

“Justiça poética é só uma forma bonita de nomear a vingança. Não tem justiça nenhuma aí, ele estava fora de si. Não faria nada do que fez, se não fosse por Vanessa”, disse Cassie, no intervalo entre mordidas na torrada.

“Você está com pena dele, minha criança?”, perguntou Nemy.

“Não, claro que não”, respondeu Cassie. “Só não acho correto julgá-lo pelo que fez em estado alterado de consciência. Mas, como vocês mesmas dizem, o que importa é o resultado.”

“Mas por que Volpi ainda enfia objetos no reto?”, perguntou Seon.

“Ele sofreu uma intensa regressão à fase anal”, respondeu Leonor. “Levará um tempinho, mas ele há de se recuperar. O que importa é que impedimos um futuro pior.”

“De fato, faz um tempo que não tenho visões”, disse Cassie.

“Faz um tempo que você não tem visões espontâneas... Mas nós nunca mais tentamos uma visão orientada, não é mesmo?”, disse Nemy.

“Não sei se eu gostaria”, respondeu Cassie. “Eu gosto de não ter as visões. Se pudesse, não as teria nunca mais. Nunca é a visão de uma coisa boa, é sempre só desgraça.”

“É um dom, minha criança”, disse Nemy. “O dom de *impedir* desgraças.”

“Você fala isso porque não tem nenhum dom que lhe atormente! Qual é seu dom, afinal? O dom de não precisar dormir?!”, disse Cassie, quase aos gritos e cuspiendo farelos de torrada. “Você é normal! É tão normal que gosta de brincar de ser uma drag! Mas você tira essa fantasia a hora que você quiser e vai viver sua vida normal em seu mundo normal cheio de pessoas normais!”

“Cassandra Johnson, não seja injusta! Você não sabe o tamanho da bobagem que está dizendo!”, interrompeu Leonor, dando a mão a Nemy, que, por sua vez, parecia mais pensativa do que ofendida.

“Cassie, existem coisas que você desconhece...”, disse Nemy.

“É, pelo visto tem um monte de coisas que eu não sei mesmo! Mas eu não quero saber! Não quero saber de nada! Me deixem em paz, ok? A aberração vidente está cheia disso!”, disse Cassie, levantando da mesa e

correndo para o quarto, no segundo andar da cobertura.

“Eu vou atrás dela”, disse Leonor.

“Não, querida, deixe. Deixe ela ficar sozinha um pouco”, pediu Nemy.

“Devem ser os hormônios”, disse Seon.

“Hã?”, perguntou Leonor.

“Ela toma hormônios femininos, não toma? Deve ser por isso que está assim.”

“Pode ser, Seon. Pode ser. Mas isso nos coloca em maus lençóis. Se Cassie não quer ter visões, como vamos descobrir que diabo é esse ônibus com dezenas de crianças fazendo uma viagem no dia 23 de dezembro?”

“Se não tivermos como descobrir, não faremos nada, Leonor”, disse Nemy. “O que fazíamos antes de Cassandra entrar em nossas vidas? Apenas nos divertíamos. Toda essa história das Iluminadas de Tanatheros começou quando descobrimos que poderíamos mudar o futuro que ela nos mostrava. Se as visões pararam, nosso trabalho encerra aqui. Vamos aproveitar a vida, minha criança!”

“Estou me sentindo bem, hoje. Poderíamos ir ao teatro”, disse Leonor.

“Claro!”, respondeu Nemy. “Um teatro iria bem. Tem uma comédia de humor judaico passando naquele teatro novo lá no centro, como é mesmo o nome daquele lugar...?”

Seon permaneceu em silêncio, olhando o resto das torradas e biscoitos que Cassie abandonara, enquanto sua dupla excepcionalidade moderadamente autista e fortemente superdotada trabalhava, juntando cacos de informações aleatórias.

“Comédia de que?”, perguntou ela. “O que você disse?”

“De humor judaico, minha criança. Você gostaria de ir?”

“Não, Nemy, obrigada. Tenho plantão. E umas coisas pra checar.”

“Você também anda muito pensativa, Seon”, disse Leonor.

“Preciso checar umas coisas. Ligo pra vocês mais tarde, ok?”

“Não vai terminar seu café?”, perguntou Nemy.

“Não, já estou satisfeita, obrigada. Ligo mais tarde”, respondeu Seon, levantando-se e saindo pela porta, deixando Leonor e Nemy sozinhas.

“Nossas jovens andam rebeldes”, disse Nemy.

“Hormônios”, disse Leonor. “Ainda bem que fiquei velha. Nada é pior do que ser submissa aos próprios hormônios.”

* * *

Trancada em seu quarto, Cassie ligou o notebook e procurou por passagens aéreas para o Rio de Janeiro. Encontrou várias disponíveis. Ela não sabia quando teria que ir ao Rio de Janeiro, mas a visão passara uma sensação de urgência. O problema seria conseguir despistar Nemy e Leonor, que não tiravam os olhos dela por conta do medo ridículo que sentiam do velho Offenbach. Cassie sabia que Offenbach não tramava nada contra ela. Seu sentido paranormal apitaria como uma sirene se ela estivesse em perigo, porém nos últimos dias tudo estava quieto como um lago calmo.

Sair pela porta rumo ao aeroporto não seria uma opção. Nemy e Leonor a veriam e, se ela insistisse em sair, muito provavelmente Leonor a deteria usando a voz. Mas Cassie tinha outro poder excepcional, apesar de bastante subestimado: o poder da representação.

Pegou a bolsa, enfiou os cartões de crédito platina dentro dela, checkou sua expressão de arrependimento no espelho e, quando achou que estava convincente o suficiente, desceu de volta para a sala de refeições, passando antes pelo orquidário e colhendo um exemplar lilás que era do especial gosto de Nemy.

* * *

Seon entrou no táxi e decidiu ir direto ao Instituto do Câncer. Faltavam algumas horas para o plantão, mas ela não queria atrasar. Enquanto isso, resolveu checkar informações no celular. Eram muitas informações, mas tudo se organizava em sua mente de um modo que o caso do ônibus começava a fazer sentido.

A primeira coisa que incomodou Seon, quando Cassie teve a visão do acidente, foi a data estampada no jornal: 23 de dezembro de 2022. Que sentido havia num ônibus repleto de crianças num dia fora do período letivo? Não podia, de jeito nenhum, ser um ônibus escolar. E, se não era um ônibus escolar, por que tantas crianças estavam viajando juntas? Para onde estariam se dirigindo? Apesar de Seon ser ateu, seus pais coreanos eram cristãos bastante carolas e valorizavam enormemente a véspera de natal. Natal era uma época para a família ficar unida, não para enviar crianças sozinhas sabe-

se para lá para onde.

Para quem o natal pouco ou nada importava? Para ateus como Seon, é claro. E, mesmo assim, a maioria dos ateus comemorava o natal apenas por hábito cultural.

Mas havia outro grupo para o qual o natal *realmente* não importava.

Os judeus.

Seon havia conhecido muitos judeus ao longo de sua ainda curta vida. Alguns até participavam de festas natalinas, por terem amigos e parentes cristãos. Mas Seon lembrava de alguns muito tradicionais, que aproveitavam o natal para coisas mais mundanas, como ir à praia, aproveitar o feriado...

...Mandar seus filhos pequenos para acampamentos da comunidade judaica.

Na medida em que as coisas se organizavam em sua mente excepcional, Seon fazia buscas no Google. Até que, num estalo, a luz se fez na forma de um anúncio:

“FÉRIAS INESQUECÍVEIS! COLÔNIA DE FÉRIAS GOLDEN GAN ISRAEL!

No dia 23 de dezembro, mande seu filho de 7 a 11 anos para a Colônia Golden Gan Israel no Guarujá! Nossos monitores altamente qualificados cuidarão de seus filhos enquanto você aproveita o fim de semana de natal em maravilhosas praias não muito distantes do acampamento! Saída dia 23 de dezembro às 10h, a partir do terminal de ônibus Barrafundá!”

A felicidade que Seon experimentou ao juntar a última peça do quebra-cabeça foi tamanha que, naquele momento, quem olhasse para ela veria um raro sorriso composto *pelos dois* cantos da boca.

32

“Algum sinal, senhorita Furtwängler?”

“Nada ainda, senhor Offenbach.”

“Hm. Esquisito, senhorita Furtwängler. Talvez Zayn não tenha sido tão enfática no sonho.”

“Devo puni-la, senhor Offenbach?”

“Sei que a senhorita está ansiosa pela oportunidade, senhorita Furtwängler. Mas não, não há por quê punir Zayn. Há várias coisas que podem explicar o fato de Cassandra Johnson ainda não ter comprado uma

passagem para o Rio de Janeiro. A senhorita Johnson pode estar apenas preocupada em deixar a senhorita Andreotti sozinha, uma vez que ela se encontra severamente doente.”

“Se eu punir Zayn, isso pode estimulá-la a criar uma projeção mais convincente ainda, senhor Offenbach.”

“Senhorita Furtwängler, se a senhorita deseja tanto assim punir alguém, compareça à minha sala ao fim do expediente com aquele seu chicote negro e espanque meu velho corpo.”

“Posso mesmo, senhor Offenbach?”

“Oh sim, pode, senhorita Furtwängler. Será uma satisfação.”

“Alguma última orientação, senhor Offenbach?”

“Sim. Diga à nossa pequena Zayn que insista nos sonhos com o pequeno Kenneth Johnson, dando a Cassandra o necessário sentimento de urgência.”

“Perfeitamente, senhor Offenbach.”

“Outra coisa, senhorita Furtwängler: você obteve uma foto recente de Leonor Andreotti para mostrar à pequena Zayn?”

“Sim, senhor Offenbach. É uma foto de quando ela recebeu um prêmio, há alguns dias.”

“Pois bem, senhorita Furtwängler. Mostre a foto a Zayn e peça que ela atormente a senhorita Andreotti com pesadelos de morte. Os mais criativos e terríveis pesadelos de morte.”

“Será feito, senhor Offenbach. Algo mais?”

“Seu passaporte e o da pequena Zayn estão em dia, senhorita Furtwängler?”

“Perfeitamente, senhor Offenbach.”

“Excelente, senhorita Furtwängler. Deixe tudo preparado, pois assim que Cassandra Johnson comprar uma passagem para o Rio de Janeiro, nós teremos que ir para lá o mais rápido possível.”

“Aquele lugar é muito estranho, senhor Offenbach. Vi uns filmes. Aquelas pessoas parecem umas pervertidas! Os brasileiros me dão medo!”

“Não se preocupe, senhorita Furtwängler. Será por pouco tempo. Além disso, se conseguirmos o que precisamos, a senhorita terá em quem dar chicotadas por muito, muito tempo.”

“Que delícia, senhor Offenbach!”

“Tenha um bom dia, senhorita Furtwängler.”

A ideia original de Cassie era a de passear com suas mães e, durante o passeio, dizer que iria ao banheiro e fugir. Mesmo assim, não seria fácil. Cassie tinha certeza de que Nemy mandaria Leonor ir junto, ou até sugeriria que todas fossem. De todo modo, em um ambiente fora do apartamento, seria bem mais fácil escapar.

Cassie odiava mentir para suas mães. Apesar das esquisitices de ambas e de um certo grau de desprezo pela humanidade que nem faziam questão de entender, Cassie sabia que elas eram pessoas boas e a amavam. Sua visão, entretanto, havia sido muito clara: *venha sem Nemy, venha sem Leonor*. Cassie já tinha aprendido a confiar nas visões. Ora, a própria Nemy enfatizava constantemente que Cassie deveria seguir suas visões ao pé da letra!

E os chamados do pequeno Kenny haviam continuado, a cada dia mais intensos, a cada dia mais desesperados: *venha para o Rio de Janeiro!* Se Cassie ainda não havia atendido ao chamado do irmão morto, foi por dois motivos. Primeiro: aparentemente, Seon havia matado a charada sobre o ônibus que sofreria o acidente. As Iluminadas de Tanatheros enfim poderiam tentar impedir o curso do futuro, inserindo Diego Braga na equação. Isso se ele topasse, claro. Fazia alguns dias que Diego não acordava mais, e Rosana demonstrava sérias dúvidas a respeito do uso do glamour.

Em segundo lugar, Leonor tinha piorado de repente, a olhos vistos. Foram três dias dormindo mal e tendo pesadelos horrendos, carregados de simbolismo mórbido. Num dia foram as piranhas que lhe devoravam por dentro. Depois foi o sonho em que Leonor se transformava em uma massa amorfa e malcheirosa, com olhos, mas sem boca. A última noite havia sido especialmente horrível. Leonor sonhara que havia matado Cassandra e Seon com sua voz. Um dia após o outro, sua vontade de viver cedeu lugar a um cansaço jamais visto em Leonor. Ela estava cada vez mais esgotada, e a própria Nemy havia confidenciado a Cassie que não sabia por quanto tempo mais Leonor ficaria entre elas.

O apartamento seria entregue para o casal de novos ricos cafonas em fevereiro, conforme combinado. Nemy e Cassie se mudariam para um lugar menor e discreto, e o modo de ação das Iluminadas de Tanatheros precisaria

também mudar, já que elas não disporiam mais dos insubstituíveis poderes de Leonor. Isso, é claro, se elas continuassem a mudar o futuro. Por Cassie, parariam. Tudo o que ela queria era levar uma vida normal, arranjar uma namorada, talvez cursar uma universidade.

De uma forma ou de outra, o Rio de Janeiro precisaria esperar, não importa que o fantasma de Kenny aparecesse cada vez mais desesperado, noite após noite, nos sonhos de Cassie.

34

Conforme haviam prometido, as Iluminadas de Tanatheros compareceram ao quarto de Diego Braga no Instituto do Câncer no dia 16 de dezembro de 2022. Era aquele o dia em que Diego e Rosana precisariam tomar sua decisão final. Caso a resposta fosse positiva, Diego melhoraria de forma excepcional ao longo de sete dias, atingindo um estado físico e mental superior a qualquer coisa que ele porventura já tivesse experimentado ao longo de sua bombada vida. Os esteroides que ele tomara, dizia Nemy, seriam como um cafezinho se comparados aos efeitos do glamour.

“Ele está acordado. Ótimo”, disse Nemy, referindo-se a Diego.

“Ixtô”, respondeu ele.

“Pois bem. Rosana e Diego, vocês chegaram a uma decisão?”

“Eu...”, balbuciou Diego, “...queria vê mu bebê...”

“Você não verá seu bebê”, intrometeu-se Leonor. Ela estava com um aspecto que a Rosana não pareceu nada bom. Leonor jazia sentada na poltrona única do quarto, e parecia não dormir direito há dias. “Você vai morrer antes”, disse ela.

“Não tem como você saber isso!”, disse Rosana, furiosa.

“Ah, eu tenho. Ô se tenho!”, respondeu Leonor. “Olhe pra mim, moça. Eu tenho experiência no assunto.”

“São casos diferentes!”, insistiu Rosana.

“Exatamente, e o do seu marido é muito pior do que o meu”, disse Leonor. “Enfiem uma coisa na cabeça dura de vocês: a maioria dos cânceres não passa de um poodle que late muito alto, um poodle que pode até morder aqui e ali. Pode deixar cicatrizes, pode incomodar. O meu, não. O meu é um pitbull treinado pra matar.” Ela encarou Diego e disse: “O seu, então, meu caro, é um pitbull com raiva. Nem treinado ele é. Morde a esmo, a torto e a

direito, com uma fúria enlouquecida.”

“Rosana, Diego, prestem atenção”, disse Nemy. “Diego terá a melhor semana de toda a sua vida neste mundo. Ele experimentará um êxtase ao qual teria acesso apenas se tomasse drogas alucinógenas, com o diferencial de que seu corpo estará igualmente poderoso. Vocês podem aproveitar esta semana de uma forma que jamais poderiam sem o glamour.”

“E no sétimo dia ele morre”, disse Rosana.

“Você fala como se isso fosse algo terrível, mas não é. É um fato da vida, Rosana”, disse Nemy. “A morte é um momento da vida. E nós queremos dar a Diego a oportunidade de que sua morte seja um dia pelo qual vale a pena viver.”

Seon e Cassie estavam juntas, olhando pela janela do quarto para a paisagem esfumada da cidade de São Paulo. Mentalmente, contudo, não poderiam estar mais separadas. Cassie pensava no quanto tudo aquilo era triste. Não havia final feliz possível, apenas a troca de um final horivelmente infeliz por outro muito triste. Seon, ao contrário, estava satisfeitíssima com a ideia de impedir a tragédia do ônibus. Afinal, Diego iria morrer mesmo...

Diego e Rosana se olharam por um longo tempo, em silêncio. Diego, então, falou:

“Num izixtchi otro jeitchu?”

“Não, minha criança, não existe outro jeito. Mas se vocês disserem não, nós apenas sairemos por aquela porta e vocês nunca mais os incomodaremos”, disse Nemy.

“Vocês não podem apenas impedir que o tal ônibus saia?”, perguntou Rosana.

“Não funciona assim”, disse Cassie, quebrando o silêncio. “Se nós impedirmos a viagem do dia 23, o desastre ocorrerá outro dia. Já vimos isso antes. A única forma é deixar que o evento tome seu curso e tentar transformar uma desgraça maior em algo menor. Alguém *tem* que morrer. No caso, ou as crianças ou Diego. Alguém *sempre* tem que morrer. *Tudo* morre nessa merda de mundo.”

“Nem tudo...”, murmurou Nemy.

“Hein?”, perguntou Cassie.

“Nada, minha criança. Bobagem minha.”

“Eu vô fajê”, disse Diego.

“Amor...”, disse Rosana.

“Eu dixidji... Vô fajê... Eu quiria q fijexem ixo pelu mu filhhh...”

“Rosana, podemos contar com seu apoio?”, perguntou Leonor, com os olhos fechados. Parecia sentir muita dor.

“E faz diferença?”

“Claro que faz, minha criança”, respondeu Nemy. “Evidentemente que faz diferença. Vocês se amam, e eu respeito isso. Existe muito pouco amor neste mundo, e eu me curvo a ele quando o encontro.”

Os olhos de Rosana se encheram de lágrimas. Ela pegou na mão de Diego que permanecia caída e terrivelmente inchada, como se ele não a sentisse. Rosana não havia dito nada, mas Diego tinha um horrível cheiro de morte.

“Façam”, disse Rosana.

Nemy tomou a bolsa que estava sobre o colo de Leonor e retirou um pequeno frasco transparente de dentro dela. Então, pegou um cálice de vinho e o preencheu com cem mililitros de Brunello di Montalcino 2011.

“Uma safra excelente...”, murmurou Leonor.

“Ele não vai conseguir beber”, disse Rosana.

“Isso vai ajudar”, disse Seon, exibindo um funil de plástico.

“Mas ele não vai conseguir engolir! Vai engasgar!”, protestou Rosana.

“Não importa. O glamour vai entrar em contato com a mucosa oral”, respondeu Seon, ajeitando o funil na boca de Diego.

“Eu tchi amu”, murmurou Diego com o funil na boca.

“Eu te amo! Eu te amo!”, chorou Rosana, com a cabeça deitada no peito do marido.

Nemy derramou o conteúdo da taça no funil, então olhou para Rosana e disse:

“Minha criança, é melhor você se afastar.”

“Hein? Mas por quê?”

O corpo de Diego ferveu imediatamente, alcançando a temperatura de setenta graus em três segundos, fazendo Rosana recuar.

“Meu Deus!”, disse Rosana, ao ver o lado esquerdo do rosto de seu marido voltar ao estado saudável, como se alguém estivesse bombeando ar dentro de um balão murcho. “Meu Deus! Meu Deus!”, continuou ela, vendo o olho morto de Diego se abrir, iluminado pela vida que se renovava dentro dele. “Meu Deus!!!”, exclamou ela aos prantos, no momento em que seu

marido se sentou na cama e sorriu.

“Isso não tem nada a ver com Deus”, disse Seon. “Isso é o glamour.”

“Você é muito inteligente, minha criança”, respondeu Nemy. “Mas não poderia estar mais enganada. Isso tem *tudo* a ver com Deus.”

Com exceção de Leonor, ninguém pareceu entender muito o que Nemy quis dizer com aquilo. Pouco importava. A visão de Diego Braga se pondo de pé já era miraculosa o suficiente para que as pessoas, ao menos naquele momento, tivessem alguma preocupação de ordem teológica.

35

As Iluminadas de Tanatheros, ao lado de Diego e Rosana, saíram do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo pelo portão de acesso principal, enquanto Leonor dava boa tarde a todos e os mandava esquecer do que viram.

“Agora cabe a você apagar os registros das câmeras de vigilância, minha criança”, disse Nemy, dentro do carro parado no estacionamento.

“Farei isso”, respondeu Seon.

“Como eu vou explicar o fato de meu marido ter sumido do quarto do hospital? Eu tenho certeza que eles vão me ligar, mesmo com o bilhete que eu deixei!”, disse Rosana.

“Vocês não irão pra casa, vocês vão ficar conosco em meu apartamento”, disse Leonor. “É claro que eles irão procurar por Diego, talvez avisem a polícia. Mas a polícia tem mais com o que se preocupar além de um paciente terminal que sumiu do quarto do hospital com sua esposa.”

“Além do quê, Diego deixou uma carta assinada de próprio punho, informando que se sente melhor, que recusa o tratamento e resolveu morrer em paz, longe do hospital”, disse Nemy.

“Se eu fosse médica dele, ficaria furiosa”, disse Cassie.

“Tenho certeza de que Adriano vai ficar transtornado”, disse Seon. “Ainda mais depois de Vanessa. Ele já começou a investigar. Cedo ou tarde, vai chegar até nós.”

“Isso não é bom”, disse Nemy. “Quando Leonor se for, acho que devemos mudar nossa base de operações pra outra cidade. Talvez até mudar nossa abordagem.”

“O Rio de Janeiro seria uma boa ideia”, disse Cassie.

“Achei que você não gostasse de lugares ensolarados”, comentou Leonor.

“As coisas mudam, mãe...”

Nemy se voltou para trás, a fim de checar Diego.

“E quanto a você, minha criança? Você está tão calado! Como se sente?”

“Vocês ouvem a música?”, perguntou ele.

“Música?”, perguntou Rosana. “Vocês têm certeza que ele está bem?”

“Oh, não se preocupe”, disse Nemy, ligando o carro. “Ele está ótimo. Isso aí que ele ouve é o som do universo se expandindo.”

* * *

Vinte minutos depois – menos tempo do que Seon havia calculado – um enfermeiro entregou a Adriano Ribas o bilhete assinado por Diego Braga.

“Como assim, ‘foi embora’?”, perguntou Adriano.

“Foi embora. Diego não está mais no quarto. Nem ele, nem a esposa”, respondeu o enfermeiro.

“Não, não pode ser. Escute, não é possível. Diego está cada vez pior, nem andar ele anda, não sente nem os braços direito. Vamos removê-lo para a UTI ainda hoje! Eu estou só aguardando a vaga ser liberada!”

“Pois eu estou dizendo pra você que ele não está no quarto.”

“Alguém deve tê-lo removido pra UTI. É isso! A vaga deve ter sido liberada.”

“Você acha que eu já não chequei?”, disse o enfermeiro. “Além disso, tem esse bilhete aí. Esse bilhete bizarro!”

O bilhete dizia:

“Prezado doutor Adriano,

Sinto muito por sair assim. O fato é que estou me sentindo melhor, estou conseguindo até andar, e sei que esse tipo de coisa acontece quando vamos morrer. Vi vários parentes morrerem. Eles sempre melhoraram bastante alguns dias antes do momento final. Não existe mais nada que o senhor possa fazer por mim, então resolvi ir embora com minha mulher e passar os meus últimos dias com ela. Peço mil perdões por sairmos assim, sem nos despedirmos. Sei que soa como ingratidão, mas agradeço por tudo o que vocês fizeram. Eu estou recusando o tratamento por livre e espontânea

vontade, por favor não venham atrás de mim.

Cordialmente,
Diego Braga.”

“Não pode ser! Ele escreveu isso? Mas ele não conseguia nem segurar uma colher pra tomar sopa!”, disse Adriano. “Cadê a Seon?”

“Fazendo a triagem. Quer que eu chame?”

“Sim, por favor.”

Em apenas cinco minutos, Seon entrou no consultório de Adriano.

“Me chamou?”

“Sim”, disse Adriano. “Você tá sabendo do Diego?”

“Diego Braga?”

“Ele mesmo.”

“Não estou sabendo de nada. Ele piorou? Morreu?”

“Não, ele foi embora.”

“Hein?”

“Isso mesmo que você ouviu, Seon. Ele foi embora. Se levantou da cama e saiu do hospital. Deixou esta carta”, disse Adriano, entregando a folha de papel a Seon. Ela, por sua vez, esforçou-se de forma monumental para fingir surpresa enquanto lia o conteúdo da carta.

“Não é possível, Adriano. Ele não podia andar.”

“Pois é, é isso o que eu também acho! Ele pode até ter escrito e assinado essa carta, mas não tem como Diego andar! Essa parte da carta é uma mentira cabeluda!”

“Você acha que alguém o tirou daqui?”

“Eu não acho, Seon, eu tenho certeza. Por isso, vou ver as câmeras de vigilância.”

“Pois faz muito bem. Me mantenha informada, ok? Vou voltar pra triagem. Dia cheio, hoje.”

“Ok, Seon, obrigado.”

* * *

As câmeras não mostravam nada. Alguém havia apagado todas as imagens contidas no espaço exato de duas horas, e isso apenas fazia Adriano ter mais certeza de que a coisa não era tão simples quanto a carta pretendia fazer crer. Rosana não atendia ao celular, e a mãe e irmão de Diego

demonstraram genuína surpresa ao serem informados dos últimos acontecimentos. O que quer que estivesse acontecendo era algo grave, e o que mais frustrava Adriano era constatar que a polícia não tinha levado o caso a sério. A polícia argumentou que havia uma carta escrita a mão e assinada de próprio punho, cuja letra e assinatura, comparada a documentos que Diego havia assinado ao dar entrada no hospital, nem de longe pareciam falsificações.

Um paciente tinha o direito de abdicar de seu tratamento. Fato. Mas havia a questão das imagens apagadas nas câmeras, mistério que os policiais atribuíam como sendo simples “falha” e “coincidência”. Adriano entendia as reticências da polícia. Crimes graves aconteciam o tempo inteiro na cidade de São Paulo, e não havia por quê dedicar energia e pessoal a um caso que não parecia ser de desaparecimento ou sequestro, mas tão simplesmente de um paciente que abdicara de seu tratamento.

O problema, para Adriano, era de outra ordem. O problema é que Adriano não tirava Vanessa da cabeça. Talvez alguém estivesse dando drogas experimentais a pacientes terminais. Drogas que davam força redobrada aos pacientes, fazendo com que eles conseguissem andar, quando no máximo seriam capazes de se arrastar. Após ter visto o estado do corpo de Vanessa na autópsia, Adriano teve mais do que nunca a certeza de que ela só conseguira andar naquele dia do encontro porque estava tomando alguma droga muito pesada. Esta era a hipótese que lhe parecia mais razoável. Alguém estava drogando seus pacientes, oferecendo a eles alguma coisa que lhes concedia vitalidade por algum tempo. As questões, então, eram: *quem* fazia isso, *como* o fazia e, sobretudo, *por quê*?

36

Os três dias que se seguiram foram maravilhosos para Rosana e Diego, embora houvesse a necessidade desagradável de mentir para os entes queridos. Diego falava todos os dias pelo telefone com a mãe e o irmão, que, à parte estarem maravilhados com sua surpreendente melhoria, demonstravam preocupação com o fato de o doutor Adriano não ter recebido um telefonema que fosse por parte de Diego ou Rosana. Diego tentava fazê-los entender que o tratamento convencional estava lhe fazendo mal e que, por isso, ele e Rosana haviam partido para um tratamento alternativo em Curitiba.

Ligavam, é claro, a partir de telefones celulares paranaenses, providenciados por Seon. A mãe de Diego queria visitá-lo em Curitiba, mas Diego pediu uma semana. “Até que eu me sinta melhor ainda e possa te deixar mais surpresa do que você ficaria se me visse agora”, mentiu ele.

Ao se olhar no espelho, Diego constatava o quanto estava mais forte do que nunca. Forte e definido. Cada músculo perfeitamente desenhado em seu corpo que, Diego bem desconfiava, não devia chegar a 10% de gordura total. As dores de cabeça haviam desaparecido, o apetite voltara e Diego ingeria quantidades exorbitantes de comida. Felizmente, para todos os efeitos, Leonor tinha dinheiro de sobra para suprir as vorazes necessidades de Diego. E o melhor lado de tudo isso é que ele não precisava malhar para manter aquele corpo. Até mesmo o desejo de malhar – que, antes, era claramente patológico – havia evaporado de sua mente.

A atividade sexual estava maravilhosa. Diego e Rosana precisavam apenas seguir as veementes orientações de Nemy para que eles usassem camisinha e Rosana tomasse chá de mirra, a fim de protegê-la dos fluidos corporais de Diego.

Rosana eventualmente entrava em negação e criava esperanças de que, ao chegar o sétimo dia, Diego continuaria vivo. Afinal, ele era saúde em estado puro! Nada indicava que ele poderia morrer subitamente.

“Mas ele vai”, lembrava Leonor, com sua dura crueza.

Leonor, o espelho invertido de Diego.

Enquanto Diego acordava a cada dia melhor, Leonor parecia cada vez pior. Ela definhava a olhos vistos, como se fosse um balão furado. Ingeria quantidades exorbitantes de morfina e de algumas outras pílulas experimentais que Rosana jamais tinha visto. Rosana e Diego sentiriam pena, mas até isso era difícil sentir por Leonor que, orgulhosa, chegava ao disparate de dizer que apreciava a experiência:

“Eu sou uma privilegiada. A minha vida inteira eu comi das melhores comidas e bebi dos melhores vinhos. Experimentei as melhores drogas que o dinheiro pode comprar. Transei com os melhores corpos que a minha voz poderia obter. Nada, nada me foi negado neste mundo. A minha existência é a do puro glamour. Eu morreria incompleta, se não conhecesse a experiência da decrepitude.”

“A mim, soa como se você estivesse se punindo por ser privilegiada, minha criança”, disse Nemy.

“Foda-se”, respondeu Leonor.

“Oh, minha criança... Duro não enverga e mole não penetra, logo, infelizmente, temo ser incapaz de me foder...”

Leonor riu, e como riu. Nemy era a única pessoa capaz de fazer Leonor rir. Além de, claro, Cassie. Mas a reação de Leonor no que dizia respeito a Cassie era de outra ordem. Estava mais para um terno sorriso do que para o riso maldoso que Nemy lhe arrancava.

O apartamento estava montado para os últimos dias de Leonor. Ela não seria hospitalizada, quando a natureza seguisse seu derradeiro curso. Ela poderia pagar os melhores quartos nos melhores hospitais, mas não queria. Leonor queria morrer ali, em seu apartamento, e ser enterrada ao lado de seus pais.

“Cremação nunca lhe passou pela cabeça?”, perguntou Rosana.

“De forma alguma”, respondeu Leonor, fazendo cara de desdém. “Cremação é egoísmo para com a natureza. Eu passei a vida devorando o mundo. Me alimentei da carne, do pão, das frutas. O que custa entregar meu corpo para que os vermes o devorem e nutram a terra que alimentará as plantas e os pássaros?”

“Você faz a decomposição parecer poética”, disse Rosana, rindo.

“A morte é poética, minha criança”, disse Nemy, se abanando com um leque espanhol. “Só tememos a morte porque fomos culturalmente treinadas para isso. Mas a morte é, sob todos os aspectos, uma dádiva. A possibilidade de não caber mais em si, espalhando-se pelo mundo e renovando a vida em novas formas.”

“Não sei, não”, disse Diego, enquanto comia um quilo de figos. “Eu adoraria ser imortal.”

“Você diz isso agora”, respondeu Nemy, suspendendo o abanar do leque e olhando com severidade para Diego. “Mas após duzentos, trezentos, quinhentos anos, você iria querer morrer. A vida cansa, minha criança. A vida cansa.”

“Você não tem medo, sabendo que vai morrer? Nenhum?”, perguntou Rosana para Leonor.

“Absolutamente! Medo nenhum! Já ouviu falar em Epicuro, o filósofo?”

“Tenho uma vaga lembrança”, respondeu Rosana.

Nemy se levantou, jogou o leque na poltrona ao lado, abriu os braços

e declamou:

*Por que temer a morte?
Enquanto eu sou, a morte não é.
Quando ela for, eu não mais serei.
Por que deveria temer o que não pode ser enquanto eu sou?*

Todos aplaudiram, até a fatigada Leonor. Afinal, esta era a mais profunda verdade: ela podia estar cansada, mas ela ainda *era*. E, enquanto ela fosse, a morte não seria. Sábio Epicuro.

37

No dia 21 de dezembro, Nemy e Leonor chamaram Cassie para uma conversa séria. Uma conversa entre apenas elas três. Cassie as estava evitando nos últimos dias por vários motivos, sendo os principais o fato de não gostar de encarar a morte da própria mãe vindo a galope, além de não querer tentar nenhum tipo de visão, mesmo que em situações controladas.

“Cassie, sabemos que você não gosta de falar sobre isso”, disse Leonor.

“‘Isso’? O que seria ‘isso’?”

“Sobre o fato de que em alguns dias eu estarei morta.”

“Eu aceito a realidade, mas não preciso ficar falando disso o tempo inteiro, nem fazendo piadas, como vocês duas fazem. Acho de péssimo gosto.”

“Minha criança, escute... Cada pessoa lida com o derradeiro fim conforme pode. Não nos culpe, por favor. Eu amo sua mãe e sofro ao vê-la partir”, disse Nemy.

“Vocês querem conversar sobre o quê, afinal?”

“Você foi nomeada minha herdeira absoluta”, disse Leonor.

“Eu?”, espantou-se Cassie. “Por que não ela?”, perguntou, apontando para Nemy.

“A situação é complicada, Cassie”, respondeu Nemy. “Eu não tenho uma conta bancária para receber dinheiro. Eu não tenho nem mesmo documentos de identidade. Nunca precisamos disso, pois tínhamos a voz de sua mãe.”

“Você nunca me contou de onde veio, nunca me falou sobre seu passado”, disse Cassie. “Você é cheia de segredinhos. Aposto que é foragida da polícia em algum país.”

“Cassie”, respondeu Nemy. “Eu um dia vou te contar. Mas eu não me oculto porque tenho medo de algo, mas porque temo...”

“Já sei, já sei, você teme por mim. Ok, mas você não pode simplesmente, sei lá, comprar uma identidade? Vocês compraram o diploma de enfermagem da Seon, não compraram?”

“Temos dinheiro para comprarmos o que quisermos, é verdade”, disse Leonor. “Mas há o problema da biometria. Hoje em dia, os saques e movimentações envolvem o uso de digitais. Nemy não tem digitais.”

“Vocês estão de brincadeira com a minha cara”, disse Cassie.

“Não estamos, minha criança”, respondeu Nemy.

“Por que você não tem digitais?”, perguntou Cassie.

“É complicado, mas tem a ver com o fato de eu não dormir. Eu, assim como você e Leonor, não sou como as outras pessoas. Você não deveria ficar tão surpresa.”

“De onde vem tanto dinheiro, afinal?”

“Da voz”, respondeu Leonor.

“Como assim, ‘da voz’?”

“Se eu entro num banco e peço que a gerente transfira cinco reais das contas correntes mais ricas de todas as agências para a minha conta laranja, adivinhe o que ela faz?”, disse Leonor.

“O quê?! Mas isso é roubo!”

“Eu fiz isso várias vezes ao longo de décadas, Cassie, e não apenas com instituições bancárias. Multinacionais também me doaram dinheiro, muito dinheiro. Eu não me arrependo. Essas instituições roubam das pessoas, eu apenas roubo de volta. Você faz ideia de quantas bolsas eu banquei? De quantos estudos para adolescentes pobres financiei?”

“Isso é *roubo*, mamãe!”

“Que se foda que é roubo! Imposto é roubo! Quero que se foda!”, respondeu Leonor. “Cassandra, eu construí escolas na África usando a minha voz! Você acha que eu apenas me divertia e transava com quem me desse na veneta? Você acha que eu não fazia coisas úteis entre uma trepada com modelos Versace e outra?”

“Um momento, um momento... Você transava com pessoas, forçando-

as com a sua voz?”

“Por que o choque? Claro que eu fazia isso! As pessoas usam seus recursos naturais, usam sua beleza, seus feromônios. A minha voz é meu atributo natural, ora essa! Eu não repetiria isso, hoje em dia. Mas eu era jovem e egoísta.”

“Pelo amor de Deus, você está justificando a dominação alheia...”

“Cassie, você pode julgar Leonor em outro momento”, disse Nemy. “Agora, o que precisamos discutir é sobre a sua aceitação desse dinheiro.”

“E Eduardo?”

“O que tem meu sobrinho?”, perguntou Leonor.

“Exatamente isso: ele é seu sobrinho! Não vai deixar nada pra ele? Nadinha de nada?”

“Ele iria estourar tudo em drogas, minha criança...”, disse Nemy.

“Mas vocês poderiam ajudá-lo! Vocês construíram escolas na porra da África e não conseguem ajudar um cara drogado?”

“A gente da ‘porra da África’ queria nossa ajuda. Eduardo acha que não precisa dela. Entende a diferença?”, disse Leonor. “Eu já usei até a voz nele. Quando passa o efeito, ele volta a se drogar.”

“Bem... Algum problema se eu quiser ajudá-lo com o dinheiro?”

“O dinheiro será seu, minha criança”, disse Nemy. “Se você quiser ajudar Eduardo, não serei eu quem reclamará.”

“De quanto estamos falando? Eu nunca soube quanto você tem, afinal.”

“Sessenta e cinco bilhões de dólares espalhados em dinheiro, joias e propriedades pelo mundo”, respondeu Leonor.

“O QUÊ?!", berrou Cassie.

“Isso mesmo que você ouviu”, disse Nemy. “Mas fale baixo, por favor.”

“Você tem quase a mesma grana que o Zuckerberg?”

“Na verdade, eu sou dois bilhões mais rica”, respondeu Leonor.

“Meu Deus do céu!”

“Acho que Deus não se importa...”, disse Nemy.

“Com todo esse dinheiro, a vida que vocês levam é... é...”

“Frugal”, disse Leonor.

“Uma pobreza”, completou Nemy.

“Vocês poderiam morar num castelo com sistemas de defesa de um

exército, mas moram numa cobertura na Vila Olímpia e têm medo de Offenbach?!”

“Cassandra...”, disse Nemy. “Não temos medo exatamente de Offenbach, mas dos recursos humanos que ele pode amealhar para si.”

“Como assim?”

“Ora, minha filha”, disse Leonor. “Você acha mesmo que eu e você somos as duas únicas pessoas no mundo com habilidades perigosas?”

38

“Minha pequena e doce Zayn, como vai você?”

“Estou ótima, vô-pai! E você?”

“Já vi dias melhores, mas vou levando.”

“Você é bem, bem velho, né?”

“Sim, eu sou, pequena Zayn.”

“Eu fico com pena de você não poder levantar da cadeira e correr comigo no parque!”

“Muita bondade sua, pequena Zayn.”

“Eu posso te dar sonhos lindos se você quiser, vô-pai. A gente poderia correr nos parques, em seus sonhos.”

“Eu agradeço, pequena Zayn. Agradeço, do fundo de meu coração. Mas eu não quero ninguém brincando com a minha mente. Nunca mais.”

“Eu só queria ajudar, porque você me deu tudo o que eu sempre quis! Olha só quanta boneca!”

“Você não pode me dar o que eu mais desejo, pequena Zayn. Mas pode me ajudar a conseguir, mesmo assim.”

“E qual é seu maior desejo, vô-pai?”

“Sair desta cadeira. Não morrer.”

“Não morrer, tipo... nunca?”

“Se for possível.”

“E dá pra conseguir isso, vô-pai?”

“Sim, pequena Zayn. Com certeza.”

“Eu não sei como ajudar a conseguir isso...”

“Eu sei como.”

“Como, vô-pai?”

“Você continua a dar sonhos de morte para a senhorita Andreotti?”

“Todos os dias!”

“Continua a fazer a senhorita Johnson sonhar coisas ruins sobre a senhorita Nemy-Z?”

“Sim, faço tudo o que a senhorita Furtwängler me pede!”

“Pois continue assim. Ah, e insista para que a senhorita Johnson vá ao Rio de Janeiro. Sem a senhorita Andreotti, é claro.”

“Tudo bem, vô-pai. Isso vai te fazer ficar feliz?”

“Oh! Muito, muito feliz, minha pequena Zayn! Na verdade, vai me fazer sair desta cadeira e saltar de felicidade!”

“Que bom, vô-pai! Eu amo você!”

“Continue brincando com suas bonecas, pequena Zayn. Nos vemos amanhã.”

“Você não vai dizer que também me ama?”

“Aperte a barriga daquela boneca loira. Sim, aquela mesma.”

Zayn apertou. A boneca de olhar congelado gritou “*ICH LIEBE DICH!*”, com uma voz aguda. Zayn riu.

“Está aí o seu amor. Até amanhã, pequena Zayn.”

“Até amanhã, vô-pai!”

39

“Por que temer a morte?”.

As palavras de Epicuro, recitadas por Leonor, marcavam a mente de Rosana como ferro em brasa naqueles dois dias que faltavam para o evento do ônibus. A filosofia era bonita, mas a prática era toda uma outra história. Diego morreria sem sofrimento e se sagraria herói, mas para Rosana restaria a dor do luto e um menino para criar sozinha. O dinheiro dado por Leonor era maravilhoso, porém jamais cobriria o vazio afetivo deixado por Diego. Realmente, não havia por quê Diego temer a morte. No que tange a Rosana, as coisas eram um tanto diversas. Rosana *odiava* a morte. Tentava aproveitar o momento, evidentemente, pois não fazia sentido desperdiçar os pouquíssimos dias ao lado de Diego, choramingando pelos cantos.

“É como se tudo fizesse sentido, é como se tudo se encaixasse de uma forma que, antes, eu não compreendia”, disse Diego. “Tente não ficar triste, tente pensar no tempo maravilhoso que compartilhamos juntos.”

“Eu sei, meu amor”, respondeu Rosana. “Acredite, eu sei. Eu

trabalhei a vida toda com a psicologia do luto, e sei que a oportunidade que nos deram é impagável. De outra forma, a gente nunca poderia se despedir desse jeito.”

“Eu já não era eu mesmo, antes de parar no hospital.”

“Não, não era. E agora olha você aqui comigo, inteiro. Inteirinho você mesmo, em sua melhor forma.”

“A gente deveria ir pro quarto de hóspedes, que tal?”, propôs Diego.

“Deixa só eu tomar o chá de mirra antes”, respondeu Rosana.

“Ah, sim. O chá.”

“Neutraliza o efeito colateral de beijar você. Assim, não fico louca e viciada que nem o Volpi ficou.”

“Nemy me disse. Que coisa!”

“Pois é... E prepare a camisinha. Se você gozar dentro de mim, segundo Nemy, nem o chá de mirra vai dar jeito.”

* * *

Dois dias para o evento do ônibus. Apenas dois dias.

“Muito bem, vamos repassar o esquema”, disse Seon. “Cadê Leonor?”, perguntou.

“Indisposta”, respondeu Nemy.

“A gente não deveria levar mamãe pra um hospital?”, perguntou Cassie.

“Ela não quer. A essa altura do campeonato, não há nada que um hospital possa oferecer a Leonor que nós mesmas não possamos providenciar”, respondeu Nemy.

“Preferia que ela não desistisse assim”, disse Cassie.

“Não é desistência, minha criança. Leonor lutou por anos contra um câncer terrível. Contrariou a natureza de todas as formas possíveis e imagináveis. Mas a vida segue seu curso.”

“Será que poderíamos repassar o esquema?”, pediu Seon.

“A vida segue seu curso, a vida segue seu curso... E você tá aí, como se nada estivesse acontecendo. Mamãe estar morrendo é só um detalhe pra você, Nemy?”

“Cassie, por favor... O que está acontecendo com você, minha criança?”

“Eu não sou uma ‘criança’, pare de me tratar como uma retardada mental!”

“Cassandra, já faz algum tempo que você anda agindo com agressividade comigo. Existe algo que você não está me contando? O que foi que eu fiz?”

Seon colocou o notebook no centro da mesa com um estrondo, e disse:

“O evento é depois de amanhã. Vamos repassar e depois vocês brigam?”

“Também acho melhor”, disse Cassie. “Como vai ser, então? Diego e Rosana não deveriam estar aqui com a gente?”

“Eles estão transando, depois eu repasso”, disse Nemy.

“Oh... ok. Rosana tomou o chá de mirra? Não seria nada legal termos uma mulher intoxicada com os resíduos de glamour na saliva e no suor de Diego.”

“Tomou sim, Cassie”, respondeu Seon.

“Ok. E o fato de eu não conseguir ter visões mesmo me esforçando não atrapalha?”

“Tecnicamente, não”, respondeu Seon. “Chequei toda a agenda, e ela bate. Um ônibus sairá do terminal Barrafundada de ônibus rumo ao acampamento Golden Gan Israel, no Guarujá. Nós vamos inserir Diego no veículo.”

“Mas como?”, perguntou Cassie. “O motorista não vai dar carona a Diego, enfiando um completo estranho de 117 quilos...”

“Na verdade, agora são 132 quilos e 400 gramas”, corrigiu Seon.

“Que seja! Pior ainda, o cara tem o corpo de um gorila! Que motorista vai enfiar num ônibus infantil um estranho todo bombado?”

“Seon pesquisou, minha cri... Cassie. Seon pesquisou, e viu que o ônibus tem um monitor adulto além do motorista.”

“Eu não vi esse monitor em minhas visões!”

“Não viu porque você sempre enxergou o acidente a partir do ponto de vista do motorista, e só uma vez a partir da perspectiva da criança”, disse Seon. “Mas o monitor estará no ônibus.”

“E o que isso tem a ver com Diego?”

“Daremos a ele uma documentação de monitor. Ele vai substituir o original, que não irá porque estará fortemente gripado”, disse Nemy.

“E como vocês sabem que o monitor vai ficar doente...? Esqueçam, esqueçam, já sei... Mamãe vai usar a voz.”

“Exato”, disse Nemy.

“Parece bom”, disse Cassie, com uma voz mais branda. “Parece mesmo bom.”

“Caso o futuro tenha mudado de alguma forma porque impedimos a eleição de Volpi, ótimo”, disse Nemy.

“Ótimo? Diego vai completar os sete dias dentro do ônibus e vai morrer na frente de todas as crianças!”, disse Cassie.

“E daí?”, disse Seon. “Ele morrer na frente delas não é nada de mais.”

“Pra você, talvez não”, contestou Cassie.

“O risco do trauma infantil compensa o risco da morte infantil”, disse Nemy. “Não vamos problematizar.”

Cassie se levantou e seguiu na direção da cozinha, dizendo:

“Ok, ok, não está mais aqui quem problematizou.”

Seon e Nemy ficaram se olhando por meio minuto, em silêncio.

“O que ela tem?”, perguntou Seon. “Nunca vi Cassandra desse jeito.”

“Deve estar abalada com a perspectiva da morte de Leonor”, respondeu Nemy. “As pessoas não lidam bem com a morte.”

“Mas você lida”, disse Seon.

“É, mas eu sou diferente.”

Seon se inclinou sobre a mesa, com aquele velho sorrisinho de canto de boca que dava a ela um ar levemente predatório, e perguntou:

“Diferente como?”

“Um dia eu conto, minha criança. É uma longa, longa história.”

* * *

Dois dias para o evento do ônibus. Apenas dois dias.

Leonor dormia o que sabia ser um de seus últimos sonos como um ser humano vivo. A cada dia, dormia mais e mais, como se estivesse se despedindo do mundo. As dores estavam relativamente sob controle e, à parte a desagradável prisão de ventre e a dificuldade de respirar típicas do excesso de morfina em seu corpo, este não seria um jeito ruim de morrer. Estaria tudo bem, se não fossem os pesadelos.

Desta vez, Leonor se viu num mundo em que todas as pessoas, exceto

Nemy, eram por ela controladas. Ninguém, exceto Nemy, fazia algo sem que ela precisasse comandar. “Ande”, Leonor dizia para Cassie. “Por favor, respire”, comandava ela, temendo que Cassie não conseguisse fazê-lo sozinha. “Nemy, você vai ficar aí olhando? Me ajude!”, pediu Leonor.

“Por que eu deveria?”, respondeu Nemy. “Todos morrem no fim, de uma forma ou de outra.”

“Achei que nós fossemos especiais pra você!”, gritou Leonor. “Mas não! Nós não passamos de um divertimento temporário!”

“Ora, minha criança, tenha dignidade”, disse Nemy. “Você sempre foi tão garbosa, tão elegante e agora perde a compostura só porque o câncer lhe corrói as vísceras?”

“Você é cruel!”

“Olha só quem fala... a malvada que quebrou a coluna de Offenbach...”

“Hein?”

“Você também é muito, muito cruel e merece morrer!”, disse Nemy. Seu sorriso exibia um desfile de pequenas facas no lugar dos dentes.

Leonor conseguia, com algum esforço, ver a imagem de Nemy oscilar. Teve a impressão, ainda que vaga, de ver uma criança envolta pela imagem de Nemy.

“Quem é você?”

“Ora, ora, o câncer afetou seu cérebro? Quem sou eu? Eu sou Nemy-Z! Nemy-Z, Nemy-Z, Nemy-Z. Eu sou a *Nêmesis*! Veja, Leonor, Cassie esqueceu de respirar! Use sua voz, caso contrário ela morrerá e a culpa será toda sua!”

Ao lado de Leonor, Cassie começou a sufocar.

“Isso não é real”, disse.

“Vai arriscar?”

“Nemy nunca me criticaria pelo que fiz a Offenbach. Quem é você?”

“Eu sou Nemy-ZZZZZZZZZ”, respondeu a figura, soltando abelhas imensas pela boca. Leonor morria de medo de abelhas, elas simplesmente a apavoravam. Ainda assim, manteve-se de pé ao lado da Cassie que sufocava, enquanto as abelhas a rodeavam.

“Saia da minha cabeça!”

“Eu sou Nemy-ZZZZZZZZZZZ”, disse a criatura, soltando mais um enxame de abelhas.

“Saia!”, gritou Leonor, usando o poder da voz.

O entorno se tornou subitamente branco e Leonor se percebeu flutuando no nada. Tudo desapareceu: Cassie, as abelhas, Nemy, tudo. Apenas dois elementos se mantiveram íntegros, flutuando no branco infinito: Leonor e uma criança morena, cujos amendoados a encaravam com o susto típico dos que são pegos em flagrante.

“Quem é você, sua peste?”, perguntou Leonor, furiosa.

E, então, acordou.

40

23 de dezembro de 2022. O dia da missão havia chegado, e Cassie torcia para que tudo corresse bem. Que tudo corresse bem em *ambas* as missões.

Havia a missão de conhecimento geral das Iluminadas, envolvendo Diego como ator principal. Rosana estava se portando com uma fibra que comovia não apenas Cassie, como a todas as outras Iluminadas. Diego, por sua vez, agia como se estivesse prestes a fazer algo corriqueiro, como comprar pão na esquina. Devido ao efeito do glamour em sua corrente sanguínea, ele não apenas estava mais forte e alegre do que nunca, como também não ligava para a perspectiva de estar morto em poucas horas.

“Eu não vou morrer. Nada morre de verdade. A minha matéria é eterna e foi criada com o Sol e continuará a existir em outras formas”, repetia ele. Cassie conhecia de cor aquele blábláblá, havia visto isso repetidas vezes nos Salvadores anteriores. Ela não sabia do que era feito o glamour, mas lhe parecia evidente que um dos efeitos da droga era esta esquisita lavagem cerebral de indiferença diante da própria extinção. Uma coisa meio “*Nemy-Z way of life*”.

Cassie não conseguia se imaginar tão indiferente diante da morte. Talvez suas mãos tivessem razão e isso fosse mudar com o tempo, mas, até tal coisa acontecer, Cassie não tinha pudores de classificar tal comportamento como “bizarro”, embora evitasse verbalizar seus julgamentos. Havia coisas que, sabia ela, suas mães não eram capazes de entender. A missão particular de Cassie, por exemplo, era algo que elas jamais aprovariam.

O fato é que Cassie havia comprado uma passagem para o Rio de Janeiro pela internet. Aproveitaria que todas estariam num café de estação

terminal Barrafunda, pediria licença para ir ao banheiro e escaparia de táxi até o aeroporto. Ela não aguentava mais as visões repetitivas, noite após noite, com seu irmão falecido, Kenny. Havia algo a ser descoberto sobre sua mãe, e ela precisava se certificar do que se tratava.

Suas mães ficariam zangadas? Evidentemente que sim. Mas o medo delas de que Offenbach fizesse algo a Cassie era apenas ridículo. Ninguém poderia fazer mal a ela sem que sua visão lhe alertasse.

Pediria desculpas quando voltasse pra casa.

* * *

“Eu não vou te dizer pra não ficar triste, porque é normal que você fique”, disse Diego, enquanto acariciava o rosto de Rosana em seu momento de despedida no quarto de hóspedes. “Seja lá o que for que essas moças me deram, eu entendo agora as coisas com uma clareza que nunca, nunca em toda a minha vida imaginei entender.”

“Você não está mesmo com medo, Di?”

“De jeito nenhum, Rô! Acho que nunca estive tão feliz em toda a minha vida. Você pode achar que é loucura, mas existe o dedo do destino nisso. Veja só: esta missão exige um homem forte. Eu passei a vida malhando como um condenado, porque talvez eu fosse isso mesmo: um condenado. Condenado a dar sentido à minha morte, que viria de qualquer jeito, salvando a vida dessas crianças.”

“Acho que é só isso que não me faz desabar, Di. Saber que não vai ser em vão.”

“Talvez você desabe um pouquinho quando eu me for. Mas vai se recuperar com o tempo. Você *precisa* se recuperar, pelo nosso neném. Tenta isso, por mim? Por nós três?”

“Eu juro que vou tentar.”

Diego a beijou na testa, fazendo Rosana sentir uma leve corrente elétrica que lhe descia pelo rosto.

“Quer saber uma coisa maravilhosa, Rô?”

“Claro!”

“Eu ouço os batimentos cardíacos dele sem nem precisar encostar em você. É como se ele estivesse ao meu redor o tempo inteiro. E os batimentos mudam quando eu chego perto. E eu entendo os batimentos. Entendo o que

os batimentos querem dizer. Acha que é loucura minha?”

“E o que os batimentos dizem?”

“Que eu sou um anjo.”

41

“Tragos boas novas, senhor Offenbach.”

“Pois conte-me, senhorita Furtwängler.”

“O senhor Elliot Johnson comprou uma passagem aérea pela internet, senhor Offenbach.”

“Para o Rio de Janeiro, imagino, senhorita Furtwängler.”

“Perfeitamente, senhor Offenbach. Ele também reservou um hotel.”

“O jato está preparado, senhorita Furtwängler?”

“Assim como nossas malas e as da pequena Zayn, senhor Offenbach.”

“Nossos agentes estão de prontidão no hotel, senhorita Furtwängler?”

“Apenas aguardam o desembarque do senhor Johnson, senhor Offenbach.”

“Devo dizer que é muito desagradável de sua parte insistir em chamar Cassandra pelo nome que ela rejeita, senhorita Furtwängler.”

“O fato de ele ter uma vagina falsificada não o torna mulher, senhor Offenbach.”

“Há controvérsias, senhorita Furtwängler. Há controvérsias. E quanto aos elementos que solicitei?”

“O senhor fala do ouro, do incenso de olíbano e da mirra, senhor Offenbach?”

“Exatamente, senhorita Furtwängler.”

“Está tudo pronto e já dentro do jato, senhor Offenbach.”

“A senhorita é assaz competente, senhorita Furtwängler. Não sei o que seria de mim sem a senhorita.”

“Oh, senhor Offenbach! Como me lisonjeia!”

“Como agradecimento, dê-me um tapa na cara, senhorita Furtwängler.”

Ela sorriu.

“Certamente, senhor Offenbach!”

O tapa, de tão forte que foi, fez a cadeira de rodas de Offenbach deslizar. Ele sentiu um calor que lhe subia do peito e fazia suas narinas

dilatarem. Se satisfazia em perceber que ainda era capaz de sentir alguma coisa.

42

Sentadas em torno de uma mesinha num café do terminal rodoviário Barrafunda, as Iluminadas de Tanatheros e Diego aguardavam pacientemente que André Cintra, monitor do acampamento infantil Golden Gan Israel, chegasse. Rosana havia ficado em casa, descansando, conforme Diego e Nemy haviam pedido, já que ela estava grávida. Curiosamente para Nemy, não houve grandes torrentes de lágrimas e nem desespero por parte de Rosana, na despedida. A mulher era forte mesmo.

Leonor havia ligado para André e se feito passar como avó de um dos garotos do acampamento, pedindo que ele desse uma passada rápida no café para trocar uma palavrinha com ele. Havia “uma surpresa” que ela queria fazer para o “neto”, e precisava da ajuda de André. André, simpaticíssimo, topou no ato.

“Uma pena que a minha voz não funcione à distância”, disse Leonor.

“Não tem problema, olha ele ali”, disse Seon, apontando para um rapaz jovem que se aproximava.

O rapaz se posicionou na entrada do café. Olhou para as pessoas sentadas em torno das mesas, olhou para o relógio e, então, olhou para as pessoas novamente. Leonor se levantou, caminhou na direção dele e perguntou:

“André Cintra?”

“Sou eu!”, disse ele, com um sorriso luminoso. “A senhora é...?”

“Leonor. A avozinha que quer fazer uma surpresa.”

“Oh, muito prazer!”, disse André. “A senhora está mesmo em forma, hein? Minha avó é tão gorda! Como a senhora consegue se manter magra desse jeito?”

“Com um câncer.”

“Hã?”

“Este lenço na minha cabeça não é porque eu adoro lenços, sabe?”

Cassie bateu a mão na testa e murmurou “porra”.

“Ela é sempre assim?”, perguntou Diego.

“Só nos dias bons”, respondeu Nemy. “Nos dias ruins, ela fica

simpática. Leonor! Vamos com isso!”

André se voltou, ainda constrangido pela resposta de Leonor, e viu o grupo improvável sentado em torno da mesinha.

“Olha, a senhora me desc...”

“Não tem o que desculpar”, respondeu Leonor, sorrindo. “Apenas me siga e sente-se conosco ali, naquela mesinha. Sim, querido, ali mesmo. Bom menino.”

“Olá, André”, disse Nemy.

“Por que eu me sentei aqui?”, perguntou ele, confuso.

“Não se preocupe, não vai acontecer nada de ruim com você”, respondeu Nemy.

“É que eu preciso pegar um ônibus. Eu sou monitor de um acampamento...”

“Ah, a gente sabe disso, minha criança. Leonor, por favor?”

“Você está muito gripado”, disse Leonor. “Isso, meu bom rapaz, muito bem. Use este lenço, por favor. Eu tenho nojo de nariz escorrendo.”

“Precisa torturar o homem?”, disse Cassie.

“Ele já, já volta ao normal. É só pra criar realismo com a voz fanha”, respondeu Leonor. “Muito bem, André. Agora ligue para o motorista, diga que está gripadíssimo e que o monitor Diego Braga irá substituir você. Quando terminar a ligação, cure-se da gripe e permaneça sentado conosco.”

André obedeceu.

“Diego, você pode ir, minha criança. Tome, não esqueça o crachá de monitor”, disse Nemy.

“Deixa comigo!”

“E, Diego...”, disse Nemy.

“Não precisa agradecer. Eu é que agradeço pela oportunidade. E pela música.”

“Música?”, perguntou Seon.

“Do universo se expandindo, minha criança”, respondeu Nemy.

E, assim, sem nem mesmo olhar para trás, Diego foi ao encontro de seu destino.

* * *

“Preciso ir no banheiro”, disse Cassie.

“Eu vou com você, minha criança”, disse Nemy.

“Tá maluca?”, replicou Cassie. “Vai ser um escândalo se uma drag queen entrar no banheiro feminino nessa região de São Paulo! Não estamos na Avenida Paulista, mãe!”

“Leonor...?”

“Aff! Pelo amor de Deus, dá um tempo! Eu tenho quantos anos na sua cabeça? Nove?”

“Deixe, Nemy”, disse Leonor. “Você está ficando exagerada.”

“Seon, vá você com ela”, pediu Nemy.

“Mas eu não estou com vontade de ir ao banheiro.”

“Eu vou sozinha, ok? Sua louca!”, respondeu Cassie, levantando da mesa e caminhando para fora do café às pressas.

“Cassie...!”

“Relaxe, Nemy!”, pediu Leonor.

Nemy obedeceu. Era raro obedecer, não estava em seu temperamento. Mas, talvez, estivessem todas certas e ela estava se preocupando demais à toa.

* * *

“Bom dia, criançada!”, disse o motorista, empolgado. “Eu sou o tio Zeca e esse aqui é o tio Diego. Ele vai substituir o tio André que ficou dodói!”

“Oi, tio Diego!!!”, gritaram os meninos, em uníssono.

“Alô, garotada!”, respondeu Diego.

“O senhor é um gigante?”, perguntou um menino.

“Sou sim!”

“Um gigante igual ao de João e o Pé de Feijão?”, perguntou outro menino que usava uns óculos de lentes grossíssimas.

“Não! Não como ele! Eu sou um gigante bonzinho! Vocês deixam eu viajar com vocês?”, perguntou Diego.

“A gente deixa!!!”, gritaram os meninos.

“Coloquem os cintos, pois a viagem já vai começar!”

E começou.

* * *

Cassie praticamente começou a correr assim que saiu do campo de visão de suas mães e de Seon. Fazia tempo que não se sentia assim, tão livre. Desceu até o ponto de táxi, entrou no primeiro que viu e disse:

“Aeroporto de Congonhas, por favor.”

“Tem um caminho de preferência?”

“Tenho, sim. O do GPS. Podemos ir?”

“A senhora é quem manda...”

E foram.

* * *

“Quem são vocês?”, disse André, dando um salto na cadeira, oito minutos depois da saída de Cassie.

“Quê? Sente já aí e fique quieto, menino!”, disse Leonor.

André obedeceu.

“Só se passaram treze minutos”, comentou Seon, checando o relógio.

“Eu sei. Estou muito fraca”, respondeu Leonor.

“Deveríamos ir pra casa assim que Cassie retornar”, disse Nemy.

“Não! Eu aguento!”, disse Leonor. “A gente tem que segurar este rapaz aqui, não tem? Caso contrário, ele vai ligar imediatamente pro motorista.”

“Na verdade, seria mais prático se fôssemos embora. Eu anestesio ele e o deixamos dormindo em algum canto”, disse Seon.

“Seon tem razão, Leonor”, disse Nemy. “Cassie está demorando demais nesse banheiro! Que diabos ela está fazendo?”

“Talvez cocô”, respondeu Seon.

“Era uma pergunta retórica, minha criança... Você poderia ir até lá chegar Cassie pra mim, por favor?”

“Ok”, assentiu Seon, que se levantou e foi ao banheiro. Em menos de dois minutos, retornou e perguntou: “Cassie usa o banheiro feminino ou o masculino?”

“O feminino, claro!”, respondeu Leonor. “Por que ela haveria de usar o masculino?”

“Sei lá. Não sei se ela ainda tem um pênis... Pessoas transgêneras me deixam confusa”, respondeu Seon.

“Você quer dizer que Cassie não está no banheiro feminino?”

“Não. Chequei tudo.”

“Você checkou todos os reservados? Até os trancados?”, perguntou Leonor.

“Sim, eu me pendurei nas portas. As moças não gostaram e me chamaram de sapatona.”

Não era possível testemunhar Nemy ficando lívida por duas razões objetivas: em primeiro lugar, a maquiagem era excessiva para que se testemunhasse qualquer descoramento facial. Em segundo lugar, Nemy não conseguiria ficar lívida nem se quisesse. Mesmo assim, a reação dela permitia supor que ela ficaria lívida, se pudesse. Ela se levantou, então percebeu que não poderia fazer nada e se sentou de novo. Retirou o celular da bolsa para ligar para Cassie, mas se deu conta de que sua filha adotiva havia deixado o próprio celular sobre a mesa. Não apenas isso: havia deixado a bolsa inteira.

“A carteira não está aqui”, disse Seon, após checar o conteúdo da bolsa.

“Ela fugiu!”, disse Leonor.

“Quem são vocês?!”, quase gritou André.

“Nossa! Agora foram só sete minutos!”, disse Seon.

“Cale a boca e fique parado, André”, ordenou Leonor. “O que a gente faz, Nemy?”

Nemy permaneceu estática sentada na mesa, olhando para o nada. Seus olhos estavam cheios de lágrimas que - Seon não deixou de notar – reluziam como diamantes.

“Eu não sei”, disse ela, mal se dando conta da libertação contida nesta frase. Nemy mal lembrava de um tempo em que não saberia como agir. “Eu não sei”, repetiu, enquanto a lágrima diamantina rolava em seu rosto.

43

“Uma viagem agradável e sem turbulências, não foi mesmo, senhorita Furtwängler?”

“Perfeitamente, senhor Offenbach. Volto em alguns minutos com a cadeira de rodas para buscá-lo.”

“A gente já chegou?”, perguntou Zayn, espreguiçando-se no outro dos

únicos três assentos ocupados no jato particular de Gerard Offenbach.

“Chegamos, pequena Zayn. Chegamos no Brasil.”

“Onde fica o Brasil? Nos Estados Unidos?”

“Um pouco mais ao Sul, pequena Zayn.”

“Aqui tem outras meninas pra eu poder brincar? Eu agora só brinco sozinha!”

“Melhor do que isso, pequena Zayn. Lembra que eu havia lhe prometido uma mamãe? Pois vou lhe dar uma.”

“Verdade?? Verdade verdadeira?”

“Verdade verdadeira, pequena Zayn.”

“Você jura, vovô-papai?”

“Juro, pequena Zayn.”

“Obaaaaa! Como se chama a minha nova mamãe?”

“Cassandra.”

* * *

Seon não precisou de mais do que trinta minutos para invadir todas as contas que Cassie mantinha em redes sociais. Facebook. Twitter, Instagram, Aurant. Nenhuma senha resistiu à invasão de Seon.

“Do que adianta fazer isso?”, perguntou Leonor.

“O Google conecta tudo, o Google sabe de tudo e ganha dinheiro com o que sabe”, respondeu Seon.

“Como assim, minha criança?”, perguntou Nemy.

“Vejam!”, disse Seon, mostrando o perfil de Cassie no Facebook.

“Não estou vendo nada de mais, além destes posts enjoados com frases de incentivo”, disse Leonor.

“Não, não é isso! Vejam as propagandas que aparecem no perfil de Cassie!”

“Oh, Cassie... o que você fez?”, disse Nemy, após checar.

“Mas o que é, afinal?”, perguntou Leonor.

“O Facebook dela está repleto de propagandas de hotéis no Rio de Janeiro...”, respondeu Nemy. “Leonor, acho que vamos precisar de seu avião particular.”

“Achei que você quisesse evitar chamar a atenção de Offenbach”, disse Leonor.

“Leonor”, disse Nemy. “Nós infelizmente já fizemos isso.”

“Você acha que...?”, perguntou Seon.

“Sim”, interrompeu Nemy. “Eu acho. Offenbach está manipulando Cassie. Não sei como, mas tenho certeza de que está.”

* * *

Fazia tanto tempo que Cassie não ficava sozinha, que achava até estranho o fato de haver outro ser humano que não fosse Nemy, Leonor ou Seon ao seu lado no avião. Uma moça extremamente bonita de visual roqueiro havia se disposto ao seu lado.

“Uau!”, disse ela. “Seus cabelos são lindos!”

“Obrigada”, disse Cassie, sorrindo.

“Como você conseguiu fazer com que chegassem a essa tonalidade? Os outros cabelos azuis que eu vejo são tão artificiais, mas os seus são... nossa, são incríveis!”

“É uma tinta especial que eu compro na Inglaterra.”

“Você é inglesa? Eu também!”, disse a moça.

“Fala sério! Mas você não tem sotaque!”

“Me criei em New York. Vim ao Brasil fazer trabalho voluntário. Qual o seu nome?”

“Cassandra. Cassie.”

“Como na mitologia, hein? Prazer, meu nome é Stephanie!”

“Prazer em conhecer, Stephanie!”

“Vai fazer o que no Rio? Trabalhar ou passear?”

“Oh, um pouco dos dois... Eu tenho uma pesquisa pra fazer.”

“Você é pesquisadora? Que legal! A pesquisa é sobre o quê?”

“Oh”, titubeou Cassie. “É sobre genealogia...”

“Eu sou historiadora!”

“Uau! Que legal!”, disse Cassie.

“A gente deveria trocar e-mail!”

“Com certeza!”

A viagem foi tão rápida que chegava a ser ofensiva. Cassie passaria mais tempo no trânsito paulistano do que naquele voo da ponte aérea São Paulo-Rio de Janeiro. O voo entre as duas cidades demandava apenas 50 minutos. Uma pena. Cassie adoraria ter ficado mais tempo com o seu braço

roçando no de Stephanie.

* * *

A visão de Diego estava tão perfeita que, mesmo sentado no fundo do ônibus, ele conseguia ler a manchete no jornal que o motorista havia deixado sobre o painel: **TERREMOTO NO JAPÃO. VINTE MIL MORTOS. PAÍS EM DESESPERO.** Uma lástima.

“Que triste...”, disse ele, em voz baixa.

“O que é triste?”, perguntou um menino ao lado de Diego.

“Ah, eu li sobre um terremoto no Japão.”

“Minha vó Tonia também viu isso no jornal hoje no café! Ela disse que é um efeito borboleta!”

“Como assim?”

“Minha vó é médium, ela fala umas coisas engraçadas!”

“Imagino!”

“Ela disse que o homem brinca de Deus e daí os terremotos acontecem.”

“Ah sim? Ela disse isso? Mas um terremoto é só um terremoto, é só um acidente da natureza.”

“O pai disse isso, mas a vó insistiu, disse que era um efeito borboleta.”

“E como é esse efeito?”

“Uma borboleta bate as asas no Brasil e um terremoto acontece no Japão.”

“Que coisa!”

“Ela diz que tem gente mexendo no tempo. Mudando as coisas.”

“Que coisa!”, repetiu Diego.

“Quanto falta pra gente chegar, moço?”

Diego olhou pro relógio. Faltavam exatamente quarenta minutos para se completarem os sete dias desde que ele havia tomado o glamour.

“Falta pouco, meu filho. Falta pouco.”

* * *

Cassie e Stephanie se despediram com promessas de um reencontro

em breve. Fazia tempo que Cassie não se interessava tanto por alguém, e sentia que a recíproca era verdadeira.

Como estava sem bagagem, Cassie correu direto para o ponto de táxi. Não sabia bem o que deveria fazer, mas, como a visão sempre lhe mostrava a praia de Copacabana, decidiu que era para lá que iria.

“Pra onde?”, perguntou o taxista.

“Copacabana”, respondeu Cassie.

“Pois vamos lá.”

O carro seguiu por apenas vinte minutos, pois o trânsito estava maravilhoso, sobretudo se comparado ao de São Paulo. Ao chegarem em Copacabana, Cassie pagou o táxi e se dirigiu para o hotel que havia reservado. Fez o check-in e se dirigiu para seu quarto, o 1408.

O décimo quarto andar estava mergulhado no mais profundo silêncio, como se ninguém estivesse hospedado ali, só ela. Cassie abriu a porta e teria gritado, se pudesse, ao se deparar com dois homens sentados em sua cama. Teria gritado, não tivesse sido sufocada por um terceiro homem que lhe pegou por trás e tapou seu nariz com um pano banhado em clorofórmio.

44

“O senhor poderia, por favor, ir mais rápido?”, pediu Nemy, pela terceira vez, ao motorista de táxi.

“Senhora, eu não posso, vão me multar!”

“Dirija mais rápido”, disse Leonor.

“Pois não”, respondeu o motorista, acelerando até 100 km/h.

“Sua mente está mais atenta do que nunca e seus reflexos são maravilhosos”, acrescentou Leonor.

“Ok”, respondeu o motorista.

“Hã? Que loucura é essa? Quem são vocês?”, perguntou André.

“Cale a boca, André”, ordenou Leonor.

“Alguma pista nova, Seon?”

“Sim. Um jato particular aterrissou hoje no aeroporto do Galeão, proveniente de Berlim.”

“Você consegue descobrir a quem pertence?”, perguntou Leonor.

“Aqui diz que pertence a... uma companhia de perfumes.”

“É Offenbach”, disse Nemy. “Tenho certeza que é Offenbach.”

“Mas como ele poderia ter manipulado Cassie?”, perguntou Seon.
“Pela internet, talvez? Ela está sempre com a gente!”

“Hã? Que porra é essa? Quem são vocês?”, perguntou André.

“Cale a boca, André”, ordenou Leonor.

“Leonor, você está se sentindo bem?”, perguntou Nemy.

“Não. Não estou.”

“Acho que você não deveria viajar com a gente”, disse Seon.

“Infelizmente, ela precisa ir conosco”, disse Nemy. “Se for Offenbach, vamos precisar da voz de Leonor.”

“Mas a influência dela dura cada vez menos!”

“Não importa”, disse Leonor, aparentando estar sentindo muita dor.

“Um segundo de comando é tudo o que eu preciso pra fazer aquela múmia bater a cabeça na parede até morrer. Coisa que eu deveria ter feito há anos.”

“E por que não fez?”, perguntou Seon. “Vocês duas não costumam ser compassivas.”

“Eu não fui compassiva quando ele tentou me violentar. Mandeí que ele se jogasse do terceiro andar do hotel. Ele ficou paraplégico, mas sobreviveu”, disse Leonor.

“Mas e depois?”, perguntou Seon. “Vocês poderiam tê-lo matado anos depois. Ele tem andado atrás de vocês faz tempo!”.

“Ele passou a se rodear por pessoas perigosas com poderes psíquicos”, respondeu Nemy. “Elas costumam ter prazo de validade curto, pois Offenbach abusa nas experiências. Força os limites além do suportável, então os paranormais morrem ou fogem. Mas ele sempre tem alguém por perto.”

“Nós deveríamos ter pedido a ajuda do pessoal da Areté nos anos noventa”, disse Leonor.

“Agora é tarde, minha criança. Mas não se preocupe, nós vamos conseguir tirar Cassie das garras desse mons... Ei! Cuidado!”

Os reflexos do motorista haviam sido incrementados ao máximo, graças à influência da voz de Leonor. O problema era voltar a si a 100 km/h e se descobrir sem estes reflexos de um segundo para o outro. O carro capotou não uma nem duas, mas três vezes, e Nemy foi a única que viu tudo girar do começo até o fim.

* * *

“Que calor da porra...”, disse o motorista do ônibus. Falou baixo, bem baixo, mas os novos sentidos aguçados de Diego permitiram a escuta.

“Tudo bem aí, mano?”, perguntou Diego, gritando, do fundo do ônibus.

“Hã?”

“Perguntei se tá tudo bem!”

“Tá sim, valeu! É só o calor!”

“Tio Zeca detesta calor!”, disse o menino ao lado de Diego. “Ele sempre reclama de calor!”

“E fala palavrão...”, sussurrou outro menino, atrás de Diego.

O menino da avó médium falava sem parar, sobre tudo e um pouco mais: o terremoto no Japão, o efeito borboleta, o calor do tio Zeca, os experimentos de ciências, os filhotes de gato da vizinha. Mas Diego ouvia o que o menino dizia como se fosse um som distante. Sua atenção estava travada em algo mais significativo e preocupante: os batimentos cardíacos de Zeca, o motorista.

Tum. Tum. Tum. Tum. Tumtum. Tumtum. Tum.

Tum. Tum. Ttt. Tum. Tum. Tttt. Tum. Tum. Tum.
Ttttt. Tum. Tum. Tum. Ttttt. ... Tum. Tum. Tttt.
... Ttttt. Tum. Tumtum. Tttt. urgh!

“Ei!”, gritou Diego. “Ei, Zeca!”

Mas o motorista não respondeu.

“Tio Zeca caiu!”, gritou um menino na primeira fileira de assentos, vendo o corpo do motorista escorregar para o lado, se mantendo preso ao banco apenas pelo cinto. Diego podia ver, do fundo do ônibus, as mãos de Zeca pendentes ao lado do corpo.

As crianças gritaram. O ônibus continuava a 75 km/h e se aproximava de uma curva bastante angulosa na estrada que ligava São Paulo ao litoral.

“Fiquem sentados com os cintos afivelados, meninos!”, gritou Diego. Então, caminhou com cuidado, se segurando nos bancos, na direção do banco do motorista. Sua audição amplificada não captava nenhum sinal vindo do coração de Zeca. O ataque cardíaco havia sido fulminante.

A curva estava cada vez mais próxima. Diego olhou para o relógio. Faltavam dez segundos para completar os sete dias desde que ele tomara o glamour. Diego sorriu, tomado pela certeza da existência do destino. Era óbvio que havia uma providência divina urdindo sua teia, de modo a colocá-lo ali, naquele preciso momento, e salvar as crianças. Havia, contudo, sido insuflado por uma súbita dúvida: e se alterar as coisas não fosse assim tão inofensivo?

“Foda-se!”, praguejou ele ao chegar ao banco do motorista. “Não vou deixar menino nenhum morrer!” Olhou, então, para a câmera de vigilância no teto do ônibus, e disse: “Rosana, filho, eu amo vocês.”

Diego enfiou fundo o pé no freio, impedindo que o ônibus desabasse no precipício. A inércia, implacável em sua lei, agradeceu Diego atirando-o pela janela no processo, mas seu corpo já estava sem vida no exato momento em que atravessou o vidro.

* * *

Misteriosa é a teia que conecta os eventos neste mundo.

Vinte e três dias depois, o planeta gritaria em outro terremoto a dor de sua violação, desta vez em Roma. Graças à engenharia preventiva, apenas trinta e cinco morreriam e o Coliseu ficaria só um pouquinho danificado.

Mas e as crianças do ônibus?
Sobreviveram, todas.

* * *

O motorista e André, que se encontrava no banco da frente, jaziam mortos. Nemy conseguia perceber a ausência de pulsação nos corpos de ambos e pensou na ironia: André teria morrido no ônibus, se não tivesse sido trocado por Diego. Talvez fosse o dia dele e nada pudesse mudar isso, afinal. Em seguida, Nemy checou o próprio corpo e procurou indícios de cortes, mas nada encontrou. “Ufa!!!”, disse. Os corações de Seon e Leonor ainda batiam, mas era possível ver que a perna de Leonor havia quebrado e exibia uma horrível fratura exposta. Nemy ouvia os gritos das pessoas e as vozes que falavam aos celulares, invocando auxílio médico e policial.

O carro estava amassado e seria preciso um pé de cabra para tirá-las dali. A prudência exigia discrição, o bom senso demandava que Nemy fingisse ter desmaiado, mas Cassie estava em perigo. Ela sabia que Cassie estava em perigo.

“Foda-se!”, disse Nemy, dando um cotovelada na porta traseira do carro, fazendo-a voar dois metros.

As pessoas gritaram. Algumas, de reflexos rápidos e faro instintivo para tretas, acionaram as filmadoras de seus celulares.

“Merda!”, praguejou Nemy, enquanto procurava a peruca dentro do que um dia fora um táxi. “Merda, merda!”

“A senhora... o senhor... A senhora... A senhora está bem?”, gritou um homem.

“Nemy?”, chamou Seon.

“Você acordou, minha criança. Ótimo”, disse Nemy, desamassando o carro na frente de todo mundo e retirando Seon de dentro dele. “Você está bem, não tem nada quebrado, já chequei. Só tem um corte em seu supercílio.”

“Senhora, fique calma, já chamamos a ambulância...”, disse outro homem. Ele mesmo não sabia por quê dizia isso, diante do que aquela criatura de peruca prateada estava fazendo com o carro.

“Seon, Leonor está com uma fratura exposta, não tem como tratá-la no apartamento. Precisamos ir pro hospital.”

“Ela... ela...”, disse Seon, ainda tonta, mas já de pé, “...qual o plano de

saúde dela?”

“Leonor não tem um.”

“Como assim não tem um?”

“Ela não precisa, Seon! Nunca precisou! Por que ela pagaria por um plano de saúde, se pode usar a voz ou pagar por hospitais particulares?”

“É, mas agora ela não tem como usar a voz! Escute, vamos fazer o seguinte... Vamos pro Instituto do Câncer.”

“Não seria melhor um pronto socorro?”

“O ICESP tem um pronto socorro para pacientes oncológicos. Leonor tem câncer e eu trabalho lá, posso cuidar dela eu mesma. É a opção mais lógica.”

“Senhora!”, disse um homem, pegando Nemy pelo braço. “Senhora, não se preocupe, a ambulância já está chegando!”

“Estamos bem, obrigada!”, respondeu Nemy, retirando o braço.

“Vamos, senhora, sente aqui, a senhora acabou de passar por um acidente”, insistiu o homem.

Nemy gostava de ser uma pessoa paciente. Nemy cultivava esta paciência do mesmo modo que Leonor cultivava orquídeas em sua estufa. Mas até mesmo alguém como ela, que havia vivido tanto e visto de tudo, tinha um limite. E esse limite havia sido ultrapassado há cinco minutos.

Nemy-Z se voltou para o mundaréu de gente que rodeava o carro, e deu um urro. Um urro que soou, de forma assombrosa, como um coro de dragões. As pessoas recuaram, algumas tropeçaram e houve até quem caísse. Nemy tomou Leonor nos braços e urrou novamente. Aquela parte reptiliana que jaz bem escondida no cérebro humano fez com que a multidão reconhecesse um predador quando diante de um.

As pessoas fugiram, aos gritos. Os que não correram haviam se urinado nas calças.

“Uau!”, disse Seon. “Não conhecia este lado seu! Eu quase me mije! Estou até falando usando exclamações!”

“Vamos embora agora”, disse Nemy, pegando Leonor no colo.

“Eu posso arrombar um carro, mas vou precisar de um minuto no Google pra aprender a fazer ligação direta”, disse Seon.

“Não vai ser preciso. Pra mim, chega. Perdi a paciência. Chega desta merda. Se pendure em minhas costas e não me solte de jeito nenhum.”

“Como assim?”

“Apenas faça o que eu digo, Seon!”

“Se pendurar em suas costas? Ok”, respondeu Seon, obedecendo à instrução. “Mas qual a razão dis...?”

A voz de Seon morreu no exato momento em que percebeu que estavam levitando. Tentou dizer alguma coisa, mas a voz não saía. Em cinco segundos, Nemy, Leonor e Seon estavam a dez metros de altura. Abaixo do trio, uma senhora gritou a plenos pulmões:

“O sangue de Jesus tem poder!!!”

“Exatamente...”, resmungou Nemy, enquanto as três subiam cada vez mais alto, mas Seon não entendeu nada. Era um dia confuso, aquele. Segurou-se com mais força, pois não queria cair, e fechou os olhos, sentindo o vento que lhe fustigava o rosto.

45

Cassie abriu os olhos lentamente e pôs as mãos nas têmporas ao constatar o quanto sua cabeça doía. Olhou ao redor e viu que estava em uma cama impecavelmente dourada num grande quarto dourado, sem decorações. O ambiente era, inteiro ele, monocromático, como se Cassie tivesse sido enfiada dentro uma barra de ouro.

“Espero que goste, senhorita Johnson. Comprei este prédio recentemente e pedi que redecorassem este apartamento com o máximo de esmero.”

Cassie olhou para a esquerda e se deparou com um trio composto por um homem muito velho sentado em uma cadeira de rodas bizarra de tão dourada, uma secretária engomadinha que usava óculos fora de moda e um coque rígido e uma menina morena com grandes olhos amendoados cor de mel.

“Peço desculpas por tão deselegante abordagem, senhorita Johnson, mas queria evitar que a senhorita gritasse”, dizia o velho em inglês, com um distintivo sotaque alemão.

“Quem são vocês, porra?”, perguntou Cassie. “E se eu gritar agora?”

“Você não fará isso, senhorita Johnson. Eu tenho coisas a contar a respeito de seu irmão e sua mãe”, respondeu o velho. A mulher ao lado dele permanecia de pé, quase sem piscar e praticamente não se movia. Chegou a passar pela cabeça de Cassie que se tratasse de um manequim. A criança

brincava com três bonecas Barbie e, de vez em quando, olhava para Cassie com curiosidade.

“Seu cabelo é azul de verdade?”, perguntou a criança. Cassie a ignorou.

“Você é Offenbach. Lembro de você.”

“Sim, senhorita Johnson, eu sou”, assentiu ele.

“Onde estamos?”

“Estamos em um prédio que eu comprei na Barra da Tijuca e mandei reformar há um par de meses, quando planejei nosso encontro. O convite que fizemos foi bastante funcional, como a senhorita pode constatar.”

“Vocês entraram em meus sonhos? Como?”

“Usando os talentos da pequena Zayn”, disse Offenbach. “O dom de modelar os sonhos. Lamento pela intrusão, mas foi a única maneira de chamar sua atenção.”

“Então era mentira? O lance do Kenneth?”

“Oh não, não senhorita Johnson! Nós temos coisas para contar a respeito de sua conturbada família.”

“Imagino que vocês queiram alguma coisa em troca”, disse ela.

“Não necessariamente, senhorita Johnson. Daremos a informação para a senhorita livremente...”

“Besteira! Se vocês quisessem só me dar a porra da informação, teriam me mandado a porra de um e-mail!”

“Esta é a minha nova mamãe? Ela fala palavrões!”, disse Zayn.

“O quê?!”, disse Cassie.

“A senhorita me interrompeu, senhorita Johnson. Nós lhe daremos a informação e, ao final, temos uma proposta que, creio, lhe parecerá bastante interessante.”

“Não estou interessada. Posso ir embora agora, por favor?”

“Oh, mas a senhorita ficará interessada, senhorita Johnson. Senhorita Furtwängler, quer fazer a cortesia?”

“Pois não, senhor Offenbach.”

“Meu Deus, ela fala!”, disse Cassie.

Logo após a senhorita Furtwängler acionar um botão num minúsculo controle remoto, uma tela branca desceu vagarosamente, cobrindo a parede dourada.

“Olha, sem querer ser indelicada, mas eu não estou mesmo interess...”

A voz de Cassie morreu, assim que a primeira imagem surgiu na tela, revelando um jovem Offenbach sentado na mesa de um restaurante com o mar ao fundo. Ao lado dele, estavam Leonor, igualmente jovem, e um homem de uns trinta e cinco anos e pele cor de oliva que Cassie reconheceu no ato como sendo Nemy-Z. Nemy-Z, desmontada.

46

Nemy e Seon estavam sentadas ao lado da cama de Leonor, que dormia, dopada por medicamentos.

“Acho que você tem coisas pra me contar”, disse Seon.

“Algumas, minha criança”, respondeu Nemy.

“Seja o que for, não há mais como esconder. Dezenas de pessoas nos viram voando.”

“Tive o cuidado de aterrissar escondida. O pessoal do hospital não sabe de nada.”

“Ainda assim, Nemy. Pessoas nos viram voar. Você deveria ter me deixando roubar um carro.”

“Agora nada mais importa”, disse Nemy. “Quando Leonor se for, eu vou mudar de país e de identidade. Tudo o que me importa é encontrar Cassie. Quero que o mundo se dane.”

“A perna dela é uma complicação”, disse Seon, apontando para Leonor, que dormia. “Nessa idade, com osteoporose e tudo o mais, vai ser preciso fazer uma cirurgia, mas...”

“Eu sei”, interrompeu Nemy. “O angiosarcoma estimula trombozes e, além disso, os órgãos dela estão falhando.”

“Falhando rapidamente”, acrescentou Seon.

“Eu só não quero que ela sinta dor, Seon. Sei que você pode garantir isso.”

“Posso.”

Nemy suspirou, demonstrando cansaço. Seon nunca, desde que conhecera as Iluminadas de Tanatheros, vira Nemy tão cansada.

“Aquele rugido que você deu...”

“Não pergunte, Seon. Não agora, minha criança, por favor. Depois conversamos sobre isso.”

“Ok.”

Bateram na porta.

“Que merda”, disse Seon. “E se for a polícia?”

“Pode destrancar, minha criança.”

Seon se levantou, foi até a porta e a destrancou. Quando a abriu, deram de cara não com a polícia, mas com um médico: Adriano Ribas.

“Seon!”, disse ele, “Soube que você se envolveu num acidente e chegou com duas...”. A voz de Adriano morreu assim que ele viu uma drag queen perfeitamente montada, cuja peruca imensa fazia lembrar um juba leonina prateada.

“É um prazer, doutor Adriano. Seon fala muito bem se você.”

“O quê? Quem...”

“Esta é Nemy, e aquela ali na cama é Leonor”, disse Seon. “Nemy faz parte da banda de pop music em que eu toco, nas horas vagas. Leonor é nossa empresária.”

“Você toca numa banca de pop music?”

“Bem, Adriano, isso não é nenhum segredo”, respondeu Seon.

“Nunca soube disso!”, respondeu Adriano, aproximando-se da cama para checar Leonor.

“Somos relativamente conhecidas na cidade, mas você é um médico muito ocupado”, disse Nemy.

“Ela está com uma fratura exposta”, disse Adriano. “Por que vocês não a levaram a um pronto socorro?”

“Aqui é um pronto socorro”, respondeu Seon.

“Sim, é, mas este é um hospital reservado para paciente oncológicos, Seon. Você sabe disso.”

“Ela tem câncer inoperável. Angiosarcoma”, disse Nemy. “Além disso, ela doou dez milhões para este hospital e deseja ficar onde possa ser cuidada por Yeong-Seon.”

“Quê?!”, exclamou Adriano. “Essa senhora doou dez milhões de reais pro Instituto do Câncer?!?”

“De dólares”, corrigiu Nemy. “Não trabalhamos com reais.”

“De dólar... Meu Deus! Quando ela fez isso?”, perguntou Adriano.

“Há vinte minutos”, respondeu Seon. “Nemy transferiu o dinheiro. Ela pode ficar aqui, não pode?”

Adriano riu e disse:

“Você tá de brincadeira, Seon? Depois dessa, acho que ela pode trazer

até a família, se quiser. Até a terceira geração!”

“Ah, isso não será necessário, em absoluto”, disse Nemy, tocando o ombro de Leonor. “A família de que ela precisa está aqui, ao lado dela.”

* * *

Pela décima vez em apenas uma semana, Eduardo Andreotti retornou ao edifício luxuoso de sua tia. Bateu boca com o porteiro pela trigésima quinta vez em menos de um mês. Frustrado, foi para a casa do gay rico que lhe dava cocaína em troca de um boquete, não muito longe dali. Eduardo era classicamente homofóbico, mas não havia homofobia que resistisse a uma severa crise de abstinência.

A droga lhe clareou as ideias, como sempre fazia, fazendo-o ricochetear da autocomiseração para a raiva por estar se submetendo àquela humilhação por conta do egoísmo de sua tia. O gay rico gozou na cara de Eduardo, que se levantou, foi ao banheiro, lavou o rosto e saiu em direção à porta da rua.

“Você não quer gozar também?”, perguntou o gay fornecedor de cocaína. Eduardo lembrava vagamente o nome dele, apesar de transarem toda semana há dois anos. Júlio, talvez Juliano. Pouco importava.

“Hoje não”, respondeu Eduardo, batendo a porta atrás de si.

Voltou à portaria, disposto a entrar no prédio de qualquer jeito, nem que para isso precisasse dar porrada no porteiro. Como o faria era outra história, já que a cabine era blindada. Mas Eduardo se sentia renovado, forte o suficiente para enfrentar quem quer que fosse.

“Ai meu Jesus Cristo, você voltou...”, disse o porteiro.

“Você quer continuar fodendo com a minha vida?”, disse Eduardo.

“Cara, não sou eu, está bem? Não sou eu! São ordens de sua tia!”

“É você que não entende!”, gritou Eduardo. “Minha tia é uma velha! Ela tá meio esclerosada e só não me recebe por causa daquelas duas bichas!”

“Cara, eu não faço ideia do que você tá falando. Quem disse que você não pode subir foi a dona Leonor e ela não tá esclerosada, não. Ela tá doente, mas tá mais lúcida do que eu e você!”

“Ela tá sendo chantageada pelas bichas! Ou tá sendo mantida prisioneira! Eu vou provar isso e você vai se foder! Você tá de conluio com elas!”

“Cara, eu não tô de conluio com ninguém! Eu sou só um porteiro! Eu não posso te deixar entrar se a dona do apartamento me disse pra não deixar!”

“Então liga pro apartamento dela, me deixa falar com ela, porra!”

“Eu acho que você não ouviu quando veio aqui mais cedo. Seu nome é Eduardo, né?”

“É.”

“Eduardo, a sua tia nem está! Aquela chinesa que trabalha pra ela, a tal Saon, Sion, sei lá como se chama, ligou e pediu pra avisar aquela moça de cabelo azul, a Cassandra, que, se ela voltar pra casa, é pra ir direto pro Instituto do Câncer. Dona Leonor passou mal e tá lá! Não tem como eu te deixar falar com ela, cara! Ei! Ei, não corre assim, porra! Cara doido, corre pelo meio da rua sem nem olhar pros lados! Bando de maluco...”

47

“Isso só pode ser uma montagem”, disse Cassie, rindo, diante da fotografia que tomava o espaço de uma parede.

“Oh não, senhorita Johnson”, disse Offenbach, tamborilando sua cadeira de rodas folheada a ouro. “Eu lhe garanto que a foto é perfeitamente legítima, tirada de maneira clássica, numa época em que tirar fotos ainda era uma arte de bom gosto. Eu tinha acabado de conhecer sua mãe. Leonor era lindíssima, quando jovem. Ela jamais precisou de nenhum retoque de photoshop ou seja lá que programas vocês usam hoje em dia pra falsificar as aparências. Leonor está tal e qual era na juventude: irretocável.”

“Não é disso que estou falando”, disse Cassie. “Eu já vi fotos de mamãe quando era jovem. Mas esse cara aí do lado não é a Nemy nem fodendo. De quando é essa foto? Anos 70 do século passado?”

“Meados dos anos 60”, respondeu Offenbach.

“Senhor Offenbach, acho que o senhor Elliot Johnson desconhece a natureza de Nemy-Z”, comentou a senhorita Furtwängler.

“*Cassandra* Johnson, sua vaca!”, rugiu Cassie.

“Oh, mas isso é muito fascinante!”, disse Offenbach. “E muito instrutivo, também. Percebe, pequena Zayn, como agem os adultos? Mentem uns para os outros. Escondem coisas uns dos outros. Isso não é nada bom, concorda?”

“É feio mentir!”, disse Zayn, com ar de reprovação, enquanto vestia

uma Barbie. Offenbach girou sua cadeira de rodas na direção de Cassie e continuou:

“Eu conheci Leonor e Nemy-Z, que na época não se chamava Nemy-Z e sim Chaim, num verão no sul italiano em 1967. Sorrento. Era um lugar mágico, um dos favoritos de Leonor. Imediatamente a identifiquei com minha alma gêmea. Tínhamos uma infinidade de coisas em comum, eu e ela. O gosto pela arte clássica, por exemplo. O apreço por bons vinhos e boa música...”

“Você insiste nessa mentira de que conheceu Nemy nos anos 60, seu velho imundo e doido?”

“Eu sou velho e posso até ser eventualmente imundo, já que não controlo minhas necessidades fisiológicas graças a Leonor. Mas não, eu não sou doido, senhorita Johnson. Não tenho culpa se uma de suas ‘mamães’ se disfarça de corpo e alma para você, com a cumplicidade da outra.”

“Ele pode ser velho, mas é meu vovô-papai!”, disse Zayn. “E não sei se quero que você seja a minha mamãe! Você tem a boca suja!”

“Perdoe-a, ela está apenas confusa e furiosa, pequena Zayn”, disse Offenbach. “Mas o fato, senhorita Johnson, é que conheci Leonor e seu exótico parceiro em um hotel. O mesmo em que eu me hospedava. Viajei para Sorrento assim que localizei o paradeiro de Chaim, a quem você chama de Nemy-Z. Eu o havia investigado por anos, pois ouvi relatos de sua existência. Ele tem uma coisa que eu desejo e quero negociar.”

“E o que seria?”, perguntou Cassie.

“Chegaremos lá. Voltando à nossa história, conheci Leonor, o que foi uma grata surpresa. Eu esperava apenas encontrar Chaim, mas me apaixonei imediatamente ao vislumbrar a beleza estonteante de Leonor... sua voz... sua cultura geral. Seu poder. Juntos, eu e ela poderíamos ter feito tanto... Todavia, Chaim se revelou bastante fechado à minha proposta e eu fico especialmente contrariado quando me dizem não. Eu era jovem e impulsivo na época e, após beber demais, cometi alguns... erros... em relação a Leonor.”

“Que erros?”, perguntou Cassie.

“Senhorita Furtwängler, poderia por favor tapar os ouvidos da pequena Zayn?”

“Como queira, senhor Offenbach.”

“Por que eu não posso ouvir?”, protestou Zayn.

“Psssh!”, disse a senhorita Furtwängler, tapando os ouvidos da

menina.

“Eu tentei... como dizer? Penetrar Leonor sem seu consentimento. Admito que me empolguei demais.”

“A palavra pra isso é estupro”, disse Cassie. “Você tentou estuprar a mamãe. Deixe de eufemismos, seu velho escroto.”

“Chame como preferir, senhorita Johnson. Pronto, senhorita Furtwängler, pode destampar os ouvidos da pequena Zayn.”

“Como queira, senhor Offenbach.”

“O resultado é este que a senhorita vê, senhorita Johnson”, disse ele, dando tapinhas na cadeira de rodas dourada.

“Você teve sorte. Se estivesse num dia ruim, mamãe mandaria você se foder, e você faria isso. Literalmente.”

“Boca suja!”, gritou Zayn. “Não quero uma mamãe da boca suja!”

“De fato, senhorita Johnson. Na época, eu não fazia ideia do que Leonor era capaz. Se soubesse, teria tido, digamos, mais cuidado. Eu aprendi a duras penas a não desafiar o mau temperamento de Leonor. O que nos leva ao assunto de sua família biológica.”

“O que isso tem a ver com a minha família?”

“Senhorita Furtwängler, quer fazer a gentileza?”

“Como queira, senhor Offenbach”, disse ela, apertando um botão no controle remoto. Outra foto surgiu na tela imensa. Uma foto mais recente, em cores.

Kenneth Johnson.

“Pronto. Vocês querem esfregar na minha cara fotos de quando eu era um menino, é isso?”, perguntou Cassie.

“Oh, não, senhorita Johnson! Eu respeito profundamente a sua condição transgênera! Este menino não é a senhorita, é o seu irmão gêmeo, Kenneth.”

“E o que tem ele?”

“Como ele morreu, senhorita Johnson?”, perguntou Offenbach.

“Num acidente de carro, ora! Eu e mamãe sobrevivemos, mas ele morreu!”

“A senhorita não tem a lembrança e, portanto, não tem a ciência, mas não foi apenas um ‘acidente’. A sua mãe biológica estava bêbada e bateu o carro.”

Cassie fez uma pausa de três segundos e então disse:

“Se ela estava bêbada ou não, o que importa? Foi um acidente.”

“Antes disso, ela apagava cigarros nas suas costas, senhorita Johnson. E nas de Kenneth.”

“Eu não me lembro de nada disso!”, protestou Cassie.

“Você era muito criança, claro que não lembra. Na pasta dourada ao lado de sua cama, você encontrará queixas policiais impressas. Queixas de maus tratos infantis, feitas pelos vizinhos contra sua mãe biológica quando você e o pequeno Kenneth tinham apenas quatro anos de idade.”

Cassie pegou a pasta, retirou quase dez páginas de dentro dela e passou os olhos pelo conteúdo, em profundo silêncio.

“Ela não parou, parou? Na verdade, ela piorou depois que Kenneth morreu. Ela se tornou mais e mais agressiva com você, senhorita Johnson.”

Cassie encarava Offenbach com seriedade e os olhos repletos de lágrimas.

“Ela percebeu que você era ‘diferente’, e não se furtava a repetir que a senhorita é quem deveria ter morrido, não o pequeno Kenneth. ‘Bicha’, ela dizia. ‘Aberração’, repetia. ‘Perdi o filho errado’, praguejava.”

“Quer calar a boca, por favor?”, pediu Cassie.

“E ela batia na senhorita, dia sim, dia não. Sempre bêbada. Teria torturado a senhorita por anos incontáveis, se Leonor e Chaim não tivessem se inserido no confuso tabuleiro de sua vida.”

“Ela era uma mamãe má!”, disse Zayn, trocando novamente a roupa da Barbie.

“Mentira! Eu conheci Nemy e Leonor no orfanato, quando eu tinha treze anos! Mamãe morreu um ano antes! Caiu da janela, enquanto a limpava!”

“Caiu? Oh, senhorita Johnson, quanta ingenuidade!”, riu Offenbach, dando solavancos na cadeira de ouro. “Quem a senhorita acha que sugeriu à sua mãe que pulasse pela janela?”

“Você está insinuando que foi Leonor? Isso é ridículo!”

“Leonor sempre soube ser discreta, senhorita Johnson. Tão discreta, que esperou por um ano até propor adotá-la. E só o fez, veja bem, não por amor que lhe tivesse, mas após confirmar as suspeitas iniciais no tocante à sua paranormalidade.”

“Você é um velho broxa mentiroso!”, gritou Cassie.

“O que é ‘broxa’?”, perguntou Zayn.

“Broxa eu sou há décadas, graças a Leonor. Mas mentiroso?”, riu Offenbach. “Não, senhorita Johnson. Eu não falo nenhuma mentira quando digo que você foi recrutada por um casal de psicopatas que assassinou sua mãe. Ela era uma bêbada imprestável, mas, bem, eu ficaria muito chateado se fizessem isso com um parente meu.”

As lágrimas escorriam pelo rosto de Cassie, pois não era como se ela estivesse sabendo de algo que nunca lhe passara pela cabeça. Quantas vezes se sentira apenas usada, como se fosse o pequeno oráculo pessoal de Nemy e Leonor? Por que elas tinham que submeter sua vida a isso? Por que não deixaram que ela tivesse uma adolescência normal, numa escola normal, com amigos normais? “Você tem os melhores professores particulares e uma vida livre de *bullying*, minha criança”, argumentava Nemy. “O mundo é um lugar repleto de gente vulgar”, insistia Leonor. “Vamos tentar mais uma visão esta noite, minha criança?”, pedia Nemy. “Você não pode sair sozinha, Cassie, apenas conosco”, avisava Leonor.

“E o que você quer de mim?”, perguntou Cassie.

“Que se junte a mim, senhorita Johnson.”

“E por que eu faria isso? Você não tem nada que eu possa querer. Eu sou rica.”

“Ah, eu tenho sim!”, disse Offenbach. “Eu tenho a pequena Zayn. Eu poderia dar vocês uma para a outra.”

“E por que eu iria querer isso?”, riu Cassie.

“Porque a pequena Zayn precisa de uma mamãe. E ela pode neutralizar suas visões, deixando-a livre para uma vida normal, senhorita Johnson.”

“Eu não sei se quero ela...”, disse Zayn. “Ela é esquisita, tem a boca suja e me dá medo!”

Cassie riu e disse:

“Essa menina pode neutralizar minhas visões? Que mentira!”

“Eu não minto, senhorita Johnson. A pequena Zayn bloqueia suas visões há dias. Desde quando você não as tem? Como você acha que nós fomos capazes de sequestrá-la sem que você previsse isso?”, perguntou, sorrindo, Offenbach. “Me responda com sinceridade: não lhe é tentador ter uma vida normal, senhorita Johnson?”

“E o que você quer em troca?”, perguntou Cassie.

“Eu? Eu quero aquele monstro que você pensa ser humano. Eu quero

a sua outra mamãe, senhorita Johnson. Eu quero Nemy-Z.”

48

Eduardo chegou ao Instituto do Câncer, entrou pela portaria principal, foi até o guichê de visitantes e pediu, exibindo a identidade:

“Sou parente de Leonor Andreotti, ela está internada aqui. Vim pra visita.”

“Um momento. Sabe o quarto?”

“Não sei. Ela foi internada hoje.”

A recepcionista checkou uma lista no computador e disse:

“Não há registro de nenhuma Leonor Andreotti internada neste hospital.”

“Mas não pode ser! Eu recebi o aviso de que ela estaria aqui!”

“Bem... Não consta no sistema...”

“Escute, quem ligou pro porteiro... quem ligou pra mim foi uma enfermeira que trabalha aqui. Yeong-Seon.”

“Yeong...”, disse a recepcionista, fazendo um esforço de memória.

“A coreana!”, disse a outra recepcionista. “Lembra daquela coreana caladona que trabalha aqui? Uma que todo mundo comenta que é a melhor enfermeira do hospital?”

“Ah! A Seon!”, disse a primeira recepcionista, sorrindo. “Achei que ela fosse chinesa!”

“Isso! Ela mesma!”, respondeu Eduardo, começando a suar frio. Ele começava a precisar de mais pó, mas não estava nem um pouco a fim de fazer outro boquete.

“Será que foi aquela senhora idosa que deu entrada na emergência?”, perguntou a primeira recepcionista. “Mas por que o nome dela não consta no cadastro?”

“Bem, de uma forma ou de outra, elas só podem estar no pronto socorro, já que a perna estava com uma fratura exposta”, disse a outra recepcionista.

“Fratura exposta? Mas a tia Leonor tem câncer...”

“Ela chegou aqui com uma fratura exposta na perna direita”, disse a primeira recepcionista. “Tome este crachá de visitante, pendure ele em sua camisa e pode ir. É só seguir a sinalização e procurar por ela no pronto

socorro. Ei! Ei, moço!!! É proibido correr no hospital!”

* * *

Adriano, Nemy e Seon estavam sentados em torno da cama de Leonor, conversando sobre o estado dela.

“Podemos mantê-la dopada e com certeza vamos ter que operar isso aí”, disse Adriano, apontando para a perna direita de Leonor. “Mas posso adiantar que a recuperação vai ser bem complicada.”

“Não acho que ela vá se recuperar, mas agradeço o otimismo”, disse Nemy.

“Você é parente dela?”, perguntou Adriano.

“Esposa... Marido... O que você preferir.”

“Seon, a única coisa que me preocupa é que vocês estão fechando um quarto inteiro em que cabem três pacientes”, disse Adriano.

“Oh, poupe-me”, disse Nemy. “Esta mulher acabou de doar dez milhões de dólares pro hospital!”

“Eu sei, eu sei! Não estou reclamando, só quero saber se... você não tirou ninguém daqui pra colocar sua amiga, né, Seon?”

“De forma alguma, Adriano. Um homem tinha acabado de morrer e era o único ocupante do quarto”, disse Seon, apontando para as flores secas que ainda se encontravam dentro do vaso ao lado do leito de Leonor. “Tivemos sorte.”

Subitamente, como se tivesse levado um susto, Nemy perguntou:

“Que barulho é esse? Estão ouvindo?”

“Barulho? Não tô ouvindo nada”, respondeu Adriano.

“Acho que também estou ouvindo”, disse Seon. “Um homem gritando...”

Nemy se levantou de chofre e gritou:

“Seon, use sua chave e tranque a porta!”

“Quê? Mas o que...”, balbuciou Adriano.

“É Eduardo, Seon! Tranque rápido!”, gritou Nemy.

Seon correu para a porta e conseguiu trancá-la.

“Cadê ela? Cadê minha tia?”, gritava um homem pelos corredores.

“Meu Deus!”, disse Adriano. “O que é isso?”

“Chame a segurança, Adriano”, disse Seon. “É um sobrinho de

Leonor. Ele é viciado em drogas e vive atrás dela, pedindo dinheiro.”

“Cadê???”, gritava Eduardo, do lado de fora do quarto. Sua voz, cada vez mais próxima.

Adriano pegou o telefone e apertou dois botões.

“Segurança? Segurança, preciso que vocês venham aqui no pronto soc...”

Dois tiros foram disparados na maçaneta da porta do quarto e foram seguidos por um chute que fez a porta abrir. Eduardo Andreotti entrou, aos berros:

“Eu sabia! Eu sabia! Sua bichona!”, gritou, apontando um revólver na direção de Nemy. “Sua sapatona chinesa maluca!”, gritou, mirando Seon. “Vocês fizeram a cabeça da minha tia contra mim!!!”

“Eduardo, abaixe essa arma! Agora!”, disse Nemy.

“Acorda minha tia, eu quero falar com ela!”, ordenou Eduardo, mirando Adriano. “Você é o médico, né? Acorda ela! Acorda!”

“Ela está dopad...”

“Não me interessa!!! Acorda ela, caralho!!! Acorda ela, senão eu te mato, porra!”

“Eduardo, você está nervoso”, disse Nemy. “Abaixe essa arma e sente aqui, vamos conversar!”

“Cala a boca, seu viado!”

“Eduardo...”, disse Seon, “não tem como acordar Leon...”

“Não se meta, chinesa sapatona!”, respondeu Eduardo, apontando a arma para Seon. Nemy ouviu o “click” do gatilho e levou menos de meio segundo para reagir, atirando-se na frente de Seon e urrando uma vez mais como um dragão. Adriano, ao ouvir o rugido, gritou como uma criancinha.

Eduardo disparou não uma, mas duas, três vezes. A primeira bala atingiu a cabeça de Nemy, arrancando um pedaço de seu crânio. A segunda atravessou sua garganta, fazendo voar sangue cintilante por todos os lados e, por fim, penetrou o ventre de Leonor. Parte do brilho vermelho do sangue espalhado atingiu as flores secas ao lado do leito hospitalar, parte atingiu o rosto de Leonor. A terceira bala errou completamente o alvo e atingiu a parede do quarto.

Por fim, Nemy desabou ao chão e lá ficou.

Seon foi na direção de Eduardo e pressionou sua garganta num ponto específico, fazendo-o desmaiar sem que ele emitisse nenhum ruído. Eduardo

se limitou a desabar, inconsciente, como se fosse uma boneca.

“Onde... Como... O que você fez com ele?”, perguntou Adriano, cujos olhos estavam arregalados.

“Aprendi em ‘Star Trek’”, disse Seon. “Doutor Spock.”

Seon, então, correu na direção de Nemy, a fim de avaliar o desastre. A drag queen jazia morta no chão em frente ao leito hospitalar. Parte considerável do lado direito de sua testa havia desaparecido e uma substância gelatinosa, vermelha e brilhante como purpurina, escorria de dentro do enorme buraco.

“Ora...”, murmurou Seon, enquanto via o sangue escorrer. “Mas era isso? Faz todo sentido...”

“Como ela está?”, perguntou Adriano.

“Morta. Uma bala na garganta, outra na cabeça.”

“Meu Deus!”

Seon olhou para os lados de repente, como que procurando algo, e perguntou:

“Que barulho é esse?”

“Barulho? Que barulho?”

“Você não está ouvindo, Adriano?”, disse Seon. “Parece o som de uma coisa fritando.”

POP!

O som, desta vez mais semelhante a um traque e perfeitamente audível para a percepção ordinária, fez Seon e Adriano se virarem na direção da fonte. Diante deles, as flores murchas banhadas pelo sangue de Nemy no vaso ao lado da cama ressuscitavam a olhos vistos.

“Quê...?!”, disse Adriano.

POP! POP! POP!

As flores começaram a saltar como pipoca de dentro do vaso. Enormes e brilhantes como nenhuma flor jamais fora. Elas brotavam e vomitavam novas flores aos borbotões, cobrindo o corpo de Nemy com as pétalas vermelhas.

“Minha tia...”, murmurou Eduardo, que havia acabado de acordar.

“Acho que não apliquei pressão suficiente”, disse Seon.

“Seon, que porra é essa?”, gritou Adriano, apontando para a fonte de flores que jorrava seu vermelho infinito, pouco a pouco cobrindo a cama onde Leonor se encontrava.

“Quero falar... com minha tia...”, disse Eduardo, mais uma vez erguendo o revólver e fazendo Adriano se encolher.

“Eduardo...”, chamou uma voz atrás de Adriano e Seon. Ambos se viraram e se depararam com Leonor, cujos olhos estavam bem abertos e azuis em sua expressão serena, mas manchados com o sangue brilhante de Nemy.

“Tia!”, gritou Eduardo. “Tia, essa gente tá fazendo sua cabeça contra mim!”

“Eduardo, meu querido, por favor, me escute”, disse Leonor. “Você poderia ficar quieto um pouquinho e me fazer uma gentileza?”

Eduardo chorava como uma criança e agitava a arma a esmo.

POP! POP!, pululavam as flores, inundando o quarto com pétalas vermelhas.

“Faço, tia! Eu faço, mas eu preciso de mais dinheiro!”

“Eduardo, eu sinto muito mesmo por você ter ficado desse jeito. O mundo é um lugar confuso e ruim, então espero que você entenda que eu estou lhe fazendo um favor.”

“O que é?”, perguntou ele, agitando o revólver. “Eu faço, eu faço, só me dê dinheiro!”

POP! POPOPOP!

“Morra sem dor”, ordenou Leonor.

POP!

A vida abandonou o corpo de Eduardo antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo. Seu corpo desabou sobre o de Nemy e foi banhado por uma profusão de pétalas vermelhas e brilhantes. O jorro de flores não parecia disposto a diminuir. O vaso, já partido, parecia um vulcão que, ao invés de lava, cuspiam pétalas vermelhas.

“Isto é... o sangue de Nemy?”, perguntou Leonor, após passar a mão no rosto e checar do que se tratava a substância quente e viscosa que grudava em seus olhos.

Diante de um pasmo Adriano, a pele de Leonor se esticava como que movida por magia. Fios dourados cresciam de sua cabeça careca, como se fossem vermes muito finos saindo de dentro da terra, e eles brilhavam como raios de sol ao amanhecer. A fratura exposta recrudescia. A ferida se fechou em segundos. O aterrorizado Adriano podia jurar que ouvia o som daquele corpo que se rearranjava miraculosamente, agredindo toda a ciência médica.

“Sim, é o sangue dela”, respondeu Seon. “É o glamour, não é?”

“Sem diluição?”, perguntou Leonor, parecendo apavorada. Apavorada e linda, com a exata aparência de quando tinha trinta anos de idade.

POP! POP!, pululavam as flores. POPOPOP!

“Mas o que é isso? O que é isso?!”, gritou Adriano.

“Esse sangue não foi diluído, foi?”, insistiu Leonor. Seus cabelos, agora, eram mais fartos e volumosos do que a peruca de Nemy.

“Não”, respondeu Seon, sua mente trabalhando nas implicações e possíveis significados do tom aterrorizado na voz de Leonor.

“Argh...”, gemeu Leonor. “Urgh...”

“Você está sentindo dor?”, perguntou Seon, se aproximando da cama.

“Não... não se aproxime”, pediu Leonor, seus braços e pernas se esticando, assim como sua coluna. Seon conseguia ouvir perfeitamente o som do corpo que crescia. “Saiam... daqui...”, pediu Leonor.

POP! POP! POPOP!

“Mas...”

“Corram...”, pediu Leonor, seus olhos azuis se acendendo como duas estrelas gêmeas e fazendo Adriano recuar na direção da porta. “CORRAM PARA LONGE!”, gritou Leonor.

Seu grito, o de cem sopranos perfeitas.

Nem Adriano e nem Seon tiveram consciência do que faziam quando começaram a correr. Correram como se não soubessem fazer mais nada neste mundo e, dada a potência da voz de Leonor alimentada pelo glamour, jamais teriam parado. Correriam até morrer, ou até que a morte fosse capaz de reclamar a existência daquela criatura que um dia fora Leonor. Leonor, agora transfigurada pelo poder do sangue que concedia mais vida do que a própria vida.

49

“O que você quer de Nemy?”, perguntou Cassie, enquanto tomava o suco de laranja que havia tirado de dentro do frigobar folheado a ouro.

“Que ela me ajude a sair desta cadeira onde Leonor me enfiou”, respondeu Offenbach. “Que ela me conceda de volta a juventude que deixei de aproveitar por causa delas. E, bem, talvez, não seria nada mau se, como compensação, ela me concedesse a graça de não poder morrer.”

“E como ela poderia fazer isso? Você fala como se mamãe tivesse os

poderes de Jesus Cristo!”

Offenbach deu uma gargalhada. Fazia tempo que não se divertia tanto.

“Oh, minha cara! Você realmente não faz ideia do quão maravilhosa é a sua intuição!”

“Bem, eu posso passar seu recado pra ela...”, disse Cassie.

“Não, senhorita Johnson. Eu quero que Chaim... que Nemy-Z venha aqui. Sem Leonor. Dê um celular para a senhorita Johnson, por cortesia, senhorita Furtwängler.”

“Pois não, senhor Offenbach.”

“Ligue para Nemy-Z, por obséquio, senhorita Johnson.”

Cassie ligou. Ninguém atendeu. Tentou novamente, discando os números de Seon e Leonor. Sem resposta.

“Algo errado deve ter acontecido”, disse Cassie. “Ninguém atende!”

“Se algo aconteceu, a senhorita não previu. Assim como não previu a emboscada que lhe preparamos. Acredita quando digo que a pequena Zayn consegue bloquear suas visões?”, disse Offenbach.

“Acredito.”

“Vamos tentar outra coisa, senhorita Johnson. Outra forma de contato.”

“Como?”

“Por anos, trabalhei com paranormais como a senhorita e a pequena Zayn. Sei como vocês costumam subutilizar os próprios talentos. Sei como quebrar essas barreiras, se conjugarmos as forças de ambas. A senhorita é uma receptora de visões, senhorita Johnson. Iremos inverter a antena, tornando-a uma emissora. A pequena Zayn modelará o que precisamos projetar e, juntas, vocês convocarão alguém que possa falar com Nemy.”

“Se podemos fazer isso, por que não falar com Nemy diretamente?”

“Ela é imune, portanto inatingível por qualquer poder psíquico”, respondeu Offenbach. “Melhor tentarmos com Leonor. Ela saberá que eu não estou brincando.”

“Se ela imaginar que você quer me fazer mal, vai fazer você arrancar seus próprios dentes, um a um.”

“Eu não quero fazer nenhum mal à senhorita, senhorita Johnson. Por isso, seremos suaves. Lembre de algo bonito, uma cena agradável que envolva a senhorita e minha querida Leonor. A senhorita tem alguma

memória assim, imagino. Leonor é cruel, mas adorável com quem ama, e estou certo de que ela aprendeu a amá-la, senhorita Johnson. Mesmo que, no começo, a senhorita não passasse de um instrumento poderoso.”

“Tenho várias lembranças boas com mamãe”, respondeu Cassie. “Ela me ensinando a dançar. A primeira música que ensaiei com ela e Nemy...”

“E qual foi?”, perguntou Offenbach.

“*Forever Young*”, disse Cassie. “Alphaville.”

Offenbach riu. “Quão adequado!”, disse ele. “Pois vamos começar. Senhorita Furtwängler, precisaremos daquela droga experimental...”

“Droga?”, perguntou Cassie.

“Sim, senhorita Johnson. Para fazer você experimentar outro nível de seu poder.”

“Eu não acho que...”, disse Cassie, hesitante, diante de uma colher com um pó azul.

“Senhorita Furtwängler, quer fazer a gentileza?”

A secretária agarrou Cassie, forçando-a a abrir a boca e enfiando o conteúdo da colher em sua garganta. Cassie resistiu, esperneou, chutou, mas a senhorita Furtwängler era muito forte e a fez engolir tudo. Zayn franziu o cenho diante da cena.

“Não gosto que machuquem as pessoas!”

“É para o bem de sua futura mamãe, pequena Zayn. Precisamos forçar as pessoas a fazerem coisas quando elas são teimosas.”

“Que nem quando você estuprou minha mãe, seu escroto?”

“O que é ‘estrupô’?”, perguntou Zayn.

“Não seja rancorosa, senhorita Johnson. Vamos começar a sessão?”

* * *

Com seus novos dois metros e dez centímetros de altura e seus cabelos dourados que escorriam até a cintura, a criatura que um dia fora Leonor Andreotti caminhou para fora do quarto, de onde fluía um incessante turbilhão de pétalas vermelhas. Enfermeiros, médicos e pacientes gritaram de terror diante da visão dos olhos estelares da mulher gigante que emergia de um tufão floral.

A criatura estava confusa, não tinha ideia de onde se encontrava e apenas uma vaga lembrança de quem havia sido. O lugar fedia a morte, mas

havia um sutil perfume de esperança espreado pelo ambiente. A criatura gostava do cheiro da esperança, embora lembrasse de alguém (*Chaim?*) lhe dizendo que “esperança é fraqueza, e apenas o desespero nos fortalece”.

As pessoas se moviam de um lado para o outro, de uma forma que para a criatura era em câmera lenta. Elas gritavam e emitiam cores desordenadas e se encostavam nas paredes e clamavam por um Deus que não as ouvia.

Mas a criatura ouvia. A criatura conseguia perfeitamente ouvir e farejar o desejo de milagre, o anseio angustiado pela vida. A criatura, alimentada pelo sangue que concedia a vida, farejava em busca de algo.

(*Chaim?*)

A criatura caminhou e se sentia tão suave que seus pés mal relavam o chão. Pouco a pouco, a criatura passou a flutuar alguns centímetros acima do solo, enquanto sentia um fogo crescendo dentro de si e uma voz que cantava.

(*Ignis Natura Renovatur Integra*)

Era um mundo repleto de dor. Um mundo que precisava ser purificado. Um mundo que ela haveria de renovar.

Pelo fogo, obviamente.

* * *

Cassie se sentia flutuar, caminhando sobre um chão que lhe parecia feito de nuvens. Diante dela, Zayn segurava uma Barbie Aeromoça.

“Você está zangada comigo porque eu entrei nos seus sonhos?”

“Um pouco”, respondeu Cassie. “Mas você só fez isso porque aquele velho mandou.”

“O vovô-papai”, disse Zayn, estendendo a mão para Cassie.

“Zayn, preste atenção, aquele homem não é seu avô e muito menos seu pai”, disse Cassie, tomando Zayn pela mão e caminhando pelas nuvens. “Ele é apenas uma pessoa ruim que quer usar seus poderes. O mundo está cheio de gente assim, que quer usar a gente.”

“Ele me disse que você poderia ser a minha nova mamãe.”

“Oh, querida... Podemos conversar sobre isso depois, ok? Agora eu preciso que você me leve até a minha mamãe. Me leve até Leonor. Veja!”, disse Cassie, pegando um pouco da nuvem no chão e a modelando, até que tomasse a forma de Leonor. “Esta é a minha mamãe. Vamos até ela?”

“Vamos!”

Caminharam pelas nuvens até se depararem com um imenso muro branco onde havia uma porta bem larga de mármore.

“Chegamos?”, perguntou Zayn.

“Acho que sim. Isso é bem a cara da mamãe.”

Bateram na porta.

“Quem é?”, perguntou uma voz do outro lado da porta. “Se for uma Testemunha de Jeová, vá embora!”

“Sou eu, mamãe! Cassie!”

A porta se abriu.

“Oh, Cassie... você fugiu de nós!”, disse Leonor, de pé diante delas e mais linda do que nunca. Segurava uma taça de champanhe, um pratinho repleto de morangos maduros com chantili e vestia uma túnica grega. “Nós ficamos tão preocupadas! Quem é esta criança adorável? Ela me parece familiar”, perguntou, sorrindo para Zayn.

“Desculpe, mamãe...”, respondeu Cassie. “Offenbach me pegou. Me pegou e me contou umas coisas horríveis sobre você e Nemy!”

“Coisas sobre sua mãe biológica, presumo.”

“É verdade que você matou ela?”

“Sim, é. Nós éramos vizinhas na época, e eu tentava ajudá-la com a minha voz. Mas o efeito passava após alguns dias e ela voltava a maltratar você. Um dia, perdi a paciência.”

“E você me diz isso assim, numa boa?”, perguntou Cassie, furiosa.

“Eu sempre achei as pessoas confusas”, disse Leonor. “Elas querem a verdade, mas quando ela lhes é dada, ficam assim, como você, zangadas. De todo modo, eu não tenho por quê mentir e não fará diferença se você passar a me odiar. Eu estou morta.”

“O quê?! Quando isso aconteceu?”

“Na verdade, vai acontecer em alguns minutos, mas temo que não tão rápido a ponto de impedir um desastre. Meu sobrinho viciado e desmiolado disparou em Seon, mas Nemy se jogou na frente, salvando-a. O sangue mágico de Nemy respingou na minha cara, sem diluição, e atingiu a mucosa dos olhos.”

“Sangue mágico?”, perguntou Cassie. “Que sangue mágico?”

“O glamour, querida”, respondeu Leonor, enquanto comia um morango onírico. “O glamour é o sangue de Nemy. Neste momento, meu

corpo está possuído pelo glamour e com o poder destrutivo de uma manada de elefantes enlouquecidos. Não há de durar. Mesmo assim, lamento, pois acho que meu corpo irá ferir muitas pessoas. Aceitam champanhe?”, perguntou. “Por razões óbvias, o sabor é um sonho!”

“Eu sou criança, não posso beber...”, disse Zayn.

“Em sonhos você pode, belezinha”, sorriu Leonor. “De onde nos conhecemos mesmo? Você é tão familiar...”

“Espere aí! O glamour era o sangue de Nemy?”, perguntou Cassie.

“Exatamente o que acabei de dizer, Cassie. E é isso o que Offenbach deseja. Aquele tolo! O sangue de Nemy não tem a menor utilidade para ele. Irá matá-lo pouco tempo depois que entrar em sua corrente sanguínea. Não importa que ele saia andando daquela cadeira, exibindo uma desagradável e indestrutível ereção. Ninguém é capaz de sobreviver ao excesso de vida do sangue sagrado.”

“O que é ‘ereção’?”, perguntou Zayn.

“Eu sinto muito, mãe”, disse Cassie.

“Pelo quê?”

“Sua morte.”

“Oh, não seja boba, Cassie. Tudo morre no fim. Menos Nemy-Z, é claro. Ou melhor, Chaim. O nome dela era Chaim, antes de começar essa brincadeira de drag queen vingadora e assumir este papel de... bem, de *Nêmesis*.”

“O que a gente faz, então?”, perguntou Cassie.

“Sobre Offenbach eu não faço ideia, infelizmente. Mas sei que vocês podem me ajudar a impedir uma catástrofe em São Paulo. Preciso que vocês duas me ajudem a deter o monstro em que me tornei, antes que eu destrua tudo com a minha voz.”

“E como a gente faz isso?”

Leonor olhou para Zayn, que estava fascinada. Não havia percebido como Leonor era uma mulher linda e radiante, quando lhe invadiu os sonhos. Leonor se abaixou, pegou no queixo de Zayn e pediu:

“Acho que sei quem é você. Você controlou meus sonhos, não foi? Eu fiquei zangada, mas já passou. Ajuda a gente a sonhar um sonho especial, menina bonita?”

Um vento fresco soprava no jardim perfeito e repleto de flores perfeitas de Leonor, que trajava seu vestido perfeito. “Uau, fomos longe nas lembranças!”, pensou Cassie. “Onde você está Zayn?”, perguntou.

“Estou ao redor e dentro!”, respondeu Zayn, na mente de ambas.

Cassie lembrava daquilo. Ela tinha então treze anos e havia acabado de ser adotada por Leonor e Nemy. Só havia um problema: ela ainda era Elliot, o menino de quem todos zombaram ao longo de um ano no orfanato.

“Vocês me deixaram um ano naquele lugar. Por que não me adotaram antes, se já me queriam?”

“Você precisava saber como o mundo era, Cassie”, disse Leonor. “Eu queria tirar você de lá muito antes, mas Nemy insistiu. E, bem, ela já viu muito da vida. Sabe o que faz. Ela disse que você daria mais valor ao nosso pequeno mundo secreto...”

“...Se eu odiasse o mundo real. Entendi”, disse Cassie. “Bem, funcionou.”

“Algo assim. Mas não é hora para rancores, não é mesmo?”

“Não, mamãe, não é. O rancor passou.”

“Você lembra deste dia, no jardim?”, perguntou Leonor.

“Lembro. Foi quando você me ensinou a dançar.”

“Lembra do que eu lhe disse?”

“Sim. Você foi a primeira pessoa que entendeu que eu era uma menina, e não um menino.”

“Lembra do que eu lhe prometi?”

“Como poderia esquecer?”, riu Cassie. “Uma vida de luxo e riqueza, uma vida de arte e beleza.”

Leonor se aproximou e tomou Cassie pelos braços.

“Eu prometi lhe ensinar a dançar e a cantar, Cassandra.”

“E você ensinou.”

“Sim, eu fiz isso. Agora me ajude, minha filha. Que tal uma última dança?”

“Proposta irrecusável”, disse Cassie, e as duas começaram a bailar no jardim perfeito das flores perfeitas, ao som do que Cassandra Johnson considerava a música perfeita.

* * *

A criatura caminhou – na verdade, flutuou a meio metro do chão - ao longo do corredor do pronto socorro, profundamente incomodada com a gritaria das pessoas. Seus cabelos dançavam com vida própria, fustigados por um vento que não havia. A criatura odiava aqueles gritos e sabia que poderia calá-los todos com um único comando.

(Queimem.)

Havia, contudo, algo dentro da criatura que a detinha. Algo que lhe dizia haver outra forma, outro jeito de acabar com os gritos e choros e terror e fedores horríveis de medo e de morte. Havia algo que fluía nos profundos de sua mente.

(Cassandra?)

A criatura tinha uma vaga recordação de já ter sido, um dia, como uma daquelas coisinhas pequenas que iam de um lado para o outro, gritando. Um homem com fedor de medo apontou para ela um objeto de onde saiu um pequeno bólido que perfurou seu corpo, fazendo vazar luz pelo buraco. Não durou muito, pois o buraco se fechou em segundos. As pequenas coisinhas gritaram.

(Queimem.)

(Não, mamãe! Não! Dance comigo!)

(Cassie?)

(Dance comigo! Cante! Cante comigo, mamãe!)

E a criatura parou. Deteve-se no meio do corredor, rodeada por pessoas estupefatas, sendo que a maioria delas era composta por paciente oncológicos terminais. Olhou em torno de si, como quem lembra de algo há muito esquecido e, por fim, cantou:

*Let's dance in style, let's dance for a while
Heaven can wait we're only watching the skies
Hoping for the best but expecting the worst
Are you gonna drop the bomb or not?*

Os gritos cessaram imediatamente. Rostos se iluminaram. Pacientes se levantaram de suas cadeiras de rodas, voltaram-se para a pessoa mais próxima e começaram a dançar.

*Let us die young or let us live forever
We don't have the power but we never say never
Sitting in a sandpit, life is a short trip
The music's for the sad men*

As pessoas principiaram a chorar, mas de alegria. Sorrisos largos como nunca se abriram, sorrisos saudosos daqueles rostos que há tempos eram incapazes de expressar qualquer coisa que não fosse medo ou pesar. E dançaram. As pessoas dançaram como jamais haviam dançado em suas vidas enquanto a criatura cantava com as vozes de um coro inteiro:

*Can you imagine when this race is won
Turn our golden faces into the sun
Praising our leaders we're getting in tune
The music's played by the...
...madmen!
Forever young, I want to be forever young!
Do you really want to live forever? Forever or never!
Forever young, I want to be forever young!
Do you really want to live forever? Forever young!*

Alguns se atiravam ao chão, gargalhando enlouquecidos. Casais se formaram e começaram a se amar ali mesmo, no corredor do pronto socorro, sem manter vestígios de seus antigos pudores. A vida é curta, aproveite o dia. A vida é curta, aproveite o dia.

*Some are like water, some are like the heat
Some are a melody and some are the beat
Sooner or later they all will be gone
Why don't they stay young*

O sistema imunológico das pessoas – doentes e sãs – despertou com a força de um vulcão, com uma fome de vida que atacava qualquer coisa que ameaçasse a integridade do organismo. Células cansadas, fatigadas da vida, entusiasmaram-se e se uniram a uma só voz inaudível que gritava: “queremos mais tempo!”

O relógio da vida avançou, célere, ao contrário. E nunca, jamais em tempo algum, houve tanta alegria e amor como havia naquele pronto socorro do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo.

*It's so hard to get old without a cause
I don't want to perish like a fading horse
Youth like diamonds in the sun
and diamonds are forever!
So many adventures couldn't happen today
So many songs we forgot to play
So many dreams swinging out of the blue
We let them come true
Forever young, I want to be forever young
do you really want to live forever? Forever, or never!*

Ao concluir a canção, o fogo do glamour vazou para fora do corpo de Leonor Andreotti, que desabou ao chão. O único exemplar de corpo doente num andar inteiro de pessoas sãs.

Súbita e miraculosamente sãs.

* * *

No quarto hospitalar em que toda a confusão começara, o vulcão de flores já havia diminuído o ritmo e estava prestes a se esgotar. Uma pilha de pétalas tomava o chão do quarto, fazendo um monte considerável diante da cama. Repentinamente, esta pilha começou a se mexer. Primeiro, o corpo de Eduardo rolou para fora das flores. Então Nemy-Z se levantou, ajeitando a peruca, com uma expressão de poucos amigos e disse, chutando o corpo sem vida de Eduardo:

“Seu viadinho! Você estragou a minha maquiagem e o meu vestido!”

50

Cassie dançava de olhos fechados e um sorriso estampado no rosto. Ficaria ali dançando por horas, se Zayn não a chamasse.

“Mamãe Cassie? Acho que acabou...”

Cassie abriu os olhos e se deu conta de que dançava sozinha, segurando o ar. Pouco a pouco, a sensação fantasma das mãos de Leonor se evaporou, fazendo Cassie chorar.

“Não chore, mamãe Cassie! Eu posso fazer você sonhar com ela todos os dias, se você quiser!”

“Está tudo bem, Zayn, obrigada. Não se preocupe.”

“Vamos voltar pro mundo?”

“Não. Ainda temos trabalho a fazer.”

“Trabalho pro vovô-papai?”

“Ele não é um homem bom, Zayn.”

As nuvens brancas que eram o chão se converteram imediatamente em nuvens negras relampejantes.

“É sim! Ele me dá boneca!”

Cassie sabia que teria que ser paciente. Fazer o que Nemy faria. Agir com cautela.

“Zayn, eu vou modelar outra pessoa com as nuvens. Você me leva até a cabeça dela, ok?”

“Tá bom! Como ela se chama?”

“Yeong-Seon.”

* * *

Seon era ótima corredora e já estava na altura do metrô Brigadeiro quando o efeito da voz de Leonor foi subitamente suspenso. Adriano havia ficado para trás, vítima de seu próprio sedentarismo que o fazia um corredor menos eficiente.

Seon se sentou no meio fio, tomando fôlego, com a sensação de que o coração iria sair de sua boca. Então se levantou, foi até uma padaria e comprou um litro de água. Estava sentada e pingando em suor, quando o mundo em torno de si desapareceu, sendo substituído por um lugar iluminado, repleto de nuvens.

“Oi, Seon”, disse Cassandra, emergindo de dentro de uma nuvem, de mãos dadas com uma menina.

“Acho que eu entendi agora”, disse Seon.

“Entendeu o quê?”

“O que é ficar emocionada. Como você fez isso?”

“Essa menina me ajuda. O nome dela é Zayn.”

“Ah. Oi, Zayn. Desculpe o susto. Hoje tem sido um dia muito estranho.”

“Você tem um nome engraçado!”, disse Zayn.

“É. Eu sou coreana.”

“Você nasceu nos Estados Unidos?”, perguntou Zayn.

“Hã?”

“Deixa pra lá”, disse Cassie. “Não podemos ficar muito tempo. Seon, eu fui sequestrada por Offenbach. Ele quer que Nemy venha me buscar pessoalmente, sem Leonor...”

“Acho que vai ser mais fácil o contrário”, disse Seon.

“Como assim?”

“Nemy morreu. Eduardo deu dois tiros nela. Leonor, por outro lado, está mais viva do que nunca.”

“Não, não, me escute, Seon. As coisas não são o que parecem. Leonor está morta, eu mesma vi acontecer.”

“Mas Cassie, Nemy levou um tiro na cabeça que lhe arrancou um pedaço da testa!”

“Seon, acredite: Nemy está viva, ok? Eu preciso que vocês venham me buscar no endereço que eu vou escrever nessa nuvem. Quer anotar?”

“Cassie, até parece que você não me conhece”, respondeu Seon. “Desde quando eu preciso anotar alguma coisa?”

* * *

Seon voltou ao hospital, mas decidiu manter distância ao constatar o furdunço de carros de polícia e o que lhe pareceu ser um caos gerado por pessoas que corriam a esmo, dando gargalhadas enquanto eram contidas. Ligou para o celular de Nemy, que atendeu na mesma hora e perguntou:

“Seon, onde você está?”

“Do outro lado da rua, vendo o que me parecem ser os efeitos do passeio de Leonor pelo corredor. E você? Você levou um tiro, vi um pedaço de sua cabeça voar. Achei que estivesse morta.”

“Longa história. Pegue o metrô e me encontre no Franz Café da Vila Madalena.”

Encontraram-se após dez minutos e Seon resumiu o que sabia da

forma mais detalhada que podia.

“A situação é complicada”, disse Nemy. “Não temos mais a voz de Leonor como trunfo, e eu tenho certeza que Offenbach preparou alguma armadilha. Você fica, Seon. Eu vou sozinha.”

“Não. Eu também quero ir.”

“Seon, minha criança, preste atenção: Offenbach não pode me ferir, não pode me matar, não pode me prender. A única forma de me ferir é atacando quem eu amo. Ele já tem Cassie. Eu não quero colocar você em risco.”

“Eu sei me defender. Eu luto todas as artes marciais.”

“Eu sei, eu sei, querida, mas...”

“E Cassie é minha amiga. Eu quero ajudar.”

“Seon, não!”

“Por queeeee?”, gritou Seon, atraindo a atenção de todos no café com seu súbito pranto. “Por que eu não posso ajudar? Eu sou uma de vocês, não sou? E eu... eu... porra, eu amo vocês! Eu não quero que ninguém faça mal a Cassie e quero bater naquele velho e arrancar os olhos dele, e...”

“Seon!”, exclamou Nemy, com os olhos arregalados, e abraçando a amiga. “Pshh, Seon, Seon, pare com isso, vamos. Você pode ir comigo, está bem? Vamos juntas.”

“Posso mesmo?”, perguntou Seon, seu nariz escorrendo catarro.

“Minha criança, depois disso você pode o que você quiser!”

“Vamos pro aeroporto?”

“Não”, respondeu Nemy. “Vamos de linhas aéreas Nemy-Z.”

“Podemos decolar de um lugar mais discreto?”, perguntou Seon.

“É uma boa recomendação, minha criança. Vamos.”

51

Nemy-Z era veloz, mas não muito mais do que um avião comercial. Já era noite alta quando Seon e Nemy chegaram a um específico prédio na Barra da Tijuca com aspecto perfeitamente banal. Na portaria, entretanto, havia um homem incapaz de disfarçar sua cara – e cheiro! – de agente de Offenbach.

Nemy disse:

“Vamos fazer o seguinte: eu vou subir sozinha...”

“Mas...”

“Me escute, Seon! Eu vou subir sozinha. É o quinto andar. Está vendo aquele prédio ao lado, quase colado ao nosso? Aquele prédio em construção?”

“Estou.”

“Invada o prédio e vá até o quinto andar. Fique de antena ligada para a minha conversa com Offenbach. Você acha que consegue nos ouvir, considerando a distância entre os apartamentos? Sei que você não tem minha audição, mas...”

“Acho que consigo.”

“Perfeito. Você vai ser o meu ás na manga. Só entre se eu chamar, ok?”

“Por que você não voa até o quinto andar e entra quebrando tudo? Pelo que vi, você voa e é muito forte. Você é uma espécie de super-homem drag! Pra que sutilezas?”

“Não chego a ser um super-homem, não tenho visão de raios-X”, disse Nemy. “Não quero ferir Cassie por acidente. Assim que eu descobrir que ela está segura, mato todos e vamos embora.”

“Bem... boa sorte, então.”

“Ué? Sorte não é para os incompetentes?”, riu Nemy. “Foi a primeira coisa que você me disse quando nos conhecemos.”

“Mudei de ideia.”

* * *

Nemy entrou no prédio e deu boa noite ao “porteiro”, que nada respondeu e se limitou a sussurrar algo no walkie-talkie que carregava consigo. Um sussurro que, para a audição de Nemy, soava como um grito: “ela chegou”.

Entrou no elevador e subiu, até o quinto andar. Sentiu um cheiro estranho, levemente familiar, mas não deu muita importância.

Saiu do elevador e tocou a campainha do apartamento. A porta se abriu, revelando a senhorita Furtwängler que exibia seu sorriso sem alma, envolta por uma luz que os olhos humanos não conseguiriam enxergar. Uma luz que se irradiava por todo o ambiente do apartamento, uma luz que Nemy conhecia muito bem. Nemy pôde sentir seu estômago se embrulhar, reação

fisiológica clássica de um sentimento que ela não tinha há mais tempo do que seria capaz de lembrar: o medo.

“Olá, senhor Chaim. Vamos entrando?”

“Eu não posso... acho melhor...”, disse Nemy, mal se dando conta do agente que veio por trás e a empurrou para dentro do apartamento. Nemy rolou, caiu no chão dourado e se viu completamente sem forças. Sentiu o que lhe pareciam ser dois ou três homens que chutavam a sua cara enquanto Cassie gritava.

O apartamento de ouro, tomado por fumaça de incenso de olíbano.
E mirra.

Ato III: Renovados pelo fogo.

52

Dois milênios atrás:

O homem era resistente. Teimoso e resistente. Isso, o soldado não tinha como negar. Os outros bandidos já haviam morrido há horas, mas o homem se mantinha ali, pregado em seu particular pedaço de pau, olhando nos olhos de todos os que nele cuspiam, xingavam ou feriam com pedras e pontas de lança. Em seu rosto, nenhum traço de qualquer emoção que fosse. Ao soldado parecia estranho, mas o homem pregado no pedaço de pau não parecia zangado, nem triste. Na verdade, de um modo um tanto anacrônico, parecia sentir pena dos outros.

Com a chegada do crepúsculo, as pessoas desistiram de torturar o homem pregado no pedaço de pau e foram embora cuidar de suas vidas e procurar algo novo para odiar. Apenas uma mulher permanecia abraçada ao tronco, ainda chorando. Ela bem sabia que agora era questão de deixar o tempo passar e que a natureza seguisse seu curso, pondo fim à vida do

homem que ela tanto amava.

O soldado, diferente dos outros, não foi embora. Ele estava curioso. Ele não odiava o homem, longe disso. Também não entendia o que o sujeito teria feito de errado para merecer estar ali, pregado num pedaço de pau e submetido à execração pública. Dos outros bandidos ele conhecia os crimes, mas o daquele ali o soldado não havia entendido muito bem. Em seu íntimo, o soldado achava que aquilo era errado, mas estava seguindo ordens e não as questionava. Fazia o que lhe mandavam, e isso era tudo o que ele pensava ser suficiente. Sentou-se diante do homem pregado no pau e ali permaneceu, mastigando pão e bebendo água, por dez minutos.

“Vai para tua casa”, pediu o homem pregado no pau à mulher que chorava.

“Mas...”

“Vai para tua casa, mulher. Amanhã, podes retornar. Quero que repouses”, repetiu ele. E ela se foi, ainda aos prantos.

O soldado permaneceu sentado, sem nem saber por quê fazia isso, olhando com curiosidade para o homem e sendo olhado de volta. Então levantou-se, aproximou-se do homem e perguntou:

“Queres um pouco d’água?”

O homem pregado no pau acenou positivamente com a cabeça. O soldado bebeu a água até o último gole, para em seguida cuspir o conteúdo na cara do homem pregado no pau.

No fim, o soldado riu.

O soldado não sabia por quê fazia isso. Apenas fez, repetindo o que tinha visto todos fazerem. No fundo, o soldado sabia que aquilo era errado, mas, mesmo assim, o fez.

O homem pregado no pau não esboçou reação alguma.

“Tu és um idiota!”, disse o soldado. “Nem sei o que fizeste, mas está evidente que deves ser um doente mental. O mundo caindo ao teu redor e tu ficas aí, com essa cara de nada.”

O homem pregado no pau continuou a olhar inexpressivamente para o soldado.

“Não vais dizer nada? Não vais ofender-me? Amaldiçoar-me?”

“O mundo não está caindo ao nosso redor”, respondeu o homem pregado no pau.

“Ah, então tu falas? Claro que o mundo está caindo! Tu estás aí,

pregado neste pedaço de pau, e em algumas horas estarás morto!”

“Depois que as pessoas morrem, o mundo continua a ser o mundo.”

O soldado gargalhou.

“Filósofo, então? Homens afeminados têm mesmo essa tendência a filosofar! Homem flácidos e impotentes, que vão passivos na direção da morte. Como aquele grego, o tal Sócrates. Preferiu a morte ao exílio, dizem. Coisa típica de homens afeminados!”

O homem pregado no pau nada respondeu, deixando o soldado desconfortável.

“Detesto tua postura!”, gritou o soldado. “Tu morres como quem vai a um passeio nos montes! Fosse eu no teu lugar, estaria gritando os piores nomes e amaldiçoando os que me puseram aí!”

O homem pregado no pau olhou para o soldado com uma expressão difícil de decifrar. Algo entre a curiosidade e a compaixão. Então, perguntou:

“Se minha situação te incomoda, por que tu não me libertas?”

O soldado riu e disse:

“Não posso! Eu sigo ordens!”

“Não precisas segui-las”, disse o homem pregado no pau. “Tu não me odeias. Sei que não odeias. Mesmo assim, ris de mim e nada fazes diante da injustiça.”

“O mundo é repleto de injustiças!”, gritou o soldado em resposta. “O mundo é repleto de males! Quem sou eu para mudar algo?”

“Tu és um homem”, respondeu o homem pregado no pau. “Tu és livre para agir ou não. O mal maior não é de quem o pratica, pois este está perdoado por sua ignorância. O mal maior é de quem pode impedi-lo e, contudo, nada faz.”

O soldado se enfureceu, desembainhou sua lança e disse:

“Não suporto mais teu semblante de animal de sacrifício e teus discursos. Faço-te, pois, um favor!”, e, dizendo-o, enfiou a lança bem fundo debaixo da costela esquerda do homem pregado no pau.

Sangue jorrou como uma pequena cachoeira fervente, atingindo o rosto do soldado em cheio. Seu rosto ardeu e o soldado gritou, mais de susto que de dor.

“Eu partirei, mas tu ficarás enquanto o Sol brilhar. Tu ficarás em teu corpo, imutável, até que eu retorne e tu me reconheças”, disse o homem pregado no pedaço de pau.

O soldado caiu de joelhos, ainda sentindo seu rosto queimar. Abriu os olhos e viu a expressão de profunda piedade no rosto do homem pregado no pedaço de pau. No alto do tronco, o soldado viu também uma placa que exibía uma frase em latim:

IGNIS

NATURA

RENOVATUR

INTEGRA

A natureza inteira se renova pelo fogo.

* * *

O soldado correu de volta para casa, de volta para sua mulher. No trajeto, parou diante de um riacho e lavou o rosto com água corrente, ainda sentindo o ardor em sua face. Não sabia porque sentia tanto medo, mas sabia que queria correr para bem longe do homem pregado no pedaço de pau.

Chegando em casa, o soldado foi recebido por sua bela esposa, grávida de sete meses.

“Chaim! Tu demorastes!”, queixou-se a esposa.

“Enfim, cheguei”, disse ele.

“Mas que expressão é esta, Chaim? Algo te preocupa?”

“Não, está tudo bem. Como te sentes hoje?”

“Enorme!”, disse a esposa, rindo e alisando a barriga.

“Tenho fome, mulher”, disse o soldado.

“Já comi, mas como de novo contigo.”

Cearam quase na mais completa escuridão, pois não havia dinheiro para velas e já eram poucas pela casa. Chaim notou, contudo, que seus olhos estavam melhor adaptados à treva do que nos dias anteriores. Notou também que uma diáfana luz dourada envolvia o corpo de sua esposa.

“Certamente é o efeito da luz das velas”, pensou Chaim, mas nada comentou.

Foram, então, para a cama. A mulher se deitou e Chaim permaneceu ao lado dela, fazendo carinho em seu ventre.

“Será menino!”, decretou Chaim.

“Se tu dizes...”

“É maravilhoso”, disse Chaim. “Consigo ouvir o coração da criança.”

Beijaram-se. Chaim acariciou os seios da esposa, beijou-lhe o pescoço e desceu a mão até sua vagina. A esposa gemeu, deliciada.

“Vem sobre mim, não quero machucar o bebê”, pediu Chaim, ao sentir a ereção incomum, quase instantânea.

A esposa o atendeu, sentou-se sobre o pênis de Chaim e se pôs a cavalgá-lo. O sexo entre eles era bom, mas, naquela noite profundamente escura de lua nova, parecia ainda melhor. Chaim não demorou a ejacular dentro de sua esposa, e ela gritou de prazer. Gritou muito mais alto do que jamais gritara. E foram necessários que cinco segundos se passassem para que Chaim se desse conta de que os gritos não eram, nem mesmo vagamente, de prazer.

Sua esposa se debatia pelo quarto escuro, arfando e urrando e derrubando objetos. Chaim, desesperado, correu para a cozinha em busca de algum toco de vela que porventura houvesse sobrado. Não encontrou nenhum, embora isso se tornasse desnecessário, uma vez que a silhueta de sua esposa surgiu diante da porta do quarto completamente iluminada, como se fosse o receptáculo humano de um fogo que, apesar de arder, do corpo não escapava.

A esposa gritava palavras incompreensíveis para Chaim, e ele pensou que deveria estar ficando louco, pois ela parecia flutuar dentro da casa. Foi um minuto de tormento, quando então o corpo da mulher desabou sem vida sobre a mesa de jantar.

Chaim amava a esposa, mas era, sobretudo, um homem pragmático. Munido de uma lança, abriu o ventre da mulher, com a expectativa de ao menos resgatar o corpo do filho que, talvez, apenas talvez, vivesse.

Mas a esposa de Chaim não carregava mais uma criança em seu ventre. Carregava, isso sim, um imenso cristal de quartzo com fios rutilados de ouro na forma exata de um bebê.

* * *

Ao longo dos anos que se tornaram séculos e então milênios, não é que Chaim tenha sempre querido morrer. Tentara, é bem verdade que tentara, de todas as formas possíveis e imagináveis. Falhara redondamente, vez após vez.

Veneno lhe era inócuo. Feridas cicatrizavam em questão de minutos,

por mais profundas que fossem. Ossos quebrados se reconstituíam na exata forma em que se encontravam antes de serem quebrados. Mergulhar num vulcão se revelara tão inútil quanto nadar em um lago primaveril.

Chaim então se cansava de tentar morrer e simplesmente vivia. Conhecera muitas mulheres e com elas se casara, tendo o cuidado de jamais ejacular dentro delas, temendo assassiná-las. Ainda assim, percebia que lhes causava mal, tornando-as viciadas em seus beijos e ansiosas por lambar o seu suor. Chaim as amou todas, mas, sem exceção, elas um pouco enlouqueceram, muito envelheceram e decididamente morreram. *Todos morriam.*

Todos, exceto ele, indestrutível e imutável.

Ao longo dos séculos, a mente de Chaim se expandiu e ele chegou a amar alguns homens, mas eles também envelheciam e morriam. Tudo ao redor de Chaim nascia, crescia, atingia o apogeu, envelhecia e desmoronava. De pessoas a cidades, de monumentos a ideais, nada havia no planeta que perdurasse. Nada além da própria vida em si, que se renovava em sua marcha insistente, um dia após o outro.

Havia, é claro, o Sol. Era a única coisa que permanecia a mesma, na medida em que o tempo passava e Chaim se tornava cada vez mais recluso.

Tu ficarás enquanto o Sol brilhar.

Passara a evitar relacionamentos e, após alguma investigação em busca por pessoas como ele, Chaim chegara a se envolver com outras criaturas que existiam nas sombras do mundo:

Lobisomens (para ser mais justo, uma “lobismulher”); dois vampiros; três ou quatro bruxas; um feiticeiro; pessoas semidivinas. Mas todas essas criaturas, sem exceção, morriam cedo ou tarde. Poderosas, por um lado, mas vítimas de sua própria fome e sede, terminavam sendo mortas pelas pessoas que as temiam. Chaim era diferente. Ele não tinha fome ou sede de nada, embora fosse capaz de se alimentar, como parte de seu elaborado disfarce.

Suas únicas fraquezas, não capazes de matá-lo, mas suficientes para incapacitá-lo, eram o ouro, a mirra e o incenso de olíbano.

Com o avançar dos séculos e as novas tecnologias, Chaim imaginara que poderia renovar suas tentativas de suicídio. Colocando-se no meio de um campo de testes de uma bomba nuclear, sentiu seu corpo ser devastado quando a bomba explodiu, mas, minutos depois, reintegrou-se no mesmo lugar.

Frustrado, Chaim decidira viver, pois escolha não havia. E vivera ano após ano, viajando por todos os lugares por onde já havia viajado, testemunha oculta das mudanças do mundo, incapaz de dormir ou de sonhar. Lera tudo o que queria ler, até que os escritos passaram a lhe parecer eternas repetições das histórias que já haviam sido contadas. Às vezes praticava o bem, não por compaixão, mas por puro tédio. O mal eventual também lhe apetecia, igualmente por falta do que fazer. E assim Chaim vivia, um ano após o outro, uma década atrás da outra, sentindo um profundo cansaço em sua alma.

O cansaço perdurou até Chaim conhecer Leonor, numa peça em que ela, ainda adolescente, representava uma sereia. Apaixonaram-se, coisa que era cada vez mais rara em Chaim. E ele se abriu com a primeira pessoa em séculos, contando sua história. Contou tudo o que podia, exceto uma coisa: o nome de sua primeira esposa, aquela que ele matara sem querer há dois mil anos.

Após tanto tempo, coisa lastimável, Chaim não lembrava mais do nome dela.

53

“Chaya”, murmurou Nemy-Z, ainda tonta e acorrentada com algemas de ouro puro na cama cujos tecidos eram igualmente feitos de fios de ouro.

“Perdão, senhor Chaim? Disse alguma coisa?”, perguntou Offenbach.

“O nome... de minha mulher... era Chaya...”

“Solte ela!”, gritou Cassie. “Você disse que queria pedir uma coisa pra ela, não acorrentá-la!”

“Senhorita Johnson”, disse Offenbach, “lhe garanto que acorrento sua ‘mãe’, aspas enfatizadas, por uma questão de sobrevivência. A senhorita não sabe, mas esta criatura sobre a cama é tão humana quanto um unicórnio, embora unicórnios não sejam capazes de matar todas as pessoas neste apartamento com tanta facilidade.”

“Eu quero um unicórnio!”, gritou Zayn.

“Lamento, pequena Zayn, mas eu matei o último”, respondeu Offenbach. “Mas você pode brincar com ele quando voltarmos para a Alemanha. Está empalhado em minha casa de campo.”

“Cassie... não confie nele...”, gemeu Nemy.

“O senhor deseja que eu o torture, senhor Offenbach?”, perguntou

Furtwängler. Ela havia se despedido de seu visual de secretária executiva. Agora trajava apenas uma calcinha preta e segurava um chicote de couro.

“Oh não, senhorita Furtwängler. Guarde seus anseios para hoje à noite, sim?”

“O que... você... fez...?”, disse Nemy, respirando com dificuldade, enquanto lutava para se livrar das algemas, em vão.

“Estudei magia patrística, Chaim!”, respondeu Offenbach. “Estudei alta magia cristã ao longo de todos estes anos em que estive preso a esta cadeira de rodas. Descobri coisas que você deve ter levado anos para descobrir. Sua vulnerabilidade a ouro, incenso e mirra, por exemplo.”

“Desgraçado...”, disse Nemy.

“Não me odeie por ser cauteloso, Chaim. Eu sei que nada disso irá matá-lo. Mas aposto que você adoraria se matasse, não é mesmo?”

“Deixe... Cassandra... ir...”

“E desperdiçar tão formoso talento, Chaim? Não creio.”

“Você sabe... que eu não posso... dar o que você quer... Se beber meu sangue... você morre...”

“Estou ciente dos efeitos colaterais. Mas há coisas que você ignora sobre si mesmo, Chaim. A combinação de ouro, incenso e mirra, suspeito eu, é capaz de controlar o fogo em seu sangue. Uma gota de sangue por dia, chás diários de mirra, ouro em meu corpo e incenso ambiente garantirão que o fogo da vida não me consuma. É claro que testarei isso em outras pessoas, até que seja seguro para aplicar em mim mesmo.”

“Você é doente!”, gritou Cassie. “Um velho doente!”

“Senhorita Furtwängler, quer fazer a cortesia?”

Dito e feito, Furtwängler deu uma chicotada no rosto de Cassie.

“Sua puta!”, gritou Cassie, levando outra chicotada.

“Não bata em minha nova mamãe!!!”, gritou Zayn.

“Cale a boca, sua peste, ou vai levar uma surra!”, disse Furtwängler. Zayn se encolheu, embora a fúria não abandonasse seu olhar.

“Você vai... fazer o quê?”, perguntou Nemy. “Tirar... um litro... de sangue... de mim?”

“Claro que não, Chaim!”, respondeu Offenbach. “Você me toma por tolo? Um litro de sangue se esgota, ora! Eu irei tomar uma gota sua todos os dias. Você será uma ótima peça de decoração em minha casa de campo, acorrentado em luxuosas correntes de ouro. Ficará perfeito ao lado do

unicórnio empalhado e da cabeça do lobisomem canadense.”

“Você gosta... muito... de sua própria voz...”, disse Nemy. “E falta alto...”

Subitamente, foi possível ouvir o barulho de vidro que se quebrava na cozinha. Os três agentes de Offenbach estavam de prontidão e rapidamente sacaram seus revólveres.

“Mas o que é isso agora?”, perguntou Offenbach.

A energia da casa foi cortada e a escuridão desabou sobre o grupo.

“Ei! Ei!”, gritou um dos agentes.

“Vai pra cozinha!”, gritou o outro.

“Eu protejo o senhor Off...”, disse o outro, até que se ouviu um TCHUC seguido do barulho seco do corpo que caía ao chão.

“Senhor Offenbach, eu estou com medo!”, guinchou Furtwängler.

“Fique ao meu lado, senhorita Furtwängler! Rapazes, atirem! Atirem pra todos os lados!”

TCHUC! Outro corpo caiu ao chão.

O terceiro agente disparou uma vez, fazendo Cassie e Zayn gritarem. Disparou mais uma vez, atingindo a barriga de Nemy, que gritou “filho de uma puta!”. Quando ia disparar uma terceira vez, ouviu-se novamente o TCHUC e o corpo do terceiro agente caiu ao chão.

Uma lanterna se acendeu, iluminando o rosto apavorado da senhorita Furtwängler e do velho Offenbach.

“Seon, é você?”, perguntou Cassie.

“Olá, Cassandra!”

“Ninja, agora?”

“Desde 2019. Fiz um curso online, lembra?”, respondeu Seon, iluminando o próprio rosto que sorria de uma forma que Cassie jamais vira.

Cassie correu para Nemy, arrebatando as algemas com facilidade.

“Não entendo... isso aqui não passa de uma corrente fina...”, disse Cassie.

“Ouro puro...”, gemeu Nemy. “Não consigo... romper...”

“Temos que tirar Nemy daqui”, disse Cassie.

Ao perceber que os inimigos estavam distraídos, a senhorita Furtwängler pegou o revólver de um dos agentes e disparou na direção de Seon, que gritou e caiu.

“Muito bem! Mate todos!”, ordenou Offenbach. “Mate todos,

senhorita Furtwängler! Não deixe que Nemy saia do apartamento! Não deixe! Não dei...”

“O senhor é um vovô-papai muito ruim!”, gritou Zayn. “É sim, é um homem mau! Eu não quero mais suas bonecas!”

“Cale a boca, sua merdinha refugiada!”, disse Furtwängler, apontando a arma pro rosto da menina. “Cale a boca, sua bostinha síria!”

Furtwängler estava prestes a disparar, quando o mundo inteiro pareceu evaporar ao seu redor.

* * *

Gerard Offenbach estava de pé. Conseguia sentir perfeitamente suas pernas. Experimentou caminhar. Deu um passo, deu outro e sorriu. Não sabia onde estava, mas por que isso importaria? Ele andava, e isso era maravilhoso!

Caminhou a esmo por um vasto campo de margaridas, aspirando o suave perfume das flores e sentindo o Sol de primavera a iluminar seu rosto. Offenbach estaria na mais perfeita paz, não fosse uma crescente vontade de ir ao banheiro. Não, ele não era homem de evacuações silvestres e não se submeteria à indignidade de cagar no mato. Refletia sobre sua angústia, quando ouviu uma voz familiar que o chamou:

“Senhor Offenbach?”

“Senhorita Furtwängler! Quão doce é a sua voz! Onde a senhorita está? Eu estou andando, senhorita Furtwängler! Eu estou andando!”

“Oh, senhor Offenbach, isso é maravilhoso!”

“Mas onde a senhorita está que não a vejo, senhorita Furtwängler?”

“Temo que em seus intestinos, senhor Offenbach!”

“Deixe de metáforas estranhas, senhorita Furtwängler!”

“Falo literalmente, senhor Offenbach! Eu estou dentro do senhor, misturada a toda a sua merda!”

“Mas como isso é possível, senhorita Furtwängler?”

“Eu não sei! Mas é como... é como a realização de um sonho antigo, senhor Offenbach!”

“E o que eu devo fazer, senhorita Furtwängler?”

“Ora, senhor Offenbach! Que pergunta! Cocô, é claro!”

* * *

“O que você fez com eles?”, perguntou Cassie.

“Estão sonhando”, disse Zayn. “Sonhando juntos. Os dois são maus e gostam de cocô! Gente porca que gosta de cocô!”

“Sim, eles são maus”, disse Cassie, trazendo Zayn para perto de si.

Offenbach e Furtwängler jaziam desmaiados. Ele, na cadeira de rodas. Ela, no chão, ao lado dos agentes desacordados por Seon. Seon estava sentada numa poltrona, checando o ombro que sangrava um pouco.

“É muito feia a coisa?”, perguntou Cassie.

“Que nada! Pegou de raspão!”, respondeu Seon.

“Vamos embora!”, disse Cassie.

“Não é tão simples...”, disse Nemy. “Este homem é perigoso, não posso deixá-lo viver.”

“Você vai matar os dois?!”, perguntou Cassie.

“E por que eu não deveria, minha criança?”

“Porque matar é errado!”, disse Cassie. “Pelo amor de Deus!”

“Eu acho que Nemy tem razão”, disse Seon.

“Não é uma votação, ok?”, disse Cassie. “Não vamos matá-los e pronto! Quanto tempo de vida esse velho tem? Ele vai morrer em alguns anos!”

“A nova mamãe tem razão!”, disse Zayn. “Matar é errado, é pecado!”

“Vejo que você arranjou uma amiguinha”, disse Nemy, ainda ofegante.

“O nome dela é Zayn”, respondeu Cassie.

“Pois muito bem, Zayn... Cassie... vou fazer o que me pedem. Não vou matá-los. Mas nós temos que ir pra muito longe daqui. Temos que mudar de identidade, mudar tudo, entendem?”

“E o que nos prende?”, perguntou Cassie.

“Eu posso ir com vocês também, não posso?”, perguntou Seon.

“Que pergunta, minha criança! Você deve!”, respondeu Nemy.

As Iluminadas de Tanatheros saíram do apartamento de ouro discutindo novas latitudes e longitudes. Cassie queria um lugar fresco, mas não muito quente. Zayn preferia terras ensolaradas. Para Seon, era sempre um tanto faz, contanto que a internet fosse de conexão rápida.

EPÍLOGO

Cassie, que havia mudado seu nome mais uma vez e agora se chamava Jessica Slater, caminhava de mãos dadas com Zayn pelas ruazinhas estreitas e charmosas de Mykonos numa tarde de primavera do ano de 2023. Ela estava especialmente em paz, num mundo que parecia ter, enfim, um pouco de ordem. Vivia numa casinha deliciosa com Nemy e Seon e vinha trocando constantes e-mails com Stephanie, a moça que conhecera no avião, ano passado. Achava que talvez, quem sabe, estivesse prestes a embarcar em seu primeiro namoro sério desde... Bem, desde sempre.

Nemy-Z, agora sem peruca e maquiagem, havia assumido sua nova identidade como Caio, um rico empresário dedicado ao desenvolvimento de softwares e sempre ladeado por sua sócia, Yeong-Seon. A empresa servia como fachada mais do que adequada ao novo negócio das Iluminadas de Tanatheros: hackear sistemas de governo e expor a corrupção de políticos ao redor do mundo. Cassie não via grande utilidade em nada daquilo. Para cada bandido de colarinho branco exposto, dez outros surgiam no lugar. Considerava, contudo, que a nova diversão de Nemy era menos desgastante do que a proposta de mudar o futuro. Era um alívio para Cassie não precisar mais ter visões, graças a Zayn.

“Quando vocês voltam de Atenas?”, perguntou Cassie.

“Não devemos ficar fora mais do que dois dias, minha criança”, respondeu Nemy, agora em sua forma de Caio, trajando um refinado terno de linho branco. “Tempo suficiente para Seon comprar algumas coisinhas de que precisamos para nosso quartinho especial.”

“Nosso bunker hacker”, acrescentou Seon.

“Tudo bem, boa sorte. Podem me trazer hormônios? Os meus estão acabando, e aqui na ilha não tenho como comprá-los”, pediu Cassie.

“Pode deixar, minha criança”, disse Nemy, despedindo-se com um beijo.

Quinze minutos depois, Cassie e Zayn caminhavam pelo centro. O Sol já estava quase se pondo, mas o calor ainda estava forte. Seria um verão daqueles, pelo visto.

“Posso tomar um sorvete, mamãe Jessica?”, pediu Zayn, puxando o vestido de Cassie.

“Claro que pode, meu amorzinho!”

Sentaram-se na sorveteria e Cassie se pôs a admirar a menina em silêncio, enquanto Zayn tomava seu sorvete. Aquela criança havia sido a melhor coisa que tinha acontecido à sua vida nos últimos anos. O amor que sentia por Zayn era de tamanha intensidade que parecia uma fogueira que ardia em seu coração. O amor por Zayn era como um fogo que renovava a alma de Cassie, preenchendo-a de um sentido que, antes, não havia.

“Mamãe Jessica, me conta mais histórias de quando você salvava pessoas?”

“Não era bem salvar, Zayn. Era trocar um final muito triste por outro um pouco menos triste.”

“Por que vocês pararam?”

“É meio que tentar tapar o Sol com uma peneira, sabe?”

Zayn deu uma gargalhada.

“Que bobagem mais bobagenta! Não dá pra tapar o Sol com uma peneira porque a luz passa pelos furos!”

“Isso mesmo! Tá vendo como você é inteligente?”

“Eu queria poder ajudar as pessoas...”, disse Zayn, enquanto o sorvete de baunilha escorria pelo canto de sua boca.

Cassie abraçou a menina e encheu sua pequena cabeça de beijos, ao mesmo tempo em que aspirava profundamente o perfume do xampu infantil.

O dono da sorveteria ligou o som. ABBA soava baixinho, ao longe:

*I have a dream, a song to sing
To help me cope with anything
If you see the wonder of a fairy tale
You can take the future even if you fail
I believe in angels!
Something good in everything I see*

*I believe in angels!
When I know the time is right for me
I'll cross the stream
I have a dream!*

Talvez, pensou Cassie, a abordagem das Iluminadas de Tanatheros tenha sido equivocada desde o princípio. Elas apenas reagem, ao invés de agir. Era impossível impedir a existência do mal no mundo, isso era mais do que sabido. Sabotar corruptos era divertido, embora não muito funcional. Mas também – e disso Cassie tinha certeza – era igualmente maligno não agir diante da injustiça e da maldade. Era preciso fazer alguma coisa, por menor que fosse, para melhorar o mundo. O mundo precisava de

(Zayn)

sonhos. O mundo precisava de sonhos que inspirassem seus governantes a lutar, com toda a vontade de seus corações, por uma vida melhor para todos. Com os sonhos certos, mesmo os perversos talvez pudessem perceber que existiam outros caminhos capazes de conduzir à autossatisfação.

*I have a dream, a fantasy
To help me through reality
And my destination makes it worth the while
Pushing through the darkness
Still another mile
I believe in angels!
Something good in everything I see
I believe in angels!
When I know the time is right for me*

Cassie aspirou mais uma vez o envolvente cheiro de infância dos cabelos de Zayn e cantarolou: *I'll cross the stream, I have a dream...*

“Acho que sei como podemos melhorar o mundo, meu amorzinho”, disse Cassie.

“Como, mamãe?”

“Conversamos mais tarde sobre isso, ok? Mas acho que você pode ajudar umas pessoas importantes a sonhar coisas melhores. Às vezes as

peessoas apenas parecem más, mas não são, sabe? Não de verdade. Elas só precisam sonhar coisas melhores.”

Zayn fez que sim com a cabeça. “Acho que entendo”, disse ela.

Continuaram sentadas por mais alguns minutos, tomando sorvete. Subitamente, Zayn riu e disse:

“Eu gosto do sorriso daquele homem.”

“Que homem?”

“Aquele ali, mamãe cega! Sentado na mesa do outro lado da rua!”

“Zayn, não tem homem nenhum ali...”

“Mamãe Jessica é ceeee-gaaaa!”, disse Zayn às gargalhadas, em uma explosão da mais deliciosa baunilha.

* * *

Do outro lado da rua, o homem olhava para Cassie e Zayn e sorria, satisfeito. Era um mundo difícil, aquele. Talvez um dos mais difíceis dentre todos os seus mundos. Havia sofrimento demais e uma maldade insistente, cansativa. Mas havia também os anjos que, mesmo desconhecendo suas naturezas, mesmo que aos tropeços e angustiados por suas próprias dúvidas e temores, faziam um pacto silencioso. Um pacto de jamais tolerar o intolerável. Eram uns anjos intrometidos, aqueles, e o homem os amava profundamente. Porque era preciso se intrometer. Não há maldade pior do que não agir diante de uma injustiça.

O homem se levantou e caminhou para a praia, na direção do céu em chamas, iluminado pelo Sol poente. Caminhou por quilômetros, sem jamais se deter, sorrindo para o Sol que tentava se pôr diante dele, sem, contudo, conseguir. O homem caminhava incansável sobre as águas do mar, sentindo o vento marítimo que acariciava seu rosto. E, enquanto o homem caminhava, o calor do Sol renovava incessantemente a vida do mundo azul. O homem caminhava e sorria, satisfeito.

Ele adorava caminhar, desde que se libertara daquele incômodo e triste pedaço de pau.